

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Enfermagem

Natália de Cássia Horta

**MODOS DE VIDA JUVENIS: COTIDIANO, ESPAÇOS SOCIAIS E
SAÚDE**

Belo Horizonte

2011

Natália de Cássia Horta

**MODOS DE VIDA JUVENIS: COTIDIANO, ESPAÇOS
SOCIAIS E SAÚDE**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, para
obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Saúde e
Enfermagem**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roseni Rosângela de Sena

Belo Horizonte

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

613”7124” (043.2) Horta, Natália de Cássia.

H821m
2011

Modos de vida juvenis: cotidiano, espaços sociais e saúde [manuscrito] / Natália de Cássia Horta. -- Belo Horizonte, 2011.
263p.

Orientadora : Roseni Rosângela de Sena
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem.

1. Juventude. 2. Saúde coletiva. 3. Promoção da Saúde. 4. Condição juvenil (Sociologia). 5. Modos de Vida (Sociologia). 6. Cotidiano (Sociologia). I. Sena, Roseni Rosângela de.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Enfermagem

Tese intitulada “Modos de vida juvenis: cotidiano, espaços sociais e saúde”, de autoria de Natália de Cássia Horta, defendida e aprovada em 23 de março de 2011, sendo a banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Dra. Roseni Rosângela de Sena (orientadora)

Dra. Cássia Baldini Soares

Dra. Márcia Stengel

Dr. Juarez Tarcísio Dayrell

Dr. Roberto Assis Ferreira

Dedico este trabalho aos jovens do Felicidade, em especial àqueles participantes da pesquisa, por me contarem sobre seu cotidiano, de coração aberto. Por me propiciarem grande aprendizado para minha vida, muito além do que a produção intelectual aporta. Por me revelarem a grandeza de suas vidas e, mesmo nas adversidades, o desejo de mudança, os desafios e as oportunidades, bem como a volatilidade do dia a dia. Por terem me instigado a refletir e questionar sobre “a zona de conforto” em que atuamos nos serviços de saúde quando não nos disponibilizamos para olhar face a face para cada sujeito que atendemos, reconhecer sua singularidade e, com ele, construir as estratégias possíveis e melhores para trilhar a vida. Por me possibilitarem, a partir do cotidiano, dos modos de vida e da condição juvenil, contribuir na produção científica sobre a temática da juventude e da saúde para que possamos incorporar, a nossa prática, as necessárias sensatez e coerência com esse universo. Também dedico este trabalho à comunidade do Jardim Felicidade que me possibilita um processo permanente de aprendizagem, de busca pelo conhecimento e pelas possibilidades das mudanças que repercutem como uma onda e que, seguindo o caminho das águas, vão anunciando o ir e vir e reforçando sempre que “nada do que foi será”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir mais uma passo na caminhada da vida, dando-me força, prudência e luz.

Em especial, a meus pais, Plínio e Argentina, por mais uma vez me apoiarem de modo incondicional e garantirem, para mim, amor, conforto, carinho e tranquilidade, imprescindíveis para minha produção intelectual.

A meu porto seguro, Léo, por nosso amor, por trazer outros ares importantes para minha vida e para a produção de conhecimento. Por me possibilitar construir e concretizar projetos e sonhos, me acolher e aliviar, fazer-me refletir sobre meus caminhos e estar sempre a meu lado quaisquer que sejam minhas escolhas.

À professora Roseni Sena, pela dedicação extrema e apoio a minha formação acadêmica e intelectual, por sua competência, rigor, respeito e disponibilidade para ensinar durante todo o percurso. Por me questionar diversas vezes sobre minha trajetória e prioridades e saber lidar com minhas dificuldades.

A minha família, especialmente a minhas irmãs, Ana Laura e Anália, que sempre torcem por mim. De modo muito carinhoso, a Anália que cobra minha presença junto dela de um jeito muito especial:- “Ah Natália, essa pesquisa sua não vai acabar não?” Ainda, à Carla, por me propiciar todo o conforto e tranquilidade em meus momentos de estudo, cuidando de mim de forma carinhosa.

À família Pereira e Felisbino: My, Pati, Rô, Rozário e Sr. Osvaldo, minha velha e nova família, que integro com muito orgulho por me possibilitar momentos de lazer, apoio e descontração.

A minhas amigas: Débora, Denise, Kelly, Marina e Sabrina, pela torcida e apoio de sempre. Às colegas e amigas do NUPEPE, em especial a Kênia e Patrícia, por contribuírem nas reflexões e necessidades de aprofundamento da tese nas diversas apresentações feitas sobre a pesquisa em nossas reuniões.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, em especial às professoras Telma e Míriam, pelo apoio e reconhecimento da importância de se ter um tempo do trabalho para a formação acadêmica. Aos docentes da pós-graduação com quem pude cursar disciplinas que ampliaram minha formação e produção acadêmica.

Às grandes amigas professoras da PUC Minas, especialmente Betinha, Carminha, Samira e Fernanda. Amigas da PUC, da Secretaria de Saúde de Belo Horizonte e de toda hora que permanentemente contribuem para minhas reflexões e produções, tanto aquelas acadêmicas quanto as profissionais, não medindo esforços para desenvolver nossas parcerias.

Aos colegas da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, especialmente à Vanessa Wilke e Maria Inês Moreira, por reconhecerem a necessidade de dedicação, pela solidariedade, carinho e apoio a minhas escolhas. Também às “meninas” do Projeto de Valorização da Enfermagem que me ensinam e me estimulam para novas produções.

Aos colegas e docentes da Escola de Enfermagem da UFMG que são também as construtoras e apoiadoras de toda minha trajetória acadêmica e profissional.

Ao Professor Juarez Dayrell pela disponibilidade para discutir referenciais “novos” para mim, uma vez que adentro há pouco o campo sociológico e por contribuir imensamente nessa produção, participando desde o delineamento do projeto à defesa da tese.

Às professoras Cássia Baldini e Márcia Stengel pelas valiosas contribuições na banca. E ao professor Roberto Assis, por me mostrar de forma tão poética na banca que, mais do que uma pesquisa, vivi com os jovens participantes da pesquisa uma rica experiência.

"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma de nossos corpos e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia. E se não ousarmos fazê-la teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos". (Fernando Pessoa)

RESUMO

Este estudo teve como objeto a saúde no cotidiano dos jovens. Definiu-se como problema de pesquisa o fato de que os jovens, mesmo sendo considerados como uma população prioritária por suas vulnerabilidades, não têm suas vivências cotidianas, suas potencialidades e a própria diversidade juvenil contempladas nas ações de saúde. Partiu-se da premissa de que os jovens constroem ações cuidadoras da saúde em seu cotidiano que são determinadas pelo contexto de vida e que, na luta pela sobrevivência, acionam formas de viver e ter saúde pouco incorporadas na proposição de ações assistenciais e políticas para a abordagem desse segmento. Foi estruturado a partir dos seguintes questionamentos: Quais são as questões de saúde expressas na vivência da condição juvenil? Como as ações cuidadoras da saúde estão presentes nas práticas cotidianas dos jovens? Se as ações de saúde estão presentes no cotidiano dos jovens, nelas estão incluídas ações de promoção da saúde? A pesquisa foi desenvolvida tendo como objetivo geral o de analisar os modos de vida juvenis apreendendo os significados e sentidos que os jovens dão à saúde em seu cotidiano. Foi realizada, para isso, uma investigação com abordagem qualitativa, fundamentada na dialética considerando a visão de mundo vinculada à práxis e às contradições que permeiam a realidade objetiva. Utilizou-se, como aporte teórico e metodológico, a Sociologia do indivíduo e a Sociologia da vida cotidiana. O cenário da pesquisa foi o bairro Jardim Felicidade, no município de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. A pesquisa de campo foi realizada de março de 2008 a junho de 2010, contemplando a fase exploratória de reconhecimento do território, mapeamento do bairro, com foco nos grupos e espaços juvenis, e contato com esses, bem como a fase interpretativa, em que foram realizadas as entrevistas com 19 jovens, sujeitos do estudo, além da observação e do diário do participante. A análise dos dados foi feita com aportes da hermenêutica e da dialética, buscando conjugar a particularidade da realidade estudada com a singularidade das vivências juvenis. Por meio de duas categorias empíricas, os dados foram analisados partindo dos modos de vida e da condição juvenil no bairro Jardim Felicidade para, então, focar na saúde no cotidiano dos jovens. Os resultados da pesquisa confirmaram a tese inicial referente às ações de cuidado de saúde presentes no cotidiano dos jovens que levam em conta os recursos presentes no dia a dia e na vivência da condição juvenil. Os discursos dos

jovens participantes revelaram que a concepção de saúde prevalente é aquela centrada nos comportamentos, sendo o corpo foco das práticas de cuidado em saúde. A relação com o corpo, em sua conotação simbólica, biológica e cultural foi destacada pelos jovens como ações de cuidado. Segundo os jovens, essas ações são construídas nos espaços sociais que fazem parte de seu cotidiano, sendo transversais em suas vidas. Os resultados evidenciaram também as fragilidades e potencialidades das ações realizadas no território para o cuidado à saúde, incluindo os espaços sociais e o serviço de saúde, o que implica em mudanças de práticas, em movimento. Os jovens apontaram as possibilidades de superação dos desafios por meio da participação, da identidade e do pertencimento ao bairro com o desenvolvimento local e interação com a condição juvenil em sua heterogeneidade. Conclui-se que, para a promoção da saúde juvenil, é necessário partir dos modos de vida dos jovens, interagir com eles em seu cotidiano e desconstruir a perspectiva tradicional de que as ações de cuidado à saúde se materializam em espaços específicos. Faz-se necessário construir estratégias de imersão no cotidiano dos jovens se se quer com eles potencializar as ações cuidadoras por meio do aporte de informações seguras que demandam em seus discursos. Por fim, os resultados da pesquisa permitiram constatar que as ações de cuidado com a saúde têm, na vida dos jovens, um espaço de (in) visibilidade que interage com suas prioridades, com as ações centrais e marcadoras da condição juvenil. A pesquisa poderá, desse modo, contribuir para as práticas cotidianas de cuidado com a saúde dos jovens e como subsídio para a formulação de políticas de saúde voltadas para os jovens de camadas populares.

Palavras-chave: Juventude. Saúde coletiva. Promoção da saúde. Condição juvenil (Sociologia). Modos de vida (Sociologia). cotidiano (Sociologia).

ABSTRACT

This study was focused on the health of young people in everyday life. As a research problem it was considered that young people, even being considered a priority group for its vulnerabilities, don't have their daily experiences, their own potential and juvenile diversity contemplated in health care. The beginning was the premise that young people construct health care actions in their lives, which are determined by context of life, and in the conflict for survival get ways of living and being healthful few incorporated into assistance and political actions to approach this point. The investigation was structured around the following questions: What are the health questions expressed in the living condition of youth? How can health care actions be present in everyday practices of young people? If the health care actions are present in the youth's daily life, do they include actions for health promotion? The aim approach was to analyze youth ways of life getting the meanings and feelings of health in their daily lives. A qualitative investigation was undertaken, based on the dialectic considering the worldview about the practice and the contradictions about the objective reality. As a theoretical and methodological support it was used the individual Sociology and the sociology of everyday life. Jardim Felicidade neighborhood in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, was the study setting. The fieldwork was conducted from March 2008 to June 2010, contemplating an exploratory phase for the recognition of the territory and for the neighborhood mapping, focused on the youth groups and spaces. It had also included an interpretive phase, when the interviews were conducted with 19 young subject of study, and the observation and the diary of the participant. Data analysis was made with contributions of the hermeneutic and the dialectic; in order to connect the studied reality to the singularity of juvenile experiences. Through two empirical categories data were analyzed starting from the ways of life and youth condition in Jardim Felicidade neighborhood so than it was focused on young people's health in everyday life. The results confirmed the first thesis about young people care actions in daily life that considered the resources in day-to-day experience in the juvenile condition. The speeches of the young participants showed that the main concept of health is concentrated on the behavior, and the body is the focus of care practices. The relationship with the body in its symbolic, biological and cultural connotation was

highlighted by young people as actions of health care. According to young people, these actions are constructed in social spaces that are part of their daily life, crossing their lives. The results also showed the fragilities and strengths of health care actions in the territory, including the social spaces and the health care service, which involves practice changes, in movement. Young people indicated the possibilities for overcoming the challenges through the participation, the identity and the belonging to the neighborhood with the local development and interaction with the juvenile condition in its heterogeneity. In conclusion for youth health promotion it is necessary beginning from young people lifestyle, interact with them in their daily lives and deconstruct the traditional view that health care actions are materialized in specific spaces. It is necessary to build strategies for immersion in the youth's daily life to increase care actions through secure information that they demand in their speeches. Finally, the study results revealed that health care actions have on young people lives a space of (in) visibility that interact with their priorities, with the main and marker actions of juvenile condition. The research will thus contribute to the daily health care practices of young people, and will give a support for health politic formulation, aimed at young people from lower classes.

Keywords: Youth. Community health. Health promotion. Youth condition (Sociology).
Lifestyles (Sociology). Everyday (Sociology).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de determinantes sociais em saúde	44
Figura 2 – Representação da dimensão singular, particular e estrutural da condição juvenil	95
Figura 3 – Os jovens participantes da pesquisa na espacialidade do bairro	128
Figura 4 – Rotas traçadas no cotidiano pelos jovens participantes da pesquisa.....	146
Figura 5 – Representatividade da escola e do trabalho na condição juvenil.....	173
Figura 6 – Representação ilustrativa das prioridades na condição juvenil	174
Quadro 1 – Grupos de jovens mapeados no bairro. Belo Horizonte, 2010	74
Quadro 2 – Práticas dos jovens observadas no bairro. Belo Horizonte, 2010	78
Quadro 3 – Categorias empíricas da pesquisa	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAFE – Associação Comunitária do Bairro Jardim Felicidade

ACS – Agente Comunitário de Saúde

AMABEL – Associação dos Moradores de Aluguel de Belo Horizonte

CNDSS – Comissão Nacional de Determinantes Sociais e Saúde

COEP/UFMG – Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Minas Gerais

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social

DSS – Determinantes Sociais em Saúde

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ESF – Estratégia de Saúde da Família

GEPAR – Grupo Especial de Policiamento para Área de Risco

IST/AIDS – Infecção Sexualmente Transmissível/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

NUPEPE - Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Ensino e Práticas de Enfermagem

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG's – Organizações Não-Governamentais

PEC - Proposta de Emenda à Constituição

PEP – Programa de Ensino Profissionalizante

PBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

PRÓ-JOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

PROSAD – Programa Saúde do Adolescente

PUC - Pontifícia Universidade Católica

SMSA/BH – Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
2.1 Juventude(s): uma construção social	25
2.1.1 Os jovens como atores plurais	34
2.2 A saúde dos jovens: expressão dos modos de vida.....	40
2.2.1 A construção social da saúde: modos de vida e determinantes sociais em saúde	40
2.2.2 A condição juvenil na relação com as práticas de cuidado	47
3 OBJETIVOS.....	55
3.1 Objetivo geral	55
3.2 Objetivos específicos.....	55
4 REFERENCIAL METODOLÓGICO	57
4.1 Tipo de estudo	57
4.2 Cenário do estudo	61
4.3 O desenvolvimento da pesquisa.....	65
4.3.1 A inserção e a vivência no campo.....	66
4.3.2 Mapeamento, observação, diários e entrevista: astécnicas e os instrumentos do trabalho de campo.....	79
4.3.3 Aspectos éticos	89
4.4 Análise dos dados.....	90
5 FASE EXPLORATÓRIA - O BAIRRO JARDIM FELICIDADE: EXPLORANDO O TERRITÓRIO E SEUS ESPAÇOS SOCIAIS	95
5.1 Condições de vida e espaços sociais juvenis no Jardim Felicidade	97
5.2 Os espaços sociais do bairro e os jovens presentes neles	108
6. CARTOGRAFIA DOS JOVENS EM UM ESPAÇO DE COTIDIANEIDADES.....	127
7 A FASE INTERPRETATIVA - MODOS DE VIDA JUVENIS E A SAÚDE NO COTIDIANO DOS JOVENS	148
7.1 O cotidiano dos jovens e a expressividade dos modos de vida	149
7.1.1 A rua e o tempo livre nas vivências juvenis: contradições e possibilidades	151
7.1.2 A família e a religiosidade para os jovens: suportes para a formação do ser.....	161
7.1.3 A escola, o trabalho e os projetos sociais na condição juvenil: as possibilidades do “ser e do “ter” reveladas	168

7.1.4 Os projetos sociais e o cotidiano dos jovens: ocupação do tempo livre, transferência de renda ou alternativa para o trabalho?	182
7.2 A saúde no cotidiano dos jovens	192
7.2.1 A medicalização, o comportamento, o corpo e a qualidade de vida: confluências na expressão da saúde e do ser saudável	193
7.2.2 Em que “a saúde compareceu” para os jovens em seu cotidiano?	208
8 O ANDAR DOS JOVENS PELA VIDA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS PARA A SAÚDE: UM MOVIMENTO DE SÍNTESE	234
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	240
APÊNDICES.	253
ANEXOS	260

APRESENTAÇÃO

Despertou-se-me o interesse pelo estudo da adolescência e da juventude, na graduação em Enfermagem, desde 2002. Em minha trajetória acadêmica, participei de projetos de extensão que me permitiram desenvolver práticas em escolas, em áreas de alta vulnerabilidade social, que me atentaram para as vivências juvenis. Posteriormente, considerando os problemas percebidos quanto ao acesso do adolescente ao serviço de saúde, pude, no Mestrado em Enfermagem, em 2005, estudar a relação entre os profissionais da Estratégia de Saúde da Família e os adolescentes.

O estudo do Mestrado permitiu que fossem reveladas as concepções sobre o ser adolescente na ótica dos profissionais, as dificuldades presentes na relação estabelecida entre esses atores, bem como a necessidade de se criarem e se reinventarem possibilidades para aproximá-los na atenção primária à saúde. Além disso, a vivência como enfermeira na Estratégia de Saúde da Família permitiu-me experimentar práticas com os jovens em uma comunidade de alta vulnerabilidade, pouco discutida no âmbito universitário, o que me fez perceber o quanto ainda estamos distantes dos jovens, com uma concepção estereotipada sobre a vivência da condição juvenil, centrada no foco curativo de assistência à saúde.

Instigada por essas contradições, concluí o Mestrado com alguns questionamentos relativos à condição juvenil e à saúde. Os achados da pesquisa motivaram-me a focar, no Doutorado, iniciado em 2007, os jovens e a saúde, numa perspectiva social de sua condição, centrada no cotidiano e em seus modos de vida. Destaco que as práticas e os referenciais da saúde coletiva foram fundamentais para entender a coerência na utilização da concepção de juventude e de modos de vida para a análise da condição juvenil.

A organização do projeto de pesquisa, com esse foco, foi, a princípio, desafiadora. Entendia a necessidade de mudanças nas práticas tradicionais de saúde na abordagem ao jovem, mas, ao mesmo tempo, trazia, em mim, as marcas de uma formação cartesiana e biomédica, de olhar distante e pouca interação com esses sujeitos em seu contexto de vida. Desse modo, ao longo do curso de Doutorado, as leituras e o trânsito por outros campos de conhecimento, a experiência de desenvolver disciplinas em programas como o de Ciências Sociais e Psicologia, além do envolvimento em fóruns na área da Educação, com a

possibilidade de diálogos interdisciplinares, oportunizaram-me a sedimentação dos referenciais deste estudo e a possibilidade de seguir adiante, com a certeza do caminho a ser seguido e dos desafios a serem superados.

Optei pelos aportes sociológicos sobre modos de vida, sociologia da vida cotidiana e sociologia do indivíduo, o que foi um privilégio por me permitir adentrar, desse modo, em outros campos de conhecimento e captar como a subjetividade, as necessidades e a determinação social se revelam no cotidiano, na luta pela sobrevivência, nas diferentes maneiras de os jovens trilharem os caminhos da vida.

Foi por meio da imersão nesse cotidiano que pude captar a condição juvenil, os espaços sociais que atravessam esse cotidiano e os itinerários construídos pelos jovens com possibilidades e caminhos diversos. Estar com os jovens nesse cotidiano permitiu-me tomar “um outro vagão do trem”, olhar o cuidado com a saúde sob nova ótica e, ao longo da pesquisa, trilhar novos rumos, construir metodologias e estratégias de análise dos modos de vida juvenis e a saúde em seu cotidiano.

Neste relatório de tese, de difícil síntese pela amplitude das vivências durante a pesquisa, apresento o delineamento do objeto de pesquisa e os achados do estudo, organizados em oito capítulos. Início pela problematização do objeto, discutindo, em seguida, o marco teórico que orientou o estudo e, na sequência, apresento os objetivos da pesquisa. No Capítulo 4, apresento a trajetória metodológica utilizada como aporte de compreensão e a análise da realidade empírica. No Capítulo 5, apresento os achados do estudo, organizados, num primeiro momento, na descrição sobre o território bem como seu mapeamento, a que chamo fase exploratória da pesquisa. Na fase interpretativa, analiso os modos de vida juvenis a partir da condição juvenil e a saúde no cotidiano dos jovens, procurando revelar os potenciais e as fragilidades dos espaços sociais para o cuidado com a saúde dos jovens, além de sua autonomia no trilhar da vida. Como forma de apresentar cada capítulo, incluí parte de dados empíricos, desenhos e poemas produzidos nos diários pelos jovens e que, por si sós, já falam da condição juvenil. Os diários encontram-se, na íntegra, no CD anexo à tese (ANEXO E).

Ao final deste relatório, apresento as considerações finais da pesquisa, tendo em vista as possibilidades de outros olhares sobre a realidade e a provisoriade do conhecimento. Convido os leitores a experienciar comigo esta produção sobre o cotidiano dos jovens e, a partir dela, ampliar as reflexões sobre a saúde na vida deles.

O AMOR

O amor vem do "amo"

O amor vem do "ar"

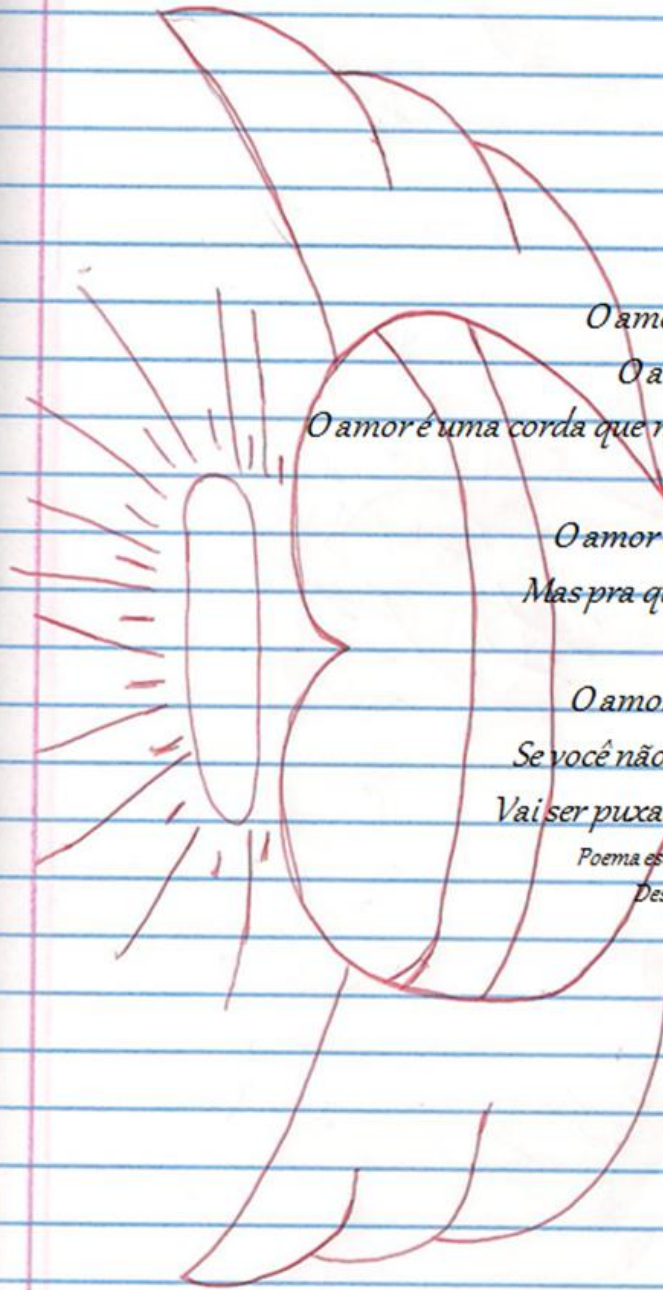
*O amor é uma corda que nos puxa por um
olhar*

*O amor é uma coisa boa,
Mas pra quem sabe lhe dá.*

Olha lá, olha lá

*O amor está pra chegar
Se você não estiver cuidado,
Vai ser puxado por um olhar*

*Poema escrito pela Jovem Michele,
Desenho do Jovem Luciano.*



1 INTRODUÇÃO

A compreensão e a análise da influência dos aspectos sociais no processo saúde-doença são relativamente recentes no Brasil, datando da segunda metade do século XX. O entendimento do processo saúde-doença sustentado em referenciais da epidemiologia tradicional norteou, por muitas décadas, a explicação desse processo com foco nos aspectos biológicos. As teorias miasmática, da unicausalidade e da multicausalidade, utilizadas por longos anos para explicar a gênese e a evolução do processo de adoecimento, sustentadas no objetivismo do paradigma positivista, interpretavam a realidade de modo fragmentado e reducionista.

É a partir da década de 1970 que se instaura, na América Latina, o movimento por uma epidemiologia crítica na saúde coletiva com referenciais da produção social da saúde, que amplia a compreensão do processo saúde-doença e vem romper com a causalidade linear do adoecimento incorporando o referencial de determinação. Tem-se, desse modo, a necessidade de análise das contradições determinantes da saúde nas dimensões da sociedade em geral, os modos de vida particulares marcados pelas distintas posições da estrutura de poder e os estilos de vida pessoais capazes de levar à compreensão do processo saúde-doença (BREILH, 2006).

No contexto brasileiro, é a partir da década de 1980, com a Reforma Sanitária e com as Leis Orgânicas da Saúde, que o movimento ideológico da Saúde Coletiva buscou ampliar os referenciais utilizados pelo setor saúde para a compreensão do processo saúde-doença, na medida em que incorporou a análise dos determinantes que extrapolam o discurso biologicista sobre a saúde. Entretanto, tradicionalmente, as práticas de atenção à saúde das pessoas são focadas em aspectos patológicos e centradas no âmbito biológico, sendo o social ainda pouco incorporado.

Na atenção à saúde do jovem, a abordagem não é diferente. Focada em aspectos da não-saúde e sustentada no referencial de adolescência entendida como sinônimo de juventude, tem compreendido o jovem pela ótica da puberdade, de mudanças físicas, psicológicas e do risco, aliado ao discurso formativo e curativo do setor saúde. Assim é que focaliza aspectos de caráter biológico como a gravidez, as infecções sexualmente transmissíveis, o uso de drogas, a prevenção de agravos

específicos visando compreender a juventude como fase de transição. São poucas as considerações sobre o contexto e a amplitude das vivências cotidianas, sobre os diferentes agrupamentos constituídos nesse momento da vida e os diversos modos de ser jovem, relacionados com o cuidado da saúde. Tradicionalmente, o foco está nas ações relacionadas à puberdade como transformações físicas e psicológicas que marcam o início da adolescência, sendo esses os referenciais que têm sustentado as ações de saúde durante a juventude (BORGES; FUJIMORI, 2009; CALAZANS, 2005; CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Percebe-se, nas práticas de saúde, a hegemonia do saber médico, com pouca possibilidade de diálogo e articulação com o pensar e o fazer dos jovens. Sustentar as ações de saúde em aspectos biológicos, com toda sua legitimidade, é insuficiente para a construção de uma prática que aborde a compreensão da totalidade da vivência humana na juventude e a influência na saúde, de forma integral. Tem-se, com isso, a necessidade de se compreender a saúde como uma construção que se dá no cotidiano dos jovens, em que se materializam as possibilidades e limitações do viver.

Buscando aproximar-me da temática da saúde do adolescente, com a realização de minha pesquisa de Mestrado em 2007, pude compreender as diferenças entre o pensar e o fazer na atenção ao adolescente pela ótica dos profissionais de saúde. Pude perceber que, em sua prática, reconhecem a adolescência como fase de transição e de riscos, o que traz obstáculos e desafios no atendimento a esses sujeitos. Além disso, foi possível apreender a frágil, ou a não-incorporação dos referenciais de juventude como categoria social, bem como suas potencialidades para a discussão de ações cuidadoras da saúde junto aos jovens (HORTA, 2007; HORTA; MADEIRA; ARMOND, 2009). Assim, a realização da pesquisa de Mestrado motivou-me a conhecer um pouco mais do cotidiano dos jovens e como esse cotidiano está ou não atravessado por ações cuidadoras de saúde. Considerando minha experiência profissional e os resultados revelados, propus, ao me ingressar no curso de Doutorado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, realizar este estudo com foco no cotidiano dos jovens.

Percebo que as necessidades dos jovens, em seu cotidiano, parecem ir além das ações que lhes são geralmente oferecidas pelos profissionais de saúde, quando o são, o que revela ser preciso ampliar os referenciais para a abordagem da saúde

para além do foco restrito de adolescência com cunho biologicista. Além disso, as práticas de saúde sustentam-se somente no referencial biológico, atrelado principalmente à concepção de adolescência pela puberdade. Explorar a concepção de juventude como um referencial importante para a saúde coletiva bem como a possibilidade de analisar o cuidado com a saúde no cotidiano dos jovens foram desafios lançados desde o início da construção deste estudo. Desse modo, a incorporação dos referenciais de juventude na análise das ações de saúde, proposta neste estudo, foi capaz de promover uma ampliação para o âmbito social e cultural, também determinante do processo saúde-doença. A falta dessa compreensão apresenta-se hoje como uma lacuna na produção do conhecimento na área da saúde (HORTA; LAGE; SENA, 2009; HORTA; SENA, 2010).

A análise do processo saúde-doença e das demandas manifestas pelos jovens exige que os profissionais sejam capazes de abordá-los em seu contexto de vida e desenvolvam ações que incidam nos determinantes da saúde, ações orientadas para a vida desses sujeitos. Faz-se importante conhecer o cotidiano de cada jovem desde a instância singular, povoada por desejos, conflitos, possibilidades, responsabilidades, contradições, autonomia e liberdade para viver a vida. Faz-se importante reconhecer também as formas particulares de organização da vida social, as formas de viver dos jovens que habitam o território onde se concentram os determinantes do processo saúde-doença do coletivo (SOARES, 2009). Dar voz ao jovem em seu cotidiano pode contribuir para a atenção à saúde dessa população com estratégias que levem em conta suas possibilidades em seu contexto de vida. Por fim, tem-se a necessidade de buscar relacionar o singular tido como o cotidiano do jovem, com o particular manifestado nas vivências da juventude, com o âmbito estrutural das macroestruturas que pode revelar a determinação e inter-relação dessas instâncias na vida dos jovens.

A opção por incorporar o referencial de juventude, com abordagem das ciências sociais, na proposta deste estudo, deveu-se ao fato de considerar o potencial de se pensar o processo saúde-doença na saúde coletiva, atrelado à concepção de juventude que considera o contexto de vida, as possibilidades e as formas de se viver acionadas por esses sujeitos, reconhecendo ser fundamental apreender a condição juvenil a partir da realidade social.

Desse modo, delimitou-se como problema de pesquisa, neste estudo, o fato de que os jovens, mesmo considerados como uma população prioritária por suas

vulnerabilidades, não têm suas vivências cotidianas, suas potencialidades e a própria diversidade juvenil contempladas nas ações de saúde. Isso faz com que essas ações tenham baixa efetividade por serem resultantes de uma representação genérica sobre a juventude que repercute no distanciamento entre as práticas de saúde centradas numa abordagem biológica, com um sentido cronológico que recorta a juventude pelo fenômeno da puberdade e o cotidiano dos jovens. Essas ações pressupõem a universalidade e a homogeneidade da condição juvenil com pouca consideração sobre o cotidiano dos jovens, capaz de revelar as possibilidades para viver acionadas por esses sujeitos bem como as ações de saúde como a construção da vida nesse cotidiano perpassado pela educação, pelo trabalho, pela cultura e pela cidadania.

Nesse sentido, este estudo teve como questionamentos: Quais são as questões de saúde expressas na vivência da condição juvenil? Como as ações cuidadoras de saúde estão presentes nas práticas cotidianas dos jovens? Se as ações de saúde estão presentes no cotidiano dos jovens, nelas estão incluídas ações de promoção da saúde?

Considera-se que, no cotidiano dos jovens, podem existir diversas ações de cuidado com a saúde que são pouco contempladas - ou sequer o são - na relação com os jovens. Trabalho com o pressuposto de que os jovens constroem ações cuidadoras de saúde em seu cotidiano que são determinadas pelo contexto de vida e que, na luta pela sobrevivência, acionam formas de viver e ter saúde pouco incorporadas nas proposições políticas e nas ações assistenciais para a abordagem a esse segmento.

A opção por desenvolver a temática da juventude e da saúde no cotidiano dos jovens se deu por entender que a relação desses temas pressupõe um movimento no sentido da formulação de novas bases politicossociais que orientem as ações em saúde direcionadas aos jovens. Conhecer o cotidiano dos jovens e sua reflexão sobre sua saúde poderá ser marco para novas construções com esse grupamento. Tem-se a necessidade de que os jovens sejam estudados a partir de seus contextos vivenciais, cotidianos, uma vez que é, no curso de suas interações, ou seja, cotidianamente, que os múltiplos aspectos da vida social se revelam e que os jovens “constroem alternativas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação” (PAIS, 1990, 2003a, 2007).

O estudo justificou-se, então, pela possibilidade de análise do cotidiano e da práxis na saúde como um dispositivo capaz de provocar a implementação de ações que superem o cunho biologista do setor saúde, e que envolvam os jovens nesse repensar e nesse fazer sobre sua saúde. A compreensão dessa práxis passa pela análise das ações consideradas potencializadoras da saúde presentes no cotidiano. Essa práxis pode contribuir para o desenvolvimento do processo de empoderamento individual e coletivo, o resgate das identidades dos jovens em seu contexto histórico e social e de suas vinculações a grupos e redes, próprios da sociabilidade juvenil, na construção de situações, oportunidades e escolhas saudáveis, bem como na reafirmação dos princípios de cidadania e emancipação humana. Entendo ser importante a realização de pesquisas que busquem dialogar com os jovens para compreender, de forma efetiva, a relação que estabelecem entre si e no cuidado com a saúde.

Pretende-se que os resultados do estudo contribuam para a interação com os jovens a partir de suas necessidades e demandas, para a implementação de novas práticas na abordagem desses sujeitos; práticas capazes de contemplar suas expectativas ou, ao menos, aproximar-se delas. Nesse sentido, este estudo poderá contribuir para a superação de concepções estereotipadas sobre esse grupo populacional, sinalizando para a (re)construção de referenciais para uma prática que enfoque a participação juvenil no cuidado da saúde.

VEJA

Hoje eu to bolado, com essa situação, quem tem tudo que precisa faz besteira sem razão. Vejo jovens com um alto nível na sociedade vende droga, mete fita, sem qualquer necessidade. Só pra ter a liberdade que o diabo dá, ele te testa até o limite pra depois te derrubar. Muitos julgam a favela, fala mal e não respeita Deus não faz acepção de raça, cor ou de riqueza De que vale a nobreza sem Jesus no coração? De que vale a riqueza ao morrer sem salvação? Deus te chama nessa noite com palavras de conforto Abandone as ganâncias e a vontade do seu corpo Deus um dia revelou na minha vida de verdade, Eu fingi estar tranquilo mais estremei a base Quando eu menos espera 10:30 no relógio Deus falava e a lágrima caia dos meus olhos Não queria acreditar que isso tava acontecendo, Deus falando e eu chorando, como menino pequeno Hoje eu sei e arrependo por não ter outra saída Deus mostrou na minha quebrada a chance de uma nova vida, com um projeto de uma igreja que resgata almas perdidas Com amor tira crianças do caminho sem saída.

Versos de Música composta pelo Jovem Adriano,

Participante da pesquisa.

Desenho da Jovem Michele

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na proposta deste estudo, a análise da saúde no cotidiano dos jovens foi estruturada a partir das categorias de juventude e modos de vida. A seguir, é apresentada a articulação entre essas categorias, embasada nos eixos referentes à saúde, ao cotidiano, aos determinantes e à condição juvenil, sustentação teórica deste estudo.

2.1 Juventude (s): uma construção social

[...] A juventude, portanto, não é apenas uma palavra, mas uma condição de existência e de coexistência sob uma tripla imposição, um regime de vida sob múltiplas imposições, que pode objetivar-se como qualquer outro regime de vida (LAHIRE, 2006, p. 425).

A juventude é tida, nas sociedades modernas, como uma etapa peculiar. Seja pela ampliação da escolarização, do alongamento da passagem para a vida adulta e da inserção no trabalho, ou pela produção cultural e artística, essa etapa específica da vida merece ser pensada a partir dos diferentes contextos sociais, históricos e culturais em que se consolida.

A palavra juventude tem origem na palavra “juvenis” que vem de “*aeoum*” cujo significado etimológico é “aquele que está em plena força da idade”. Remete a uma época do ápice do desenvolvimento e da plena cidadania, em que o indivíduo é capaz de exercer as dimensões de produção de seu sustento e outras, reprodução e participação nas decisões e direitos que regulam a sociedade (ABRAMO, 2005; NOVAES; VITAL, 2005).

Neste estudo, apresento a concepção de juventude como construção social, a partir da compreensão da condição e da situação juvenis, evidenciando o dissenso, em torno dessa categoria. Para Abad (2008), a condição juvenil seria a forma como a sociedade constitui e significa esse momento da vida e está relacionada a uma etapa do ciclo de vida marcada pela transição entre a infância e a idade adulta em que merecem destaque os papéis das instituições. A situação juvenil revela o modo como essa condição é vivida com os diferentes percursos experimentados pelos jovens, sendo marcada pelas diferenças sociais como classe, religião, etnia e gênero (ABRAMO, 2005). Compreender essa situação é necessário por ser a expressão do

ser jovem revelada no cotidiano e atravessada pelos determinantes macrosociais que incidem em sua vida, explicitando a diversidade dos modos de vida.

Neste estudo, a compreensão da condição juvenil se deu a partir da perspectiva de Dayrell (2007a) que agrega a essa condição uma dupla dimensão: uma, histórico-geracional, referente ao modo como a sociedade constitui e atribui significado a esse momento da vida e a outra que se refere ao modo como essa condição é vivida. Esse autor ressalta que a condição juvenil é atravessada pelas variações que incluem o lugar social do jovem, as culturas, a sociabilidade, o tempo e o espaço do jovem. Desse modo, considera-se que o lugar social do jovem vai determinar os limites e as possibilidades com que constroem uma determinada condição juvenil.

Vivendo em um meio social, o jovem sofre sua influência e o influencia todo o tempo. As potencialidades que caracterizam esse ser dependem da qualidade das relações sociais construídas nos diversos meios. Assim, o gênero, a raça/etnia, o fato de terem como pais trabalhadores qualificados ou desqualificados, o nível de escolaridade, dentre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente de sua ação individual (DAYRELL, 2003).

Desse modo, o entendimento da juventude como construção social, cultural e relacional remete ao fato de que os contextos vividos marcam a atribuição conceitual da juventude. Diversos autores (DAYRELL, 2001, 2003, 2005; ABRAMO, 2005; SPÓSITO, 2000; SPÓSITO; CARVALHO e SILVA; SOUZA, 2006; PAIS, 1990, 2003b, 2005; NOVAES, 2008) apontam que não se pode referir à juventude como um conjunto social homogêneo, considerando-se as diversas condições juvenis e as diferenças e desigualdades que perpassam essa condição.

No entendimento da concepção de juventude, é importante considerar que são diversas as juventudes, que se diferenciam pela condição de classe e pela condição geracional. Embora diferentes campos de conhecimento sejam sensíveis à heterogeneidade da juventude, definida de forma imprecisa, ainda se generalizam as observações a propósito de uma juventude determinada para toda a população juvenil e a utilização de certos conceitos globais e homogêneos. Não se pretende, aqui, fazer uma discussão teórica e aprofundada sobre a história da juventude, mas apresentar uma síntese da discussão conceitual sobre ela, a partir de autores dos campos das ciências sociais, da educação e da cultura, considerando que o referencial de juventude é ainda pouco incorporado na atenção à saúde dos jovens.

Destaca-se que a imprecisão conceitual sobre a juventude pode estar situada na forma peculiar como os estudos constroem seu arcabouço teórico sobre a condição juvenil e que direciona as práticas junto dos jovens.

Pais (2003b) afirma que a juventude pode ser compreendida a partir de duas correntes: a geracional que toma a juventude como um conjunto social constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, prevalecendo-se a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase, portanto, de uma geração definida em termos etários; e a corrente classista, que compreende a juventude a partir das relações de classe. Isto é, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertencimentos de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses e oportunidades ocupacionais.

Buscando estabelecer uma relação entre essas duas correntes, Pais (1990) sugere que a juventude seja vista a partir de dois eixos: um que se dedique aos aspectos individual e unitário, como fase da vida; e outro que compreenda sua diversidade em diferentes contextos sociais. Além disso, o autor explicita que a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar, não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens, em termos de situações, expectativas, aspirações, consumo cultural, por exemplo, mas também, e principalmente, as diferenças sociais que entre eles existem (PAIS, 1990; 2003b).

Para Bourdieu (1983), a fronteira entre juventude e velhice é objeto de disputas em todas as sociedades. A divisão lógica entre jovens e velhos trata do poder e da divisão de poderes uma vez que os cortes, seja em classes de idades ou em gerações, variam inteiramente e são objetos de manipulações. Desse modo, juventude e velhice não são conceitos dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos, sendo as relações entre a idade social e a biológica muito complexa.

Assim, juventude é uma daquelas palavras cuja definição presta-se a todo tipo de manipulação; entre outras coisas, porque é uma categoria que tende a ser percebida e definida biologicamente, ignorando-se que “as divisões entre idades são arbitrárias” e “objeto de disputas em todas as sociedades”. (BOURDIEU, 1983). Esse autor coloca ainda que:

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável. O próprio fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes” . (BOURDIEU, 1983, p.113).

Para muito além do aspecto de transitoriedade que representa a juventude como um período de preparação agregado à ideia de moratória, e do aspecto biológico, a juventude e seus atributos seriam uma categoria socialmente construída e dependente de condição de classe, proximidade do poder, gênero e raça/etnia e que, por sua vez, “acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em seu lugar”. Portanto, para se saber como se recortam as gerações, é preciso conhecer as leis específicas do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta (BOURDIEU, 1983).

Como marco fundamental das juventudes, é importante que se analisem as condições de vida, o mercado de trabalho e a utilização do tempo livre de jovens pertencentes a diferentes classes sociais. Visto assim, Bourdieu (1983) coloca que é formidável o abuso de linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito, universos sociais que nada possuem em comum: de irresponsabilidade provisória, pensado como adolescência e de jovens adultos, explicitados nos diversos domínios da existência.

Desse modo, a transição e o limite etário são controversos para se pensar a juventude. Para analisá-la a partir de um recorte etário, faz-se necessário situar os jovens em uma rede de relações de interdependência, ou seja, uma rede de imposições e influências, mais ou menos harmônicas ou contraditórias, que podem vir da escola, dos pais, dos grupos culturais dos quais fazem parte, entre outros. Desse modo, é necessário que se levem em conta as diversidades culturais e de contexto em que os jovens estão inseridos, como forma de não ser captado pela arbitrariedade do limite etário da juventude (LAHIRE, 2006).

Debert (2003) ressalta a necessidade de se analisarem as etapas da vida como categorias socialmente produzidas considerando que a idade não é um princípio constitutivo de grupos sociais nem fator explicativo dos comportamentos humanos. Valer-se do uso da faixa etária para estabelecer limites e conceitos de uma fase da vida é arbitrário, por se correr o risco de que sejam ignorados os contextos sociais e culturais, considerando-se que as categorias de idade são

construções históricas e sociais. Os processos biológicos são elaborados simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades (DEBERT, 2003, p. 51).

Considerando-se a arbitrariedade dos limites etários, delimitar o período da juventude por um tempo cronológico tem se apresentado como uma tarefa difícil, tendo em vista os elementos constitutivos das experiências juvenis e da extensão da juventude na sociedade atual. Essa delimitação etária é tida como legítima para efeito de políticas públicas para os países latinoamericanos, especialmente para o Brasil, responsável por cerca de 50% da população jovem dessa Região. Para as Nações Unidas, jovens são os indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, considerando-se que, cada país, de acordo com sua realidade, pode estabelecer sua “faixa jovem”. No Brasil, a população compreendida no limite etário entre 15 e 24 anos, equivale a 17,9% do total da população, correspondente a cerca de 42 milhões de jovens (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA, 2010). Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), os sujeitos jovens são aqueles compreendidos entre 15 e 29 anos, limites estabelecidos também pelo Conselho Nacional de Juventude. No Brasil, a população jovem compreendida nessa faixa etária equivale a 56 milhões de pessoas.

Neste estudo, adoto a concepção de juventude como uma vivência plural, entendida como uma condição social que tem como marca a heterogeneidade de modos de vida e tomada com base nos contextos histórico e social nos quais as experiências juvenis se consolidam. A juventude é tida, com base nessa concepção, como um estágio pleno da vida humana que tem como foco a experimentação sendo marcada centralmente por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades.

Considerando que a condição e a situação juvenis são marcadoras do que significa ser jovem, tem-se, no contexto brasileiro, a existência de várias “juventudes” frente à diversidade nos modos e possibilidades de ser jovem e as desigualdades nos âmbitos social, cultural, econômico e financeiro que determinam essa experiência. Embora os fatores condicionantes possam ser semelhantes ou até mesmo idênticos, as diferenças de cada ser humano manifestam-se, fazendo com

que o vivenciar dessa fase seja peculiar a cada jovem em seu contexto (NOVAES; VITAL, 2005; ABRAMO, 1994).

Destaca-se que as vivências da juventude têm sido alteradas na sociedade moderna. A extensão da escolarização para alguns jovens, as dificuldades de inserção e permanência no mercado de trabalho que acentuam a dependência dos jovens em relação aos pais, além das alterações na lei de proteção infantil, o redimensionamento da autoridade parental, as novas normas educativas, as transformações nas relações de gênero que compõem novo cenário social e familiar são exemplos de mudanças que marcam a juventude atual (BRANDÃO; HEIBORN, 2006; POCHMANN, 2004a).

Considerar os contextos de vida, as particularidades, os recursos existentes e acionados se faz fundamental na conceituação e compreensão da juventude. A juventude tende a se estender nas classes sociais mais privilegiadas enquanto, nas menos privilegiadas, essa vivência é encurtada pelas necessidades de que os jovens assumam o trabalho, a família com a chegada dos filhos, situações consideradas marcadoras da vida adulta. Aqui se tem a marca da diversidade da juventude uma vez que, no contexto brasileiro, convive-se com jovens mães, com jovens casados, jovens desempregados, o que colabora para o dissenso conceitual e para a necessidade de se levar em conta a condição sociocultural concreta dos jovens.

Desse modo, a noção de juventude, antes definida com base em marcos etários, adquire importância no correr do século XX, e se refere principalmente ao período "marcado por ambivalências, pela convivência contraditória de elementos de emancipação e subordinação, sempre em choque e negociação" durante o qual o sujeito elabora seu próprio amadurecimento (NOVAES; VANUCCHI, 2004, p. 12).

Dayrell (2003) fala ainda sobre os diversos olhares possíveis sobre a juventude. Um primeiro, em que a juventude é vista em sua condição de transitoriedade, o jovem é um "vir a ser", tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente. Entretanto, se pensarmos por essa ótica de transição, devemos considerar como transições todas as fases do indivíduo humano e não somente a juventude. Neste estudo, não compartilhamos da adoção da categoria de juventude como fase de transição e de preparação para a idade adulta, concepção essa prevalente na área da saúde e que toma a juventude na perspectiva de adolescência. Para além de aspectos biológicos que caracterizam as

fases da vida, buscamos entender a juventude como uma condição social, histórica e cultural, indo além de uma perspectiva de fase de transição.

Outra possibilidade de visualizar a juventude é de forma mais romântica, como um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos, de lazer. Ou a juventude como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade, de distanciamento da família. Nesse sentido, Dayrell (2003) afirma também que a crise vivida pelo jovem não se dá na entrada da juventude, mas em sua saída para a idade adulta. Assim, faz-se fundamental a compreensão histórica e contextual da juventude como a constituição de sujeitos cujas especificidades marcam a vida de cada um, como sujeitos plurais, para além de uma perspectiva que os considere como sujeitos de consumo somente, ou objeto de problemas sociais.

Nessa linha de referência, Rosar e Cabral (2005) veem os jovens ora pela ótica de produtores de problemas, tornando-se objeto de atenção quando representam uma ameaça de ruptura social, ora como vítimas do contexto socioeconômico, como os jovens de baixa renda, acompanhados de propostas de intervenções compensatórias. Uma parcela dos jovens muitas vezes é vista sob a ótica de sujeitos de direitos, protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o que aumenta ainda mais o descompasso na definição de quem são esses jovens.

No contexto brasileiro, a pesquisa sobre juventude vem assumindo um espaço cada vez maior. De tema emergente e pouco visível até início da década de 1990, a discussão sobre e pela juventude vem ocupando, desde os últimos anos do século XX, espaços de pauta, principalmente nos campos da Educação e das Ciências Sociais (FREITAS; PAPA, 2008). Mas, apesar da ampliação desse campo de pesquisa, ainda há grandes lacunas para se pensar a juventude brasileira e a condição juvenil na contemporaneidade, bem como as interfaces desse estágio da vida com a promoção de saúde.

Spósito e Carrano (2003) consideram surpreendente a importância politicossocial dos jovens no contexto atual, seja do ponto de vista dos problemas como as drogas, a violência e a gravidez, frequentemente apontados e rapidamente associados aos jovens, seja pela crescente legitimação do poder político, com a conquista do exercício do voto, a questão dos direitos humanos, de cidadania e de formação de uma geração sem perspectivas.

Percebe-se a ampliação dos estudos e fóruns amplos sobre a juventude que trazem a discussão para os campos da escola, da família, da sexualidade, da política, da cultura, do trabalho, entre outros (SPÓSITO, 2000; CARRANO; DAYRELL, 2003; NOVAES, 2008; ABRAMO, 2005). Salieta-se a importância desses estudos frente à mudança de eixo da discussão de uma juventude pela ótica de problema social para a concepção de jovens como problema político ou de políticas públicas, com a inserção do jovem também como sujeito de direitos (VILLAR e VILLAR, 2007).

A percepção da juventude como despreocupada, carente de interesse de trabalhar, ou violenta, pela ótica do risco, faz com que as políticas e programas direcionados ao jovem abordem mais o sentido de superação de problemas do que de proposições políticas para o jovem cidadão em todas as dimensões. É na faixa etária da juventude que se encontra a parte da população brasileira atingida pelos piores índices de desemprego, de evasão escolar, de falta de formação profissional, de mortes por homicídio, de envolvimento com drogas e com a criminalidade. Compreendê-los como implicados com seu contexto de vida, como seres de desejos e de projetos pode indicar caminhos para a mudança desse panorama (HORTA; SENA, 2010).

Na perspectiva de compreensão da juventude pela ótica do problema e do risco, Bango (2008) destaca os enfoques que fundamentaram as políticas de juventude na América Latina, em uma linha cronológica da década de 1950 até os tempos atuais, em que se parte de um controle do tempo livre dos jovens com as políticas do campo da Educação; o foco no controle social, nas décadas de 1960 e 1970, buscando reprimir as mobilizações juvenis daqueles que tinham maior participação social; na década de 1980, focando o jovem como problema, como ameaça à segurança, com políticas de caráter compensatório; o novo modelo de políticas para jovem na década de 1990, orientado para os jovens não incluídos no mercado de trabalho e, chegando às perspectivas atuais, de políticas que visam o jovem como sujeito de direitos. Para Spósito e Carrano (2003), o contexto brasileiro aponta para a construção de políticas que perpassam esses diferentes momentos vividos na América Latina de forma geral, com a prevalência da concepção sobre o jovem como problema social. Assim, os jovens ainda enfrentam problemas que decorrem da falta de políticas públicas que lhes assegurem acesso a uma boa escola, a um bom sistema de saúde, a espaços de cultura e lazer e ao trabalho, o

que permite afirmar que, no Brasil, ainda é impropriedade falar-se de políticas públicas de juventude, pois o que se tem ainda são programas e projetos setoriais fragmentados e dispersos (LEÃO, 2004).

Apesar dos obstáculos, definir o jovem tendo como base seus problemas torna-se incorreto e injusto. O engajamento dos jovens em organizações sociais e a influência crescente e em potencial nas políticas públicas mostram indícios de que eles fazem parte da solução para os problemas do subdesenvolvimento latino-americano (THOMPSON, 2005).

Desse modo, os jovens não devem ser considerados beneficiários de políticas e dos programas de desenvolvimento, sendo as políticas públicas para a juventude implementadas com base em modelos participativos, capazes de articular questões pertinentes às áreas-problema, a habilidade de legitimar e financiar movimentos juvenis e incentivar a democracia. Assim, para pensarmos nas políticas públicas direcionadas aos jovens, torna-se fundamental compreender de que jovens estamos falando e o que eles pensam sobre sua condição. E, por muito tempo, os sujeitos aos quais se destinavam as ações permaneceram na posição de beneficiários, com pouca expressão como sujeitos sociais. Considerar a juventude pela ótica da transitoriedade pode, muitas vezes, levar a sistematizar essa etapa de forma simplória, sem necessidade de análise e de políticas específicas. Entretanto, como afirma Kliksberg (2006), é importante ressaltar que o momento atual é histórico e muito indicado para renovar a discussão sobre a juventude e passar de clichês a dados objetivos e a análises profundas, devendo a sociedade incluir a juventude como tema fundamental da grande agenda nacional.

E, nesse sentido, o cenário atual sinaliza para possíveis transformações com a consolidação da participação política dos jovens, ocupando espaços propositivos e de decisões para a juventude na agenda pública. Por meio da mobilização dos jovens em 2008 que culminou com a Primeira Conferência Nacional de Juventude, em abril desse mesmo ano, foi definida, como prioridade, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 42/2008, conhecida como “PEC da Juventude” e que já tramitava nas instâncias governamentais desde 2001. Promulgada em 13 de julho de 2010 como Emenda Constitucional nº65/2010, sinalizou para um grande passo na ampliação das políticas públicas juvenis com a inclusão dos jovens como sujeitos de direitos na Constituição Federal (BRASIL, 2010). Desse modo, o ano de 2010, instituído como o “Ano Internacional da Juventude” pela Organização das Nações

Unidas se consolidou com um passo importante na garantia de direitos dos jovens no Brasil, sendo necessário ampliar os avanços com o Estatuto da Juventude e o Plano Nacional de Juventude a serem ainda efetivados.

2.1.1 Os jovens como atores plurais

Compreender a condição juvenil e os modos de vida dos jovens requer a análise dos processos de socialização que permitem aos jovens experimentar essa condição de modos diferenciados, influenciada pelos itinerários construídos e pela condição social. Ao longo do processo de socialização, os jovens se deparam com uma série de situações e vivências cotidianas que vão dialeticamente se interiorizando, transformando-se em estruturas e refletindo as condições sociais em que foram construídas ao longo da vida.

E, nesse sentido, analisar a socialização dos indivíduos remete ao entendimento de como a socialização clássica, numa perspectiva de que a sociedade predomina sobre o indivíduo vem, ao longo dos tempos, sofrendo rupturas e descontinuidades. As diferentes teorias referentes à socialização trazem desde uma perspectiva de incorporação das maneiras de ser, pensar e agir com uma ideia de unidade do mundo social até aquelas que colocam a interação e a incerteza no cerne da realidade social, partindo da dualidade do social, em que cada indivíduo apreende a cultura e, ao mesmo tempo, se faz reconhecido pelos outros, buscando obter o melhor desempenho possível (DUBAR, 2005). É essa última corrente que traz a pluralidade de contextos que marcam a socialização, importantes na análise de como os jovens vivenciam essas experiências, uma vez que, por meio desse processo é que ocorre a interiorização das disposições que os humanizam e os tornam capazes de assegurar seu lugar na sociedade e de escolher os comportamentos apropriados às diferentes situações. A partir da compreensão da pluralidade de contextos sociais, das influências das instituições socializadoras e do papel ativo dos sujeitos, é possível constatar que é esse conjunto de experiências que determina a formação do ser jovem.

Buscando traçar, de forma sintética, a evolução a respeito dos processos de socialização, parte-se de Durkheim, para quem a sociedade é tida como realidade objetiva e o indivíduo como um ser frágil, sendo apontados como entidades específicas e em oposição. Berger e Luckmann (2009) avançam nesse

entendimento discutindo que a socialização permite a interiorização da realidade subjetiva que também compõe a sociedade. Para esses autores, o indivíduo nasce com predisposição para a sociabilidade e para tornar-se membro da sociedade, por meio da socialização primária. É por meio dela que se constrói o primeiro mundo do indivíduo, ainda na infância, com sequências de aprendizado socialmente definidas, estrutura de base para a socialização secundária. Pode-se considerar que a socialização primária termina quando o conceito do outro foi estabelecido na consciência do indivíduo, sendo a socialização secundária o processo de interiorização dos submundos institucionais, a aquisição do conhecimento de funções específicas, com raízes na divisão do trabalho.

A complexidade dos processos sociais que ocorrem no interior da sociedade apontam os limites da sociologia clássica na compreensão da socialização contemporânea. Assim, autores como Dubet e Charlot enfatizam a crítica entre o estabelecimento de uma distância entre o ator e o sistema, num entendimento de que os atores constroem a sociedade nas trocas cotidianas. E, nesse sentido, a socialização adquire uma perspectiva de transformação social e não somente de reprodução da ordem social com a incorporação de normas, mas num processo de interação social (DUBAR, 2005).

Compreender a juventude como socialmente constituída e o jovem como sujeito social remete ao entendimento de que a condição juvenil, para além da dimensão de classe social, é também marcada pelas dimensões simbólica, biológica, histórica e política. Nunes (2007) destaca que, para os jovens, são sobretudo as estratégias no campo simbólico que irão esclarecer sobre suas representações do mundo social, sendo essa dimensão o princípio de diferenciação no espaço social demarcando suas posições nesse mesmo espaço. Desse modo, explicar o indivíduo é explicar a determinação de seu lugar social sobre sua personalidade, já que ocorre também um processo de interiorização do social (DAYRELL, 2005).

Considerando que os jovens estão mergulhados em uma pluralidade de mundos sociais, para compreensão do social, Lahire (2002a) apresenta a necessidade de atenção à diversidade do real, explicitando a importância de um estudo singular do social, uma vez que os atores que compõem a sociedade não são feitos no mesmo molde. Levando em conta que o social não se reduz ao geral,

mas está presente também nos traços mais singulares dos indivíduos, esse autor propõe que:

Estudar o social individualizado, ou seja, o social refratado num corpo individual que tem a particularidade de atravessar instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas diferentes, é estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada (LAHIRE, 2005, p. 14).

Desse modo, a relação entre mundo, grupo ou categoria social e a ação dos atores sociais não pode ser compreendida numa relação de condicionalidade. Tem-se a importância de apreensão do social em sua forma individualizada, numa perspectiva de uma sociologia em escala individual. Assim, o objeto de análise da sociologia pode ser desde o espaço social global até o indivíduo singular com suas especificidades, num campo da sociologia que se esforça por não negligenciar as bases individuais do mundo social e que estuda os indivíduos atravessando cenários, contextos e diferentes campos. Trata-se de uma sociologia que responde à necessidade de pensar o social numa sociedade fortemente individualizante, proposta por Lahire (2002ab, 2005), sendo esse um dos referenciais adotados neste estudo para compreender o objeto de pesquisa e traçar a análise dos modos de vida juvenis. Destaca-se, entretanto, que não se pretendeu fazer uma sociologia do Indivíduo nos moldes propostos por Lahire mas, sim, apoiar-se no autor para a análise do objeto de pesquisa.

O jovem, como sujeito plural, remete à necessidade de considerá-lo como indivíduo social, resultado de um conjunto de processos de socialização que perpassa as relações com amigos, igreja, família e grupos culturais. É esse conjunto de experiências sociais que forma os jovens já que os espaços em que circulam, ainda que tenham a mesma socialização primária e a mesma classe social, têm suas marcas traçadas na experiência juvenil quando seus itinerários são diferenciados e compõem sua formação e sua postura, quando ampliam seu repertório de interações, questionam a família e consolidam suas marcas.

A identidade individual e social na sociedade moderna é estruturada a partir de uma correspondência entre o sujeito e a sociedade. Além disso, considera-se que as múltiplas instituições culturais e espaços sociais em que os jovens partilham suas experiências tais como a família, a escola, os grupos de amigos e os grupos religiosos, dentre outros, colocam esses sujeitos constantemente em situações heterogêneas e até mesmo contraditórias no que se refere à socialização e que

configuram o jovem como um ator plural, com intensa heterogeneidade de experiências e pontos de vista.

Destaca-se, então, que as diversas teorias da ação apresentam a compreensão do mundo social marcada por dois polos: um, da unicidade do ator, portador de um sistema de disposições ou de esquema homogêneo e coerente; e outro, da pluralidade do ator que leva em conta sua fragmentação interna e que se interessa pelo indivíduo como um produto complexo (LAHIRE, 2002a). Desse modo, todo indivíduo mergulhado em uma pluralidade de mundos sociais está sujeito a princípios de socialização heterogêneos e às vezes contraditórios tendo em vista que vivemos, simultânea e sucessivamente, em contextos sociais diferenciados. Esses mundos e submundos sociais são atravessados por instituições sociais como a família, a escola e a igreja, que não são equivalentes, sendo o papel de cada ator também diferenciado em cada contexto. Considerando as transformações vividas na sociedade moderna, essas instituições socializadoras têm passado por mudanças que colocam em questão seu monopólio na formação dos indivíduos, sobretudo dos jovens. Tem-se, então, a necessidade de compreensão da diversidade do espaço social e dos atores em cena e fora de cena, ou seja, em um grande “espaço social” composto por campos, subcampos e diferentes contextos sociais.

Ainda nessa pluralidade de espaços e vivências que marcam a condição juvenil, tem-se que a constituição de novos modelos familiares, o surgimento de novos atores sociais, plurais, que não se encaixam nos velhos moldes institucionais, o esgotamento da ilusão de mobilidade e de ascensão social por meio da escolarização, dentre outros, tem confrontado o papel dessas instituições na formação e na socialização dos indivíduos, sobretudo dos jovens (ABAD, 2008).

Assim, o jovem deve ser compreendido como um ator plural, o produto da experiência de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos em que, cada ator, no curso de sua trajetória ou até em um mesmo período de tempo, participa de universos sociais variados, ocupando aí posições diferentes (LAHIRE, 2002a, p. 36). A incorporação por cada ator de uma multiplicidade de esquemas de ação e de hábitos que se organizam em repertórios ou em contextos sociais é tida como o conjunto de sínteses de experiências sociais construídas ou incorporadas durante o processo de socialização anterior, sendo os hábitos aquilo que cada ator adquire progressivamente, podendo ser mais ou menos completa. Tem-se assim a pluralidade e a heterogeneidade de disposições incorporadas por cada agente nas

sociedades com forte diferenciação social em que os patrimônios individuais de disposições são heterogêneos. Essa multiplicidade de disposições, da qual os atores são portadores, é tida como um conjunto de disposições para agir e de disposições para crer, ou crenças. Pela análise dessas disposições, tem-se a possibilidade de compreensão das distâncias entre o que os atores dizem sobre o que fazem e o que podemos apreender sobre o que fazem por meio da observação direta de seus comportamentos. Revela-se, então, a distância entre crenças e disposições para agir, ou entre crenças e condições objetivas de existência que conduzem muitas vezes a sentimentos de frustração, culpabilidade ou má- consciência, sendo necessária a distinção dos elementos constitutivos da estrutura complexa que formam as combinações individuais de disposições para agir ou hábitos de ação e de crenças ou hábitos mentais e discursivos ou disposições para crer (LAHIRE, 2005).

Os hábitos podem ser, dessa maneira, interiorizados pelos indivíduos sem vontade de colocá-los em prática ou colocados em prática e interiorizados pelos indivíduos por rotina ou obrigação ou até mesmo por desejo e vontade. O que determina essa interiorização é a forma como foram adquiridas essas disposições ou hábitos, do momento da biografia individual em que foram adquiridos e do contexto atual de sua interiorização. Não é possível, assim, generalizar as disposições ou hábitos e sim considerar que se atualizam sempre sob determinadas condições (LAHIRE, 2004; 2005). Assim, Lahire (2005) apresenta que:

Deduzir apressadamente da análise de práticas de um indivíduo, ou de um grupo social, num contexto social determinado, esquemas ou disposições gerais, habitus que funcionariam da mesma maneira em qualquer lugar, em outros lugares e em outras circunstâncias, constitui, pois, um erro de interpretação (LAHIRE, 2005, p. 24)

O indivíduo é tido então como produto complexo de diversos processos de socialização no qual se tem que “o singular é necessariamente plural”. A compreensão das condições sócio-históricas que tornam possível a produção de um ator plural ou de um ator caracterizado por uma profunda unicidade precisa ser analisada considerando a coerência dos esquemas de disposições a que cada indivíduo foi submetido que dependerá da coerência dos princípios de socialização que lhes serviu de base. Quanto maior a pluralidade de contextos sociais não

homogêneos que um indivíduo tiver vivenciado, mais heterogêneo será seu patrimônio de disposições, de hábitos e de capacidades, variando segundo o contexto social no qual tenha sido levado a evoluir. Para Lahire, a apreensão do singular passa necessariamente por uma compreensão do geral, ou seja, para se dar conta da singularidade de um caso, é necessário compreender os processos gerais de que esse caso não é senão um produto complexo (LAHIRE, 2005).

Os jovens passam, desse modo, por processos de socialização que se concretizam em diferentes espaços, com experiências construídas com base na diversidade de orientações e modos que levam em conta a relação de cada um com o meio social, bem como as estratégias construídas, com seus pares e com ele mesmo, considerando a própria subjetividade a partir de que constroem o sentido de sua experiência.

Destaca-se que a teoria de Lahire, centrada no indivíduo, não nega a existência das desigualdades sociais. Para além disso, propõe mudar o foco de observação, permitindo esboçar outra imagem do mundo social, a partir das diferenças internas de cada sujeito, antes de voltar às diferenças entre classes sociais. Assim, ao invés de ir de objetos, instituições ou práticas em direção aos públicos que atraem, por sua teoria, pode-se interrogar como os mesmos indivíduos ocupam ou fazem parte de públicos tão diversificados, por vezes, heterogêneos. Considera-se assim que:

Os atores não são feitos de um só pedaço, mas pelo contrário são colagens compostas, complexos matizados de disposições para agir e para crer mais ou menos fortemente constituídos (LAHIRE, 2002a, p. 23).

Nesse sentido, a análise da condição juvenil, neste estudo, parte da compreensão da influência da classe social em sua determinação, permeada também pelas experiências de socialização múltiplas em que os jovens estão envolvidos. É nesse processo de socialização que os jovens adquirem e consolidam os hábitos e disposições, bem como seus valores que, para Heller (1974), é algo significativo, importante para um indivíduo ou grupo social, não podendo ser considerados homogêneos. A classe social, bem como as transformações da sociedade pós-moderna são mediadoras importantes entre a condição juvenil contemporânea e as dinâmicas sociais que repercutem nos valores sociais. Fazem com que haja uma oscilação entre valores considerados, na ótica de Viana (2007),

como inautênticos, construídos socialmente, como o individualismo, o consumismo, a busca pelo prazer, a competitividade, a ganância e os valores autênticos ou naturais como a criatividade, a igualdade e a cooperação (VIANA, 2007). Heller (1974) categoriza os valores como aqueles da personalidade ou éticos relacionados ao caráter, os valores puros e morais, os de orientação axiológica como o amor e o ódio, e os de relações e aspectos axiológicos remetendo às normas sociais. A relação entre a pluralidade de experiências socializadoras, a organização da sociedade e a incorporação das práticas advindas das experiências sociais pelos jovens fazem com que esses valores sejam determinantes dos modos de vida, de forma mais ou menos prevalente, norteando a aquisição de determinadas ações pelos jovens, bem como a de suas necessidades (LACHTIM, 2010).

Assim, centrar-se no território, no lugar social ocupado pelo jovem e no reconhecimento da pluralidade do ser a partir das diferentes experiências socializadoras, bem como da dimensão dos valores em suas vidas é capaz de revelar os modos de vida juvenis e a saúde em seu cotidiano, numa perspectiva que leve em conta as dimensões, simbólica e espacial dos jovens, na interação com o território.

2.2 A saúde dos jovens: expressão dos modos de vida

A reflexão proposta neste capítulo busca articular a construção do conceito de juventude que passa pelo conhecimento da vida cotidiana dos jovens, com os modos de vida e sua repercussão na saúde. Busca-se ampliar os referenciais tradicionais com que a saúde tem focalizado o jovem que disparam práticas limitadas junto aos mesmos. Desse modo, pretende-se construir uma reflexão teórica capaz de transcender as abordagens para além da determinação biológica do processo saúde-doença, reflexão recentemente construída para a saúde dos jovens.

2.2.1 A construção social da saúde: modos de vida e determinantes sociais em saúde

A construção social da saúde origina-se em tempos remotos e tem, como base, a produção europeia, de cunho científico e político sobre a determinação

social do processo saúde-doença. É ampliada com a medicina social, na segunda metade do Século XIX (ANDRADE, 2006). Nunes (2006) aponta que, desde esse período, princípios básicos foram se integrando ao discurso sanitaria, tais como: a saúde como assunto de interesse societário e a obrigação da sociedade de assegurar a saúde de seus membros; as condições sociais e econômicas com impacto considerável sobre a saúde e a doença e a importância de medidas sociais e médicas para a proteção da saúde.

Na América Latina, os estudos no campo da medicina social datam da década de 1970, com forte influência das ciências sociais na compreensão do processo saúde-doença. Essas marcas têm grande repercussão no contexto brasileiro frente aos movimentos ideológicos e politicossociais que culminaram na VIII Conferência Nacional de Saúde em 1986, na Constituição Federal de 1988 e nas Leis Orgânicas da Saúde de 1990, movimentos no campo da saúde coletiva que visam romper com o monopólio do discurso biologicista sobre saúde e o papel do Estado e levam à criação do Sistema Único de Saúde (SUS) (BREILH, 2006; NUNES, 2006; ANDRADE, 2006; CARVALHO, 2007).

Com o passar dos tempos, o próprio conceito de saúde veio se modificando e se configurando cada vez mais como complexo. Nesse conceito, diversas dimensões, de ordens distintas se configuram: a dimensão ontológica, a dimensão epistemológica e a dimensão prática, o que permite dimensioná-la como objeto, como conceito e como campo de ação. Tem-se, então, que:

A saúde não é primordialmente `individual-subjetiva-contingente`, nem tampouco é primordialmente `coletiva-objetiva-determinada`; ela é, sempre e simultaneamente, o movimento de gênese e reprodução possibilitado pelo concurso de processos individuais e coletivos, que se articulam se determinam mutuamente (BREILH, 2006, p. 45)

Akerman et al. (2006) destacam que o próprio campo da saúde é muito interrogado sobre sua capacidade de produzir saúde e, por sua complexidade, a área da saúde passa a se debater com um cenário de crises pelos componentes éticos, políticos e econômicos. A produção da saúde é realizada fundamentalmente, embora não exclusivamente, fora da prática dos serviços de saúde, ocorrendo nos espaços cotidianos da vida humana. Para esses autores, “a saúde resulta das condições concretas de vida da população que, por sua vez, resultam da ação política dos sujeitos sociais que disputam recursos de ordem financeira, política,

institucional, entre outros”, destacando-se que a saúde e a organização dos serviços de saúde são espaços de disputa, de afirmação ou de negação de direitos e de necessidades.

Luz (2001) aponta uma reflexão fundamental sobre a multiplicidade de sentidos e significados na categoria saúde presentes na sociedade atual em que se tem, de um lado, a saúde resultante do universo simbólico contemporâneo, com representações relativas aos valores dominantes na sociedade como o individualismo, a competição entre as pessoas, o consumismo, o corpo e as estratégias de valorização do corpo, o status, o poder e com uma valorização estética da saúde pela juventude, beleza e força. Por outro lado, estão presentes os dados referentes às condições de vida, emprego, trabalho e qualidade de vida que remetem a outras concepções, ao sentido de ter saúde como o de poder trabalhar e estar empregado, o que sinaliza para a resignificação da saúde.

Desse modo, o conceito de saúde deve ser entendido como um recurso para a vida, sendo construído pelas pessoas dentro de suas possibilidades, do que fazem em seu dia a dia, pelo cuidado de cada pessoa consigo mesma e com os outros. A concepção de saúde que norteia essa formulação reforça o marco referencial da produção social da saúde, dependente de fatores sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais, o que remete à necessidade de se compreender o processo saúde-doença em seu caráter biológico e social.

Os determinantes do processo saúde-doença estão presentes nas diferentes formas de inserção na vida social que dizem respeito à posição que cada classe social ocupa na realização cotidiana do trabalho e de seu “modo de viver a vida”. Assim se explica a tendência de que um grupo que experimenta as mesmas condições de trabalho e de vida apresente problemas de saúde semelhantes, decorrentes do embate entre os potenciais de fortalecimento e de desgaste presentes em suas condições de trabalho e de vida. Nesse sentido, a intervenção do setor saúde deve focar aspectos da estrutura e da dinâmica social que possam aprimorar os potenciais de fortalecimento, promover a superação dos potenciais de desgaste manifestado pelas diferentes formas de viver a vida e não somente no campo da recuperação do desgaste já instalado (SOARES, 2009; LACHTIM; SOARES, 2009; LAURELL, 1983).

Com esse enfoque, o processo saúde-doença é determinado pelo modo como o homem se apropria da natureza, em um dado momento; apropriação que se

realiza por meio do processo de trabalho, com base em determinado desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção. Formula-se um novo conhecimento sobre o processo saúde-doença, com uma visão da problemática de saúde a partir de um novo olhar que permite entendê-la como fenômeno coletivo e como fato social (LAURELL, 1983). Desse modo, captar as contradições determinantes da saúde e de sua multidimensionalidade envolve a sociedade em geral, os modos de vida particulares incluindo as condições de vida e o estilo de vida com os processos contraditórios que se expressam nas pessoas em sua subjetividade, como a sensação de bem-estar ou mal-estar e os processos fisiológicos e patológicos.

Contudo, a determinação do trabalho na compreensão do processo saúde-doença se dá pela inserção socioeconômica dos indivíduos e grupos sociais, sendo que a determinação do perfil epidemiológico da população é marcada pela forma como os indivíduos se articulam na estrutura produtiva que remete ao mercado de trabalho, condições e processo de trabalho e pelo modo de vida que contempla duas dimensões: o estilo de vida, como formas culturais e sociais que caracterizam a vida cotidiana dos grupos sociais e indivíduos e a condição de vida tida como condições materiais necessárias à sobrevivência, contemplando aspectos relativos à esfera individual e à esfera política que, para Paim (1997), devem viabilizar as necessidades básicas para a sobrevivência (BARATA, 2006).

Almeida Filho (2000) elabora um modelo sintético de compreensão dos processos da saúde que articula o trabalho, a reprodução social e o modo de vida, chamado de teoria do modo de vida e saúde. O modo de vida remete a uma abordagem social da saúde, tida como seu determinante e importante de ser compreendida atrelada às condições econômicas, sociais, culturais e ambientais gerais resultantes da organização macroestrutural da sociedade e da formulação de políticas públicas. Esse autor afirma que:

O conceito de modo de vida é como uma construção basal que não implica meramente nas condutas individuais ante a saúde, incluindo as dimensões sócio-históricas, englobando a dinâmica das classes sociais e das relações de produção, sempre considerando os aspectos simbólicos da vida cotidiana na sociedade (ALMEIDA FILHO, 2000, p. 171).

Almeida Filho (2004) afirma que as referências à discussão sobre modo de vida e saúde têm sido tímidas e fugazes mas que, pouco a pouco, esse conceito

vem assumindo posição de destaque nas construções da saúde coletiva, com uma sistematização capaz de articular os arcaibouços da teoria social marxista e as práticas cotidianas na compreensão dos modos de vida. Almeida Filho (2004, p. 877) reporta a Agnes Heller como referência nessa articulação, ao discutir que:

O modo de vida não é totalmente independente da vontade dos sujeitos, na medida em que o próprio indivíduo (...) dispõe de um certo âmbito de movimento no qual pode escolher sua própria comunidade e seu próprio modo de vida no interior das possibilidades dadas.

Considerando a diversidade juvenil e de contextos nos quais esses jovens estão inseridos tem-se como resultado uma pluralidade de expressões dos modos de vida. Nesses modos, revelam-se os determinantes da macroestrutura social, reflexos de condições econômicas e sociais, as condições de vida que se manifestam pelo acesso a bens e serviços e o estilo de vida dos jovens inscritos na materialidade de sua vida cotidiana. Nesse sentido, os modos de vida juvenis e as práticas cotidianas dos jovens expressam significados e valores do meio social a que pertencem.

Dahlgren e Whitehead (1991, 2006) propõem um modelo que articula a forma como se organiza a sociedade com seus determinantes macroestruturais e as relações entre modo de vida, condições de vida e estilo de vida, presentes no nível individual, e que explicam a gênese das iniquidades em saúde (FIG. 1):



FIGURA 1- Modelo de Determinantes Sociais em Saúde
Fonte: Dahlgren e Whitehead (1991, 2006)

Esse modelo inclui os Determinantes Sociais em Saúde (DSS) em quatro camadas que compreendem os determinantes vinculados aos comportamentos individuais e às condições de vida e trabalho, bem como os relacionados com a macroestrutura econômica, social e cultural. A camada proximal é marcada pelos determinantes individuais, como idade, sexo e fatores genéticos que influenciam as condições de saúde. A camada imediatamente externa é onde aparecem o comportamento e os estilos de vida individuais. Essa camada está situada no limiar entre os fatores individuais e os determinantes sociais, já que os comportamentos, muitas vezes entendidos apenas como de responsabilidade individual, dependentes de opções feitas pelo livre arbítrio das pessoas, na realidade, podem também ser considerados parte dos determinantes, já que essas opções estão fortemente condicionadas por determinantes sociais - como propaganda, pressão dos pares, possibilidades de acesso a alimentos saudáveis e espaços de lazer (BRASIL, 2006; BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007).

A camada seguinte destaca a influência das redes comunitárias e de apoio, constituintes do capital social cuja maior ou menor riqueza expressa o nível de coesão social que é de fundamental importância para a saúde da sociedade como um todo. Discutir a importância da rede ao se pensar a juventude é fundamental, uma vez que existem vários espaços identitários juvenis e formadores da juventude como grupos comunitários, religiosos, culturais, entre outros, nos quais, por meio da rede, é possível mapear os espaços locais por onde os jovens transitam para que possam ser compreendidos em seu contexto.

No nível seguinte, estão representados os fatores relacionados a condições de vida e de trabalho, disponibilidade de alimentos e acesso a ambientes e serviços essenciais, como saúde e educação, indicando que as pessoas em desvantagem social correm “riscos” diferenciados, criados por condições habitacionais precárias, exposição a condições mais perigosas ou estressantes de trabalho e menor acesso ao consumo de bens e serviços. Finalmente, no último nível, estão situados os macro-determinantes relacionados às condições econômicas, culturais e ambientais da sociedade e que possuem grande influência sobre as demais camadas (BRASIL, 2006; BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007).

No estudo dos determinantes Buss e Pellegrini Filho (2007, p. 81) afirmam que:

O principal desafio dos estudos sobre as relações entre determinantes sociais e saúde consiste em estabelecer uma hierarquia de determinantes entre os fatores mais gerais, de natureza social, econômica e política e as mediações através dos quais esses fatores incidem sobre a situação de saúde de grupos e pessoas, já que a relação de determinação não é uma simples relação direta de causa e efeito.

A compreensão dos determinantes sociais depende, portanto, de análises aprofundadas, partindo da compreensão dos micro e macro-determinantes e contextualizadas capazes de explicitar as intervenções necessárias, bem como onde e como essas intervenções devem ser feitas. Os múltiplos condicionantes e determinantes do processo saúde-doença-cuidado colocam o setor saúde como articulador e em meio a uma rede importante quando se discute a saúde do jovem, uma vez que é necessário levar-se em conta o âmbito social, a educação, o trabalho, o lazer, a cultura e o esporte, entre outros. Neste estudo, a compreensão da saúde no cotidiano dos jovens, a partir da construção das interrelações entre as camadas propostas na FIG. 1, será de fundamental importância para o alcance dos objetivos propostos.

No contexto brasileiro, a Comissão Global sobre Determinantes Sociais da Saúde criada em 2005 e as Comissões Nacionais sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) estruturadas em 2006 são importantes dispositivos nessa construção. A CNDSS visa promover estudos sobre os DSS, buscando identificar, com maior precisão, as causas de natureza social, econômica e cultural da situação de saúde da população e recomendar políticas para a promoção da equidade em saúde, bem como mobilizar a sociedade para enfrentar as iniquidades em saúde e buscar melhores condições de saúde e qualidade de vida (BRASIL, 2006; BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007).

Na análise dos modos de vida juvenis, além dos determinantes sociais em saúde, faz-se importante considerar sua relação com as práticas cotidianas, as representações e valores dos jovens, resgatando a heterogeneidade de suas experiências socializadoras. Na perspectiva de Guerra (1993), a expressão dos modos de vida conjuga, pelo menos, três níveis analíticos: o sistema e os atores, a história e o cotidiano e o objetivo e subjetivo na percepção do real. E, nesse sentido, o referencial da sociologia do indivíduo e sua interação com as estruturas da sociedade têm grande pertinência com os modos de vida uma vez que essas lógicas são interdependentes. Na análise da história e do cotidiano, busca-se conjugar as

diferentes práticas cotidianas com as relações sociais mais gerais que remetem à produção e à reprodução social, bem como à diversidade de redes de poder. No campo da objetividade e da subjetividade é que os valores sociais, as racionalidades e o imaginário social dos jovens podem ser analisados como eixos analíticos sustentadores dos modos de vida juvenis.

2.2.2 A condição juvenil na relação com as práticas de cuidado

A reflexão construída sobre modos de vida, determinantes sociais e a saúde busca reforçar a importância de que, no estudo da saúde no cotidiano dos jovens, objeto desta pesquisa, seja tomada, como ponto de partida para a análise, a vida desses sujeitos. É na vida que se manifestam a determinação social, as possibilidades e impossibilidades de acesso, de escolhas e de viver ou sobreviver em contextos adversos, marcados pelas iniquidades, com repercussão no âmbito biológico do processo saúde-doença e causadas pela distribuição desigual de poder, renda, terra, mercadorias, serviços, entre outros. Entender os jovens em seu cotidiano pode revelar as necessidades desses sujeitos, além da compreensão de como os determinantes sociais em saúde se expressam a favor ou não de sua saúde.

Desse modo, construir a relação entre juventude e saúde requer um esforço. Primeiramente porque todo o aparato conceitual da saúde concentra-se no entendimento do jovem com referenciais de adolescentes (ANDRADE, 2008, 2010). Salienta-se que a construção teórica feita neste estudo não se dedica a uma crítica ao conceito de adolescência. O que se pretende questionar, como forma de possibilitar uma reflexão mais ampla pela saúde, refere-se à forma como esse conceito tem sido construído e que práticas têm disparado quando se pensa a saúde dos jovens. Desse modo, a produção na área da saúde, tradicionalmente, centrou-se numa perspectiva dos fatores de risco e considerando adolescência e juventude como sinônimos. Essa compreensão remete a um conceito homogeneizante que desconsidera a análise da condição juvenil e das experiências que marcam as vivências dos jovens e que estruturam as ações de saúde. Essas ações têm, tradicionalmente, uma centralidade no corpo estritamente pela ótica biológica, sem atentar para o corpo social, para os valores dos jovens e sua relação com o processo saúde-doença.

Outro fator que agrega esforço para se construir a relação entre juventude e saúde refere-se ao fato de que, por longos anos, o setor saúde vem se ocupando das necessidades dos jovens, a partir de focos biológicos e curativistas. E, desse modo, discutir a construção teórica sobre necessidades é fundamental para se compreender a relação entre juventude e saúde. Como necessidade, entende-se “aquilo que é necessário para um fim”. Campos (2004, 2009) afirma que, para Marx e Engels (1993), essa finalidade é a continuidade da vida, primeiramente relacionada à sobrevivência. Coloca ainda que, para Heller (1986), as necessidades não são naturais, não nascem com as pessoas nem são homogêneas, sendo constituídas historicamente e dependentes da inserção social dos indivíduos. Desse modo, responder às necessidades de saúde deveria significar implementar ações que incidissem nos determinantes, e não só na doença, que já é o resultado do desgaste expresso no corpo individual.

Campos e Bataiero (2007), baseados em Heller (1986), afirmam que, uma vez que as necessidades se concretizam nos indivíduos das diferentes classes sociais de maneira desigual, já que desiguais são os acessos aos produtos que satisfazem essas necessidades, pode-se dizer que as necessidades dos indivíduos são necessidades de reprodução social. Esse critério deveria nortear os projetos públicos de saúde, os programas que são definidos por técnicos, acima das necessidades dos indivíduos e não com base na leitura de necessidades da população. Além disso, essas necessidades são definidas por referência a sujeitos abstratos, indiferenciados no que diz respeito a sua inserção de classe. Nakamura (2009) destaca que as formas de inserção social diferem nas diversas populações e definirão as condições de vulnerabilidade social particulares que serão marcadoras, por sua vez, das diferentes necessidades de saúde dos grupos sociais.

No que se refere à saúde do jovem, as necessidades de saúde não podem se reduzir às de consumo de serviços de saúde. A centralidade das necessidades de saúde, tanto no âmbito abstrato quanto no operacional do conceito, pode ser dada numa perspectiva da organização da produção de serviços de saúde ou de processos de trabalho, com a finalidade de ampliação do objeto de atenção em saúde. Para a atenção à saúde dos jovens, o foco precisa estar para além das necessidades de saúde institucionalmente determinadas, que não as conceitue como sinônimo de necessidades de cuidado de agravos ou de eventos específicos, uma vez que essa compreensão parece indicar que as ações em saúde reiteram que

tais necessidades de saúde são respondidas com o consumo de um procedimento de saúde (CAMPOS, 2009). É necessária, para isso, uma leitura das necessidades dos indivíduos que ocupam o território para a implementação de ações coerentes. Campos e Bataiero (2007, p. 609) colocam que:

Atender necessidades de saúde deveria significar a instauração de processos de trabalho que propusessem respostas no âmbito das raízes dos problemas - do determinante - e também no dos resultados - a doença - e encaminhar a política pública de saúde na direção do direito universal.

Conformar a atenção em Saúde Coletiva significa propor a atenção à saúde pautada numa leitura de necessidades que capte as formas como os sujeitos se reproduzem socialmente, pois essas necessidades são decorrentes das formas como os grupos se inserem na reprodução social (CAMPOS; BATAIERO, 2007). Os estudos desenvolvidos até então sobre saúde dos jovens ainda pouco têm revelado dessa perspectiva por analisarem suas necessidades mais estritamente a partir dos aspectos biológicos.

Para Valadão (2008), o discurso biomédico da saúde visa normatizar a vida dos jovens e colocá-los como sujeitos incompetentes para responsabilizar-se pelas questões de sua vida. Esse discurso vai na contramão das possibilidades de co-responsabilização pelo processo saúde-doença e do empoderamento de tais jovens para a construção e a implementação de seus projetos de vida.

Assim, incorporar, no setor saúde, a categoria juventude requer o acionamento de novas práticas no encontro com os jovens: práticas capazes de considerá-los como atores sociais e com responsabilidades sobre o modo de andar a vida (LONCLE, 2008). Soares (2009) afirma que juventude é uma categoria mais apropriada para ser trabalhada pelo campo da saúde coletiva, considerando que são múltiplas juventudes e que se diferenciam por suas condições de classe e inserção social, característica reveladora da realidade das desigualdades, sendo as diferenças de reprodução social determinantes para se viver esse período do desenvolvimento. Desse modo, o conceito de classe social, como lugar ocupado pelas pessoas no processo de produção e de conflito geracional, é tido como uma resposta social dos jovens às contradições impostas pelo mundo adulto e é estruturante para as formulações sobre a categoria juventude na perspectiva da

saúde coletiva, como apontado por Soares (2007) por meio do aporte teórico de Foracchi (1972).

Considera-se que a juventude surge como ator social específico e com interesses e demandas próprias que passam a ser objeto de políticas públicas. Entretanto, no que se refere à saúde, nota-se que, apesar da existência de políticas públicas de promoção da saúde e de programas que enfocam os jovens e adolescentes, a vulnerabilidade e os agravos à saúde que atingem essa população são crescentes e prioritários no planejamento das políticas sociais (NOVAES; VITAL, 2005; AYRES; FRANÇA-JÚNIOR, 2000).

Atualmente, no Brasil, o jovem vivencia a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e de acesso ao sistema educacional, problemas relacionados à violência e a morbi-mortalidade por causas externas. Dessa maneira, pode-se inferir que o jovem torna-se mais vulnerável, vivenciando uma instabilidade em seu desenvolvimento humano e social. Em contrapartida, as políticas e práticas de saúde caminham em descompasso com esse cenário e abordam temas como infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, dentre outros, que não abrangem a diversidade juvenil, tornando as ações, no setor saúde, de baixa efetividade. Destaca-se que é presença marcante, na saúde, a abordagem biológica, com um sentido cronológico e de “fase do ciclo vital” sobre a adolescência que recorta esse momento da vida pelo fenômeno da puberdade como uma ação racionalizadora, inclusive para justificar as intervenções feitas e desconsiderando a dificuldade de fixá-la cronologicamente por essa ótica. Essa concepção reflete-se nas práticas fragmentadas junto a essa população, uma vez que o adolescente é visto somente como sujeito portador de problemas relacionados à puberdade e à idade (SOARES, 2009; RODRIGUES, 2006). Assim, os programas e ações de saúde tomam os jovens como público-alvo das propostas, sem inseri-los como sujeitos na conformação dessas respostas e sem acompanhar a problematização das formas de construção e a diversidade da categoria juventude, generalizando as ações a partir da percepção da adolescência.

Desse modo, as ações de saúde direcionadas aos jovens fazem parte de intervenções que tomam o coletivo como grupo portador de necessidades homogêneas, existindo, dessa maneira, um vácuo nos serviços públicos quanto às respostas às demandas e necessidades dos jovens (CAMPOS; MISHIMA, 2005). Soares (2009) afirma ainda que as práticas fragmentadas concebem o jovem como

sujeito portador de alguns problemas relacionados à idade e aos hormônios. Para Breinbauer e Madaleno (2008), os programas e políticas tradicionais de saúde do adolescente tendem a ser limitados em foco e curativos em natureza ao abordar questões relacionadas ao comportamento, em que pouco se diferem dos serviços de prevenção de doenças e de programas de controle, não considerando o amplo contexto social em que os problemas de saúde surgem. Afirma-se que, nas últimas décadas, aumentou-se a consciência da necessidade de ir além de uma abordagem voltada ao problema, à saúde do adolescente, para uma abordagem voltada ao desenvolvimento, com base nos preceitos da promoção da saúde, a partir dos referenciais da Carta de Ottawa.

Ao analisarem o nível de saúde de uma população, Borges e Fujimori (2009) afirmam que, de forma geral, são priorizados frequentemente os aspectos da “não-saúde” relacionados aos dados de morbidade e mortalidade. Na saúde do jovem, o foco não é diferente. Os dados revelam que a mortalidade de adolescentes e jovens é maior no sexo masculino, prevalecendo as causas externas com cerca de 66,3% dos óbitos na faixa etária de 10 a 19 anos, seguidas de neoplasias com 6,5% e das doenças do aparelho respiratório, circulatório e das doenças infecto-parasitárias.

Desse modo, os exemplos concretos revelam a afirmação de que os estudos no campo da saúde tratam majoritariamente dos aspectos biológicos, tendo se ocupado, em sua maior parte, de discussões referentes aos riscos como Infecção Sexualmente Transmissível (IST/AIDS), uso de drogas, gravidez, entre outros e com referenciais restritos à adolescência. Protegidos pelo ECA, o enfoque da adolescência dá-se pela fragilidade e “suspensão” vividas por esses sujeitos. Já os referenciais de juventude, conceitos construídos histórica e culturalmente, buscam discutir essa fase como “um espelho retrovisor que reflete e revela a sociedade de desigualdades e diferenças sociais”, o que permite a compreensão do processo saúde-doença para além dos aspectos biológicos.

Não se negam a importância e a relevância dos estudos que têm como foco os riscos aos quais estão expostos os adolescentes e jovens. Entretanto, compreender a condição e a situação juvenil requer a ampliação do olhar com e sobre a juventude e a saúde dos jovens. Pensar a saúde do jovem implica pensar nos diversos modos de viver a juventude e de viver a vida. Por sua vez, implica em um movimento de re-pensar as práticas de saúde dirigidas a essa parcela significativa da sociedade. Ferreira et al. (2007), em pesquisa com adolescentes,

constatarem que, em sua totalidade, os participantes centraram a construção de suas concepções de saúde em imagens e discursos fora do campo biológico e/ou patológico quando se reportavam a si, colocando-se no centro do discurso. Tal reflexão traz à tona a questão de que a saúde do jovem, enquanto um campo de saber e de práticas profissionais, precisa ser seriamente pensada a partir de outra lógica que não a do discurso biomédico. É preciso, assim, que se parta da compreensão de que o processo saúde-doença é socialmente determinado e, além disso, do próprio conceito de saúde que exige a ampliação para um olhar integral sobre o sujeito.

E remeter-se ao próprio jovem pode ser revelador de outras várias perspectivas de saúde. Conjugando as dimensões analíticas que explicitam os modos de vida juvenis, e reconhecer os valores sociais dos jovens bem como os sentidos desses no cuidado à saúde pode ser capaz de disparar políticas e práticas assistenciais mais efetivas. Tem-se, então, a necessidade de interagir com esses valores, marcados pela condição social, mas que também transcendem a objetividade e adentram o campo da subjetividade, do imaginário e dos desejos dos jovens. E, nesse sentido, pensar a sociedade como uma entidade provida de sentido e significação, as relações sociais como aquelas que envolvem as crenças, os valores e expectativas, baseada nas interações no espaço e no tempo, e no corpo como um dos valores culturais e simbólicos para os jovens remete à necessidade de análise pormenorizada da representação do corpo por eles, de modo a captar a experiência social desses indivíduos na relação com a saúde.

O corpo é socialmente concebido, sendo que a leitura social do corpo, embasada pela cultura, é que permite analisar o sentido particular que os jovens lhe atribuem. A cultura, então, dita normas em relação ao corpo e, considerando a cultura juvenil, esse corpo é afetado para além do biológico, sendo marcado pela classe social, religião, relações e por outros intervenientes sociais e culturais que repercutem na relação entre o corpo e a saúde para os jovens (RODRIGUES, 2006). Buscar analisar a saúde no cotidiano dos jovens guarda relação com o corpo, não na perspectiva da “puberdade fisiológica” estritamente, como apontado por Rodrigues (2006), mas pela “puberdade cultural” que, além de não coincidir com a fisiológica, faz com que o jovem atribua ao corpo outros significados e sentidos, inclusive para a saúde, na revelação de seus modos de vida.

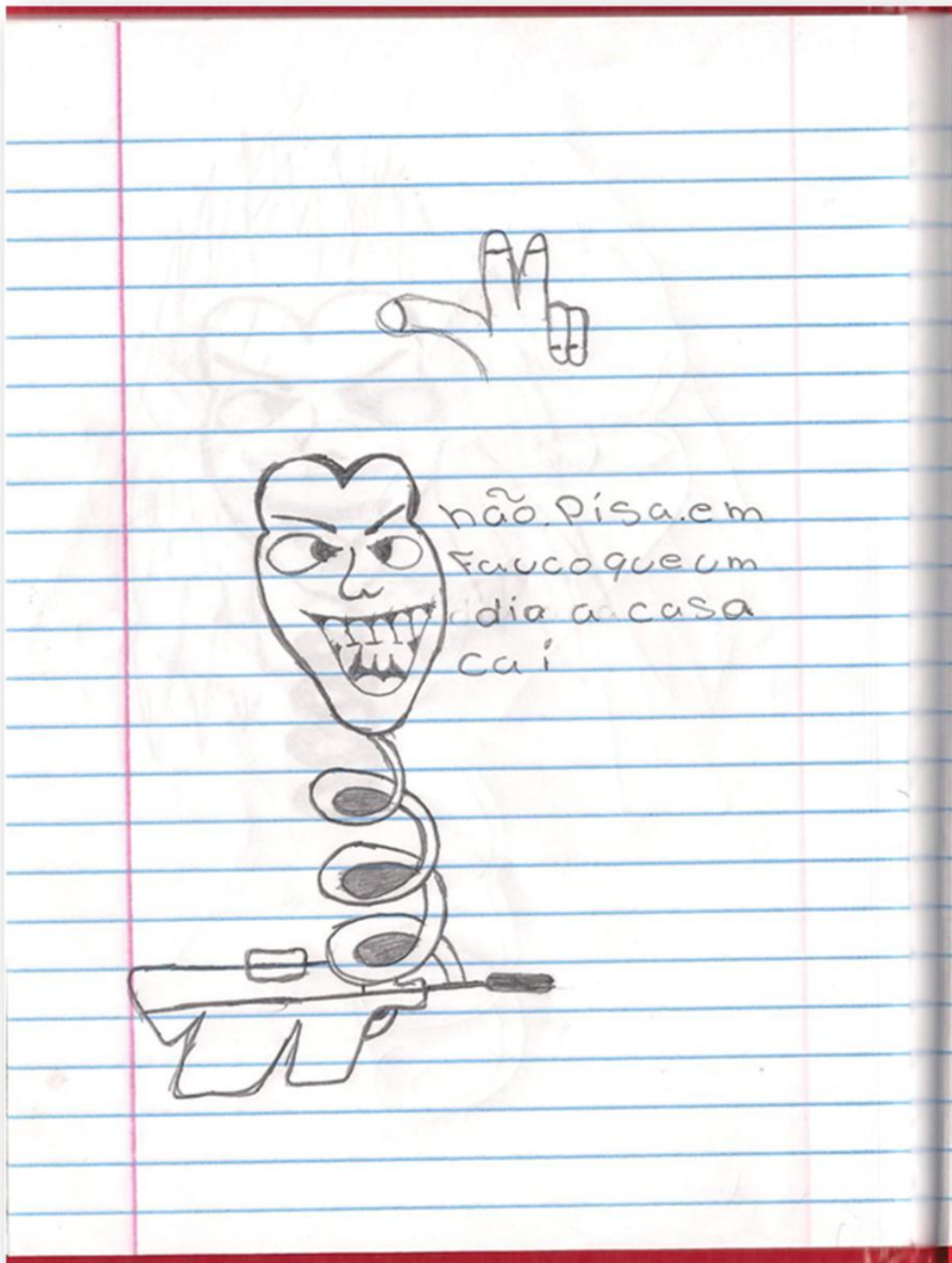
Assim, a compreensão da condição e da situação juvenil torna-se fundamental para a construção de ações de saúde com os jovens. Desse modo, o aporte teórico de promoção da saúde, capaz de relacionar as vivências do cotidiano e a compreensão dos determinantes de saúde, pode ser estruturante para as práticas cuidadoras da saúde dos jovens (CARVALHO, 2007). Nakamura et al. (2009) destacam que a associação entre as concepções de vulnerabilidades sociais e necessidades de saúde, fundamentada na “perspectiva do outro”, aproxima-se da perspectiva da promoção da saúde, considerando-se o processo saúde-doença um fenômeno complexo, socialmente determinado e modulado por condicionantes de ordem biológica, psicológica, cultural, econômica e política.

Nesse sentido, Costa e Brigas (2007, p. 1098) destacam que:

A promoção da saúde e bem-estar na infância e adolescência representa um desafio, sobretudo considerando que as ações e práticas que priorizam o bem-estar para esta população envolvem aspectos do macro e micro ambientes. Dentre estes, destacam-se os determinantes sociais (sistemas de saúde, educação, trabalho, desenvolvimento social, direitos, necessários à integração social das famílias), os quais representam espaços de convivência, de formação e intervenção; bem como os determinantes familiares (influenciados pelo ambiente sociocultural), além dos aspectos pessoais-individuais.

Ao se pensar nos determinantes em saúde, algumas reflexões são fundamentais, para que não se incorra no erro da culpabilização, e da discussão sobre até que ponto os determinantes discutidos estão sob o controle das pessoas. Na realidade, todos guardam uma forte relação com condições que extrapolam a capacidade individual de controle, por serem estruturais. No caso do Brasil, tais condições expressam marcantes diferenças econômicas e sociais visíveis nos modos de viver da população e em seu acesso desigual aos bens e serviços (REIS; VIANNA, 2004).

Por meio desse aporte teórico, busquei consolidar a relevância deste estudo realizando a análise dos modos de vida juvenis numa realidade concreta e, desse modo, visualizar as ações de saúde no cotidiano dos jovens e experimentar a proposição de ações de saúde mais efetivas.



Desenho realizado pelo Jovem Luciano em seu diário

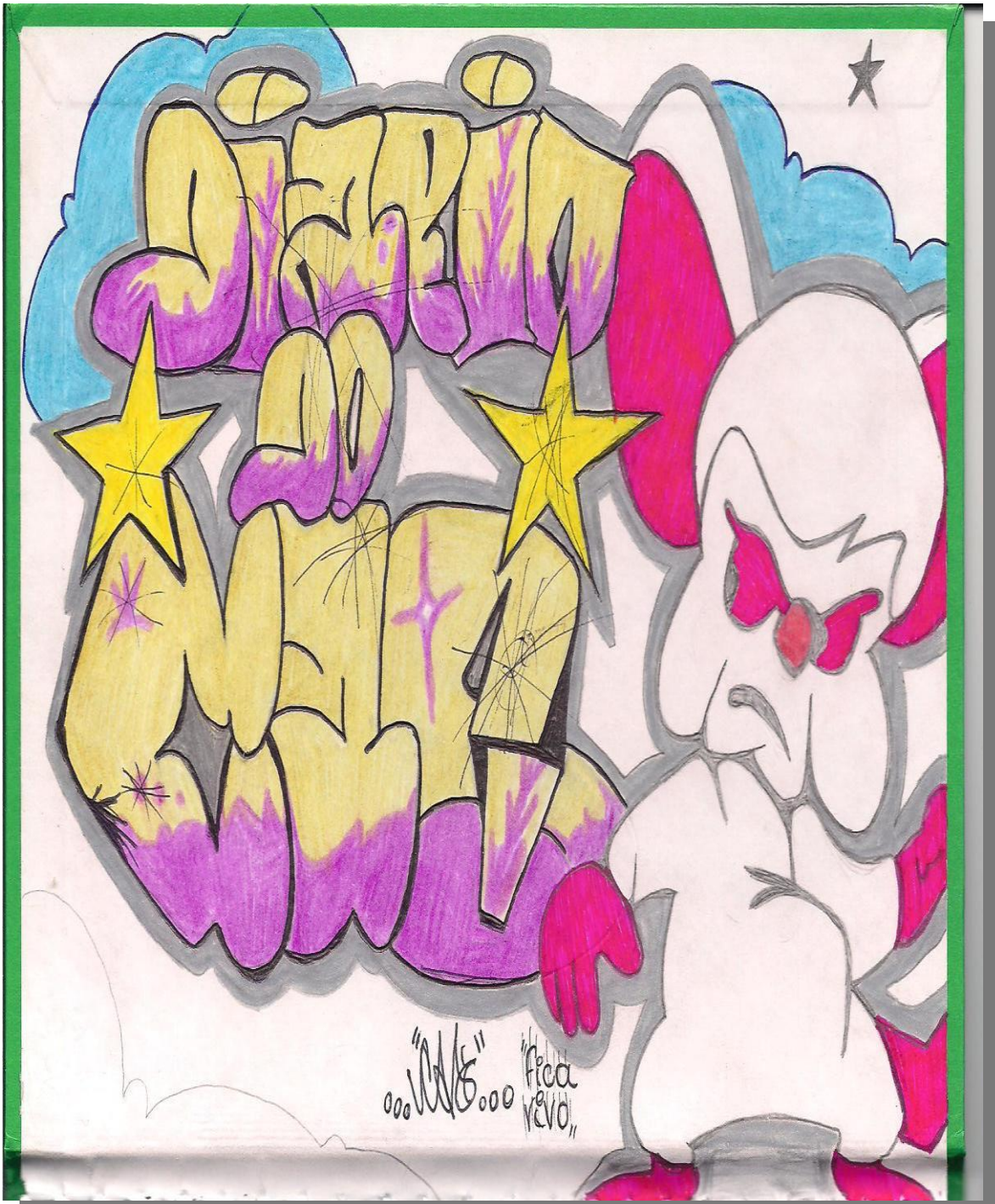
3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar os modos de vida juvenis apreendendo os significados e sentidos que os jovens dão à saúde em seu cotidiano

3.2 Objetivos Específicos

- Analisar a condição juvenil expressa no cotidiano e as ações de saúde que o jovem considera realizar nele;
- Identificar como as questões de saúde se expressam no cotidiano dos jovens;
- Analisar as redes sociais que os jovens constroem e/ou de que participam em seu cotidiano.



Grafite realizado pelo Jovem Lucas em seu diário

4 REFERENCIAL METODOLÓGICO

[...] o homem reflete a realidade não apenas tal qual ela existe imediatamente, mas como pode e deve ela ser para as necessidades sociais dele. [...] A pesquisa autenticamente científica está imediatamente voltada para a procura de formas e idéias segundo as quais o mundo deve ser mudado (KOPNIN, 1978, p. 228).

4.1 Tipo de estudo

Para se traçar um percurso metodológico coerente com a proposta deste estudo, optei pela abordagem qualitativa, considerando que possibilita a ênfase nas especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser, em uma compreensão da realidade dos jovens. A pesquisa qualitativa permite uma aproximação com a realidade capaz de tomar o cotidiano numa perspectiva analítica, sendo que o método se aplica ao estudo das relações, das representações, crenças e percepções que os seres humanos fazem a respeito de como vivem, sentem e pensam. Além disso, a pesquisa qualitativa desenvolvida neste estudo permitiu desvelar processos ainda pouco conhecidos sobre a saúde no cotidiano dos jovens bem como a materialidade das ações cuidadoras, propiciando a construção de novas abordagens, a revisão e a criação de novos conceitos e categorias (MINAYO, 2007; HAGUETTE, 2007).

Adoto, neste estudo, o referencial teórico-filosófico da Dialética como estratégia de conhecimento da realidade. A opção por esse referencial revela o entendimento de que a natureza e a sociedade vivem movimentos contínuos e permanentes de transformações e de superação das contradições pela práxis. O método dialético apresenta uma concepção de homem, de sociedade e da relação homem-mundo que privilegia a historicidade e a autoria dos sujeitos sociais. A dialética não é apenas um método para se chegar à verdade, é uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo, como forma de apreensão e de compreensão da prática social empírica dos indivíduos em sociedade. Desse modo, ir ao encontro das contradições, conflitos e acumulações que perpassam o cotidiano dos jovens será revelador de como a saúde se configura para esses jovens (KONDER, 1981, 1991; GADOTTI, 1992; MINAYO, 2007).

A dialética é proposta como método e como preocupação filosófica por Hegel no final do século XVIII como uma crítica às concepções anteriores de filosofia, por buscar compreender a relação sujeito-objeto, superando a dicotomia histórica de separação entre sujeito e objeto. Para esse filósofo, o mundo é tomado como dinâmico, histórico e em constante processo. Assim, a dialética se apresenta como a história do espírito, das contradições que ele repassa ao ir da afirmação à negação. Hegel apresenta a necessidade de abandono da ideia de que a contradição produz um objeto vazio de conteúdo, com uma teoria que dá dignidade ontológica à contradição, bem como para o negativo. A lógica da dialética é apresentada como uma possibilidade de compreensão da realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação e que tem como princípios a contradição, a totalidade e a historicidade. Para se pensar a realidade é importante partir do empírico, ou seja, da realidade dada e, por meio de elaborações, do pensamento e da teoria, chegar ao concreto (KONDER, 1981).

Por meio da dialética, é possível a compreensão da sociedade, formada por microestruturas e macroestruturas sem uma determinação linear de umas sobre as outras e que nos apresenta em constante transformação. A dinâmica da sociedade, a capacidade de cada sujeito protagonizar ações e sua história nos lócus de convivência e de interação social, explicitam a constante mutação da sociedade que passa, ora pela acomodação, ora pelos conflitos e protestos frente à diversidade de experiências vividas.

Desse modo, a Dialética orienta o caminho teórico e metodológico que aponta a dinâmica do real na sociedade, contextualizando o processo histórico com seu dinamismo, provisoriedade e transformação, buscando apreender a prática social dos indivíduos em sociedade e realizar a crítica das ideologias, isto é, do imbricamento do sujeito e do objeto, ambos históricos e comprometidos com os interesses e as lutas sociais de seu tempo (HAGUETTE, 2007).

Utilizar a metodologia qualitativa, numa abordagem exploratória e interpretativa da realidade, para a compreensão dos modos de vida, bem como da saúde no cotidiano dos jovens, possibilitou-me uma análise abrangente dos participantes da pesquisa, além da elaboração de declarações teóricas que se concentraram em dilemas e problemas priorizados, dentre a variedade de problemas levantados que faziam parte de sua vida. O foco exploratório, primeira fase da pesquisa, e o interpretativo apresentaram-se como um elo capaz de respaldar o

diálogo entre o referencial teórico selecionado e a realidade investigada, considerando a necessidade de abertura como pesquisadora para as descobertas, a apresentação dos diferentes pontos de vista presentes na situação social, tidos como fundamentais na estruturação do estudo (BECKER, 1993).

Utilizando o método dialético, objetivei potencializar as aproximações e a análise do fenômeno em estudo, a saúde no cotidiano dos jovens, buscando apreender as contradições e acumulações que o perpassavam e subsidiar a conceitualização e a explicitação das bases teóricas que serviram de guia para a análise. A Dialética, neste estudo, permitiu analisar as contradições presentes no cotidiano pela via da articulação do conhecimento com a prática histórica e social, bem como a articulação desse cotidiano com a saúde dos jovens.

Entendendo que a relação do sujeito do conhecimento com a realidade a ser conhecida se inicia com a prática social, tem-se a importância de se estreitar os vínculos com essa realidade para acompanhar seus movimentos e os determinantes ocultos de sua aparência. Desse modo, o contato não pode ser pragmático com a realidade, sendo necessário apropriar-se dos fenômenos reais em suas múltiplas determinações (ABRANTES; MARTINS, 2007). Assim, a análise do cotidiano dos jovens, neste estudo, foi feita a partir de sua mais simples manifestação, com elaboração sobre ela e compreensão do fenômeno observado. As relações, as vivências cotidianas dos jovens permitiram elaborações capazes de levar à compreensão do concreto, a saúde no cotidiano dos jovens.

A necessidade de familiarizar-se com e de estranhar a vida cotidiana desses jovens para a apreensão da saúde em seu cotidiano, objeto deste estudo, exigiu a adoção de um aporte de análise do cotidiano, tendo como base as concepções da filósofa Agnes Heller, sobre a sociologia da vida cotidiana (HELLER, 1977, 2008.). A Sociologia da vida cotidiana considera a relação entre a micro e a macroestrutura, a partir da análise da subjetividade, tomada como categoria com espaço crescente na obra de Heller, sem abandonar a crítica às formas de exploração, dominação e concentração de riquezas na sociedade (HELLER, 1977, 2008). Para Heller (2008), o cotidiano é apresentado como imagem da reprodução da sociedade a que o homem pertence, com a expressão das diferentes formas de viver a vida e das significações do agir humano, bem como dos estratos sociais dessa sociedade em função das diferentes estruturas econômicas e sociais.

A vida cotidiana é tida como a vida de todo homem sendo que nela se colocam em funcionamento todos os sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, ideias e ideologias (HELLER, 2008). Têm-se como partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. Compreender o cotidiano requer o entendimento de como a individualidade, a particularidade e a generalidade que se conjugam na expressão da cotidianidade uma vez que, como indivíduo:

O homem é um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre em integração. (HELLER, 2008, p. 21).

Para Heller (1977), a partir da razão prática vivida no cotidiano, é possível o desenvolvimento da razão teórica. A reconstrução teórica do mundo social dá-se a partir da vida social, do dia a dia de cada um, permeado por conflitos e por superação das condições alcançadas. Esse mecanismo de apropriação das coisas e do mundo é chamado de esfera da objetivação em si, resultante das atividades humanas (HELLER, 1977). Tem-se então a necessidade de que, na ação cotidiana, o pensamento faça movimentos lógico-dialéticos na interpretação da realidade com o objetivo de compreendê-la para transformá-la.

A vida cotidiana é a vida do indivíduo em particular que se apropria dos usos e costumes de um mundo dado, podendo se configurar como um particular alienado caso os indivíduos não adquiram, em relação a esse mundo, uma atitude autônoma. Para Heller (1977, p. 19), “a vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos indivíduos particulares, os quais, por sua vez, criam a possibilidade de reprodução social”.

Não há vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismos e juízos provisórios. Tem-se que a vida cotidiana se presta também à alienação, sem ser necessariamente alienada uma vez que a consciência de si permite uma relação entre a particularidade e a generalidade.

Para Pais (2007), o cotidiano tem um significado para além do sentido vulgar do termo, podendo ser tomado como um fio condutor do conhecimento da sociedade, um caminho indissociável da prática da pesquisa. O cotidiano é o que se passa todos os dias, é o caminho de encruzilhada e que transita entre a rotina e a

ruptura, revelando os significantes e significados que compõem a vida cotidiana. É na vida cotidiana que se encontram condições e possibilidades de resistência que alimentam sua própria ruptura. Assim, a sociologia do cotidiano se apresenta mais como uma perspectiva metodológica do que uma proposta teórica, uma vez que essa se dá ao se caminhar pelo cotidiano e ter nele os processos pelos quais as micro e macroestruturas são produzidas e reveladas. O cotidiano se revela, então, como um mosaico do qual é possível captar as diferentes dimensões da realidade (PAIS, 2007, 2003a).

Desse modo, o cotidiano é um lugar privilegiado de análise na medida em que é revelador por excelência de determinados processos de funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam, expressos nos modos de vida. Heller (2008), no desenvolvimento de uma teoria do cotidiano, entendido como uma categoria microssocial marxista, analisa a determinação do modo de vida em relação com a esfera restrita da produção. Na concepção helleriana, o modo de vida é diariamente reconstruído e não é totalmente independente da vontade dos sujeitos, uma vez que os mesmos podem ter escolhas dentro de possibilidades dadas pela estrutura social. O conceito de modos de vida é utilizado para focar as práticas cotidianas considerando que “as relações sociais de sociabilidade” articulam o modo de vida assim como as relações sociais de produção o fazem para o modo de produção (ALMEIDA FILHO, 2000).

Assim, propor estudar os modos de vida juvenis bem como a saúde nesse cotidiano requereu um olhar amplo e ao mesmo tempo particular sobre a vida dos jovens, de modo a extrapolar o tradicionalismo e captar a diversidade de vivências que compõem o dia a dia dos jovens. Apreender as práticas sociais, o tempo livre e a heterogeneidade de ações que dão a esses jovens e a seu cotidiano a conotação plural foi, além de instigante, desafiador.

4.2 Cenário do estudo

O estudo foi realizado no Bairro Jardim Felicidade, pertencente à Regional Norte da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. O município de Belo Horizonte está organizado em nove regionais administrativas que coincidem com seus respectivos distritos sanitários. A escolha do cenário deste estudo deveu-se a minha atuação profissional nesse distrito sanitário, com a vivência como enfermeira em

uma equipe de saúde da família no bairro Jardim Felicidade durante dois anos, à realização de minha pesquisa de Mestrado nesse cenário e ao acompanhamento de estágio curricular de enfermagem, como docente da PUC-MG desde 2006, nos Centros de Saúde desse bairro. O fato de estar inserida nesse contexto, implicada com a realidade local e de participar de ações junto dessa comunidade motivou-me a também desenvolver a pesquisa de Doutorado nesse cenário.

Destaca-se que, no Distrito Sanitário Norte, as áreas consideradas de risco muito elevado no índice de vulnerabilidade à saúde são o bairro Jaqueline e o bairro Jardim Felicidade. Desse modo, o cenário do estudo é considerado como um bairro popular, composto por uma população diversificada e com percentual significativo de jovens. O bairro apresenta fronteiras espaciais com os bairros do entorno por suas especificidades de casas sem acabamento, becos, ruas sem asfalto, córrego a céu aberto, tráfico de drogas intenso e outras mazelas que fazem com que os jovens de lá sofram com a “discriminação por endereço”. Assim, estudar os jovens em seu cotidiano e a saúde numa condição juvenil específica, marcada pelo contexto de vulnerabilidades remete à compreensão de que essa vulnerabilidade, quando relacionada à saúde, depende de aspectos estruturais e cotidianos, relacionados aos próprios jovens, a seu contexto social e de ação das políticas e das instituições locais (VALADÃO, 2008).

O Bairro Jardim Felicidade tem uma população estimada em 18.542 habitantes, abrangendo uma área de 793.641 m², próximo aos bairros Tupi e Floramar. Existem, no bairro, diversas associações e instituições como a Associação Comunitária do Bairro da Felicidade (ABAFE), Casa Recriar, Centros de Saúde, Conselho Popular de Defesa dos Direitos Humanos dos Moradores do Bairro, Creche Comunitária, Curumim Felicidade, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Núcleo de Prevenção à Criminalidade, dentre outras instituições que buscam contribuir para a promoção da cidadania e da qualidade de vida da comunidade. Esses dispositivos unem-se na Rede de Apoio ao Desenvolvimento do Jardim Felicidade, criada em 2002 e que conta hoje com cerca de dezesseis instituições de apoio e cinco parceiras.

A formação do bairro Jardim Felicidade deu-se no ano de 1985 a partir da organização de um movimento da Igreja Católica, articulado pelo Padre Pierluigi Bernareggi, conhecido como Padre Pigi, junto de moradores de aluguel em favelas, vindos em sua maioria do interior do estado e que desejavam ter sua própria casa.

A partir da articulação do movimento com a população dos bairros Providência e Primeiro de Maio e de outros bairros da região, deu-se a formalização do movimento, com a instituição da Associação dos Moradores de Aluguel da Grande Belo Horizonte – AMABEL. Como resultado de diversos movimentos promovidos pela AMABEL em prol da moradia para famílias consideradas faveladas, em 15 de setembro de 1986, foi desapropriada a Fazenda Tamboril, localizada na Regional Norte de Belo Horizonte a fim de alocar parte dessa população. Foram feitos diversos movimentos pelos participantes da AMABEL, buscando viabilizar a construção das casas e de infraestrutura local para essa comunidade, sendo escolhido por votação o nome de Jardim Felicidade para o bairro que teve, a partir de 1987, as primeiras famílias moradoras. Esse movimento, reforça o que Monken e Barcellos (2007) apontam que a localização de populações em um território não é escolha das pessoas, uma vez que participam desse processo as desigualdades sociais que têm o efeito de juntar os semelhantes, a história da ocupação e a apropriação do território. Os próprios moradores construíram as casas e o nome atribuído ao bairro buscou explicitar o sentimento dos moradores com o movimento articulado por eles próprios (ASSOCIAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS PARA SERVIÇO INTERNACIONAL, 2009).

Em 25 de abril de 1987, foram inauguradas 210 casas prontas, cada uma com dois cômodos, no bairro Jardim Felicidade. Os primeiros moradores do local conseguiram a doação de materiais de construção pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e pelo Governo Federal, resultado da atuação da ABAFE, criada em 16 de março de 1987. Em um ano e meio, cerca de 3.800 casas foram construídas e, após a implantação, o bairro Felicidade sofreu ocupação desordenada, inclusive com expansão e invasões em áreas verdes e institucionais. Em consequência disso, até o momento, os moradores não têm a posse dos lotes. Nos últimos anos, cresce o tráfico organizado de drogas no bairro, o que contribui para a consolidação de uma imagem de lugar violento. Destaca-se que há no bairro algumas iniciativas para o resgate histórico de sua formação como forma de superar a visão depreciativa do local e também da identidade dos moradores (ASSOCIAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS PARA SERVIÇO INTERNACIONAL, 2009).

Para a assistência à saúde dos moradores, há dois Centros de Saúde em cuja área de abrangência encontram-se os bairros Felicidade e Solimões. A maior parte de sua população é considerada de risco elevado quanto ao índice de

vulnerabilidade social¹ e de saúde. Dentre a população total de 18.542 pessoas, 3.586 são consideradas de muito elevado risco e 14.956 pessoas consideradas de elevado risco².

De acordo com dados dos Agentes Comunitários de Saúde dos dois Centros de Saúde, a população assistida é de 21.000 pessoas. Destaca-se que a rotatividade de moradores é elevada. A população dessa área é atendida por sete equipes de saúde da família. A população jovem moradora no bairro é de cerca de 5.000 habitantes, na faixa etária de 15 a 24 anos³.

Tendo em vista minha inserção no cenário como profissional em uma equipe de saúde da família e a realização da pesquisa de Mestrado nos centros de saúde do bairro como já referido, eram de meu conhecimento algumas ações e instituições locais que ofereciam atividades aos jovens da comunidade. Sabia que nos Centros de Saúdes do bairro Jardim Felicidade, não existia nenhuma ação direcionada especificamente à população jovem. Também já tinha conhecimento de que, na área de abrangência do bairro, havia projetos que desenvolviam a formação profissional, educacional e de lazer junto às crianças, adolescentes e jovens. A ABAFE tinha três projetos para crianças adolescentes e jovens: o Esporte Legal, Juventude de Paz e Educação para a Vida. Outro serviço que atendia o adolescente nesse bairro era o CRAS do Distrito Sanitário Norte que faz parte do BH-Cidadania e oferece o Programa para Jovens e Oficina para Jovens Mães. Além desses, o Núcleo de Prevenção à Criminalidade tem um de seus núcleos no bairro, com o Projeto Fica Vivo e o Projeto Mediação de Conflitos buscando proporcionar a re-inserção de jovens com passado de violência e criminalidade na comunidade e oferecendo cerca de 25 oficinas para os jovens moradores com atividades esportivas, dança e teatro, entre outras. Por fim, tinha conhecimento de que a Secretaria Municipal de Esportes desenvolvia um projeto de Jogos e Lazer com os adolescentes semanalmente em uma escola pública do bairro.

Considerando que, neste estudo, busquei analisar os jovens em seu cotidiano e sua relação com a saúde, percebi que seria importante conhecer o bairro para além dos espaços institucionalizados, como forma de captar os outros espaços

¹ O Índice de Vulnerabilidade Social é composto por diferentes indicadores que buscam quantificar o acesso à infra-estrutura básica, habitação, escolaridade, renda e trabalho, saúde, segurança alimentar, previdência social, e assistência jurídica. Esse índice explicita o quanto determinada população está vulnerável à exclusão social.

² Dados fornecidos pelas gerentes dos centros de saúde através de levantamento dos ACS que não contempla o quantitativo considerando o limite etário de 15 a 29 anos.

³ Dados referentes ao Censo BH-Social - PRODABEL.

desse território que atravessavam e que compunham o cotidiano dos jovens. Desse modo, busquei realizar o mapeamento do bairro, focando nos grupos e espaços juvenis, como forma de aproximação e imersão na realidade para captação do cotidiano dos jovens bem como a expressão dos modos de vida, o que constituiu a fase exploratória deste estudo.

4.3 O desenvolvimento da pesquisa

“Pesquisar o cotidiano é criar metodologias” (VICTÓRIO FILHO, 2007).

Este estudo foi estruturado em duas fases. A primeira, a fase exploratória, deu-se a partir da inserção no campo e foi constituída pelo mapeamento do bairro incluindo os espaços sociais juvenis, a aproximação e a observação dos jovens em seu cotidiano, fundamentais para definir a inclusão dos participantes no estudo. Por esse motivo, optei por apresentar os sujeitos participantes do estudo após a análise do momento exploratório da pesquisa, de modo a permitir ao leitor a apreensão do percurso realizado. Destaca-se que a inclusão de sujeitos no estudo foi feita por meio do contato com os jovens em cada espaço, sendo considerados, como critérios de inclusão, o interesse em participar da pesquisa e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O convite para a participação dos jovens nesses espaços também considerou o sexo, de forma a contemplar jovens do sexo masculino e feminino e, preferencialmente, com idade entre 15 e 29 anos. Após um período mínimo de uma semana de minha permanência nesses espaços, convidei aqueles jovens que manifestaram curiosidade e empatia, interagindo comigo nos espaços sociais selecionados no bairro.

A fase interpretativa, segundo momento da pesquisa, na qual foi feita a imersão no cotidiano dos jovens, concretizou-se por meio do convívio e da captação desse cotidiano, com a realização das entrevistas com os jovens e, ainda, com a utilização do diário do participante, como instrumentos de coleta de dados. Apresento, a seguir, esses momentos da pesquisa, discutindo as potencialidades e desafios vividos em cada um deles, importantes nesse percurso.

4.3.1 A inserção e a vivência no campo

Após a aprovação dos Comitês de Ética em Pesquisa, a inserção no campo foi feita por meio da reunião da Rede de Apoio ao Desenvolvimento do Bairro Jardim Felicidade, em maio de 2008. A opção de inserção no trabalho de campo pela Rede deveu-se ao fato de que, no primeiro momento da pesquisa, eu me propus a explorar o território de modo a apreender as possibilidades que oferecia ou não aos jovens, construindo o mapeamento local. Na Rede, estão presentes diversas instituições e projetos que agregam jovens do bairro e, além disso, é ela que responde por diversas iniciativas e movimentos na comunidade local.

No primeiro contato com a Rede, apresentei, aos representantes dos diversos dispositivos sociais do bairro, a proposta de minha pesquisa, bem como minha inserção nos espaços do bairro Jardim Felicidade a partir daquela data.

A temática de redes tem ocupado lugar de destaque nas agendas de discussões socioeconômicas deste século (SILVA, 2004). A palavra rede remete à compreensão do entrelaçamento, sendo que seu movimento pode incluir dinâmicas próximas locais como mais globais. Santos (2002) afirma que as redes possuem características com aparente ambiguidade, podendo ser reais e virtuais, técnicas e sociais, locais e globais, integradoras e desintegradoras, estáveis e dinâmicas. Desse modo, em um dado território, podem se conjugar diversas redes, sendo importante compreender a relação entre poder e rede já que, como afirma Santos (1994), a contraposição entre a noção de redes é a existência do “território de todos, do espaço banal”.

Como um dos tipos de rede, a rede social tem como finalidade ampliar as relações de solidariedade e de confiabilidade, ou seja, de capital social, entre indivíduos, grupos e coletivos, focando também a capacidade de mobilização e de organização comunitárias. Com o foco de organização e articulação comunitárias e dos dispositivos sociais do bairro, foi instituída, em 2002, a Rede de Apoio ao Desenvolvimento do Bairro Jardim Felicidade, a partir da iniciativa de uma Organização Não- Governamental (ONG) chamada de Associação de Voluntários para o Serviço Internacional e pela Cooperação para o Desenvolvimento e Morada Humana (AVSI/CDM). Essa ONG já atuava no bairro, junto com a Creche Comunitária Jardim Felicidade, desde o início dos anos 1990. Considerando que existiam, no bairro, muitas instituições e lideranças comunitárias que, apesar de

prestarem serviço para o mesmo público não se conheciam, foi proposta pela AVSI/CDM, a formação de uma rede, com o objetivo de implementar projetos na construção do bem-comum e da melhoria na qualidade de vida das pessoas. Para essa ONG, a intenção de articulação de uma rede de desenvolvimento comunitário, mais que discutir as organizações, entidades e instituições, visava um novo jeito de se organizar e atuar em forma de parcerias e alianças comprometidas com a comunidade local⁴.

Em 2002, foi celebrado um Protocolo de Intenções com os integrantes da Rede, a Regional Norte e entidades parceiras que se comprometeram a realizar o Programa de Ações Integradas, institucionalizando as reuniões mensais que ofereciam a oportunidade a todos de repassarem suas agendas e atividades desenvolvidas. Foram realizadas várias ações no Conjunto por meio dos fóruns temáticos. No final de 2004, a AVSI/CDM, afastou-se deixando os atores sociais fortalecidos, capazes de manter vivos os ideais e o trabalho em rede.

Atualmente, as entidades mantêm reuniões mensais, compartilhando informações e traçando metas comuns para o Bairro Jardim Felicidade. A Rede é constituída por 15 entidades que atuam no Bairro Jardim Felicidade: Associação Casa Novela; ABAFE; Casa Recriar; Centro de Saúde Felicidade I; Centro de Saúde Felicidade II; Centro Educativo Alvorada; Projeto Conviver; Conselho Popular em Defesa dos Direitos Humanos dos Moradores do Bairro Felicidade (COPODHEMFE); Creche Comunitária Jardim Felicidade; Creche Casinha dos Anjos; Escola Municipal Jardim Felicidade; Escola Municipal Rui Costa Val; Grupo de Ação Social São Francisco Xavier; CRAS; Núcleo de Prevenção à Criminalidade Jardim Felicidade com o Programa de Mediação de Conflitos e o Programa Fica Vivo; Núcleo Tamboril; Paróquia São Francisco Xavier; Programa Curumim.

Além disso, algumas entidades exercem parcerias com a Rede como o Centro Cultural São Bernardo, o Movimento dos Trabalhadores Desempregados e o Serviço de Proteção Social à Pessoa com Deficiência, antigo Programa MURIKI, o Projeto Manuelzão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Centro de Educação Para o Trabalho Virgílio Resi (CEDUC), a CDM, a Regional Norte, o Instituto Marista de Solidariedade (IMS), a PUC Minas, a Newton Paiva, a Universidade de Bologna e o Ministério das Relações Exteriores da Itália.

⁴ Dados advindos de documento mimeografado sobre a Rede de Apoio do Bairro Jardim Felicidade, 2007.

Durante o período de 2008 a 2010, participei frequentemente das reuniões da Rede, bem como dos movimentos e ações promovidos por ela. Chamou-me a atenção, na participação nessas reuniões, o fato de que os moradores da comunidade, apesar de convidados pelas instituições para as reuniões da rede, não compareciam. Quando havia participação, era geralmente daqueles moradores mais idosos, envolvidos em projetos de alguma das instituições participantes. Desse modo, pareceu-me que a concepção de rede prevalente não era de uma rede social, mas de uma rede de dispositivos sociais. A rede do bairro tem se configurado como uma possibilidade de integração desses dispositivos sociais do bairro, com pouca participação da comunidade.

Na primeira reunião da Rede em que participei como inserção no campo de pesquisa, em 2008, voltei meu olhar para os jovens. Alguns pontos de pauta e informes mereceram destaque por estarem diretamente ligados às questões da juventude. O primeiro ponto que fez parte da pauta principal da reunião foi a apresentação do Grupo de Policiamento de Área de Risco (GEPAR) da Polícia Militar de Minas Gerais. Os policiais estavam na reunião com o objetivo de apresentar o serviço de policiamento do bairro Felicidade e discutir a crise de violência vivenciada no bairro no mês de março de 2008 que resultou em sete homicídios de jovens, ligados ao tráfico de drogas. Na apresentação, foi destacado pelos policiais que “os jovens envolvidos na criminalidade não chegam aos 24 anos e que as questões referentes à desestrutura da família e educação geram um peso na atuação da polícia”.

O segundo ponto de destaque nessa reunião foi a apresentação da exposição de grafite com o tema “Juventude e Liberdade” dos jovens participantes de oficina do Projeto Fica Vivo que ocorreria no Palácio das Artes. Vale salientar o discurso da coordenadora ao afirmar que “era a primeira vez que artistas da periferia estavam expondo no Palácio das Artes”. Nessa reunião, pude conhecer os responsáveis pelos diversos dispositivos sociais do bairro e apresentar minha pesquisa e a proposta de mapeamento das instituições que iria iniciar, sendo convidada também a participar das próximas reuniões. Os representantes das instituições pediram que o mapeamento fosse disponibilizado posteriormente, sendo destacado o interesse do GEPAR e da Paróquia São Francisco Xavier pelo mapa para outras intervenções no bairro como, por exemplo, a que se referia à necessidade de ação sobre o trabalho infantil no comércio do bairro. A partir dessa reunião de maio de 2008, participei de

quase todas as reuniões da Rede. Nessas reuniões, a temática da juventude aparecia de forma recorrente, tendo em vista que vários dos dispositivos sociais locais oferecem ações para os jovens da comunidade e seus diversos movimentos no bairro, seja pela participação nas atividades ofertadas, seja pelo envolvimento na criminalidade local. Era nessas reuniões que eu também captava os dados sobre a mortalidade de jovens do bairro, a guerra instituída pelo tráfico de drogas e sobre os períodos de tranquilidade frente à violência gerada pelo tráfico na comunidade.

Para o cumprimento das exigências éticas, a realização da pesquisa foi precedida do envio de carta explicativa às gerentes dos Centros de Saúde solicitando a autorização para a realização da pesquisa. O Centro de Saúde foi escolhido como via de entrada para a realização do mapeamento considerando o contato que eu tinha com seus serviços e a necessidade de, em um primeiro momento, reconhecer a área de abrangência do bairro, bem como os diferentes dispositivos sociais presentes, buscando mapeá-los e identificar aqueles que agregam jovens. Dessa forma, a parceria com os Agentes Comunitários de Saúde foi fundamental nesse momento.

Optei por contatar os agentes comunitários de saúde dos dois Centros de Saúde uma vez que, além de serem conhecidos, eram também conhecedores da comunidade e poderiam fornecer “pistas” para o primeiro contato com a organização dos jovens do bairro. Destaco, aqui, também, minha preocupação com o estranhamento da comunidade em relação a minha presença circulando nas ruas e tomando notas sobre a infraestrutura, a dinâmica de vida e a presença de jovens, considerando ser uma área de elevada vulnerabilidade social. Desse modo, quase todo o percurso da área de abrangência do Bairro Jardim Felicidade foi feito na companhia dos agentes comunitários de saúde.

Concomitante a essa inserção, busquei realizar o piloto do estudo em outro bairro que tivesse condições socioeconômicas e culturais similares ao cenário proposto. Mesmo considerando que, nesse momento, o foco do projeto ainda estava na relação entre as políticas públicas e a saúde dos jovens, a vivência dessa experiência foi fundamental para o delineamento da pesquisa e para os passos seguintes.

A primeira versão do projeto de pesquisa tinha como foco a relação entre as políticas públicas de juventude e as demandas e necessidades dos jovens para a promoção da saúde. A partir da revisão dos dados do teste-piloto da pesquisa, ficou

revelada a necessidade de mudanças e rupturas frente à abordagem, aos critérios de inclusão e à inserção no campo, até então delineados. Focar as políticas públicas e a saúde dos jovens não seria suficiente para revelar como a saúde estaria presente no cotidiano dos jovens, uma vez que as questões relacionadas à saúde não se configuravam como uma temática de interesse imediato dos jovens. Revelariam, assim, o discurso instituído sobre a saúde, reproduzindo o idealizado que parecia se afastar da vivência cotidiana dos jovens quando se referem à saúde. O foco proposto na primeira versão do projeto trazia questões que passavam mais pela percepção sobre os jovens, traduzida na configuração das políticas públicas do que de suas vivências.

Desse modo, foi possível rever o projeto de pesquisa e a proposta de implementação do estudo. Era impossível captar as estratégias de saúde dos jovens de forma direta e pontual, discutindo com eles sobre tal temática. Revelou-se-me que a saúde não se apresentava como tema frequente e recorrente na vida dos jovens, mas poderia permear suas práticas cotidianas. Desse modo, discutir com os jovens sobre a promoção da saúde, ou seja, a partir de um objeto que não era prioritário em suas vidas deveria ser posterior à análise da saúde no cotidiano. Como objetivava sair das práticas institucionalizadas, apreendi que o caminho seria ter como base a compreensão do cotidiano e, a partir dele, chegar ao modo de vida dos jovens e captar as ações de saúde nesse modo de vida.

Assim, os aportes e passos utilizados no estudo de Silva (2009); Silva e Sena (2010) foram referências importantes no delineamento metodológico deste estudo. Essa autora, em sua pesquisa sobre a promoção da saúde em espaços sociais da vida cotidiana, utilizou estratégia para captação do cotidiano de forma que, ao mesmo tempo em que nele mergulhava, buscava identificar elementos para análise do modo de vida. Nesse sentido, relacionar os planos das práticas cotidianas dos jovens e dos modos de vida sinalizava para mim como estratégia mais pertinente para captar as ações de saúde em sua vida.

Com esse olhar, na conversa com os jovens dessa comunidade, pude observar que as ações de saúde poderiam estar mais presentes naquele momento do grupo em que dançavam, conversavam, falavam sobre o dia a dia, do que na discussão de conceitos e de propostas sobre saúde que estariam distantes do que vivenciam nesse dia a dia.

Além disso, essa vivência possibilitou-me fazer a sistematização de uma reflexão mais aprofundada sobre o desenvolvimento de pesquisas com jovens e o sentido do retorno dessas pesquisas aos participantes. Apontou para a necessidade de se ter estratégias metodológicas diferenciadas na interação com os jovens, numa perspectiva que os considere não como objetos ou fonte de informações, mas como participantes que interagem e se posicionam perante o mundo (HORTA; SENA; STENGEL, 2010). Essas reflexões também foram ampliadas a partir de disciplinas no Mestrado em Psicologia e no Doutorado em Ciências Sociais que contribuíram para a inclusão de novos referenciais teóricos e metodológicos utilizados neste estudo e para a revisão e a adequação da proposta.

Pude perceber que, na interação entre pesquisador e pesquisados, a vinculação e a participação do pesquisador, de forma mais ativa, no contexto da pesquisa, por meio de aproximações sucessivas, podem agregar maior riqueza ao trabalho de campo. Nos encontros com o grupo de jovens, a presença de um observador foi fundamental para as readequações e para o retorno na utilização, naquele momento, do grupo focal. Também foi possível rever o vocabulário utilizado nas falas com os jovens, às vezes considerado requintado por eles, com a utilização de palavras que dificultavam seu entendimento em relação ao objeto de estudo e ao que se propõe discutir.

Merece destaque que a experiência do teste-piloto da pesquisa colaborou para a revisão de minha construção metodológica e da abordagem do objeto, além da importância do olhar amplo do pesquisador e da abertura para mudanças. Ficou explicitada a necessidade de imersão e de aproximações sucessivas do cenário de pesquisa, para além de visitas pontuais com o foco na coleta de dados. Para captar os aspectos referentes ao cotidiano, ao modo de vida dos jovens e à relação com a saúde, objeto deste estudo definido a partir do piloto desenvolvido, seria necessária uma imersão profunda no campo, minha aproximação com esses jovens para, junto deles, buscar perceber tal relação. A necessidade de maior presença no bairro, o trânsito pelas ruas, nos grupos e nas ações em que os jovens participavam ficou revelada como importante nesse momento.

Ficou claro para mim que discutir conceitos sobre saúde construídos *a priori* não me possibilitaria a compreensão do cotidiano. Os jovens participantes desse momento disseram que seria “legal participar porque o jovem não pensa muito nisso de saúde”. A inserção permanente no campo poderia ser reveladora de ações de

saúde porque fugia de conceitos padronizados e dos discursos instituídos sobre a saúde.

Destaca-se que a inserção pela rede social, apesar de facilitada pelo contato com os dispositivos sociais, foi um fator dificultador para a ampliação de meu olhar como pesquisadora, para os jovens da comunidade. Com uma bagagem de formação acadêmica cartesiana, com uma concepção que centrava na percepção da juventude pelo foco restrito de adolescência e, presa pela vertente predominantemente institucional, com a inserção pela rede fui, por muito tempo, aprisionada nesse meio, resultando no distanciamento do cotidiano dos jovens. Assim, mesmo inserida no cenário do estudo a partir da rede, meu olhar enquanto pesquisadora deveria ser de uma busca por aproximação dos dispositivos sociais que agregam os jovens e, para além disso, principalmente, dos próprios jovens em seu cotidiano que extrapolava as instituições, passos efetivados na segunda fase da pesquisa.

Por meio do teste-piloto e da inserção pela rede, percebi que conhecer o cotidiano para captar as ações de saúde deveria transcender uma apreensão rígida e instituída da saúde, necessitando, portanto, de uma imersão na cotidianidade dos jovens. Então, por meio da busca por aproximações sucessivas daquele contexto, partindo da proposta de mapeamento do bairro e da vinculação com os jovens em seu cotidiano, foi-me possível alcançar os objetivos propostos neste estudo.

Como primeiro passo para a produção do mapeamento do bairro e dos espaços juvenis, proposto no estudo, foi solicitado, à Companhia de Processamento de Dados de Belo Horizonte (PRODABEL), o mapa do bairro, incluindo as áreas de abrangência dos Centros de Saúde Felicidade 1 e 2. Também foram contemplados, nesse mapa, as instituições da região mapeados pela PRODABEL, bem como as áreas verdes e uma legenda com identificação das áreas de vulnerabilidade.

O mapeamento teve início em junho de 2008 e foi feito com o auxílio de 28 Agentes Comunitários de Saúde (ACS) dos Centros de Saúde Felicidade 1 e 2. Foi iniciado com os ACS da equipe Amarela do Centro de Saúde Felicidade 1, considerando que nessa equipe atuei como enfermeira na Estratégia de Saúde da Família, o que favorecia o reconhecimento da área e a inserção na comunidade. Os demais percursos foram agendados com os ACS, de acordo com a sua disponibilidade. Foi realizado, primeiramente, o percurso de toda a área de abrangência das sete equipes da Unidade, sendo levantadas todas as instituições,

pontos comerciais, praças, igrejas, entre outros, contemplando todos os estabelecimentos que não fossem somente residenciais. No percurso no bairro, conheci, registrei e complementei os dados do mapa fornecido pela PRODABEL. Assim, fui conhecendo a distribuição espacial das casas em meio às ruas e becos, dos dispositivos sociais, do comércio e outros espaços mapeados. As instituições levantadas como agregadoras de jovens foram posteriormente visitadas como forma de me certificar das ações oferecidas aos jovens da comunidade. Destaca-se que a pequena área do bairro fora da abrangência dos Centros de Saúde foi mapeada por mim, com o apoio de informações fornecidas pelos ACS. O mapeamento foi realizado em 18 horas de percurso, de 24 de junho a 14 de julho de 2008.

Após o mapeamento, agendei uma reunião com os ACS para apresentar os dados levantados. O mapeamento também foi apresentado em uma das reuniões da Rede, em 2009, sendo possível fazer alguns ajustes. Apresentei, para os representantes dos dispositivos sociais presentes, os grupos de jovens até então levantados na pesquisa, solicitando informações sobre grupos não mapeados. Nesse encontro, alguns participantes informaram sobre a existência de outros grupos de jovens, tais como: o grupo do Banco do Brasil que acontecia no Centro Alvorada discutindo a profissionalização de jovens, um grupo de pagode organizado pelos jovens, grupos de futebol e diversos grupos que se destinavam ao tráfico de drogas em pontos diferentes do bairro, sendo destacado que a situação do tráfico colocava a população em constante sensação de insegurança. Foi um momento rico que possibilitou a realização de complementações e a obtenção de novas informações sobre a comunidade.

Para além de uma proposta de mapeamento sistemático, busquei, ao longo de todo o trabalho de campo, captar a dinamicidade dos espaços sociais que se produziam e se consumiam ao longo de meu tempo de permanência no bairro. Assim, extrapolando o mapeamento construído com os ACS, pude, ao longo de dois anos de imersão no campo, circular sozinha e captar o movimento dos jovens nos diferentes espaços do bairro, conhecer e interagir com as pessoas da comunidade, incluindo-se os jovens. Por meio dessa interação e desse movimento, captei os lugares em que os jovens estavam mais presentes, reconhecendo sua dinâmica no bairro.

Como forma de sintetizar os grupos de jovens levantados durante o mapeamento no trabalho de campo, o Quadro a seguir apresenta os grupos e as instituições responsáveis por eles.

QUADRO 1

Grupos de Jovens do Bairro Jardim Felicidade, BH - MG

GRUPOS	INSTITUIÇÕES
25 Oficinas Culturais e esportivas	Programa Fica Vivo
4 Grupos do Pró Jovem	CRAS e ABAFE
5 Grupos: Socialização e Jovens de Paz	BAFE
5 Oficinas: Futebol, Informática, Coral, Teatro e Marcenaria	Centro Educativo Alvorada
2 Grupos Jovens	Igreja Católica
5 Grupos de Jovens	Igrejas Pentecostais
Comissão de Formatura	3 Escolas do bairro
4 Cursos profissionalizantes	CPDHJFE
Oficinas Profissionalizantes	Centro de Ed. Virgílio Resi"

Fonte: Dados da pesquisa, 2010.

Nota: As oficinas dessa instituição não acontecem dentro do bairro, mas inclui jovens do Felicidade.

O mapeamento permitiu uma aproximação com o cenário da pesquisa, a análise de macroaspectos que influenciam a vida no bairro e o movimento dos jovens no bairro. Pelo mapeamento, ficou claro para mim que o cotidiano dos jovens só seria captado e apreendido como objeto de pesquisa se eu permanecesse no bairro com os jovens, sabendo que, desse modo, facetas desse cotidiano seriam reveladas nesses encontros. Barbier (2002) chama de “lugares de acontecimento” os espaços em que se dão os encontros habituais e oficiais, além dos acontecimentos imprevistos, fundamentais de serem apreendidos. Esses fatos são captados por meio de técnicas intituladas pelo autor como “técnicas do banal e do cotidiano” em que se utilizam registros como notas em diário de campo e do gravador, instrumento de bolso fundamental para o pesquisador para que sejam oportunizadas e potencializadas as diversas escutas interessantes nesse tipo de pesquisa.

Para estar nos “lugares de acontecimento” no bairro Jardim Felicidade, busquei participar de diversos eventos e ações promovidos pelos jovens e pelos serviços da comunidade capazes de propiciar as aproximações sucessivas com os jovens. Particpei do Seminário “Juventude em Movimento”, promovido pela Administração Regional Norte da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 2008. Esse evento contou com a participação de estudiosos da temática da juventude, coordenadores de projetos juvenis, Coordenadoria da Juventude de Belo Horizonte e profissionais de diferentes instituições que agregam jovens. Foram abordados aspectos gerais da vivência da juventude, as políticas públicas direcionadas aos jovens e o pioneirismo da Regional Norte nessas discussões. Além disso, foram apresentados os avanços e desafios enfrentados pela Coordenadoria, o mapa das ações de juventude em Belo Horizonte, sendo destacado o incentivo à organização dos jovens como as pré-conferências livres que antecederam as Conferências Municipal e Nacional de Juventude, em 2008. A presença de um rapper envolvido com o trabalho com jovens em uma comunidade propiciou a reflexão de como os movimentos populares têm conseguido articulação e engajamento dos jovens para além do alcance das instâncias institucionais e normatizadoras.

O destaque maior desse Seminário em sua relação com a proposta deste estudo foi a apresentação de um vídeo, produzido e editado pelo Grupo de Mobilização Comunitária do bairro Jardim Felicidade, coordenado por três jovens da comunidade, com o objetivo de mapear as instituições e grupos sociais do bairro. Durante a apresentação, os jovens comentaram que a proposta do vídeo surgiu em decorrência da “importância de desconstruir o rótulo dado ao bairro Jardim Felicidade como local violento e sem perspectiva”. Visaram, assim, que a apresentação do vídeo à comunidade criaria um sentimento de pertencimento dos jovens e adultos ao bairro, o prazer em residir nele. Esperavam superar a representação da vivência nesse bairro por falta de opção, uma compreensão dos espaços sociais e do que oferecem à população e que ocorra também a prevenção à criminalidade. O vídeo também foi apresentado na reunião da Rede com sugestões para a divulgação na comunidade.

Outra participação importante para a captação da realidade objetiva deu-se pelo convite feito pela coordenadora do Fica Vivo para que eu me integrasse em um projeto de discussão sobre Sexualidade e Afetividade, iniciado em 2008, envolvendo várias instituições que agregavam jovens na comunidade. Esse projeto visava

capacitar os profissionais para uma abordagem integral e adequada junto aos jovens que normalmente transitavam entre as diversas instituições da comunidade. Participei de reuniões em que foram discutidas dificuldades recorrentes referentes à prática sexual, homossexualidade, abuso sexual, entre outras. A parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde, em especial a Coordenação de IST/AIDS, possibilitou iniciar, em 2008, a capacitação dos profissionais dos centros de saúde do bairro, com duração de dois meses e com uma proposta de intervenção pelos participantes.

Ainda em 2008, ocorreu o I Seminário Local de Prevenção à Criminalidade do Bairro Jardim Felicidade para discutir a política de prevenção à criminalidade e as ações locais do bairro Jardim Felicidade. Discuti-se, nesse dia, que uma política de repressão não é eficaz na redução da criminalidade e da violência, sendo que o enfrentamento da criminalidade ocorre pela construção da cidadania. Foi apontada a importância da mediação de conflitos, a mobilização comunitária, o fomento ao capital social, buscando qualidade de vida para a comunidade construída a partir de uma leitura social, unindo setores como saúde, educação, social, entre outros.

Considerando que, em sua maior parte, os grupos de jovens, mapeados no território na primeira fase da pesquisa, foram aqueles institucionalizados, as primeiras aproximações com os jovens se deram por meio desses grupos. Optei por iniciar pelas Oficinas do Fica Vivo desenvolvidas no bairro. Estive presente em uma das reuniões mensais dosicineiros, no início de 2009, para a apresentação da pesquisa e esclarecimento sobre minha participação nos encontros com os jovens.

Buscando, então, aproximar-me do cotidiano dos jovens, direcionei meu olhar para a observação dos grupos aos quais alguns jovens do bairro estavam vinculados. A primeira Oficina do Fica Vivo observada foi a de Circo que ocorreu em fevereiro de 2009. Minha integração na roda foi solicitada pelosicineiros sendo feita uma apresentação de forma lúdica de todos os integrantes. Após a apresentação, participei do ensaio de técnicas dos jovens, tendo inclusive que atuar com eles. Busquei diversificar as ações observadas no bairro, indo a diferentes grupos, de modo a apreender o ir e vir dos jovens na comunidade, bem como seu envolvimento e sua participação nos grupos.

A participação na organização e na realização da caminhada pelo meio-ambiente também foi uma importante vivência junto da comunidade, com os jovens. Muitos deles foram com camisetas de grupos aos quais estavam vinculados e

participaram de forma ativa das ações realizadas no percurso. Essa ação configurou-se como mais um momento em que as questões referentes à saúde se apresentaram de forma transversal às vivências da comunidade e dos jovens.

Particpei também da apresentação da peça de teatro dos jovens da Oficina de Teatro e de outros jovens, ganhadora do prêmio estudantil de teatro cuja temática se referia à violência intitulada “Não morre um homem, morre uma história”, realizada no Teatro Izabela Hendrix em abril de 2009. A apresentação contou com a participação de cerca de 100 pessoas, a maioria jovens moradores do bairro e participantes do Fica Vivo. Mais uma vez, foi possível perceber como a temática da violência atravessa todos os espaços do bairro e o cotidiano dos jovens.

Mesmo na fase interpretativa do estudo, mantive a estratégia de participar de todos os eventos culturais realizados na comunidade ou fora dela com o envolvimento dos jovens participantes da pesquisa, de modo a estar presente em seu cotidiano, durante o ano de 2010. Assim, foi possível encontrar os jovens da pesquisa em vários eventos como na Apresentação Cultural do Pró-Jovem em que havia sete jovens, convidados em diferentes espaços do bairro. Em outros, como no Duelo de Hip Hop, não encontrei nenhum dos jovens participantes, mas pude ampliar meu olhar sobre o cotidiano e a diversidade de experiências socializadoras da juventude. Particpei também de sessão de cinema no Centro Cultural para os jovens do bairro, além de estar presente em jogo de futebol do Fica Vivo, em um bairro vizinho. Desse modo, foi-me possível circular em diferentes contextos de inserção dos jovens como forma de captar seus itinerários.

Em 2010, particpei de nova apresentação teatral dos jovens da Oficina de Teatro do Fica Vivo, intitulada “Fala mulher: que mundo você quer”. Nessa peça, os jovens do bairro representaram o lugar ocupado pela mulher na sociedade pós-moderna, discutindo os estigmas e preconceitos sofridos pelas mulheres. Destaca-se que um dos jovens participantes da pesquisa foi o responsável pela produção musical dessa peça e me convidou para a estreia do espetáculo.

Fizeram parte dos cenários de observação, as seguintes práticas, apresentadas no Quadro a seguir:

QUADRO 2
Práticas dos jovens observadas no Bairro Jardim Felicidade, BH – MG

OBSERVAÇÕES

Reuniões mensais da rede de apoio social do Conjunto Jardim Felicidade

Oficina de Teatro do Programa Fica Vivo

Oficina de DJ

Missas da Igreja Católica

Oficina de MC do Programa Fica Vivo

Oficina de Breik do Programa Fica Vivo

Apresentação teatral da Oficina do Programa Fica Vivo

Oficina de Grafite do Programa Fica Vivo

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010.

A realização do mapeamento do bairro permitiu uma aproximação com a realidade e com jovens inseridos em alguns grupos e instituições, além de um maior conhecimento dessa realidade, delineando o momento exploratório do campo. Essa fase possibilitou-me, ainda, uma maior aproximação com o universo sociocultural dos jovens, importante para o delineamento dos passos seguintes da pesquisa.

Para o momento interpretativo do estudo, direcionei meu olhar para o dia a dia, do que ocorre nas instituições e projetos a que os jovens se vinculam, mas também nos “interstícios das instituições”, nos diferentes espaços e nos momentos de tempo livre dos jovens para apreender os modos de vida juvenis. Esses espaços se revelam como um conjunto indissociável, contraditório e solidário de sistemas de objetos e de valores, momentos entre as diferentes práticas que compõem o dia a dia dos jovens e nos quais eles se revelam (SANTOS, 2006). São espaços que explicitam o modo de operar a vida que cada jovem constrói e que mostram tanto a reprodução de práticas hegemônicas quanto a capacidade criativa e inovadora de cada jovem na adoção de novos hábitos cotidianos.

Para isso, com foco no âmbito singular da realidade objetiva, buscando apreender os sentidos e significados da saúde no cotidiano desses jovens e a construção do plano analítico do modo de vida, optei por eleger, a princípio, alguns espaços sociais da cotidianidade desses jovens: uma escola, uma instituição religiosa, um grupo do Fica Vivo, o campo de futebol, a praça e um bar. Esses

espaços foram selecionados tendo em vista que, pelo mapeamento, pareciam perpassar o cotidiano dos jovens, além de serem prevalentes no bairro, como as igrejas e bares, considerando também, a participação e a presença dos jovens como na escola, no Fica Vivo e no campo de futebol, captadas na primeira fase da pesquisa.

Nesses espaços, a intenção era convidar, preferencialmente, dois jovens para a participação na pesquisa: um do sexo feminino e um do sexo masculino, privilegiando a faixa etária entre 15 e 29 anos e considerando a empatia e interesse pela participação no estudo. Foi, também, por meio do mapeamento e da vivência no campo, que se revelou a necessidade de readequação na seleção desses espaços, sendo excluídos a praça e o bar e incluídos mais uma Oficina do Fica Vivo e um dos grupos do Pró-Jovem. Nesses espaços e no contato com os jovens, busquei constituir o plano dos modos de vida com a realização de entrevistas com 19 jovens moradores do bairro para apreender a subjetividade expressa em seu cotidiano, importante para se traçar a relação entre as três dimensões da realidade objetiva: singular, particular e estrutural. Ressalto, desse modo, que a apresentação dos jovens participantes da pesquisa foi feita após a discussão da fase exploratória, importante na definição dos espaços sociais nos quais esses jovens foram convidados a participar da pesquisa.

4.3.2 Mapeamento, observação, diários e entrevista: as técnicas e os instrumentos do trabalho de campo

A escolha dos instrumentos, das técnicas e dos procedimentos de pesquisa foram coerentes com os pressupostos teóricos adotados e com a problemática oriunda da pesquisa, como forma de viabilizar a apreensão do objeto. Neste estudo, a multiplicidade de técnicas e sua triangulação permitiram ampliar as possibilidades de aproximação e captação do cotidiano dos jovens (GOMES et al., 2005). Assim, estudar o modo de vida dos jovens não poderia ser feito de forma desvinculada de seu contexto social, sendo que a apreensão no cotidiano buscou captar as singularidades, as rotinas, as rupturas e tensões vividas. Por meio da sociologia do cotidiano e de meu olhar como pesquisadora, inquieto e questionador, busquei analisar as contradições nos processos nos quais as micro e macroestruturas são produzidas, sem desconsiderar a interferência dos fatores estruturais na constituição

do cotidiano (PAIS, 2003a). O estudo se constituiu como um movimento de ir e vir e de inter-relação entre as duas fases, considerando o movimento dialético de ação/reflexão/ação.

A coleta dos dados referentes à dimensão singular e particular da realidade dos jovens foi um momento de reflexão sobre a condição juvenil, bem como das ações de saúde presentes em seu cotidiano. Da coleta, emergiram as contradições que permeiam a práxis, fundamentais para o delineamento do estudo. O mapeamento, instrumento utilizado na fase exploratória da pesquisa, foi importante como revelador dos espaços ocupados pelos jovens como aproximação da dimensão particular de sua realidade objetiva. Permitiu analisar o quão denso seria adentrar a dimensão singular dessa realidade sendo fundamental a escolha de técnicas, ferramentas e dispositivos capazes de revelar essa realidade.

Outra estratégia fundamental para a coleta dos dados foi a observação com o diário de campo. Essa observação iniciou-se com o mapeamento do bairro na primeira fase da pesquisa e perpassou toda a segunda fase proposta no estudo. A partir da observação, foi possível apreender o que os jovens realizam em seu dia a dia, uma vez que permitiu a apreensão do cotidiano em outra perspectiva, diferente do discurso narrado, com uma qualidade de informações que se distingue das fornecidas por outras técnicas. Destaca-se que a abordagem na observação “pode levar a conhecer os meios inacessíveis de outras maneiras, fornecendo informações raras e que as pessoas desses meios não forneceriam voluntariamente”. (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 153). Além disso, a observação participante também facilitou a captação de uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que os sujeitos são observados no próprio contexto, transmitindo o que há na vida real (MINAYO, 1999).

Tendo concretizado o mapeamento, na fase interpretativa do estudo, realizei a observação nos cenários selecionados. Após o convite aos jovens participantes, passei a focar, nesses espaços, os participantes da pesquisa bem como a relação entre esses e o conteúdo das relações. Mesmo sendo espaços em que os jovens já estariam presentes, minha presença como observadora foi acordada com os participantes, em relação aos dias e horários em que compareci. A observação permitiu apreender as experiências cotidianas dos jovens, seu ir e vir na comunidade, as ações que realizavam no dia a dia e os grupos aos quais estão

vinculados, para conhecer o sentido dessas vivências na condição juvenil e as interfaces com sua saúde.

Destaca-se que essa técnica possibilitou também uma integração com os jovens e a construção de uma relação de confiança no início do trabalho de campo. É importante considerar também a necessidade de reflexão sobre o que vem a ser participar de uma pesquisa que tem a observação como uma das técnicas de coleta de dados bem como seus problemas éticos. Spink (2007) destaca, nesse sentido, que, para a observação, são necessários empatia e rompimento com a possibilidade de um registro neutro, uma vez que o pesquisador se confronta com o olhar do outro. Desse modo, as questões éticas passam pela revelação aos sujeitos participantes da pesquisa sobre quem somos, o que fazemos e qual a finalidade da pesquisa, além do compromisso da devolução dos dados e da co-construção explícita das interpretações (SPINK, 2007).

As notas de observação do cotidiano foram registradas no diário de campo, instrumento imprescindível nas pesquisas qualitativas. No diário, foram relatados os fatos observados, com minhas impressões, meus sentimentos e minhas interpretações acerca das experiências vivenciadas. Na construção do diário de campo de forma bem descritiva, evitei o registro de opiniões e/ou julgamentos sobre as situações observadas. Os registros compuseram o quadro das representações sociais, ou seja, as categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, explicando-a, questionando-a e justificando-a (MINAYO, 2007).

Para maior apreensão da realidade, após mapeá-la, optei também pela utilização do diário do participante, da entrevista e pela continuidade da observação com o diário de campo. Utilizar essas técnicas e instrumentos permitiu-me conhecer aspectos mais específicos da dimensão singular e particular da realidade objetiva dos jovens, considerando que a melhor forma de análise dos modos de vida revelados em seu cotidiano e de como pensam e sentem, dar-se-ia por meio de seu discurso e de suas ações, sem desconsiderar o contexto em que suas vivências ocorrem.

Desse modo, após um período mínimo de uma semana de observação em cada espaço selecionado, comecei a convidar os jovens a participar da pesquisa. Aos jovens convidados, foi apresentada a proposta da pesquisa e explicitado como seria sua participação. Aos que concordaram em participar, foram repassados o

diário, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do jovem e do responsável, quando necessário. No diário, foi pedido aos jovens que expressassem seu dia a dia, da maneira como desejassem e que essa produção fosse feita diariamente.

Utilizar o diário do participante como técnica de pesquisa possibilitou revelações que, pela fala ou pela observação, possivelmente, não seriam obtidas. Trabalhar com uma ferramenta mais íntima dos sujeitos participantes que não requeria uma interlocução direta com a pesquisadora foi capaz de oportunizar a captação de vivências particulares e ricas para a análise dos modos de vida juvenis e da saúde. A proposta de utilização do diário do participante partiu do entendimento de que pudesse ser um instrumento de expressão espontânea, criativa e reflexiva dos jovens sobre seu cotidiano, sendo também um dispositivo capaz de explicitar suas tensões e de revelar o que compõem e produzem na realidade de sua vida.

Após o convite e o aceite dos jovens, busquei realizar contato diário com eles durante uma semana, nos espaços em que haviam sido convidados ou por telefone, para agendamento das entrevistas individuais. Pretendi, com isso, despertar nos jovens uma reflexão inicial sobre o seu dia a dia, a ser aprofundada na entrevista. Com alguns jovens, esse foi um exercício proveitoso, capaz de disparar reflexões para as quais até então não se tinham despertado. Para outros, nesse intervalo entre o convite e a participação na pesquisa, com a proposta do diário e a entrevista, mesmo com o contato diário, nada tinha sido produzido até a data da entrevista.

Com outros jovens, o contato foi difícil por não estarem frequentando os espaços nos quais haviam sido convidados ou por estarem sem contato por telefone.

A maioria se manifestou dizendo com satisfação que eu continuasse ligando já que ninguém ligava para eles no celular. Nesses contatos, alguns jovens diziam estar fazendo registros nos diários e relatavam seu dia a dia para mim. No trânsito pelas ruas do bairro, pude encontrar com duas jovens participantes que estavam com o diário e, na oportunidade, me mostraram um pouco da produção com desenhos e longos textos.

Foi interessante perceber as reações dos jovens ao serem convidados a participar do estudo e receber o diário: um pequeno caderno pautado de diferentes cores podendo escolher a que mais lhes agradava e, nele, retratar o seu dia a dia. Alguns jovens manifestavam-se animados com a proposta do diário; outros, desmotivados, questionando o quanto teriam que escrever e até mesmo se teriam que preencher todas aquelas páginas. Para alguns jovens, o diário se apresentava

como um “amigo próximo em que se podia confiar”, expressão de uma das jovens participantes que afirmou poder colocar no diário suas angústias, tristezas, conquistas e sonhos.

Alguns jovens disseram não ter produzido porque estavam “com preguiça”, sendo que até o dia da entrevista não haviam se expressado no diário. Outros justificaram a pouca escrita porque seus dias eram iguais. Destaca-se que essa fala foi recorrente como manifestação dos jovens trabalhadores participantes do estudo. Alguns chegaram a afirmar que no diário estavam colocando “altos conselhos” para mim. Desse modo, para muitos jovens o diário assumiu um papel de confidente, de amigo, de relato e reflexão sobre o dia a dia. A rotina dos jovens surgiu no diário expressa na afirmação da jovem Patrícia ao apontar que “hoje o dia foi sem graça como os outros”. Em alguns diários os jovens apontaram “não ter o que relatar sobre aquele dia”. Outros, fizeram relatos diários seguindo a cronologia da semana e de datas, e alguns dias específicos nos quais se esqueceram de relatar determinados acontecimentos ou a vivência daquele dia, fizeram menção ao esquecimento e, no dia seguinte, construíram a reflexão sobre o dia anterior. Houve um depoimento também de uma jovem de que adorou preencher o diário já que vivia muito sozinha e que nunca teve uma oportunidade de fazer um diário, um exercício de reflexão sobre seu dia a dia. Um dos jovens relatou que a oportunidade de fazer o diário foi muito interessante já que pôde “contar a sua história para alguém que importaria com ela”.

As diferenças de gênero, também, foram percebidas na produção dos diários. O diário das jovens mulheres eram mais coloridos, produzidos com adesivos e com longos relatos. Os dos jovens homens, de modo geral, eram mais objetivos, muitos com desenhos substituindo a escrita e a maioria com poucas palavras. Diários com produção de grafite, de rap e de versos também foram construídos pelos jovens homens. Destaca-se que o diário de um dos jovens foi construído somente com desenhos, iniciado na página final do caderno. Esse jovem, apesar de estar no quinto ano do ensino fundamental tinha dificuldades significativas para a escrita.

Destacaram-se, nos diários, os relatos de conflitos, de dilemas do dia a dia, de violência e de muitas entrelinhas que perpassam o dia a dia dos participantes. A utilização do diário como um caderno pautado com linhas de preenchimento em todas as páginas pode ter sido um limitador para a expressão da criatividade dos jovens que, mesmo assim, não hesitaram em se expressar pelo desenho, pelos versos, pelo jogo de palavras e pelas narrativas.

Na construção dos diários, percebi o potencial e os limites da utilização do diário do participante por requerer uma elaboração dos jovens sobre suas vivências cotidianas podendo tirar-lhes a espontaneidade e a naturalidade com que as ações ocorrem. Por outro lado, pelo diário, foi possível perceber a reflexão de alguns jovens sobre seu dia a dia em relação a situações e experiências que muitos deles revelaram jamais ter tido condições de elaborar, sendo que muitas delas tampouco seriam relatadas verbalmente a mim. Destaco, aqui, a reflexão de um jovem sobre o conceito de maldade e de malícia feita no diário; a vivência frequente de violência familiar de uma das jovens; os conflitos de relacionamento e matrimoniais, dentre outras experiências marcadoras da condição juvenil dos participantes da pesquisa, que puderam ser reveladas nos diários produzidos.

Uma jovem e um jovem participantes da pesquisa vivenciaram um período de hospitalização durante a participação no estudo. Pedi a esses jovens que relatassem, no diário, essa experiência, sendo que um deles se justificou afirmando não ter relatado no diário porque, para ele, o diário era um espaço para relatar somente as coisas boas. Reforcei com esses jovens que seria importante que relatassem sobre o processo de adoecimento e de hospitalização.

A outro jovem, que vivenciou um período depressivo e a demissão do trabalho durante a participação na pesquisa, foi permitida a permanência com o diário por um período maior para que pudesse, caso fosse seu desejo, manifestar-se sobre essas experiências. Entretanto, mesmo sendo essa uma demanda sua, ele não registrou tais vivências no diário, dizendo que estavam sendo expressas nas letras musicais que estava compondo para sua banda e que delas já havia me relatado. Destaca-se que esse jovem, no dia em que foi demitido, fez contato telefônico comigo para conversar sobre essa situação e, em todas as oportunidades de encontro, trazia para nossa conversa as estratégias de superação dessa fase.

Outro aspecto interessante revelado nos diários foi a expectativa do final de semana, sendo expressa como “até que enfim é sábado” e, no domingo, “o fim de semana acabou”. Entretanto uma contradição frequente nos diários refere-se ao fato de que, apesar de grande expectativa pelo final de semana, alguns jovens se manifestavam descrevendo esses dias como aqueles em que “não se fazia nada”.

Transcorrido um período de uma semana de permanência do diário com os jovens, agendei as entrevistas com eles, sendo que, após a entrevista, os jovens puderam permanecer por mais um mês com o diário, sendo meu contato mantido

com eles durante esse período. Considerando que essa fase da pesquisa se estendeu por cerca de três meses, optei por deixar o diário com os jovens por um período maior, mantendo com eles contatos semanais, seja por telefone ou pela ida aos espaços por eles freqüentados. Estar com o diário por um período maior, para alguns jovens, significou revelar ainda mais sobre seu cotidiano.

Uma das jovens participantes relatou todos os seus dias no período de dois meses em que permaneceu com o diário. Para outros jovens, os relatos feitos durante o período de uma semana foi o produto final. O tempo de permanência do diário com os jovens participantes variou entre um mês e três meses e quatro dias, sendo o período médio de um mês e meio a dois meses e meio. Apenas um jovem permaneceu com o diário por um período de três meses e quatro dias pela dificuldade de conciliar os encontros e a entrega do diário. É interessante refletir, aqui, sobre essa dificuldade de entrega do diário por alguns jovens participantes que agendavam, se encontravam comigo e não o levavam. Alguns chegaram a dizer que estavam com receio de que, após me entregarem o diário, não tivessem mais contato comigo. Até mesmo aqueles em cujos diários havia poucos relatos, com até um mês sem registro, ofereceram resistência à devolução. Dos 19 participantes, um jovem, durante o período de produção do diário, relatou tê-lo perdido e não o devolveu. Outro jovem, por ter sujado o diário em seu trabalho, pediu-me que o deixasse “passar a limpo” para que pudesse entregar. Todos os diários tiveram as páginas numeradas e o sigilo dos jovens resguardado. Houve jovens que faziam contato em meu celular, desligavam para que eu retornasse e me confidenciavam situações de vida ou, até mesmo, diziam que eu havia sumido, questionando minha ausência de seus espaços habituais. Nesse período, também ocorreram desencontros. Alguns jovens agendavam comigo e não compareciam; outros, desmarcavam quando eu já os aguardava.

Ao final desse período, antes de recolher o diário, pedi aos jovens que escrevessem nele a concepção sobre ser jovem e se eles se consideravam jovens, reflexões importantes para a análise dos dados da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas de março a maio de 2010, após agendadas com os participantes em locais de sua própria escolha. Cinco optaram por fazê-la em suas residências; quatro, na escola; um, em seu local de trabalho na comunidade; dois, em um espaço público do bairro próximo de suas residências e os sete demais, nos espaços em que eram desenvolvidos a atividade ou o projeto a

que estavam vinculados. Destaca-se que somente o espaço do campo de futebol não foi escolhido pelos jovens para a realização da entrevista.

Nessa diversidade de espaços para a realização das entrevistas, pude perceber o receio de alguns jovens em relação ao bairro, a sua casa e à possibilidade de que eu estivesse presente nesses espaços. As entrevistas realizadas nas casas permitiram conhecer a moradia dos jovens. Todas eram simples, a maioria sem acabamento, com poucos cômodos e muitos moradores. Algumas entrevistas foram realizadas no quarto; outras, em espaço externo da casa; outras, no quarto-sala. Alguns jovens mais receosos com minha presença chegaram até mesmo a se desculpar pela simplicidade. Em alguns momentos, pelo trânsito de pessoas nas casas, tive que interromper a entrevista ou, até mesmo, permitir algumas interferências dos presentes como filhos pequenos, avó e vizinhos.

Destaca-se que três entrevistas precisaram ser reagendadas em decorrência do não-comparecimento dos jovens. Alguns justificaram por ter tido jogo de futebol naquele horário, outro jovem esteve internado não sendo possível desmarcar; outro se esqueceu.

As entrevistas tiveram duração de vinte e cinco minutos a uma hora e trinta minutos. Foram marcadas por momentos de silêncio, de choro e de euforia. Duas delas merecem ser destacadas pela necessidade de interrupções, idas e vindas e repetições. A primeira foi a entrevista com a jovem da escola com necessidades especiais, realizada em sua casa e que a todo o momento reportava a sua mãe para responder às questões feitas. Relatava ter esquecido as perguntas feitas ou a resposta que daria. Mesmo sendo tão desafiante, essa foi uma entrevista muito rica, trazendo elementos de análise importantes para o estudo. A segunda foi a entrevista realizada com o jovem educador do Pró-Jovem que ocorreu em quatro momentos diferentes tendo em vista que esse jovem relatou ter somente o tempo entre a oficina e o horário de almoço como sendo aquele o possível para sua participação na pesquisa. É interessante destacar que o fato de essa entrevista ter se realizado em diferentes dias de diferentes semanas, tomou aspectos terapêuticos frente à situação vivenciada pelo jovem em que elaborava seus dilemas, reconhecendo, ao final de sua participação na pesquisa, como um exercício que o fez ver-se “protagonista de uma história rica”.

Para a realização das entrevistas individuais, utilizei, como instrumento, o roteiro semiestruturado, uma vez que possibilitava novos questionamentos, à

medida que a entrevista decorria, permitindo maior revelação do fenômeno em estudo (TRIVINOS et al., 1994; MINAYO, 2007). A entrevista também ofereceu todas as perspectivas possíveis para que o jovem participante alcançasse a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação, condição indispensável à compreensão dos mundos-vida dos entrevistados e de grupos sociais específicos (GASKELL, 2002).

A princípio, pretendia, no trabalho de campo, observar o cotidiano de cada jovem em um período mínimo de sete dias para, em seguida, realizar a entrevista individual com roteiro semiestruturado com a intenção de complementar e aprofundar a análise e a compreensão da realidade objetiva de sua vida na dimensão singular. Entretanto, a observação nos espaços selecionados evidenciou a complexidade dessa proposta, uma vez que o cotidiano pode ser, em muitas situações, relatado ou descrito mas pouco experienciado e observado por outra pessoa, frente a suas singularidades. Mesmo assim, em algumas entrevistas, pedi aos jovens que me falassem sobre situações, atividades ou momentos de seu dia a dia passíveis de ser compartilhados comigo. As ações ou práticas indicadas foram, em sua maioria, aquelas ligadas ao próprio espaço no qual haviam sido convidados a participar ou outras desenvolvidas em locais públicos da comunidade como na escola, na igreja, nas oficinas do Fica Vivo, no Pró-Jovem, na Escola Aberta e no campo de futebol. Além de apontarem os espaços públicos como aqueles em que era possível a minha presença, aí interagiam comigo de forma significativa, conversando sobre o dia a dia, buscando me envolver nas atividades, como o convite para participar dos lanches, do jogo de futebol, do teatro na escola e do passeio do Pró-Jovem. Uma jovem chegou a afirmar que “me levar para onde ela vai no final de semana é chato né”. Outro me disse que pensaria em quais espaços eu poderia estar já que “não era assim, numa coisinha boba” que ele me convidaria.

Outro chegou a falar da vergonha que seria para ele a minha presença nesses espaços. Considerando essa dificuldade para alguns jovens participantes da pesquisa, não foi questionado sobre a minha possível presença nos espaços e atividades de seu dia a dia, centrando a observação nos espaços sociais a que estavam vinculados. A opção de utilizar o diário de campo do participante por um período de uma semana para, em seguida, realizar a entrevista, foi a estratégia adotada para possibilitar maior reflexão sobre os jovens em seu cotidiano.

Alguns jovens faziam menção durante a entrevista a situações ou reflexões que já haviam colocado no diário como a apresentação pessoal, sua história de vida, experiências de encontros, desencontros e rupturas familiares. Esses registros permitiam certa intimidade na condução da entrevista e na relação com eles, tendo uma troca mais subjetiva com os participantes que se apresentavam abertos e receptivos à proposta do estudo.

A estratégia adotada de participação nos eventos culturais na comunidade possibilitou-me ampliar o olhar sobre e no cotidiano, bem como sobre a diversidade de vivências juvenis. Desse modo, foi possível circular em diferentes contextos de inserção dos jovens dessa comunidade como forma de captar seus itinerários, durante todo o trabalho de campo.

Ao final das entrevistas, pedi aos jovens que me indicassem outros jovens para participação na pesquisa. Cinco tiveram dificuldade para essa indicação, justificando que teriam que pensar um critério para indicar ou por não saber se o colega ou amigo desejaria participar, por não ter amigos ou se o amigo teria tempo. Numa análise dessa situação, considero que essa dificuldade também poderia se referir à proposta metodológica da pesquisa, já que alguns deles disseram que iriam pensar e explicar ao amigo a proposta para ver se haveria interesse.

É interessante destacar que os dez jovens que indicaram outros participantes utilizaram como critérios, de modo geral, aspectos referentes ao círculo de amizade, ao convívio familiar ou parentesco, proximidade geográfica ou a vinculação ao mesmo espaço social em que foi convidado a participar da pesquisa, como a escola. Destaca-se que dois jovens indicaram colegas a partir da aparência: “é um jovem alto que parece ter saúde” e outro tido como jovem que “tinha a saúde fraca porque era gordinho”. Uma jovem indicada por uma das participantes recusou-se a participar da pesquisa. Aos quatro últimos jovens incluídos na pesquisa, considerando a saturação dos dados com a elucidação dos questionamentos propostos no estudo, não foi solicitada a indicação de jovens para participação. Levando-se em conta que as entrevistas com os jovens indicados foram feitas simultaneamente com aqueles convidados em diferentes espaços, foram incluídos três jovens indicados pelos demais participantes na pesquisa.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes o que, em certos momentos, constrangeu os jovens em seus relatos. Algumas entrevistas continuaram após a interrupção da gravação. A inclusão de jovens no estudo foi

interrompida quando as entrevistas revelaram que o fenômeno em estudo estava elucidado, com os questionamentos respondidos, obedecendo ao critério de saturação dos dados na pesquisa qualitativa (MINAYO, 2007). Destaca-se que as entrevistas foram transcritas e retornadas aos jovens participantes que manifestaram interesse, para a confirmação das informações e acréscimos que considerassem necessários, sendo todos arquivados com a pesquisadora.

Destaco, aqui, que, após algumas entrevistas, eu estava angustiada, desgastada, perplexa com a realidade de vida, com as desigualdades e mazelas que perpassavam o dia a dia de alguns jovens. Foi preciso, então, fazer o exercício de distanciamento da realidade como pesquisadora, de buscar percebê-la como espaço em permanente mudança atravessado por tensões, limites e possibilidades para além daqueles relacionados ao objeto de pesquisa.

4.3.3 Aspectos éticos

Durante a realização do estudo, foram respeitados os preceitos éticos para pesquisa envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). Todas as etapas deste projeto estiveram em concordância com a Resolução 196/96, o que exigiu a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (Parecer nº ETIC 608/07) (ANEXO B) e da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte (Parecer 098/2007) (ANEXO C). Após a qualificação do projeto de tese, foram apresentadas, ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais, as alterações do projeto sendo aprovadas em fevereiro de 2010 (ANEXO D), não sendo necessária nova aprovação pelo Comitê da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte já que a fase interpretativa da pesquisa não tinha relação com o serviço municipal de saúde.

Para a realização das observações feitas durante todo o trabalho de campo, respaldei-me na perspectiva da pesquisa social e sua reflexão sobre a complexidade das questões éticas nessa modalidade de estudo. Nesse sentido, estando nos espaços sociais, cumpria a formalização da pesquisa com os coordenadores ou responsáveis, de modo a não impactar em alterações na dinâmica das atividades por meio de minha presença nesses espaços nem mudar a rotina dos jovens nesses espaços.

Aos jovens participantes do estudo, foi entregue o TCLE (APÊNDICE A e B), sendo os dados coletados após o consentimento e a assinatura do Termo. Também foi apresentado o Termo de Consentimento aos pais ou responsáveis pelos jovens com idade inferior a 18 anos, obedecendo-se aos requisitos da Resolução 196/96.

Destaca-se que houve recusa de quatro jovens a participar da pesquisa, sendo acatada pela pesquisadora. Durante o período de coleta de dados, foi feito contato comigo pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), considerando duas ligações telefônicas anônimas de um responsável por um jovem do bairro Jardim Felicidade. As ligações foram recebidas no COEP-UFMG, relatando que o convite do jovem para participação na pesquisa foi feito na rua e que “o jovem não seria cobaia de estudos”. Considerando que o responsável não se identificou, a situação sobre o convite aos jovens bem como o andamento da pesquisa foram esclarecidos ao COEP-UFMG pela pesquisadora.

A partir dos jovens convidados nos espaços selecionados, foi solicitada a indicação de forma livre, de outros jovens para participação na pesquisa, de modo que, partindo dos primeiros contatados, novos participantes foram inseridos no estudo de forma sucessiva, até a elucidação do fenômeno, com a saturação dos dados coletados a partir da revelação das respostas aos questionamentos de pesquisa. Foram respeitadas as recusas de indicação ou a manifestação de necessidade de reflexão para essa indicação, feita por alguns participantes. A proposta foi de se formar uma rede de jovens, buscando contemplar a diversidade etária, de gênero, raça/etnia, estado civil, formação e ocupação. Os critérios de indicação dos outros jovens foram apresentados pelos informantes-chave, sendo que a inclusão na entrevista do estudo buscou contemplar homens e mulheres, estudantes e trabalhadores, brancos e negros e de diferentes situações quanto ao estado civil.

4.4 Análise dos Dados

Considerando a relação dialética entre as dimensões da realidade objetiva, a partir do diário do participante, das entrevistas e da observação com o diário de campo, foi possível analisar o conjunto de ações, práticas e pensamentos que emergiram dos jovens participantes da pesquisa. Essa compreensão fez-se fundamental uma vez que foi, na dimensão particular formada pelos processos de

reprodução social e inserção nos sistemas produtivos, que se revelaram a dinâmica e a historicidade da juventude bem como a inserção dos sujeitos nessa realidade, articulados com a macroestrutura. A proposta foi a de explorar como os jovens interpretavam sua realidade por meio da análise de suas vivências cotidianas no bairro e as interfaces dessas vivências com sua saúde.

Para a compreensão e a análise da relação entre os modos de vida juvenis, o cotidiano e a repercussão na saúde dos jovens, foi estabelecida a interdependência entre as dimensões singular (práxis da saúde de cada jovem), particular (vivências cotidianas da juventude) e estrutural (a forma de organização das ações macrossociais direcionadas aos jovens), a partir da análise da realidade.

Para a análise dos dados, optei por seguir os passos propostos por Minayo (2002, 2007) na análise hermenêutica e dialética, buscando conjugar a compreensão proposta pela hermenêutica com a análise crítica das relações históricas e antagônicas da prática social empírica em seu movimento contraditório, proposto na dialética, de modo a construir uma reflexão fundada na práxis, em um processo compreensivo e crítico. Entretanto, busquei superar, na análise, os desafios que Minayo (2007) traz na análise do material qualitativo: a superação da sociologia ingênua e do empirismo para penetrar nos significados da vivência da realidade pelos atores, sucumbir à magia dos métodos e das técnicas, buscando a fidedignidade na compreensão dos materiais e de sua totalidade e, por fim, o obstáculo referente à síntese das teorias e dos achados em campo. Considerando a complexidade e a amplitude dos dados apreendidos na realidade objetiva do bairro Jardim Felicidade, busquei partir do nível macrossocial para o micro, num movimento de revelação da inter-relação entre esses níveis e apreensão do contexto, fundamental para a análise. Desse modo, parti do mapeamento, do reconhecimento do bairro e dos jovens presentes e busquei analisar a realidade dos jovens para captar os modos de vida expressos em seu cotidiano. A intenção foi a de analisar a totalidade do objeto delineado neste estudo, buscando não fragmentá-lo, tomando a técnica de análise como suporte e o cotidiano como analisador central para a construção das narrativas.

Mesmo não utilizando a cartografia como método de pesquisa, os passos dados no delineamento do trabalho de campo e da análise dos dados visou a construção de mapas do cotidiano da vida dos jovens. Partindo do mapeamento realizado, busquei construir o plano descritivo e exploratório do estudo. Na interação

dos dados dos diários, das entrevistas e da observação, nos espaços nos quais vivenciam seu dia a dia, construí o plano analítico, de modo a tomar a realidade em sua dinâmica cotidiana, para retratar a condição juvenil bem como a saúde no cotidiano dos jovens. E, nesse sentido, o reconhecimento da singularidade foi estratégia fundamental para a análise dos dados e da condição juvenil, buscando apresentar, de forma ampla, cada jovem participante da pesquisa.

Com esse olhar analítico sobre os jovens em seu cotidiano, busquei elaborar as rotas capazes de revelar sua implicação nesse cotidiano. O que fazem e como descrevem esse dia a dia, quem são os demais atores envolvidos, buscando contemplar a singularidade da vida de cada jovem e, a partir daí, elucidar os eixos analíticos relacionados à saúde. E, nesse sentido, o mapeamento e a apreensão do contexto sócio-histórico dos jovens constituíram-se como o primeiro marco fundamental para a análise, contemplando a fase exploratória do estudo.

Desse modo, captar ações de saúde no cotidiano dos jovens permitiu a ampliação dos campos visuais sobre os territórios existentes em seu cotidiano, revelando as expressões e as manifestações de subjetividade produtoras de cuidado e também de não-cuidado com a saúde. Para Rolnik (2006), esse movimento se consolida por meio de estratégias de transformação do “olhar-retina”, buscando captar as singularidades e afetos do cotidiano de jovens, para um “olhar-vibrátil” na composição e na expressão do real.

Neste estudo, o analisador foi considerado como aquele que “faz aparecer coisas que estão ali, mas não tão visíveis”, de modo a experimentar vários mapas analíticos da cotidianidade dos jovens bem como as revelações dos incômodos, dos ruídos e linhas de tensão que permeiam esse cotidiano. Para captar as continuidades e discontinuidades presentes no cotidiano de vida dos jovens foi preciso olhar sua realidade além da perspectiva fisiológica. Requereu um olhar de modo a captar a ação dos jovens produzindo a realidade e produzindo a si mesmos, simultaneamente, além da realidade objetiva, de modo a captar a dimensão subjetiva, singular, também reveladora das contradições, e a perceber a dinâmica dos processos que compõem o cotidiano dos jovens (MERHY; FRANCO, 2009).

Foram feitas a leitura e a releitura das entrevistas, dos diários dos participantes e do diário de campo da pesquisadora, de modo a traçar as abordagens reflexivas a partir dos aspectos estruturais do cotidiano, com a constituição do momento interpretativo do estudo. Nessa fase, a conjugação entre a

entrevista e o respectivo diário de cada jovem foi fundamental para a revelação do cotidiano, explicitando as vivências e as contradições presentes na vida dos jovens e em que momento dessa vida as ações de cuidado com a saúde se manifestavam.

Esse processo de ordenação dos dados foi importante na revelação das implicações dos jovens com e em seu cotidiano, bem como da captura dos eixos estruturantes da análise. O movimento de análise se deu partindo do conteúdo manifesto, compreendendo o contexto de vida dos jovens e buscando apreender o conteúdo latente na expressão dos jovens em seu cotidiano e das ações de saúde presentes nele. Para isso, foram necessárias idas e vindas na relação com os jovens, de modo a permitir maior expressão das percepções e reflexões sobre o cotidiano.

Busquei, com essa análise, enxergar outros campos de visibilidade dos jovens de modo a captar a saúde em seu cotidiano, em outro plano operante, diferente daquele racionalizador e cartesiano com o qual tradicionalmente os vemos. Desse modo, apresento a confluência do material empírico com o teórico na revelação da saúde no cotidiano dos jovens.



Grafite realizado pelo Jovem Lucas em seu diário

5 FASE EXPLORATÓRIA - O BAIRRO JARDIM FELICIDADE: EXPLORANDO O TERRITÓRIO E SEUS ESPAÇOS SOCIAIS

Para a análise dos dados da pesquisa, apresento primeiramente uma reflexão referente à fase exploratória, contemplando o mapeamento e a aproximação com o cotidiano dos jovens. Revelo, desse modo, as condições de vida no bairro, bem como os espaços sociais selecionados para, em seguida, apresentar os jovens participantes da pesquisa.

O movimento construído, desde a fase exploratória para a análise da relação entre o cotidiano e a saúde dos jovens, buscou articular a dimensão singular, particular e estrutural, a partir da realidade objetiva do bairro. A dimensão singular contempla cada jovem, incluindo os aspectos biológicos, sociais e culturais que explicitam o sujeito, o simbólico de si e a subjetividade. Na dimensão particular, expressão das vivências cotidianas dos jovens, estão incluídos os espaços e redes sociais, marcados pelas condições de vida nessa realidade e que confluem nos modos de vida juvenis. Na dimensão estrutural do fenômeno em estudo, encontram-se as formas de organização das ações macrossociais, reveladas nas políticas públicas e sua interface com a juventude que explicitam a forma de organização da sociedade. A dimensão estrutural foi considerada apenas na inter-relação com a dimensão particular e singular da realidade objetiva, focos deste estudo.

A Figura abaixo traz uma representação simbólica da realidade objetiva que determina os modos de vida juvenis, para ilustrar a conjugação dessas dimensões da realidade num movimento espiral e de interdependência:

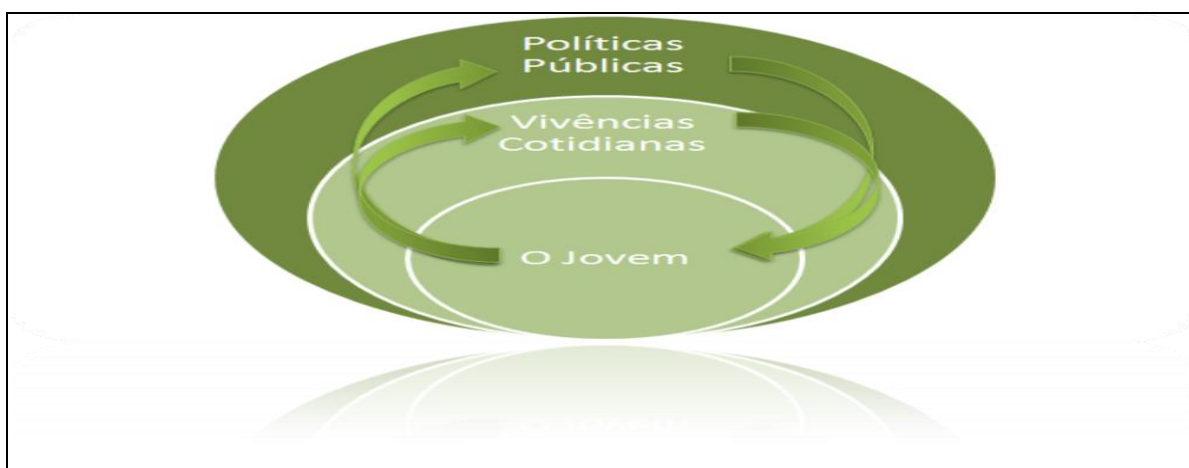


FIGURA 2- Representação da dimensão singular, particular e estrutural da condição juvenil
Fonte: Análise dos dados da pesquisa, 2010.

Conjugar a análise dessas dimensões da realidade com a imersão no cotidiano dos jovens nesse território foi estratégia potente na pesquisa. O território foi considerado como um espaço vivo e em permanente transformação, entendido na perspectiva de Sacardo e Gonçalves (2007) que apontam que:

Para além das condições objetivas que oferece, ou não, para os que nele habitam, como redes de serviços públicos e de serviços privados, redes comunitárias, oferta de trabalho e renda, equipamentos de lazer e cultura, apresenta também as dimensões subjetivas, que decorrem das relações estabelecidas pelos sujeitos com seu território, manifestadas em desejos, sonhos, sofrimentos e nas redes de sociabilidade construídas. (SACARDO, GONÇALVES, 2007, p. 114.)

Explorar a realidade neste estudo, desvelar o bairro Jardim Felicidade, um aglomerado, numa visão panorâmica e percorrer suas ruas íngremes e estreitas traçadas em dois montes atravessados por um córrego poluído, com casas sem acabamento que contrastam com seu entorno foi, ao menos, inquietante e desafiador.

Apesar de ter atuado em um dos centros de saúde do bairro e de buscar participar das atividades da comunidade, meu itinerário ali era limitado a espaços específicos, o que resultava numa (in) visibilidade parcial com um desconhecimento do bairro e dos jovens cuja vida pulsa cotidianamente naquele território. Foi importante conhecer esse lugar de forma mais minuciosa, as potencialidades e fragilidades dessa comunidade e aproximar-me do cotidiano para, em seguida, apreender a relação desses jovens, seres de desejos e conflitos, com sua saúde.

Considerando que este estudo se estruturou a partir do cotidiano dos jovens, a realização do mapeamento do bairro foi fundamental para a compreensão do cenário da pesquisa.

O mapeamento do bairro permitiu conhecer os possíveis espaços ocupados pelos jovens, remetendo a aspectos de pertencimento e de identidade. Apesar de não ter a intenção de analisar o bairro do ponto de vista socioeconômico, captar a realidade objetiva buscando articular as dimensões que a compõem, foi fundamental para entender as vivências juvenis que ali ocorriam.

Corroborando com essa reflexão, Abramo (1997) afirma que é na conquista e na inserção no espaço que os jovens constroem as redes de relações nas quais, pela similaridade de condições, processam a busca de definição de novos

referenciais de comportamentos e identidades. As relações dos jovens são marcadas tanto pelo campo simbólico quanto pelo espacial. Desse modo, compreender o território para, a partir dele, captar a condição juvenil, bem como os modos de vida revelados, foi estratégia fundamental para a apreensão da saúde no cotidiano dos jovens. Fez-se necessário o conhecimento sistemático dessa realidade, uma vez que o espaço é relacional e deve ser considerado como um conjunto indissociável em que estão, de um lado, objetos geográficos, naturais e sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento (SANTOS, 1998).

Destaca-se que as notas do diário de campo e o mapeamento foram os principais instrumentos que embasaram a fase exploratória da pesquisa.

5.1 Condições de vida e espaços sociais juvenis no Jardim Felicidade

Como já explicitado, o bairro Jardim Felicidade apresenta-se como um bairro popular, sendo considerado de alta vulnerabilidade. Para Nunes (2007), as aglomerações urbanas, por suas próprias características, constituem áreas onde as interações sociais se redefinem, a partir das diferentes possibilidades que o estar próximo nos coloca. Temos, nos aglomerados, um cotidiano peculiar que, pela natureza dos vínculos sociais que ali ocorrem, criam ambientes de atração e repulsa entre os moradores e usuários de seu território: de fato, seria praticamente impossível estabelecer laços com todos os indivíduos com os quais cruzamos no dia a dia de uma cidade. Penna (1997) considera que o senso de comunidade e de solidariedade construído por moradores de espaços marginais não é tão compreendido por sujeitos externos a esse espaço, uma vez que vivem com recursos com que a sociedade imagina que não poderiam viver, sendo necessário encarar essa condição sob outra perspectiva, com sua heterogeneidade. O pertencimento a um grupo em um dado território faz com que os moradores compartilhem problemas e estreitem os laços uns com os outros, em meio às vulnerabilidades que se lhes apresentam.

Para Porto (2007), as vulnerabilidades fazem a conexão entre as dinâmicas globais da sociedade e os espaços mais localizados nos quais os riscos se realizam ao atingirem territórios e populações particulares. Essas vulnerabilidades resultam na introdução e na multiplicação dos riscos, ao mesmo tempo em que reproduzem

relações sociais que geram e mantêm desigualdades. Os contextos vulneráveis são tidos, desse modo:

Como aqueles nos quais os riscos dos sistemas sócio-técnico-ambientais são agravados em decorrência de vulnerabilidades sociais que permitem a (re)produção social de populações, setores produtivos e territórios vulneráveis aos riscos, ao mesmo tempo em que processos decisórios e as instituições responsáveis pela sua regulação e controle não atuam de forma efetiva, pelo menos para certos grupos e territórios (PORTO, 2007, p. 35).

É no território que se expressam o conflito entre o local e o global, os recortes das horizontalidades, como lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial e de verticalidades. Como pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais, o espaço banal, espaço de todos, todo o espaço e os espaços das redes tidos como uma parte do espaço, espaço de alguns. Tal dimensão coloca-nos perante a dialética do território e as geografias das desigualdades produzidas pelo sistema-mundo. O que há nele de permanente, no que Santos (1998) aponta, é o fato de ser nosso quadro de vida. É no território local, um dos mais eficientes espaços de resistência, que o poder se exercita, que os confrontos se explicitam e que as estratégias de dominação são mais nítidas.

A perspectiva de compreensão desse território se deu também com base nos referenciais de Magnani (2007) atribuídos como “lugar”. O lugar se apresenta, então, como um espaço socialmente construído, no qual se inserem as condições objetivas e subjetivas de reprodução social (ARAÚJO, 2007) Com base nessa compreensão, o bairro Jardim Felicidade apresenta-se como um lugar em que as práticas sociais se concretizam, em que os encontros e desencontros dos jovens acontecem e em que as possibilidades de vida se revelam.

Destaca-se que conhecer esse lugar, esse território, foi fundamental, uma vez que o local onde esses jovens residem tende a ser determinante no acesso a certos pontos de encontro, de lazer, na determinação de valores, entre outros. Além disso, as interações cotidianas dentro do bairro podem ou não ser favorecidas pela presença de diferentes serviços e organizações. Conhecer o território e a dinâmica espacial dos jovens também pode sinalizar para sua situação de saúde pelas especificidades manifestas naquele espaço e que determinam as possibilidades de viver e morrer.

A compreensão do Bairro Jardim Felicidade, a partir da vulnerabilidade social manifestada, faz-se necessária para a análise da saúde no cotidiano dos jovens uma vez que o entendimento dos processos que levam esses jovens a ser mais ou menos vulneráveis ao se defrontarem ou produzirem determinadas situações de risco, pode ser revelador para a adoção de estratégias com as quais o setor saúde pode contar no cuidado com os jovens.

A análise desse território, neste estudo, buscou ir além do limite geográfico restrito uma vez que, quando se pensa na juventude, esses limites são facilmente rompidos, numa dimensão simbólica que, mesmo considerando o limite geográfico, é marcadora do modo de vida juvenil. Nesse sentido, Araújo (2007) destaca que compartilhar determinada condição socioeconômica, vivenciar problemas parecidos e ter demandas semelhantes não fazem dos jovens, membros efetivos de um mesmo território do ponto de vista sociológico. Para se compreender esse território, é fundamental ir além de limites geográficos, em direção às vivências juvenis.

Estudar o território do ponto de vista sociológico exige considerar a relação indissociável entre os atores sociais que o utilizam e a dimensão que vivem (KOGA, 2003). Desse modo, o trabalho de campo partiu da realização do mapeamento do bairro, construído como forma de identificar os espaços ocupados pelos jovens e de suas vivências locais para, a partir daí, num segundo momento, chegar até eles na “tessitura da trama do seu cotidiano”.

Durante o percurso com os ACS, tivemos oportunidade de conversar sobre assuntos referentes ao bairro, problemas que percebiam e a disponibilidade de ações para os jovens. Nessas conversas, o espaço da rua foi apontado com uma polissemia de sentidos para a vida desses moradores, oscilando entre um espaço positivo, de lazer e interação, para aquele violento, marcado pela criminalidade e pelas drogas (Notas de observação, 24/06/08). Fomos abordados por outros moradores que questionaram o motivo de nossos percursos por todo o bairro.

Nesses percursos, por meio do encontro com jovens, foi possível começar a aproximação com o cenário e suas condições de vida. Nos primeiros percursos feitos, percebeu-se como movimentam no bairro, seja na ida para a escola e para o trabalho, no bate-papo nas esquinas, no trabalho nos comércios do bairro, seja nos grupos relacionados ao tráfico. O alto número de jovens presentes nas esquinas chamou-me a atenção, sendo também destacado pelos ACS.

Por meio do mapeamento do bairro, foi possível levantar cerca de 380 pontos comerciais e/ou aqueles que não se caracterizavam somente como residência merecendo destaque o quantitativo de bares (86), instituições religiosas ou células (50) e salões de beleza (26). Os demais pontos incluíam os serviços de saúde e educação e outros pontos comerciais como mercearias e padarias, sorveterias, farmácias, papelarias, bazar, academias, oficinas mecânicas, lan house, entre outros. Nesse quantitativo, também foram contemplados locais como venda de roupas, alimentos como salgados e marmitex que funcionam em residências adaptadas para o comércio.

Na realização do mapeamento, dois pontos chamaram-me a atenção: primeiramente, o número de igrejas e células, em especial as pentecostais, presentes nessa comunidade. No levantamento das 50 igrejas e células, foi possível verificar a existência de duas igrejas católicas no bairro, 45 igrejas pentecostais e/ou células e três centros espíritas. Foi certificado que as duas igrejas católicas tinham grupos de jovens com encontros semanais e que algumas igrejas pentecostais também contavam com essa mesma atividade. Esse dado reforça o que já é apontado na literatura referente à ampliação do pentecostalismo nas periferias e espaços mais pobres do país e de que as instituições religiosas continuam produzindo espaços para os jovens com formação de grupos que marcam as identidades juvenis e que podem influenciar no itinerário de vida construído por eles (NOVAES, 2005b). Como apontado pela mesma autora, importante se faz compreender o “quanto”, “como” e “quando” o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam nas práticas sociais dos jovens, incluindo, para este estudo, o cuidado com a saúde.

Desse modo, busquei pistas para a construção de uma possível relação entre religiosidade e saúde e, nesse sentido, Vasconcelos (2006) salienta que o trabalho em saúde, desde os primórdios da formação da sociedade, tem as práticas de cura e prevenção de doenças ligadas de forma estreita às práticas religiosas. Destaca que a religião, campo de elaboração subjetiva, tem sido o espaço em que muitas pessoas constroem, de forma simbólica, o sentido de sua vida e buscam motivação para a superação da crise existencial colocada pela doença, como um suporte para a vivência de situações adversas. Essa reflexão foi importante na segunda fase do estudo, de modo a captar como a religiosidade se manifestava para os jovens em seu cotidiano.

Outra situação que, a meus olhos, pode se destacar é o grande número de bares no bairro, totalizando oitenta e seis. No mapeamento, feito em vários dias de percurso pelo território, percebeu-se o movimento nesses bares, predominantemente de homens, jovens e idosos. Busquei apreender, nos itinerários feitos, alguns espaços em que os jovens pudessem ter momentos de lazer, de prática de atividade física e atividades lúdicas. Levantou-se a existência de um campo de futebol, utilizado por jovens nas tardes e aos finais de semana. Chama a atenção a carência de espaços públicos de lazer a despeito de, no bairro, existirem quatro áreas intituladas pela comunidade de pracinhas, construídas em finais de ruas ou em cruzamentos. O que confere a essas áreas esse título é o fato serem gramadas e de terem alguns banquinhos. Uma delas, um pouco maior, pareceu ser também ocupada em alguns momentos pelos jovens do bairro. Esses espaços foram revelados como aqueles nos quais os jovens poderiam estar presentes, mesmo não se configurando pela formalidade instituída pelo poder público como espaços de lazer que exigem estruturas de outra ordem.

Na fase exploratória da pesquisa, pela construção do mapeamento e participação nas reuniões da Rede, foi possível reconhecer, na área de abrangência do bairro e nos limites dele, 14 entidades que atendem a jovens, algumas pertencentes à rede local, a saber: ABAFE; Casa Recriar; Centro de Saúde Felicidade 1 e 2; Centro Alvorada; Conselho Popular em Defesa dos Direitos Humanos dos Moradores do Bairro Felicidade (COPODHEMFE); Escola Municipal Jardim Felicidade; Escola Municipal Rui da Costa Val; Escola Municipal Florestan Fernandes; Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade; Grupo de Ação Social São Francisco Xavier; CRAS, vinculado ao Programa BH-Cidadania; Núcleo de Prevenção à Criminalidade. No APÊNDICE C, é feita uma breve descrição dessas entidades com a oferta de ações direcionadas aos jovens⁵.

Por meio da análise do mapeamento, foi possível constatar que, no bairro, há expressividade de projetos oriundos de políticas públicas relacionadas à garantia de necessidades básicas da população residente como a educação, a saúde, os direitos humanos e assistência social e a segurança. Naqueles que se destinam à população jovem local, percebe-se o foco nos aspectos educacionais como a Escola Integral e Escola Aberta, o cultural e de assistência social, como os projetos

⁵ Síntese dos serviços feita a partir do mapeamento, do catálogo da rede e de notas da pesquisadora nas reuniões, durante o período de 2008 a 2010.

vinculados ao Programa BH-Cidadania e os de cunho preventivo da criminalidade, como o Programa Fica Vivo.

A existência desses projetos no bairro revelou a busca pela redução das vulnerabilidades expressas no território. Nesse sentido, oferecendo ações direcionadas aos jovens, esses programas são dispositivos governamentais que podem visar também a construção de mecanismos de controle dos riscos. A depender da maneira como esses dispositivos têm suas práticas materializadas, podem também impactar na saúde dos jovens. Desse modo, além de possibilitar aos jovens a ocupação do tempo livre, esses programas pareciam, nesse momento da pesquisa, direcionar o tempo do jovem para as práticas que mais interessam ao âmbito político, como estratégia de minimização de riscos.

É importante destacar a ausência de serviços como bancos, casas lotéricas, correios, entre outros, o que dificulta o acesso a bens e serviços pela comunidade que, além das mazelas sociais, enfrentam dificuldades estruturais importantes. O acesso de ônibus dentro do bairro é restrito com uma linha centro-bairro e duas linhas de ônibus circulares com acesso ao metrô da região. Além de diminuir o acesso a serviços fundamentais e a oportunidade de emprego para muitos jovens da comunidade nesses serviços, a restrição nas alternativas de circulação na cidade repercute nos modos de vida desses jovens que têm seu espaço restrito ao entorno ou que buscam alternativas para circular na cidade.

No mapeamento, foi possível identificar, em três escolas do bairro, a formação de comissões de formatura pelos jovens, não existindo, em nenhuma delas, o espaço de grêmios estudantil. Durante essa etapa da pesquisa, também busquei obter informações sobre as iniciativas dos jovens com uma mobilização própria da juventude que não fosse institucionalizada, como a formação de grêmios, grupos musicais e outras mais, a princípio, com a conversa com os ACS e por meio da observação. Nesse momento da pesquisa, não foi identificada a formação de nenhuma iniciativa da própria organização juvenil nessa comunidade, o que foi revelado na segunda fase da pesquisa em que o contato com os jovens explicitou outras formas de participação juvenil. Com o mapeamento, ficou ainda a impressão de que grande parte dos jovens da região estava envolvida em projetos sociais institucionalizados. Discutir a participação juvenil envolve aqueles espaços para além dos lugares tradicionais da política como o movimento estudantil, as organizações partidárias ou sindicais. Envolve a compreensão da diversificada face

social dos jovens que passa pelo engajamento em grupos culturais, religiosos e esportivos, em projetos sociais e ONGs cujas ações imediatas visam refletir, criticar e propor alternativas para as comunidades locais e que (re)inventam possibilidades de o jovem estar e agir no espaço público (NOVAES; VITAL 2005). O contato com essas outras formas de participação juvenil foi possível na segunda fase da pesquisa.

Destaco, aqui, a perspectiva apontada por Abramo (2008) em relação aos espaços juvenis de convivência, definidos a partir de três modelos nos quais os grupos mapeados no bairro Jardim Felicidade também poderiam ser analisados: aqueles que acolhem os jovens no período extraescolar com atividades lúdicas e formativas e que ocupam o tempo livre; aqueles com atividade de expressão e participação juvenil e aqueles ofertados por diferentes áreas do poder público, específicos para jovens.

Desse modo, pelo mapeamento, pareceu que o movimento dos jovens no bairro oscilava entre a perspectiva de pertencimento às diferentes instituições como a escola, aos projetos sociais, as vivências religiosas e culturais no bairro, e o de não-pertencimento, daqueles que, por causa da violência, das drogas ou da criminalidade, ocupavam outros espaços e construía um caminho mais cerceado de liberdade, do ir e vir na comunidade, estando, desse modo, conformando outros territórios, ou talvez se desterritorializando em seu próprio bairro.

A fase exploratória da pesquisa possibilitou a reflexão sobre como e onde se dava a vivência cotidiana dos jovens. Isso porque, nos limites, a escola se depara com sérias dificuldades por não saber lidar com a diversidade de experiências trazidas pelos jovens de classes populares (DAYRELL, 2008) e os projetos sociais, os quais pareciam reforçar a perspectiva de jovens como aprendizes e educandos, para ocupar seu tempo livre, tido como perigoso. O que esses jovens faziam no dia a dia e no tempo livre? Que relação a saúde poderia ter com esse cotidiano na percepção dos próprios jovens? Foi por meio da aproximação sucessiva com eles, no processo de realização da pesquisa, que foi revelada a diversidade de experiências que compõem o cotidiano, bem como os outros movimentos realizados pelos jovens na comunidade e nos espaços de socialização.

Além disso, estar nesse universo permitiu-me elucidar as possíveis relações entre a condição juvenil e a saúde dos jovens, bem como a relação dos jovens com os programas sociais locais, num contexto marcado pela desigualdade social.

Foi por meio dessa vivência, como já apontado, que foram selecionados os espaços sociais do bairro para imersão no cotidiano e o convite a alguns jovens para participar da pesquisa. A escolha da Escola Estadual do bairro deveu-se ao fato de ser a única com ensino médio e, portanto, concentrando uma parcela significativa de estudantes jovens do bairro. As outras três escolas do bairro são municipais oferecendo o ensino fundamental e com menor parcela de jovens.

Estrategicamente, iniciei a inserção nas vivências juvenis pela escola selecionada: a Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade. Inaugurada em 1986 com o nome de Escola Estadual do Bairro Jardim Guanabara, oferecia, nessa época, o ensino de primeira à quarta série, sendo expandido para ensino médio em 1987 e para o ensino fundamental, somente em 1994. Atualmente tem o ensino fundamental nos turnos da manhã, da tarde e da noite; o ensino médio, nos turnos da manhã e da noite; a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Programa de Ensino Profissionalizante (PEP), no turno noturno, iniciados em 2006. Em 2008, teve início, na escola, o projeto intitulado “Acelerar para vencer” com foco na formação de jovens em idade escolar defasada, alocados nas turmas do EJA⁶. A escola tem hoje cerca de 2.500 alunos em idade a partir dos seis anos, sendo majoritariamente moradores dos bairros Jardim Felicidade, Floramar e Jardim Guanabara.

Na vivência nessa escola, pude apresentar a proposta da pesquisa, bem como a aprovação no Comitê de Ética para o diretor, a vice-diretora e a coordenadora pedagógica. Considerando o recorte etário em relação à juventude proposto no estudo, compreendido entre 15 e 29 anos, foi definida a realização de sorteio entre as turmas do turno da manhã e da noite que contemplavam essa faixa etária: 12 turmas da manhã e 24 turmas da noite. Desse modo, foram sorteadas uma turma do primeiro ano do ensino médio regular da manhã e uma turma do segundo ano do ensino médio regular da noite. A opção de focar os dois turnos deveu-se ao fato de que a condição juvenil e os modos de vida dos jovens estudantes do turno diurno e noturno são diferenciados por serem permeados por vivências e especificidades decorrentes da diversidade juvenil.

A dinâmica da turma foi observada durante duas semanas com minha presença em sala de aula e nas atividades e trânsito dos jovens na escola. A partir do contato com essas turmas, foi feito o convite a dois jovens para participar da

⁶ Histórico construído com base no documento de Regimento Escolar da Escola.

pesquisa buscando uma representação equitativa entre o sexo masculino e feminino. Apesar de já ter realizado o convite para participação na pesquisa, destaca-se que dois jovens – um rapaz e uma moça - manifestaram interesse em fazer parte do grupo, sendo incluídos como participantes.

Para a escolha da igreja como um espaço em que os jovens presentes expressam um determinado itinerário e considerando o grande número de igrejas no bairro, optou-se por realizar um sorteio entre as 50 mapeadas. A opção por sortear dentre o quantitativo geral de igrejas deveu-se ao fato de que os jovens estavam presentes nesse espaço, independente da formação de grupos específicos. A primeira igreja sorteada foi a “Igreja Deus é Amor” que já não existia mais na comunidade. Foi feito, na sequência, o sorteio da Igreja Monte Sião. Essa igreja foi fundada no bairro em 1988, sendo a primeira da comunidade e a mais antiga do bairro.

Selecionada como cenário, também foi observada durante uma semana. Nela, aconteciam cultos quatro vezes na semana e, no período de minha permanência, não acolhia grupo de jovens. Foi possível perceber que os jovens pouco participavam nos cultos durante a semana; porém, aos domingos, a presença dos jovens é mais marcante, possibilitando o convite a dois jovens para participar da pesquisa: uma jovem casada de 24 anos e um jovem de 15 anos.

Quanto ao Fica Vivo, foi realizado sorteio para selecionar, dentre as 25 oficinas de jovens do programa, aquela que iria inserir na pesquisa para o convite aos jovens. Assim, a oficina de Grafite foi contemplada e foi feito o primeiro contato com os jovens. Esse grupo reunia-se duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos sábados, em um espaço da comunidade e contava com a participação de cerca de 25 jovens em cada encontro. Essa oficina acontece no bairro desde 2007 juntamente com a de Rap e DJ, até 2009. Nessa oficina, os jovens participavam tanto das atividades de música quanto das produções de grafite, tendo três oficinairos responsáveis pelos encontros. Participei da exibição de um filme e dos ensaios para uma apresentação cultural na comunidade, produzida nos encontros dessa oficina. Ao final de todos eles, era servido um lanche, ansiosamente esperado, momento de compartilhamento dos jovens participantes. De modo geral, as oficinas do programa têm, como objetivos, prevenir a criminalidade, facilitar a circulação e o acesso dos jovens aos serviços e aos espaços públicos, possibilitar o acesso ao esporte, lazer, cultura e formação profissional, a vivência do direito de ir e

vir, favorecer a inserção e a participação em novas formas de grupos, trabalhar temas relacionados à cidadania e aos direitos humanos, além de possibilitar a criação de espaços de discussão e enfrentamento de conflitos e rivalidades (MINAS GERAIS, 2003).

O campo de futebol, selecionado como espaço social que fazia parte do cotidiano dos jovens do bairro, foi observado por um período de duas semanas para posterior convite aos jovens. Esse espaço foi fundado em 1987 pela Associação Comunitária do Jardim Felicidade, logo após a inauguração do bairro e caracteriza-se pela presença exclusiva de jovens do sexo masculino, com grande diversidade de faixas etárias (crianças, jovens e adultos) que participam dos jogos e treinos. Durante a semana, o campo tem uma programação fixa de treinos e, aos finais de semana, acontecem os jogos de times amadores, abertos à comunidade de forma geral. São desenvolvidos diversos treinos com os jovens da comunidade sendo que, nas segundas, quartas e sextas pela manhã e à tarde, o campo é ocupado pelo grupo de Futebol que tem apoio do Fluminense Futebol Clube em parceria com a ONG Sonhos de Liberdade. Às quartas-feiras e domingos acontecem, no campo, os jogos do grupo de futebol do Fica Vivo e, às terças-feiras e quintas-feiras à tarde, jogos com crianças, coordenados por um líder comunitário. Aos finais de semana, acontecem os jogos de times de futebol amador, incluindo o da Associação Atlética do Felicidade, constituído por adultos do bairro, além de jogos de outros times da região que alugam o espaço. Foram convidados dois jovens para participar do estudo e, considerando não ter sido possível o contato com jovens do sexo feminino nesse espaço, a alternativa encontrada foi buscar essa representação em outro espaço do bairro com a mesma característica de atividades esportivas. Desse modo, foi incluída a Oficina de Futsal do Fica Vivo que acontece desde 2007, em uma quadra no Centro Alvorada, coordenado por um movimento da Igreja Católica pela mesma pessoa que ministra a oficina de Futebol no campo do bairro. Normalmente, participam cerca de 20 jovens vindos diretamente da escola ou do trabalho. Como a participação em jogos e campeonatos em outros bairros era uma prática frequente, o grupo se sentia motivado e participava dos treinos mesmo em dias de chuva intensa.

A princípio, a intenção era incluir uma praça do bairro; porém o espaço destinado a essa finalidade configurava-se como local de trânsito das pessoas e de pequena dimensão. Além desse, havia outros três espaços similares, porém menores, identificados no mapeamento, nos quais não me foi possível encontrar

com jovens nos períodos de vivência no cenário da pesquisa, por pelo menos um período de um mês de passagem diária e de permanência, sob sol ou chuva, por cerca de 15 minutos. Desse modo, optei por excluir esse espaço que na vida do jovem é utilizado como rua de passagem e considerar a possibilidade de abordá-los em outros locais.

Por fim, a proposta de inclusão de um bar, apontado no mapeamento também como um espaço que perpassava a vida cotidiana dos jovens não foi operacionalizada na pesquisa, considerando os dilemas para a inserção nele.

Apesar do número significativo de bares no bairro e de alguma presença de jovens nos bares, principalmente no período noturno, após iniciar a vivência diária no bairro, foi possível perceber o quanto seria desafiadora a inclusão de um bar como cenário. Pude perceber que os bares mais frequentados por jovens eram aqueles considerados pontos estratégicos de tráfico de drogas, determinando a dificuldade de permanência e de inserção ali como pesquisadora.

Além disso, no contato com os jovens convidados nos outros espaços, não foi atribuído aos bares significado a ser considerado como local de encontros sistemáticos, apesar de quantitativamente terem presença relevante na comunidade.

Considerando a exclusão da praça e do bar como lócus da pesquisa e tendo em vista o reconhecimento das oficinas do Pró-Jovem como significativas para a inserção de jovens, essas oficinas passaram a compor o universo da pesquisa.

O Pró-Jovem existe no bairro Jardim Felicidade desde 2009, com a modalidade Pró-Jovem Adolescente. Trata-se de um programa do Governo Federal que substituiu atividade semelhante para esse grupamento, o Programa para jovens, desenvolvido na região desde 2002. Destinado aos jovens de 15 a 29 anos, com o objetivo de promover sua reintegração ao processo educacional, sua qualificação profissional e seu desenvolvimento humano, é composto pelas modalidades Pró-Jovem Adolescente, Pró-Jovem Urbano, Pró Jovem Campo - Saberes da Terra e Pró-Jovem Trabalhador (BRASIL, 2008).

O Pró-Jovem Adolescente é coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, constitutivo dos serviços de proteção básica, de acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Atende aos jovens pertencentes às famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, a egressos de medidas socioeducativas de internação ou em cumprimento de outras medidas socioeducativas em meio aberto, egressos do Programa de Erradicação do Trabalho

Infantil ou egressos ou vinculados a programas de combate ao abuso e à exploração sexual. Quando ainda era intitulado Programa para Jovens, era repassado um valor de 65 reais aos participantes, sendo hoje, o repasse feito diretamente à família, no valor de 30 reais por jovem. O Pró-Jovem Adolescente integra participantes de 15 a 18 anos em questões referentes à cidadania, cultura, trabalho e esportes com o objetivo de estimulá-los na elaboração de projetos de vida pessoal e comunitária. É certificado pelo CRAS em parceria com a ABAFE, executora do programa. Conta com a participação de uma técnica de referência do CRAS, uma coordenadora pedagógica da ABAFE e dois educadores sociais, moradores do bairro. No ano de 2009, o Pró-Jovem iniciou com o envolvimento de 139 jovens, finalizando com a participação de 77. Em junho de 2010, contava com a participação de cerca de 70 jovens, organizados em quatro turmas, sendo duas no horário da manhã e duas pela tarde, com três encontros semanais. Nesse espaço, foram convidados a participar da pesquisa um jovem e uma jovem sendo que, uma terceira manifestou interesse em participar e outro jovem foi incluído, considerando a vinculação e a empatia estabelecida com a pesquisadora pela escuta qualificada de seus dilemas juvenis.

Desse modo, foram incluídos, como espaços sociais para o convite de jovens participantes da pesquisa, uma escola, uma igreja, a oficina de Grafite e a de Futsal do Programa Fica Vivo, o Campo de Futebol e o Pró-jovem. A seguir, apresento reflexões sobre esse momento do trabalho de campo, contemplando o vivido nesses espaços e seus interstícios, bem como a forma de aproximação e acolhida desses e pelos jovens participantes da pesquisa.

5.2 Os espaços sociais selecionados no bairro e os jovens presentes neles

“A realidade social não é facilmente acessível ao pesquisador pronta a entregar-se ao primeiro sinal de galanteio”. (PAIS, 2003b).

A aproximação com a realidade dos jovens, neste estudo, foi feita de maneira sucessiva, buscando partir de uma análise mais ampla sobre o bairro para, em seguida, encontrá-los em seu cotidiano. Desse modo, a riqueza, o fascínio e as possibilidades do trabalho de campo foram revelados paulatinamente, possibilitando a análise das contradições, das desigualdades, dos limites e dos recursos presentes na realidade de ser jovem, morador de um bairro popular: o Jardim Felicidade.

Com a vivência no campo, foi possível perceber que, para “encontrar” os jovens em seu cotidiano numa perspectiva de ver a juventude “por dentro”, era preciso apreender os determinantes e condicionantes do modo de vida juvenil: as relações na escola, no trabalho ou na busca por ele, na família e com os amigos, o uso do tempo livre e as sociabilidades, introjetando os meandros e percalços que fazem parte dessas vidas. Nesse aspecto, aproximar da Sociologia do Indivíduo (LAHIRE, 2005) possibilitou-me relacionar as diferentes facetas da heterogeneidade do sujeito para ser compreendido em seu contexto e a articulação com a Sociologia da vida cotidiana permitiu-me analisar os jovens nesse cotidiano, estabelecer interfaces com a saúde, tendo como referência os modos de vida juvenil.

Assim, pesquisar o cotidiano dos jovens, o tempo ocupado, miúdo e assoberbado foi um trabalho instigante, desafiador e, ao mesmo tempo, gratificante. Instigante por possibilitar a compreensão de articulações, de conflitos, de vitórias, de angústias e desejos dos jovens. Desafiador pela própria natureza das relações humanas que passa pelo vínculo, pelas diferenças e mazelas sociais, pelos silêncios perante as questões da vida e que, em várias situações, exigiu de mim, como pesquisadora, a leveza e o discernimento para lidar com iniquidades que insistem em manter as graves diferenças entre distintos grupos sociais. E gratificante pela confiança dos jovens em emprestar ao estudo os enlaces e entrelaces de parte da dinâmica de suas vidas. Tamanhas sutilezas ouvidas de modos tão distintos de andar a vida como o que me foi “ofertado”, não acontecem em qualquer lugar, em qualquer tempo, com qualquer pessoa.

A diversidade de juventudes foi sendo revelada a cada momento. A cada aproximação com os jovens participantes, era possível analisar como as inserções diferenciadas no mundo do trabalho e da formação e até mesmo da criminalidade, faziam parte do cotidiano dos jovens e das rotas vividas e construídas por eles. O trabalho de campo, nesse momento, contemplou, primeiramente, a observação dos espaços sociais selecionados e dos jovens neles, seguido do convite a alguns para participar da pesquisa. Essa construção permitiu traçar possíveis rotas dos jovens no bairro, passando predominantemente pelos espaços sociais que demarcam suas vidas e pelo ir e vir na comunidade.

Na escola, a opção pelo sorteio das turmas a serem observadas deveu-se ao fato de que o convite aos jovens para participação no estudo seria feito por mim, de modo a permitir uma aproximação e uma vinculação com os interessados. Assim,

trabalhar com a possibilidade de indicação pela coordenação da escola poderia se apresentar como um viés no estudo, pelo risco de se basear no padrão de comportamento, em problemas ou necessidades de saúde ou até mesmo em alguma patologia dos jovens, como já havia vivenciado em experiência anterior na pesquisa.

Nesse contexto, foram sorteadas, juntamente com a coordenadora pedagógica da escola, as turmas: uma do primeiro ano regular do ensino médio do turno da manhã e uma do segundo ano do ensino médio regular do turno noturno. Foi disponibilizada a lista de alunos matriculados nessas duas turmas como forma de facilitar o reconhecimento dos jovens.

A observação nessas turmas teve início após ser apresentada, pela coordenadora pedagógica aos docentes das turmas, a proposta do estudo e de informar aos mesmos sobre a presença em sala de aula, a princípio por um período de uma semana. Também foi repassado, à coordenação da escola, o cronograma de horários na escola, de modo a possibilitar o conhecimento prévio dos docentes em relação à presença da pesquisadora em sala.

Iniciada a observação na turma da noite, houve a apresentação pela professora de português que ministrava o segundo horário. Muitos alunos chegavam para aquela segunda aula e havia na sala cerca de 30 jovens tendo somente uma cadeira vazia, ao fundo da sala onde me acomodei. Um aluno chegou com uma cadeira e me pediu que mudasse de lugar porque era ali onde eu estava que ele comumente assentava. Outros alunos foram chegando e a mobilização naquele momento não era o texto sobre poesia romântica que a professora passava no quadro. Era a falta de cadeiras e as mudanças de lugar operadas na sala de aula.

Minha presença causava incômodo em muitos alunos que se entreolhavam. O cochicho e as especulações sobre o que eu fazia ali começaram a surgir. A meu lado esquerdo, estava um casal de namorados da sala. Do outro lado, um jovem que saiu para atender o celular que tocou durante a aula. O jovem assentado a meu lado me questionou sobre o que fazia ali e se era aquilo mesmo, aquele ambiente de sala de aula que eu queria para mim, dizendo: “Ser professor é duro Moça! Tem dia que a gente chega muito nervoso aqui, você não tem ideia.”

Poucos alunos prestavam atenção à explicação da professora que, em certo momento, ameaçou dar prova. O jovem assentado em minha frente contava à

colega uma situação de suspeita de roubo na sala pelo qual fora acusado pela escola e, a todo o momento, me observava na sala.

Nessa turma, retornei ainda nas aulas de biologia, de geografia, de física e em vários horários vagos. Ao longo de uma semana de permanência na turma, em horários diversificados, pude perceber que grande parte dos alunos chegava para o segundo horário de aula e que frequentavam a escola normalmente de terça a quinta-feira, sendo que às segundas e sextas as salas de aula se apresentavam esvaziadas. Na maior parte de minha vivência na sala de aula no turno noturno, havia normalmente uma média de 15 alunos na sala, a maioria homens.

No turno noturno, pareceu ser habitual a falta de professores. Assim, os alunos sempre solicitavam à coordenadora da escola que ocupasse o horário com a disciplina que seria ministrada no último horário, o que se referiam como “subir a aula”. Essa prática da falta de professores com a cobertura do horário por outro docente era sempre motivo de comemoração dos alunos da sala.

Alguns pontos merecem destaque na observação da dinâmica dessa turma do turno noturno: a agressividade na relação entre alunos e professores, sendo um espaço de palavras rudes, a pouca sensibilidade ou interatividade de alguns professores com as demandas dos alunos que traziam dificuldades em relação ao trabalho para o cumprimento das tarefas escolares; a pouca perspectiva dos jovens com o que a escola lhes oferece. Os alunos do turno noturno eram aqueles que normalmente trabalhavam durante o dia, sendo mais velhos. Chegavam na sala de aula com fâcias de cansaço da rotina diária e muitos com desmotivação para o estudo. Após o intervalo, era comum o esvaziamento da sala.

Minha intenção era a de observar a dinâmica da sala e dos jovens dessa turma por um período de uma semana. Entretanto, a necessidade de me vincular aos jovens, buscando fazer parte de seu cotidiano fez com que minha presença fosse ainda maior. Pude assistir a aulas na turma, estar presente nos intervalos e nos horários vagos nos quais o professor estava ausente, participar do horário do intervalo do lanche. Nessa convivência, alguns jovens se apresentavam muito incomodados com minha presença e outros mais curiosos, supondo e comentando entre eles o que eu fazia ali.

Considerando a opção de convidar um jovem e uma jovem em cada espaço, a definição do jovem a ser convidado nessa turma foi uma tarefa fácil. Pude convidar o jovem que, desde meu primeiro dia na sala, buscou relacionar-se comigo. As

jovens da turma pareciam estar mais receosas com minha presença, o que justificou minha permanência nessa turma por um período maior que o previsto, observando ainda mais a dinâmica da sala para posterior definição da jovem a ser convidada. Optei por convidar, então, uma jovem que começou a perceber minhas ausências na sala em alguns dias e, a meu retorno, a me questionar o porquê de não ter vindo no dia anterior, se não estava gostando da sala o que, para mim, se apresentava como expressão de vinculação.

Desse modo, nessa turma da noite, convidei um jovem e uma jovem para participar da pesquisa considerando a vinculação dos mesmos comigo e o interesse no estudo. Destaca-se que, nessa turma, outro jovem manifestou interesse em saber um pouco mais sobre a pesquisa. Expliquei-lhe a proposta e ele afirmou naquele momento que não participaria porque era “uma coisa de muita responsabilidade”. Foi interessante perceber a diferença de perfil dos jovens da escola do horário da manhã e da noite. No turno da manhã, minha observação teve início em uma aula de Filosofia, no primeiro horário de uma quarta-feira do mês de março de 2010. Diferentemente do turno noturno, no primeiro horário de aula, a turma já contava com a presença da quase-totalidade de alunos matriculados. Havia na sala 35 alunos, sendo 19 do sexo feminino e 16 do sexo masculino.

Fui apresentada aos alunos pelo professor e me acomodei no fundo da sala buscando observar a dinâmica da aula e dos jovens. Considerando a organização espacial da sala, foi possível perceber a presença de alunos mais concentrados nas primeiras carteiras e aqueles mais inquietos no fundo da sala. Nessa turma, havia também uma jovem com necessidades especiais devido a paralisia cerebral, assentada no meio da sala e que me observou e acompanhou desde o primeiro dia de inserção na turma.

Nessa aula, o professor passava no quadro o conteúdo da matéria enquanto alguns alunos conversavam, outros ouviam música pelo celular e outros copiavam o texto do quadro. Chamou-me a atenção a conversa de dois jovens assentados a meu lado sobre uma briga ocorrida em sua casa no dia anterior com agressão física entre seus pais com uma panela de pressão.

Nessa turma, também no primeiro momento de encontro com os alunos, foi possível perceber o incômodo em relação a minha presença. Questionavam-me se eu era professora, se estava fazendo estágio, se eu era psicóloga, se eu era funcionária do governo fazendo relatório da turma ou se iria transferir alguns alunos

para o turno da noite o que, para eles, parecia uma penalidade. Esclarecia a todo o momento para esses alunos sobre o que eu fazia na escola.

No primeiro dia, a aula seguinte era de Educação Física. O professor entrou na sala e fez chamada nominal dos alunos e, em seguida, os convidou para descerem para a quadra. Fui procurada nesse momento pela aluna especial da sala que me perguntou sobre o que fazia lá e se eu iria também para a quadra. Conversamos um pouco e essa aluna foi logo me dizendo que queria participar da pesquisa.

Observar a aula de Educação Física foi muito rico para perceber os jovens fora do ambiente da sala de aula. Essa aula acontecia na quadra sendo que a atividade normalmente era o jogo de futebol ou o jogo de “queimada”. A aula acontecia com duas turmas simultaneamente e uma grande parte dos alunos ficava assentada na arquibancada da quadra ouvindo música, conversando, namorando ou observando a atividade dos colegas. Chamou-me atenção nessa aula a exibição do corpo pelas jovens que trajavam roupas justas e com mini-blusas, o que permitia ainda maior exposição. A saída da sala para a educação física revelou-se como um momento de vaidades e de expressão da beleza para as jovens da sala. Durante o jogo de alguns alunos na quadra, os professores observavam a atividade. Ao final dessa aula, os alunos retornaram mais agitados, comentando o jogo.

A aula seguinte era de química. A professora fez a chamada enquanto vários alunos conversavam e, em seguida, passou alguns gráficos no quadro para atividade. Muitos alunos me procuravam pelo olhar na sala e comentavam entre eles sobre minha presença. Ao final dessa aula, foi o momento do intervalo para o lanche em que permaneci na sala por um tempo observando o movimento dos jovens. Na saída da sala, muitas alunas dobravam a blusa de modo a permitir maior exibição do corpo, se maquiavam e saiam para o pátio.

Retornei no turno da manhã também em diferentes aulas como as de português, matemática, sociologia, geografia, biologia e educação artística. Também pude vivenciar momentos com os jovens no intervalo do lanche e em horários vagos por ausência do professor.

Pude perceber que os alunos do turno da manhã tinham um comportamento muito diferente daqueles do turno noturno no que se referia à participação nas aulas, aos questionamentos e à interação entre eles. No horário da manhã, notei que os jovens têm maior interação com os professores e com a proposta de aula. Além

disso, vi que, no turno da manhã, eram utilizadas diferentes metodologias para a aula como letras de música, por exemplo, como em uma das aulas de português. Na aula de educação artística, os jovens se envolviam com a elaboração de uma peça de teatro; até mesmo a aula de sociologia, na qual o professor trazia questões apontadas em programas de televisão e novelas para a discussão em sala de aula. Durante uma das aulas em que observava os jovens, fui confundida por um professor com os alunos, sendo questionada se eu era novata na sala.

Nessa turma, convidei para participar da pesquisa uma jovem que, após uma semana de minha permanência na sala, se manifestou interessada em saber sobre a pesquisa e como seria sua participação. Apesar de se sentar na sala sempre distante de mim, essa jovem se deslocava em todas as oportunidades para conversar comigo sobre a pesquisa. Na sala, se assentava sempre na primeira carteira ao lado da porta, sendo que, atrás dela, assentava seu namorado. O outro jovem convidado assentava ao fundo da sala e, desde o início de minha participação na sala de aula, buscou se relacionar comigo, fazendo questionamentos sobre a pesquisa, sobre minhas observações e notas realizadas no diário de campo que deseja ler. Entretanto, esse jovem, apesar de manifestar o interesse em participar da pesquisa não pode participar, uma vez que seus pais não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa. A justificativa apresentada pelo jovem foi de que seus pais disseram que era uma “bobagem essas coisas de pesquisa”. Coloquei-me disponível para conversar com os pais dele sobre a pesquisa mas foi recusada pelo jovem essa possibilidade. Considerando que, nessa turma, outros dois jovens manifestaram interesse em participar da pesquisa, optei por não convidar outro jovem. Dessa turma também foram incluídos a jovem de 20 anos, portadora de necessidades especiais e um jovem de 15 anos que manifestaram interesse em participar da pesquisa. Além disso, como na proposta metodológica da pesquisa, propus a construção de uma rede de jovens participantes a partir da indicação dos jovens convidados. Foi incluído outro jovem da turma, indicado por uma das participantes. Desse modo, quatro jovens dessa turma participaram da pesquisa.

Durante o trabalho de campo na escola, algumas questões causaram mudanças na rotina desse espaço. A greve dos motoristas rodoviários em Belo Horizonte, em março de 2010, resultou na falta de muitos professores com encerramento das aulas em alguns dias antes do previsto e, em seguida, a greve

dos professores da rede estadual de ensino por um período de 42 dias. Nesse período, permaneci em contato com os jovens por meio de encontros nos demais espaços do bairro e também por meio de contato telefônico semanal. Após o convite aos jovens participantes e da observação deles nesse espaço, expliquei aos demais jovens da sala e à direção o porquê de minha não-permanência na escola.

A fluidez dos espaços sociais da comunidade foi percebida na seleção da igreja como outro espaço que agregava jovens no bairro uma vez que, dentre o quantitativo mapeado no bairro, a primeira sorteada já não existia. Chamou-me a atenção a dinamicidade dos espaços que surgiam e se consumiam rapidamente nele, a fugacidade dos mesmos. No trânsito pelo bairro, foi possível perceber novas igrejas, novos pontos comerciais que não existiam à época do mapeamento, reforçando o quanto eram transitórios no bairro. Considerando essa situação, foi possível contactar a equipe de coordenação da segunda igreja sorteada: a Igreja Monte Sião. Nessa igreja, ocorriam cultos às terças-feiras, quintas-feiras, sábados e domingos, às 19:30 horas. Reforço que a opção pelo sorteio dentre todas as igrejas mapeadas deu-se uma vez que, independente de terem grupos específicos de jovens, a maioria delas contava com a participação de jovens nos cultos.

No primeiro dia de observação na igreja, numa terça-feira, havia cerca de 10 pessoas entre idosos e crianças. Conversei com uma das coordenadoras que me informou que a igreja naquele momento estava sem grupo de jovens, sendo que os jovens que a frequentavam participavam com mais frequência nos cultos do final de semana, especialmente aos domingos. Retornei à igreja durante os cultos em outros dias da semana e, ao final de semana como forma de perceber a presença dos jovens. Nesse ambiente, pude vivenciar resistência da equipe de coordenação que, a princípio, não compreendeu a motivação de um estudo que tinha como foco a saúde no cotidiano dos jovens tendo a igreja como um dos espaços de contato com os jovens. Os coordenadores chegaram até mesmo a sugerir que o estudo fosse feito no centro de saúde sendo que, após os devidos esclarecimentos e a mediação dos questionamentos e com a apresentação da aprovação da pesquisa no Comitê de Ética, houve consentimento para que eu pudesse continuar a frequentar a igreja. Esse foi o cenário em que pude perceber maior dificuldade de inserção como pesquisadora, considerando ser um dos espaços que compõem o cotidiano dos jovens. Destaca-se que, posteriormente, um dos coordenadores apontou para mim o espaço da igreja como um espaço de saúde espiritual dos jovens.

Inserida nesse espaço, foi possível perceber a participação de jovens na equipe de música da igreja e como participantes dos cultos, principalmente no domingo. A média de participantes nos cultos durante a semana era de 10 pessoas sendo que normalmente estava presente o jovem que tocava bateria na equipe de música. Nos cultos aos finais de semana havia a presença de outros jovens e de pessoas da comunidade. Nesse cenário, optei por convidar o jovem participante da equipe de música que era frequente nos cultos e uma jovem de 24 anos que frequentava o culto aos finais de semana.

Também fez parte do cenário de observação e de convite de jovens para participação no estudo a Oficina de Grafite do Programa Fica Vivo. Essa oficina já fora observada no ano de 2008 durante a primeira fase do estudo, sendo que ocorria em outro local do bairro, fato que me chamou a atenção. Estava acontecendo desde 2009 no Centro Cultural do bairro Jardim Guanabara, vizinho ao Felicidade, juntamente com as oficinas de DJ e de Rap, sem a de Break que acontecia juntamente com as demais, de modo a propiciar aos jovens o contato com os quatro elementos que compõem a cultura Hip Hop. Até 2008, essa oficina era realizada no espaço Curumim, em área do bairro pertencente à Prefeitura Municipal.

No primeiro contato com oicineiro, busquei entender o porquê das mudanças ocorridas. Fui esclarecida de que a mudança de local se deveu ao fato de que o espaço onde até então ocorriam as oficinas havia se tornado um grande ponto de tráfico de drogas do bairro, causando exposição e intimidação dos jovens participantes das oficinas. Essa mudança possibilitou, por um lado, mais segurança aos jovens participantes, mas, por outro lado, impediu a continuidade de participação de outros que, em decorrência dos limites territoriais do tráfico, não podiam circular naquele novo “pedaço” do bairro vizinho. Por essa necessidade de mudança, a oficina de Break se desmembrou das demais indo para outro espaço da comunidade. Nos eventos de Hip Hop na comunidade é que as quatro oficinas se encontravam sendo que alguns jovens continuaram a participar das demais oficinas que compõem a cultura Hip Hop. Mais uma vez, a fluidez dos espaços foi revelada, motivada pelo movimento do tráfico de drogas no bairro, sendo mais um fator colaborador na transitoriedade dos espaços e das ações ofertadas.

A oficina de Grafite acontece desde 2007 pelo Programa Fica Vivo no bairro, às quartas-feiras e sábados. Apesar de ser definido pelo programa a faixa etária para participação que vai de 15 a 24 anos, na oficina de Grafite, durante o período

da pesquisa, predominavam jovens do sexo masculino, com idade a partir dos 11 anos, fato que também me chamou a atenção. A média de participantes nos encontros dessa oficina era de cerca de 20 a 25 jovens, sendo que participavam com frequência das demais oficinas que ocorriam concomitantemente no mesmo espaço.

Destaca-se que, com a mudança de local dessa oficina, grande parte dos jovens frequentes nos encontros eram moradores do bairro Jardim Guanabara. Nessa oficina, chamou-me a atenção a participação de um jovem de 11 anos que interagiu com os demais e com grandes habilidades nas atividades propostas. Em conversa com oicineiro sobre esse jovem, foi relatado que ele participava da oficina desde os nove anos e que vivia um contexto de vida complexo pelas condições socioeconômicas, com pais etilistas e irmãos envolvidos com o tráfico de drogas, sendo que a oficina era a possibilidade de sua articulação com outras possibilidades de vida, uma vez que tampouco frequentava a escola. Era um jovem que participava das atividades de grafite, de DJ e de Rap, com grande habilidade na elaboração de rimas musicais.

Pude observar essa oficina por um longo período sendo interessante perceber a interação dos jovens, o desenvolvimento de técnicas diferenciadas de grafite e as diferentes formas de expressão. Os encontros que ocorriam aos sábados tinham normalmente uma presença maior dos jovens considerando que aqueles que normalmente trabalhavam ou estudavam à noite frequentavam os encontros somente aos sábados. Destaca-se que o momento do lanche nessa oficina parecia ser muito esperado pelos participantes.

Durante minha participação nas oficinas de grafite, foi interessante perceber a capacidade de mobilização do icineiro. Por meio do grafite, o icineiro, também jovem, negro e morador da comunidade, conseguia oportunizar a expressão dos jovens participantes, de seus dilemas, conflitos e angústias. Em conversas com ele, pude perceber a expressão em seu discurso de que esse potencial de mobilização de alguns deles para com os outros poderia ser mais aproveitado em benefício da própria juventude. Também se afirmou, em vários momentos, como “artista de periferia”, destacando a necessidade de maior valorização dessa arte. Pude perceber que os icineiros são grandes referências para os jovens assumindo posições que comumente o professor na escola não era capaz de assumir.

Nessa oficina, optei por convidar o jovem de 11 anos considerando sua história e interação na oficina e outro jovem de 18 anos que eram frequentes nos encontros e faziam parte do pequeno grupo de jovens participantes naquele momento e que eram moradores do bairro Jardim Felicidade. A esses jovens expliquei a proposta da pesquisa e pedi ao de idade inferior a 18 anos que, além de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, levasse a seus pais ou responsável o Termo específico para que pudesse participar da pesquisa. Novamente outro jovem convidado a participar não pôde fazer parte do estudo uma vez que não houve consentimento de seus pais para sua participação. O jovem relatou que gostaria de participar, mas seu pai disse que “ele não seria cobaia de nenhum estudo”. Com o desligamento de um dos jovens convidados, optei por convidar outro jovem que era frequente no grupo e obtive seu consentimento para a participação. Esse jovem me chamou a atenção pelo longo tempo em que já participava dessa oficina e pelo fato de que às quartas-feiras, mesmo tendo aula no turno noturno, era assíduo na oficina, ausentando-se somente nos dias em que tinha prova ou trabalhos agendados. Merece destacar que, no período observado, havia somente uma jovem participante dessa oficina, mas que não era moradora do bairro Jardim Felicidade.

Como um espaço de sociabilidade do bairro, o campo de futebol foi incluído como cenário, considerando ser também um espaço de lazer e diversão para os jovens moradores. O campo de futebol, apesar de ser um espaço público, era palco de projetos desenvolvidos na comunidade e, aos finais de semana, era destinado aos treinos do time amador do bairro e aos jogos de outros times que alugavam o espaço. Estive presente no campo de futebol em horários diferenciados, de modo a captar os diferentes movimentos. Os treinos que ocorriam no campo pela manhã eram destinados majoritariamente às crianças da comunidade, contemplando o limite etário de até 15 anos. Já no período da tarde, iniciei a observação na Oficina de Futebol do Programa Fica Vivo. Essa oficina acontece desde 2007 no bairro, coordenada por um oficinairo ex-morador da comunidade. No primeiro dia de observação, havia cerca de 30 jovens presentes, com faixa etária compreendida entre 15 e 25 anos. Pude perceber o respeito entre os jovens, entre os jovens e o oficinairo e até mesmo em relação a minha presença, única mulher presente no campo de futebol em diferentes momentos. O campo de futebol não se apresentava como um espaço agressivo, permeado por um vocabulário de baixo calão ou dessa

natureza. Chamou-me a atenção que, no campo de futebol, não se falavam palavrões, diferentemente do espaço da escola.

Também no período da tarde, acontecia no campo, em dois dias da semana, uma oficina coordenada por um morador voluntário da comunidade que também envolvia majoritariamente crianças, articulada com o Conselho de Direitos Humanos do bairro. Durante o final de semana, pude perceber que o movimento de homens no campo era maior, sendo frequentado também por moradores de outros bairros. Observei, pelo período de uma semana, a dinâmica do campo de futebol, estando diariamente nele. No período observado, não foi possível ver nenhuma jovem, nem mesmo como observadora ou como acompanhante de algum jovem jogador. Esse fato chamou-me a atenção considerando que, apesar de haver no bairro poucos espaços de lazer, aqueles que existiam eram ocupados predominantemente pela população jovem masculina, como o campo de futebol, a quadra e até mesmo as demais oficinas do Fica Vivo observadas.

Transcorrida uma semana de observação, fiz a opção de convidar dois jovens de oficinas diferentes que aconteciam no campo. Nesse período, um jovem já me chamou a atenção por estar presente em diferentes oficinas, tanto no turno da manhã quanto da tarde. Passei a presenciar os encontros dos jovens participantes dos treinos da ONG Sonhos de Liberdade em parceria com o Fluminense Futebol Clube que ocorriam pela manhã e nos treinos da Oficina de Futebol do Fica Vivo por serem as que tinham maior participação dos jovens. Entretanto, isso não impediu minha presença no campo em outros momentos como forma de captar a dinâmica dos jovens nesse espaço.

Nesse ir e vir no campo de futebol, pude conversar com vários jovens que ora aguardavam o momento de entrar no jogo, ora observavam o jogo dos colegas como plateia do treino. Não havia jogo sem uma plateia de jovens, mesmo que pequena, assistindo à partida, sendo esse também um espaço de sociabilidade dos jovens da comunidade. Desse modo, pude convidar o primeiro jovem desse espaço que estava presente em várias oficinas e também como expectador de alguns jogos. Esse jovem tinha 15 anos e, apesar de observá-lo por um bom tempo, fiz o convite a ele no dia em que me procurou para saber o que eu fazia ali no campo. A princípio o jovem aceitou participar e me relatou um pouco sobre sua vida. Nesse dia, aguardava para entrar no jogo e iniciou uma conversa comigo, me dizendo que trabalhava vendendo jornal pela manhã em um sinal de um bairro próximo, no

horário de 06h30min horas às 11 horas. Nos dias de folga, jogava bola pela manhã, mas afirmou que participava do treino normalmente pela tarde, coordenado por um morador voluntário do bairro. À noite, o jovem estudava na escola estadual do bairro, cursando o sétimo e o oitavo ano no Programa EJA. Esse jovem, apesar de ter consentido verbalmente em participar da pesquisa, por vários dias de encontro com ele no campo não retornou com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por sua avó, responsável por ele.

Em um dos encontros com o jovem, percebi que já não estava mais interessado em participar, mas com receio de dizê-lo. Perguntei a ele se não estava com vontade de participar e ele disse que não queria mais, relatando que viajaria com sua avó na semana seguinte. Atribuí o desligamento desse jovem ao fato de que a proposta da pesquisa tinha como uma das estratégias de coleta de dados para apreensão do cotidiano dos jovens a elaboração do diário do participante. Pude recordar do momento em que repassei ao jovem o diário e o mesmo me questionou se teria que escrever todo aquele caderno. Busquei esclarecer que poderia elaborar o diário a seu modo, mas preferi não insistir na continuidade de sua participação na pesquisa, considerando que o interesse em participar era pré-requisito fundamental para o estudo.

Destaca-se que o momento de maior concentração de jovens no campo era nos treinos do Fica Vivo. Foi muito interessante observar a dinâmica dessa oficina que contemplava um primeiro momento de acolhimento dos jovens, seguido de uma “ação de formação”, como afirmava oicineiro responsável. Era esse o momento em que se discutiam com os jovens as questões referentes à escola e aos estudos, as oportunidades de trabalho e outras temáticas de seu interesse. Após esse momento, era dado início ao treino de futebol com atividades de condicionamento físico, jogo coletivo e técnicas de jogo. Ao final da oficina, havia sempre um lanche, sendo normalmente ofertados frutas e iogurte.

Pude perceber, na rotina dessa oficina, a preocupação do icineiro com a formação dos jovens participantes para além da prática do esporte. Como forma de propiciar o convívio social e a desconstrução de preconceitos com os jovens do bairro, os treinos do final de semana dessa oficina contemplavam jogos em outros bairros e municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, de modo a promover a integração dos jovens. Destaca-se, aqui, a observação do icineiro de que os jogos em outros espaços permitiam o trânsito dos jovens do bairro em outros

contextos, sendo que, por muito tempo, tiveram os espaços de trânsito definidos com limites restritos, considerando os territórios delimitados pelo tráfico de drogas e pela criminalidade na comunidade. Essa percepção foi, e ainda é, causa de generalizações e de criação de rótulos para os jovens do bairro, tidos como marginais e perigosos nos espaços adjacentes. Desse modo, foi possível perceber que essa oficina cumpria um amplo papel, muito além daquele instituído. Pude percebê-la como um espaço de lazer para alguns, de busca de profissionalização no esporte para outros e como nova alternativa ou como a alternativa de vida para alguns jovens para além de serem cooptados pelo tráfico de drogas intenso do bairro.

Nessa oficina, convidei outro jovem que era frequente desde o início do Fica Vivo, muito extrovertido e comunicativo. Esse jovem participava dos treinos durante a semana nos dias de folga do trabalho e era assíduo nos jogos do final de semana. Quando estava presente durante a semana, atuava como apoio doicineiro, auxiliando nos treinos e na organização da oficina. Optei por não convidar outro jovem para participar, tendo em vista a desistência de um dos jovens convidados, uma vez que, no campo de futebol, já era possível encontrar com outros jovens participantes da pesquisa convidados em outros espaços e que também eram presentes em oficinas do campo. Destaca-se que oicineiro do Futebol também contribuiu fazendo apontamentos referentes a vários jovens mais participativos e envolvidos que considerava interessantes de serem contemplados na pesquisa, sendo a ele esclarecida a metodologia proposta no estudo, não sendo objetivo o envolvimento de um grande número de jovens do mesmo espaço.

Considerando que esse espaço era predominantemente masculino, busquei conhecer aqueles que se destinavam também à prática de atividade física com as jovens da comunidade e que fossem predominantemente femininos. Já era claro para mim que os espaços selecionados tinham maior presença dos jovens do sexo masculino da comunidade. Desse modo, foi possível conhecer a oficina de Futsal do Programa Fica Vivo que acontecia em uma quadra de uma ONG da comunidade às quartas-feiras e sábados às 17:30 horas. Essa oficina era coordenada pelo mesmoicineiro do Futebol do Fica Vivo e contava com a participação de cerca de 25 jovens.

Nesse espaço, pude apresentar às jovens a proposta da pesquisa no primeiro encontro, colocando para elas que poderiam se manifestar para participação, caso

tivessem interesse. Já era de meu conhecimento a disponibilidade das jovens desse grupo para participação em outras atividades e projetos para além do futsal. Ao final de meu primeiro dia de observação, uma jovem do grupo me procurou para obter mais informações sobre a pesquisa. Conversei com ela e apresentei a metodologia do estudo. No segundo dia de observação, essa jovem manifestou interesse em participar da pesquisa.

Pude observar esse treino por um período de duas semanas. Algumas jovens vinham do trabalho para o treino, outras treinavam somente aos sábados considerando o trabalho; outras estavam integrando o grupo porque a escola estava em greve e, como estudavam à noite, naquele momento era possível a participação. Durante o período de permanência nessa oficina, outra jovem me chamou a atenção pela integração, envolvimento com as demais jovens e questionamentos sobre a pesquisa, sendo então convidada a participar.

A opção de incluir o Pró-jovem deu-se após a exclusão da praça e do bar como espaços de permanência e de convite de jovens para participação no estudo. Optei pelo Pró-jovem considerando ser esse um programa relativamente novo no bairro e que parecia sinalizar para uma possibilidade de acesso dos jovens ao trabalho. Algumas pistas referentes aos dilemas vividos pelos jovens na relação com o trabalho na comunidade já começavam a ser sinalizadas, fato que me motivou a buscar esse grupo. O conhecimento desse caráter atribuído pelos jovens ao programa, diferenciado dos demais incluídos na pesquisa, se deu por meio de um dos jovens participantes da pesquisa, convidado na igreja.

A princípio optei por não incluí-lo como um espaço de convite aos jovens para participação na pesquisa como estratégia de contemplar outros, do cotidiano dos jovens, para além daqueles institucionalizados uma vez que já contemplava as Oficinas do Fica Vivo. Essa tentativa foi até certo ponto possível, considerando a participação de jovens vindos de outros espaços. Entretanto, a sinalização de poucos espaços de profissionalização dos jovens e a angústia de muitos deles pelo desejo do trabalho motivaram-me a conhecer o Pró-Jovem, sinalizado como um espaço acessado pelos jovens interessados no trabalho. Desse modo, busquei conhecer um pouco mais da proposta do programa e pude perceber que, apesar de novo na comunidade, contou com uma participação significativa de jovens no ano de 2009.

É interessante destacar que, no primeiro contato com a técnica responsável pelo programa, assim que lhe expliquei a proposta do estudo, ela prontamente se manifestou no sentido de indicar dois jovens para participação na pesquisa por seu perfil diferenciado dos demais do grupo por estarem cumprindo medidas socioeducativas. Relatei a ela a forma como era feito o convite, sem descartar a possibilidade de inclusão desses jovens, caso houvesse interesse dos mesmos. Mais uma vez, a perspectiva de indicação de jovens que, pela ótica dos coordenadores eram problemas, foi manifestada na pesquisa.

Estive presente nas oficinas do Pró-jovem que aconteciam nos horários da manhã e da tarde em espaços da comunidade: na ABAFE e no Centro Cultural Jardim Guanabara. Os jovens participantes de cada turma tinham dois encontros semanais e um terceiro coletivo entre os jovens das duas turmas de cada turno, destinado à prática de esportes. Nos dois encontros, eram realizadas atividades de formação com os jovens como produção artística, informática, cidadania, entre outras. Essas atividades também eram coordenadas por jovens educadores sociais da comunidade.

Pude perceber que as duas turmas que aconteciam no horário da manhã concentravam os jovens que estudavam à noite ou que estavam fora da escola. As oficinas da tarde eram de jovens mais novos e, em sua maioria, estudavam no período da manhã.

Considerando que, nas oficinas da tarde, já havia uma jovem e um jovem participantes da pesquisa, convidados em outros espaços, optei por contatar os jovens do Pró-jovem nas turmas da manhã. Apresentei aos jovens a proposta da pesquisa e pude observar por três semanas os encontros dos jovens nas atividades, sendo que a maior participação deles se dava nos dias de atividade esportiva. Naquele momento, a maior mobilização dos jovens no grupo e, inclusive a presença segundo o educador, era motivada por um passeio em um clube previsto para o mês seguinte, cuja participação estava atrelada à assiduidade nos encontros propostos.

Nesse grupo, pude conversar e relacionar-me com muitos jovens considerando que permanecia com eles durante o período em que saíam do encontro no Centro Cultural e iam caminhando pelas ruas do bairro até a ABAFE, cerca de cinco quarteirões, para o lanche, ao final das oficinas. Foi interessante conversar com esses jovens nesse momento em que se apresentavam de modo mais livre já que não estavam envolvidos em tarefas do projeto, manifestando-se de

forma espontânea, conversando entre eles sobre seu dia a dia. Por meio desse convívio, tive a oportunidade de convidar uma jovem de 16 anos do grupo que mais interagiu comigo. Essa jovem, apesar de ter sua frequência do grupo comprometida em vários dias em que estive presente pelo adoecimento de seu bebê, sempre procurava saber sobre meu estudo e discutia comigo questões de cuidado com a saúde, especialmente da criança, pela situação que vivenciava naquele momento. Também convidei no grupo um dos jovens que cumpria medidas socioeducativas, o mesmo sugerido como participante pela técnica responsável pelo programa. Fiz essa opção considerando que era um jovem diferente no grupo: muito calado, mais arredio e distante dos demais, relacionando-se somente com o outro jovem que também cumpria medidas socioeducativas, mas que comparecia de maneira esporádica nos encontros. Era um jovem muito observador e que, com um olhar curioso, me observava durante todo o período em que permanecia na oficina. O interesse em convidá-lo foi reforçado ao ter tido a oportunidade de conhecer um pouco mais de sua história de vida, considerando a diversidade de experiências juvenis presentes no bairro.

No Pró-jovem, durante um dia em que eu observava a prática esportiva do grupo assentada na arquibancada da quadra, fui procurada por outra jovem que manifestou interesse em participar da pesquisa. Primeiramente, ela me questionou sobre o que eu tanto fazia lá e me disse que no dia em que eu havia falado sobre a pesquisa ela não havia compreendido bem qual seria a proposta. Expliquei a ela novamente, convidei-a e ela aceitou participar da pesquisa.

Por minha participação nas atividades do Pró-jovem pela manhã, tive a oportunidade de conversar sobre várias questões das vivências da juventude com o educador social da manhã, também jovem, estudante de Serviço Social e morador da comunidade. Esse jovem, naquele período, vivia um momento de angústia e tristeza, manifestando para mim os dilemas vividos, com necessidade de apoio emocional. Desse modo, considerando que a vinculação era um requisito importante para o convite para participação na pesquisa e, para esse jovem poderia ser um momento de elaboração sobre seu cotidiano muito importante, convidei-o para participar. Pela fase que vivenciava, a princípio me disse que iria pensar e me daria um retorno. Mesmo sem o retorno naquele momento, as situações relatadas pelo jovem a mim fizeram com que eu buscasse um apoio psicológico para ele já que trazia em nossas conversas pensamentos sobre morte e manifestava um quadro

depressivo acentuado. Pude referenciar esse jovem para o centro de saúde do bairro, discutindo o caso com a equipe de referência e buscar apoio psicológico para ele, sendo atendido pelo Curso de Psicologia da PUC Minas. Após algumas semanas, esse jovem manifestou interesse em participar da pesquisa. Desse modo, quatro jovens desse grupo do Pró-jovem da manhã participaram da pesquisa.

Considerando minha inserção nesses espaços, foi possível convidar neles, para participar da pesquisa, dezesseis jovens, sendo que três deles não participaram ou por não manifestar interesse ou pelo não consentimento do responsável.

Houve também a participação de outros três jovens que manifestaram interesse em participar da pesquisa, sendo incluídos. Além disso, tendo em vista que, na proposta do estudo, havia a possibilidade de indicação de outros jovens participantes a partir daqueles convidados, pude contar com a participação de mais três jovens dos quatro indicados. A partir da indicação, uma jovem convidada se recusou a participar, alegando falta de tempo. Desse modo, participaram da pesquisa dezoito jovens do bairro.

Ao longo do trabalho de campo, foi rico perceber o modo como os jovens já me reconheciam, nos diferentes espaços do bairro, sendo questionada por alguns deles sobre o que eu fazia por lá, se eu era a mesma que estava na escola e no campo de futebol ou na oficina do Fica Vivo, por exemplo. Circular nos espaços ocupados pelos jovens do bairro foi revelador de que muitos desses têm ainda seus trajetos definidos por programas ou projetos ou ao espaço restrito ao domicílio.



Desenho realizado pela Jovem Michele em seu diário

6 CARTOGRAFIA DOS JOVENS EM UM ESPAÇO DE COTIDIANIDADES

Construir o perfil dos jovens participantes deste estudo contemplou a diversidade que compõe a(s) juventude(s): diferentes idades, experiências, inserções sociais e culturais, projeções futuras. A diversidade entre os jovens participantes deste estudo possibilitou, então, a análise dos modos de vida e de diferentes trajetórias juvenis. Buscar entender como esses jovens vivem o dia a dia com dilemas e necessidades diversos que podem passar quase de forma invisível ao olhar mais apressado revelou contradições que permeiam a vida dos jovens e que podem dar pistas para projetos efetivos para essa população.

Para além da cartografia, na apresentação de cada jovem, revelo as expressões de cada um deles sobre si mesmo, as narradas na entrevista e nos diários e, para além disso, aquelas acompanhadas ao longo do trabalho de campo que explicitaram o processo de transferência estabelecido pelos jovens durante a participação na pesquisa. Essas expressões trazem as marcas da dinamicidade da vida desses jovens que, captada na fase exploratória como uma realidade em constante transformação e expressa na fugacidade dos espaços que se escapavam e se consumiam a todo tempo, guarda similaridade com a dinâmica da vida dos jovens que também assim se revelou. E “cartografá-los” permite expressar o momento vivido, as linhas de fuga e o que norteava esse movimento, o escape tão comum na vida desses sujeitos. Coincide, assim, a fluidez dos espaços, mas também a fluidez e a inquietude da vida dos participantes da pesquisa, a pluralidade de vivências, de relações construídas em seus itinerários e rotas tão diferenciados e tão ricos de sociabilidades. Assim, traçar o perfil dos jovens participantes deste estudo, moradores de um bairro popular, numa periferia, requereu a compreensão dessa parte – os jovens do bairro, relacionada com o todo - o contexto do bairro Jardim Felicidade.

Dessa forma, foram participantes deste estudo 19 jovens moradores do bairro a partir de sua inserção em seis espaços sociais: três jovens da escola, dois jovens da igreja, um jovem do campo de futebol, dois jovens da oficina de grafite do Fica Vivo, dois jovens da oficina de futsal do Fica Vivo e três jovens do Pró-jovem. Os demais convidados foram indicados pelos outros participantes, sendo incluídos mais três jovens, além de outros três que pediram para participar do estudo.

Uma análise geral do perfil dos jovens participantes revela a participação no estudo de nove jovens do sexo feminino e dez do sexo masculino com idade compreendida entre 14 e 26 anos. Percebeu-se uma diversidade de estado civil, raça/etnia, participação em diferentes espaços de inserção juvenil e ocupação, revelada na apresentação de cada jovem que faço a seguir. A diversidade de perfis dos jovens participantes também explicitou as diferentes projeções de futuro desses jovens, com sonhos e projetos contemplando a formação de família, a aprovação no vestibular, filhos, trabalho, entre outras. São jovens mães, jovens trabalhadores, jovens pais, jovens com passado de criminalidade, jovens estudantes, jovens envolvidos em projetos sociais e aqueles que integram vários desses eixos. No mapa abaixo, busco apontar, na área de abrangência e no entorno, a região de domicílio dos jovens participantes da pesquisa, como forma de permitir ao leitor sua localização espacial no bairro:

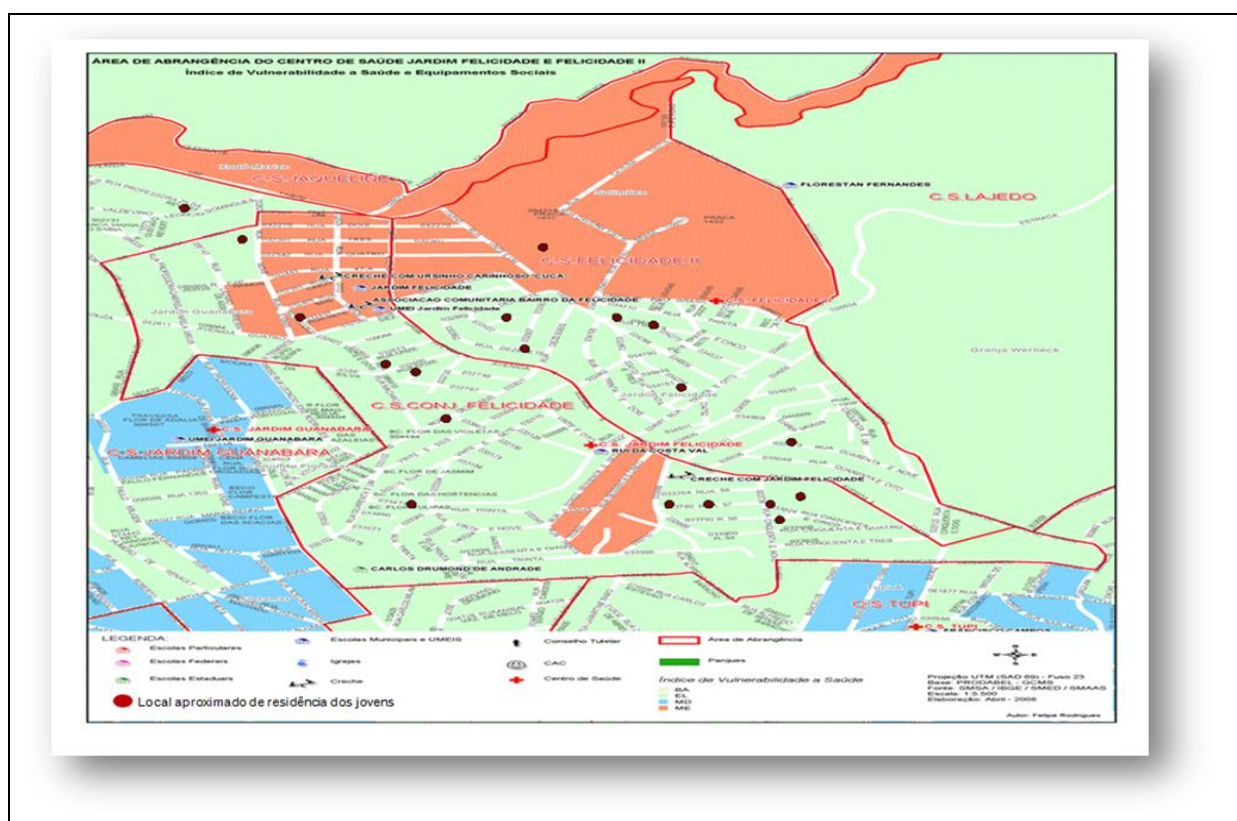


FIGURA 3 - Os jovens participantes da pesquisa na espacialidade do bairro
Fonte: Dados da pesquisa, 2010.

A seguir, apresento uma síntese do perfil de cada um dos jovens participantes, capaz de explicitar os diferentes modos de ser jovem. Apesar do aspecto

homogêneo da origem social que os agrupa, pertencendo a uma mesma classe social e pelo momento da vida, a heterogeneidade das condições concretas em que a vida se materializa expressa a singularidade dos jovens na concretude de seu cotidiano. Destaco que o perfil foi construído com base nas entrevistas, nos diários e na relação com cada jovem, levando em conta a apresentação pessoal nos diários dos participantes, contemplando mais de si, com seus sonhos, medos e outras facetas do ser jovem. Para preservar sua identidade, foram atribuídos pseudônimos aos participantes, resguardando-se-lhes o anonimato:

- **Carolina**, jovem de 14 anos. Com suas próprias palavras, afirmou ser “uma garota muito feliz, animada e que ama a família, os amigos, o namorado... que ama a vida e que agradece a Deus todos os dias por ela”. Foi convidada a participar da pesquisa na escola que frequenta desde a primeira série, a que se refere como “espaço em que praticamente cresceu”. Nasceu no bairro Felicidade e mora com seus pais e um irmão mais novo. Sua mãe é professora particular, dando aulas para crianças e adolescentes em sua casa. Seu pai é dono de uma oficina mecânica em um bairro vizinho. Ela está no primeiro ano do ensino médio estudando na escola estadual do bairro no horário da manhã. Namora com um jovem de sua sala há nove meses e está também dando aula particular de matemática para uma aluna. Em seu diário, afirma que está tentando “arrumar mais alunos e que gosta muito de ensinar”, seguindo o ofício de sua mãe. Em seu tempo livre, gosta de ouvir música, ler, ver televisão e comunicar via MSN e Orkut e, aos finais de semana, “dormir bastante”. No bairro, já frequentou um grupo de jovens da Igreja Católica e conhece o programa Fica Vivo. A expressão de uma semana na vida de Carolina revelou que a centralidade de seu dia a dia estava na escola, bem como nas atividades escolares, maior expressão em seu diário. Dedicada aos estudos, sempre buscou tirar boas notas e estar em dia com as tarefas escolares. Tinha seu dia ocupado com algumas tarefas domésticas e estudos, além da aula particular, o que a fez afirmar ser “muito caseira”. Aos finais de semana, dedicava-se aos cuidados pessoais e de beleza, ao encontro com as amigas e aos compromissos familiares, muito valorizados por ela. O encontro com o namorado se dava no espaço da escola. Seu diário contemplou relatos centrados principalmente na escola, nos encontros de família e na relação

com o namorado, com descrições diárias por um período de dois meses e doze dias. Durante essa permanência com o diário, leu dois livros da biblioteca da escola, ampliou o número de alunos para aula particular e foi bem em todas as provas bimestrais. Participou de muitas comemorações familiares e assistiu a vários filmes. Afirmou, no diário, que “para saber quem somos, basta que se observe o que fizemos da nossa vida. Os fatos revelam tudo, as atitudes confirmam. Já passei por muitas coisas, mas sou uma menina que tem muito a aprender”. Fizemos a entrevista na escola em que Carolina estuda e a jovem permaneceu com o diário por dois meses e doze dias.

- **Marcos**, jovem de 15 anos, morava com seus pais e uma irmã. Estava no primeiro ano do ensino médio na escola estadual do bairro pela manhã, espaço em que foi convidado a participar da pesquisa. Jogar futebol, videogame, RPG e andar de bicicleta, foram as atividades de que afirmou gostar, relatando passar a maior parte de seu tempo no espaço da rua: “tudo o que eu faço é ficar na rua o dia inteiro”. Não participava de nenhum grupo ou projeto para jovens no bairro. Eventualmente, trabalhava ajudando sua mãe, proprietária de uma loja de rações no bairro. Seu dia a dia contemplava a rotina da escola pela manhã e atividades como andar de bicicleta, jogar bola e RPG, pela tarde e noite. Aos finais de semana, gostava de acordar tarde e de também se divertir com os colegas do bairro. Para ele, seu dia a dia “é chato por não ter muitas opções do que fazer no bairro”. A entrevista foi realizada no Recriar, um espaço comunitário próximo à casa dele. Depois de cerca de 30 dias que o jovem estava com o seu diário de participante, relatou tê-lo perdido, o que impediu que fosse analisado na pesquisa.
- **Bruna**, jovem de 20 anos. Mora com os pais e duas irmãs. É uma jovem especial por ter tido paralisia cerebral, diagnosticada no período gestacional. Estava estudando na escola estadual do bairro, no primeiro ano do ensino médio, pela manhã. Manifestou seu interesse em participar da pesquisa, durante minha permanência como pesquisadora na escola. Evangélica, frequentava uma igreja em outro bairro. Permaneceu com o diário por um período de dois meses e fez nele poucos relatos. Afirmou que sua “vida é

abençoada por seus pais que deram a vida por ela e por suas irmãs”. No diário, colocou atividades que realizava quando não estava na escola como dormir, assistir à televisão, descrevendo os programas e novelas a que assistia, além de confidências sobre o seu dia a dia, a ida à igreja, as tarefas escolares e domésticas que fazia em casa, abrindo sempre a narrativa com a expressão: “Querido diário”. Também no diário, descreveu as atividades de cuidado com seus dois cachorrinhos aos quais mencionou ter como filhos estando, naquele momento, sem tempo livre pela ocupação no cuidado com os cães. Fez também, no diário, uma reflexão de que nasceu para cuidar de seus pais. Colocou ainda que, quando era pequena, o médico falou com sua mãe que ela não iria andar nem falar. Afirmou, então, que: “hoje ando com minhas próprias pernas e falo sozinha e só tenho que agradecer na minha vida toda”. Finalizou a narrativa no diário colocando que, daqui a alguns anos, dará três netos para seus pais. Sua mãe participou de parte da entrevista que aconteceu em sua casa, uma vez que Bruna se sentia mais segura com a presença da mãe. Na entrevista, afirmou gostar também de “ficar no computador e utilizar o Orkut”.

- **Evandro**, jovem de 18 anos. Trabalhava como educador social do projeto “Escola Aberta” aos finais de semana, no bairro. Afirmou que seu salário do trabalho era direcionado para ajudar sua mãe e seu irmão casado. Morava com seus pais e um de seus irmãos no bairro, desde que nasceu. Tinha mais seis irmãos que não moravam mais em sua casa. Durante a semana, participava de vários projetos que aconteciam no campo de futebol do bairro, na quadra da Associação Comunitária, incluindo a Oficina de Futebol do Fica Vivo. Um jovem popular no bairro que fazia parte do colegiado da escola estadual em que cursava o segundo ano do ensino médio no turno da noite, sendo convidado a participar da pesquisa nesse espaço. Relatou já ter feito cursos de informática e culinária. Durante o período de participação na pesquisa, havia levado sua nova namorada para morar em sua casa. Afirmou que, mesmo sendo namoro recente, fez isso para lhe dar apoio pois a casa da namorada tinha caído, em um município próximo de Belo Horizonte. Por esse motivo, a namorada passava por um período difícil, agregado ao fato de que sua mãe era usuária de drogas. Essa situação gerou grandes mudanças no

dia a dia do jovem que algumas vezes mostrou-se mais deprimido com esse fato, chegando a dizer em certo momento que “sentia vontade de sumir”. Durante o tempo em que permaneci em contato com ele, vivenciei por duas vezes a suspeita de gravidez de sua namorada e relatou sofrimento com a pressão de sua mãe para que casasse. Posteriormente rompeu esse relacionamento com a namorada e foi convocado para servir o Exército e, tendo problemas de relacionamento em casa, optou por ir morar com um de seus irmãos. A expressão de uma semana na vida dele no diário revelou um jovem que gostava de planejar seu dia, ocupado pela manhã, normalmente com os treinos de futebol, assistindo à televisão e indo à casa de amigos. Fez várias reflexões no diário sobre as ações que compõem seu cotidiano, sendo uma grande parte de seus relatos sobre suas paqueras e relacionamentos, afirmando “estar na pista, pra o que der e o que vier”. À noite, frequentava a escola, espaço em que também tinha algumas paqueras. A entrevista com esse jovem foi realizada na escola e o tempo de permanência com o diário de três meses e cinco dias.

- **Luciano**, jovem de 15 anos. Expressou-se como “uma pessoa feliz, gosto de minha família. Sou uma pessoa abençoada por Deus. Gosto de jogar bola, gosto de trabalhar e ajudar a minha família”. Estava na sexta série, em uma escola municipal do bairro, pela manhã. Morava com sua avó materna, tias e primos, totalizando 11 pessoas em sua casa. Sua mãe faleceu há três anos. Desde essa época, ele e suas duas irmãs ficavam aos cuidados da avó materna. Relatou que tinha contato com seu pai aos finais de semana quando normalmente ia para a casa dele. Participava do Pró-jovem à tarde e, em seu tempo livre, gostava de andar de bicicleta, jogar bola e desenhar. Já frequentou a oficina de grafite do Fica Vivo, espaço a que retornava esporadicamente. Durante sua participação na pesquisa, frequentava uma igreja evangélica do bairro na qual integrava a equipe de música, tocando bateria. Nesse espaço foi convidado para participar da pesquisa, aceitando prontamente. No diário, pouco se escreveu sobre si. Fez alguns desenhos e registrou versos bíblicos. Ficou com o diário um mês e vinte e oito dias. Na entrevista, disse que estava esperando o primeiro dia do mês para iniciar o diário e afirmou ser ruim para escrever mesmo: “Aí eu tenho vergonha de

escrever, aí se eu escrever eu esqueço de por acento [...]”. Também questionou se no diário poderia desenhar um campo de futebol. Seu maior interesse era de “conseguir um emprego para ajudar em casa e ter as suas coisas”. Seu maior sonho era de poder ajudar a sua avó e ser jogador de futebol. Fizemos a entrevista em sua casa, sendo que, em alguns momentos, a avó e um de seus primos interferiram com falas e comentários em relação aos questionamentos da pesquisa.

- **Andréia**, jovem de vinte anos. Católica, morava no bairro com sua avó paterna a quem chamava de mãe, seu pai, uma tia e alguns primos, totalizando oito pessoas em sua casa. Não chegou a conhecer sua mãe, relatando na entrevista, realizada na escola, e, no diário, que foi abandonada por ela quando nasceu. Estava cursando o segundo ano do ensino médio, no turno noturno, na escola estadual do bairro, espaço em que foi convidada a participar da pesquisa. Considerou estar trabalhando uma vez que cuidava de uma criança, afirmando que “não está à toa, dentro de casa”. Relatou já ter trabalhado com outros “bicos”: arrumando casa e em um ateliê. Fez curso de informática, de atendimento em padaria e restaurante e de prevenção contra IST/AIDS. No diário, colocou que quer completar os estudos e que seus projetos eram de continuar estudando, conseguir um bom emprego e poder fazer Faculdade de Letras e de Teatro. Desejava ter sua casa, suas coisas e seu carro, o que apontou ser seu sonho, além de casar e ter dois filhos. Gostava de dançar e ir a festas e, em seu tempo livre, de dormir ou ir à lan house. Uma semana na vida de Andréia, revelada por ela no diário, retratou sua história familiar e trouxe um pouco de seu dia a dia: algumas atividades de que gostava como dançar funk e axé, paquerar e “falar sobre os garotos bonitos da rua e da escola”. Também no diário, colocou sobre festas que frequentou enquanto participava da pesquisa, afirmando que nem sempre sua “mãe” permitia sua ida. Permaneceu com o diário por dois meses e dezenove dias e colocou nele algumas mensagens de que gostava como reflexão.
- **Breno**, jovem de 19 anos. Morava com seus pais e uma irmã no bairro desde que nasceu. Trabalhava há cinco meses como ajudante de gesso, fazendo forros e acabamento com gesso em prédios. Já concluiu o ensino médio e

não tinha projetos de continuar estudando, afirmando não gostar de ler. Estava fazendo autoescola porque pretendia tirar carteira de carro e moto. Dirigia no bairro sem habilitação. Evangélico, frequentava uma igreja do bairro três vezes por semana. Gostava de ficar na internet, jogar videogame e jogar bola. Participava de dois times de futebol: um de ex-participantes do Programa Fica Vivo e outro time de um bairro vizinho. Aos finais de semana, gostava também de sair com os amigos da rua em locais no bairro e na região mais próxima e também com os da igreja após o culto, ocupando assim seu tempo livre - momento para ele em que não tinha obrigação, era livre para o descanso. Tinha, como projeto, a continuidade no trabalho e se tornar gesseiro, além de casar e ter dois filhos. Foi convidado a participar da pesquisa no campo de futebol do bairro, local que frequentava aos finais de semana e nos dias de folga do trabalho. Uma semana da vida desse jovem no diário revelou o que para ele era uma rotina que se iniciava às 5h30min quando acordava para o trabalho, que ia de sete às 17 horas. No trabalho, vivenciou alguns dias de morosidade com poucas obras, além de conflitos quando chamado para as atividades no fim de semana. Ao chegar em casa, por volta de 18:30 horas, gostava de ver televisão, mexer no computador e, segundo ele, o mais importante: ir à igreja. Aos finais de semana, apontou ser o momento em que é possível variar as coisas que faz indo na casa de amigos e parentes, jogando bola e paquerando. Os sábados em que era preciso também trabalhar foram apontados por ele no diário como motivo de revolta, impactando em uma baixa produção no dia.

- **Samira**, jovem de 26 anos. Evangélica, amasiada há seis anos, tinha um filho de cinco anos. Morava no bairro desde os sete anos, sendo que residia no mesmo lote da sogra e do sogro, em casas separadas. Estudou até o primeiro ano do ensino médio e parou devido à gravidez quando precisou de repouso por quadro de eclâmpsia. Relatou nunca ter feito cursos de formação profissional. Já trabalhou em casa de família antes de ser mãe e, depois do nascimento de seu filho, relatou “ter tido que abrir mão de muita coisa”. Grande parte de seu dia era destinado ao cuidado com o filho que tinha alguns problemas de saúde que requeriam acompanhamento fisioterápico, fonoaudiológico e de terapia ocupacional. Afirmou que, de vez em quando,

“fazia um bico” vendendo doces ou outros produtos na rua à noite, como forma de manter suas necessidades pessoais, cuidando também de uma sobrinha como estratégia de geração de renda. Queixou-se de problemas de relacionamento com o parceiro que usava cocaína e dava pouco apoio a ela e ao filho. Relatou sua tentativa de autoextermínio há cerca de quatro anos, devido aos conflitos com o companheiro. Seu companheiro era o responsável pelas necessidades básicas da casa e da criança, trabalhando como auxiliar de peças em uma empresa terceirizada de uma montadora de carros. Falou que seu tempo livre era pouco, resumindo-se aos momentos em que seu filho estava dormindo, aproveitando para ir a igreja que era seu refúgio para os conflitos vividos. Permaneceu com o diário por um mês e vinte dias e nele fez relatos sobre sua rotina diária, organizados como um diálogo por oito dias consecutivos, apontando que estava cansada “já que era sempre a mesma coisa no dia e mais um dia de dona de casa” e que isso atrapalhava um pouco a vivência como jovem. Em outros relatos no diário, expressou a alegria por ter ganhado uma máquina fotográfica no dia das mães como um presente-surpresa. Seu maior desejo era de poder trabalhar e ter condições de se manter juntamente com seu filho, possibilitando lazer e melhores condições para ele. Tinha projetos de ter mais um filho, preferencialmente uma menina, quando tivesse sua residência própria. Fizemos a entrevista em sua casa, sendo que essa jovem foi indicada para participar na pesquisa por outra participante, convidada na igreja.

- **Michele**, jovem de 16 anos. Morava no bairro desde que nasceu. No diário, fez uma longa apresentação que iniciou contando como é: “eu sou uma menina nanica, pequenininha, dos cabelos cacheados pretos, morena clara, adoro uma maquiagem e tenho olhos escuros!” Estudava na escola estadual no bairro, estando no segundo ano do ensino médio, pela manhã. Residia com seus pais em uma casa num lote em que moravam também seus dois irmãos casados e seus sobrinhos. Fez capacitação de Menor Aprendiz pelo Banco do Brasil, mas não pôde fazer o estágio pelo limite etário desse projeto. O que mais queria no momento em que participou da pesquisa era poder trabalhar para manter suas necessidades, sair de casa e poder ajudar sua família, uma vez que seus pais estão desempregados. Tinha um sonho

de ser cantora, relatando no diário tal sonho “apesar de nunca ter ido a um show”. Durante a participação na pesquisa relatou sua alegria por ter ido no primeiro show: “Hoje é dia 02/05 e estou muito feliz pois ontem eu fui no show do Victor e Leo, e pela primeira vez eu fui a um show”. Cantava na Igreja católica que frequentava, alternativa que tinha para efetivar seu desejo de cantar e realizar seu sonho. Em seu tempo livre, gostava de cantar, dançar, desenhar e sair, apesar de sua mãe não permitir que ela saísse com frequência. Participava da oficina de futsal do Programa Fica Vivo no Centro Alvorada, espaço em que foi convidada para integrar a pesquisa e onde também realizamos a entrevista. Permaneceu com o diário por um mês e dezoito dias, sendo seus relatos diários e extensos, ricos em detalhes. Fez relatos por dez dias consecutivos, estruturados como um diálogo: “Oi, hoje já é dia 15/04/10 e são 20:00 da noite. Eu sei que demorei a escrever, mas ontem aconteceu cada coisa que não tive nem cabeça para escrever e muito menos tempo [...]”. Relatou sua rotina, as paqueras, os dilemas vividos e suas reflexões. Ao final do diário, colocou uma síntese explicando como seus dias estavam “escalados”. Destaco aqui o relato pormenorizado de sua alimentação diária, aspecto que relacionou com sua saúde e seu corpo, fazendo também, em seus relatos finais do diário, algumas reflexões sobre saúde e as ações comportamentais que são prejudiciais à saúde.

- **Alberto**, jovem de 17 anos. Morava com sua mãe no bairro desde que nasceu. No diário, destacou que gostava muito de esportes e de aprender novos idiomas e culturas, afirmando gostar muito de tudo que era simples. Filho único, seus pais eram separados e estava no primeiro ano do ensino médio, estudando pela manhã na escola estadual do bairro. Fez natação por oito anos quando parou, durante a participação na pesquisa, relato feito no diário, para dar continuidade ao curso de inglês, devido às condições financeiras: “Agora voltei a fazer inglês todo sábado. Tô muito feliz!!! Mas ao mesmo tempo chateado porque eu tive que fazer uma escolha entre natação ou inglês”. Já fez curso de informática e nunca trabalhou. Gostava de escrever e de fazer textos em seu tempo livre, momento de descanso para ele, além de sair com os amigos, ir ao shopping e utilizar a internet, principalmente sites de comunicação como o Orkut, MSN e Skype. No

computador, gostava de praticar o inglês, falando com outros amigos nesse idioma. Não gostava de fazer as atividades da escola porque as considerava cansativas, sendo essa uma dificuldade do seu dia a dia. Foi batizado na Igreja Católica, a qual frequentava, ocasionalmente. Seu sonho era “estudar fora do país e cursar a Faculdade de Letras em línguas inglesa e alemã”. Desejava trabalhar com tradução e interpretação. No diário, fez registros sobre as atividades que compunham sua rotina, por um período de um mês e onze dias. Os momentos no MSN e nos sites de comunicação foram muito presentes em seus registros, ocupando o tempo em que afirmava não ter o que fazer. Nos dias em que não acessou a internet, se expressou como sendo um “milagre”. Aos finais de semana, relatou no diário a ida a festas, ao zoológico, ao shopping e ao cinema com os amigos da natação, relatando ter comido tudo de “ruim” com os amigos no Mc Donalds. É interessante destacar que, no diário, fez algumas reflexões sobre a saúde a partir do dia em que foi realizada a entrevista da pesquisa, bem como de sua participação nela: “eu achei que seria algo mais complexo... mais até que foi bem legal. Eu gostei muito de expor meu ponto de vista sobre a saúde no nosso dia a dia”. Esse foi o jovem que destacou as ações de saúde presentes em seu cotidiano de forma mais prevalente no diário, percepção despertada a partir da solicitação feita na entrevista e atendida por ele. Foi indicado a participar da pesquisa por outra jovem participante.

- **Afonso**, 14 anos. Morava com sua mãe, avó materna, três irmãos mais novos e uma prima. Vieram para o bairro porque foram indenizados pelo local onde moravam anteriormente no bairro São Paulo, em Belo Horizonte. Relatou ter pouco contato com seu pai e afirmou nunca ter morado com ele. Estava na quinta série, estudando em uma escola municipal do bairro, pela manhã. Trabalhava fazendo “bicos” no bairro com serviços a que tinha acesso: carregando areia, latas de cimento, como servente de pedreiro e outros mais. Afirmou que gosta de “ganhar um dinheirinho” para comprar suas coisas e ajudar sua mãe em casa. Em seu tempo livre, gostava de andar de bicicleta e jogar bola na rua, além de participar do Projeto “Escola Integrada” na escola que frequenta e que tem atividades como judô, karatê, grafite e outras mais, indo nos dias em que não tinha trabalho. Estava iniciando a participação no

Pró-jovem quando foi convidado a participar na pesquisa a partir da indicação de outro jovem. Nos finais de semana em que tinha dinheiro, gostava de ir para o shopping com os colegas para brincar, comer e comprar roupas novas. Tinha uma “agenda” com intensa participação nas atividades para jovens do bairro afirmando que participava de quase tudo que havia no bairro. Participava de várias oficinas do Programa Fica Vivo: grafite, capoeira e de estrutura de arame, sendo que era frequente a necessidade de se ausentar de algumas delas para ir a outras, nos dias e horários coincidentes durante a semana. Desejava continuar no “caminho certo” na vida afirmando que iria crescer, trabalhar e um dia ter sua própria família. No diário, que permaneceu com ele por um mês e vinte e quatro dias, se expressou por meio de desenhos de carro, casa, paisagens, de jovem soltando papagaio, da bandeira do Brasil, de animais, além de um desenho representativo da mensagem de proibido fumar. Também a expressão da palavra “Paz” compôs dois registros de seu diário. Foi indicado para participar da pesquisa por outro jovem convidado no espaço da igreja sendo a entrevista realizada no Espaço Recriar, localizado próximo de sua residência.

- **Lucas**, jovem de 18 anos. Foi convidado a participar da pesquisa na oficina de grafite do Fica Vivo. Morava com sua mãe e uma irmã, no bairro. No período em que foi convidado a participar da pesquisa estava trabalhando em seu lava-jato que funcionava em sua casa, afirmando que trabalhava desde os 15 anos. Durante a pesquisa, começou a trabalhar em uma agência de venda de carros e fechou o lava-jato. Estava cursando o segundo ano do ensino médio pela manhã na escola estadual do bairro sendo que, abandonou a escola, por um ano, em decorrência do horário de trabalho. Estava frequentando uma igreja evangélica no bairro por influência da namorada. Afirmava não ter religião e que frequentava qualquer igreja a que fosse convidado. Gostava muito de fazer grafite e, no final de semana após o trabalho, jogava bola. Normalmente, ajudava sua mãe no bar que a mesma tinha no campo de futebol do bairro. Estava aprovado em um curso de formação em mecânica, aguardando ser chamado para início dessa profissionalização com a qual pretendia trabalhar. Para o futuro, almejava ter sua casa, seu carro e constituir uma família, incluindo um filho. No diário, que

permaneceu com ele por dois meses e quinze dias, fez algumas produções de grafite e relatos sobre seu dia a dia manifestando também as inquietações vividas na escola e a experiência de adoecimento por dengue que vivenciou durante a participação na pesquisa. Fizemos a entrevista no Centro Cultural Jardim Guanabara, local em que ocorriam as oficinas de grafite do Fica Vivo.

- **Adriano**, jovem de 17 anos. Estava morando no bairro há um ano na casa de seu irmão e de sua cunhada. No diário, se apresenta como “apenas mais um jovem que nasceu e cresceu com grandes dificuldades e procurou sua própria independência através do mundo do crime, hoje não sou mais assim, só que eu aprendi a enxergar no dia a dia o sofrimento que minha mãe passou para nos criar [...]”. Parou de estudar na sexta série quando teve que vir da Bahia para Belo Horizonte, devido ao envolvimento com o tráfico de drogas e com a criminalidade em sua cidade. Relatou já ter perdido cinco irmãos no crime e que tinha mais duas irmãs por parte de mãe que moravam na Bahia, com sua mãe. Afirmou ter feito uma escolha de vida errada pelo caminho do tráfico de drogas e que naquele momento tinha problemas com a polícia da cidade na Bahia que estava perseguindo seu caminho para matá-lo. Relatou que era a segunda vez que tinha que se deslocar para Belo Horizonte por ameaças em sua cidade de origem e por mandado de busca e apreensão. Já fez curso de digitação e de formação para o trabalho no CRAS Felicidade. Em seu tempo livre, gostava de escrever, principalmente letras de música e de pensar em sua família. No diário, que permaneceu com ele por um período de um mês e quinze dias, fez vários versos e rimas. Sonhava em ser maior para ter habilitação para dirigir e ter um emprego para comprar um carro. Relatou nunca ter utilizado drogas ilícitas e que fumava cerca de 20 cigarros por dia. Seu desejo era de retornar para a Bahia e ter uma “vida normal”. Para o futuro, “projetava formar nos estudos, arrumar um emprego e dar uma condição melhor para sua mãe”. Foi convidado a participar da pesquisa em uma das oficinas do Pró-jovem. No diário, expressou vários versos e rimas sobre a família, sobre drogas e criminalidade. Fizemos a entrevista no espaço aberto do Centro Cultural de um bairro vizinho ao Jardim Felicidade, onde também ocorrem as oficinas do Pró-jovem.

- **Sarah**, jovem de 24 anos. Amasiada, morava com seu companheiro e seu filho de cinco anos, em uma parte da casa da sogra cedida e ampliada como moradia. Tinha ensino médio completo e trabalhava há cerca de dois anos em uma fábrica de cosméticos, como operadora. Tinha pouco tempo livre mas, quando o tinha, gostava de descansar e ficar sozinha, apesar de relatar que gostaria de poder sair para se divertir. Relatou estar muito cansada e com vontade de abandonar o emprego. No diário, com o qual permaneceu por dois meses, afirmou que estava muito estressada com o trabalho, com o dia a dia, serviço de casa, filho e marido, afirmando que “tem vez que dá vontade de sumir e não saber de nada. É muita coisa para uma cabeça só, é muita carga para um corpo só”. Já trabalhou com “bicos” de faxina e em uma lanchonete do bairro. Relatou que já se separou por um tempo do pai de seu filho e retornou por dificuldade de convivência na casa de sua mãe, onde morou por um tempo após a separação. No período em que participou da pesquisa, enfrentava problemas com seu companheiro que fazia uso de drogas, além da solidão que relatou viver. Era evangélica e afirmou que a fé era sua força, frequentando, semanalmente, uma igreja do bairro, local em que foi convidada a participar da pesquisa. A expressão de uma semana na vida dela no diário revelou a centralidade de seu dia no trabalho, na rotina de cuidados domésticos e com seu filho, destacando nele a tristeza e a angústia que vivenciava durante a participação na pesquisa. No diário, relatou também alguns momentos de lazer com seu filho indo ao shopping, ao parque e ao trailer no bairro. Fizemos a entrevista no quarto de sua casa, tendo algumas interferências do filho. Em alguns momentos, a jovem se emocionou com as reflexões feitas ao longo das questões apresentadas que remetiam a sua história de vida, seus dilemas e angústias.
- **Patrícia**, 17 anos. Estava no terceiro ano do ensino médio e estudava à noite em uma escola estadual, do bairro vizinho. Morava com sua mãe e seus dois irmãos. Não conheceu seu pai e tinha como referência paterna o pai de um de seus irmãos, com o qual tinha um bom relacionamento. Era evangélica, frequentando uma igreja no bairro vizinho. Durante sua participação na pesquisa, estava trabalhando em uma escola infantil do bairro, sendo que, no decorrer de sua participação, foi demitida. Após esse episódio, no diário,

colocou que: “no momento não estou namorando, porque estou mais focada em arrumar um emprego pra ajudar dentro de casa, não que eu esteja precisando, mas é porque só minha mãe trabalha e daqui algum tempo ela não vai dar conta de manter a casa.” Já fez cursos de formação pelo Banco do Brasil e pela Cruz Vermelha. Relatou, na entrevista, ter participado do Projeto Valores de Minas em que fez circo e dança, do projeto de socialização juvenil da ABAFE e do Pró-jovem. Saiu do Pró-jovem em decorrência do trabalho e, após ser demitida, retornou a participação nesse projeto durante três dias da semana. Permaneceu com o diário por um mês e quinze dias e nele referiu-se ao Pró-jovem colocando que “adora o curso porque além de aprender muitas coisas ainda evito de ficar na rua exposta à violência”. Em seu tempo livre, gostava de ficar sem fazer nada, ler ou desenhar, normalmente quando estava nervosa ou triste. Aos finais de semana, normalmente cumpria as tarefas domésticas, participava do treino de futsal e, à noite, ia à igreja e saía com os amigos, relatando que, por ter parado de dançar, saía muito pouco. Era também no final de semana que cuidava de suas necessidades pessoais como arrumar o cabelo e as unhas. No diário, durante o período em que a escola estava em greve, afirmou que “não tinha muita vontade de escrever, pois seus dias eram todos iguais, todos a mesma coisa: acordar, trabalhar, voltar, dormir...ai que saco”. Os momentos de satisfação manifestados no diário eram aqueles em que ia para o treino de futsal. Foi convidada para participar da pesquisa na Oficina de Futsal do Programa Fica Vivo que frequentava normalmente duas vezes na semana, sendo que, no treino de quarta feira, como tinha aula à noite, participava apenas da atividade de condicionamento físico. Seus projetos futuros incluíam primeiramente o trabalho e o desejo de cursar Educação Física, mas para ser personal trainer, uma vez que, para ela, “professor ganha muito pouco e faz greve à toa”. Entretanto, na entrevista, realizada no Centro Cultural do bairro vizinho por ser próximo a sua residência, afirmou ainda não saber sobre o acesso à Universidade. Também relatou na entrevista sobre o desejo de que, assim que oportuno, mudaria do bairro.

- **Alan**, jovem de 19 anos. No diário, apresentou-se como sendo “o que muitas pessoas veem, mas não sendo o que muitas delas pensam [...] como sendo um sonhador, um aprendiz e um executor”. Solteiro, tinha uma filha de dois

anos. Estava no terceiro ano do ensino médio, estudando na escola estadual do bairro, no turno da noite. Já trabalhou como servente de pedreiro, vendedor e office boy, tendo se iniciado no trabalho aos treze anos. Trabalhava como eletricista e estava fazendo autoescola após o horário do trabalho, antes de ir para a escola, atividades essas que ocupavam sua semana. Já havia feito curso profissionalizante de hidráulica e tinha vontade de fazer curso de eletrotécnica. Morava com seus pais, dois irmãos e um primo e namorava a mãe de sua filha há cerca de dois anos. Foi convidado a participar da pesquisa na oficina de grafite, no mesmo espaço da de rap e DJ, elementos que compõem a cultura Hip Hop. Frequentava a oficina às quartas-feiras à noite quando era possível se ausentar da escola e aos sábados. Uma semana da vida dele no diário revelou a rotina de seu dia a dia que tinha o trabalho como atividade central sendo essa rotina expressada por ele como corrida, apertada, cansativa e composta pelo: “trampo, autoescola, escola, casa. A rotina está sempre presente no meu dia a dia. [...] o que muda um dia do outro é a animação [...]”. A sexta-feira foi revelada como um dia de expectativa pela proximidade do final de semana, já que nele era possível dormir tarde, mudar um pouco a rotina e “curtir um rolé com a galera”. Permaneceu com o diário por 28 dias e nele fez anotações de sua rotina por uma semana. Nos finais de semana, passava a maior parte do tempo com sua filha e com a namorada, quando passeava normalmente no shopping e no parque. Fizemos a entrevista no Centro Alvorada, um espaço social do bairro em que ocorria a oficina de breik nesse dia, juntamente com as demais da cultura Hip Hop. O jovem respondeu às questões de forma objetiva e pontualmente, por vezes com colocações generalizadas, sendo pouco expressivo durante a entrevista.

- **Laura**, jovem de 17 anos. Morava com sua mãe e seus quatro irmãos no bairro. Conheceu seu pai mas nunca conviveu com ele. Estava no primeiro ano do ensino médio, frequentando a escola estadual do bairro em horário noturno. Já esteve fora da escola por um ano, justificado pelo cansaço devido às atribuições que tinha no cuidado dos irmãos e no apoio às tarefas domésticas para que sua mãe pudesse trabalhar, retornando por incentivo da mãe. Já fez curso de digitação e de formação para o trabalho na Associação

Comunitária do bairro. Participava do Pró-jovem três vezes por semana pela manhã, espaço em que manifestou o interesse em participar da pesquisa. Relatou, no diário, gostar das oficinas, principalmente a de percussão corporal. Evangélica, frequentava uma igreja da comunidade na qual participava de um grupo de dança. Relatou ter feito curso de manicure, mas que nunca exerceu profissão por ter problema na coluna. Gostava de jogar bola e de ir para a casa de sua madrinha aos finais de semana para dançar. Considerou seu tempo livre como aquele tempo que tem para se divertir. Seu desejo era de continuar estudando e de fazer curso técnico de Enfermagem e, para o futuro, pretendia casar. No diário, discorreu pouco sobre seu dia a dia, atendo-se mais à inclusão de mensagens e de reflexões sobre a amizade, pelo momento que vivenciava, e sobre a família, tendo permanecido com ele por um mês e vinte dias. Fez, no diário, um relato sobre a excursão do Pró-jovem ao Balneário Rio de Pedras em Itabirito, atividade que esperava por muito tempo e de que participou juntamente com sua irmã e suas primas. Fizemos a entrevista na Associação Comunitária do Jardim Felicidade, espaço em que aconteciam alguns encontros do Pró-jovem.

- **Jaime**, jovem de 20 anos. Morava no bairro desde os 14 anos com sua mãe e um primo, em uma casa cedida pela tia. Nasceu na cidade de Januária, no norte de Minas Gerais, onde morou até os dois anos com seus pais. Após a separação dos pais, morou em São Paulo com sua mãe e tios e veio para Belo Horizonte após a experiência negativa de morar com seu pai. No diário, em sua apresentação, apontou o quanto “é complicado pensar quem é ele, quando ainda está se descobrindo [...] sigo tentando me descobrir ainda mais até o final da minha vida”. Foi por meio das relações com as pessoas mais próximas que o jovem revelou algumas de suas características: “simpático, alegre, humilde, carinhoso, transparente e sincero, comunicativo, vaidoso, impaciente, nervoso e reclamão”. Estava cursando Serviço Social em uma Faculdade privada e, durante a participação na pesquisa, trabalhava como educador social do Pró-jovem no bairro. Foi demitido desse emprego e retornou como educador social em outra instituição infantil do bairro. Relatou que trabalha desde os 14 anos quando chegou a Belo Horizonte para morar na Cidade dos Meninos, ideia construída por sua mãe. Jaime, após ter maior

conhecimento, desistiu desse projeto. A partir daí, fez curso de Menor Aprendiz no Extra Hipermercado, depois no SENAC tendo sua primeira experiência de trabalho. Também trabalhou como ajudante de padeiro e de Menor Aprendiz no Banco do Brasil. Para ele, essa experiência no Banco do Brasil foi fundamental para traçar sua trajetória de vida. Tinha envolvimento no movimento social do bairro, já tendo participado do Grupo de Mobilização Comunitária, do Projeto História Viva no resgate da história do bairro e integrava, durante a participação na pesquisa, o Movimento dos Trabalhadores Desempregados. Católico, participava de um grupo do Centro Alvorada de ação social. Já fez teatro, experiência propiciada a partir do projeto do Banco do Brasil, participando de diversas peças e tendo que sair pelo ingresso na Faculdade a partir da dificuldade de conciliar horários. Adorava estar com os amigos, aprender a tocar músicas novas no violão e cantar. Pela manhã, tinha seu tempo ocupado com o trabalho e, à tarde, ocupava o tempo com as atividades da Faculdade, gostando de assistir à televisão e também dormir nesse período. Aos finais de semana, quando não tinha tarefas da Faculdade, normalmente frequentava o grupo da igreja ou tinha os ensaios da banda que passou a integrar, além dos shows. Durante o período em que participava da pesquisa, por integrar essa banda, compôs várias letras de música sendo uma delas, repertório de uma peça de teatro dos jovens do Fica Vivo do bairro. Em seu tempo livre, gostava de cantar, ver filmes, conversar com amigos pelo MSN e se desligar das atividades e preocupações de sua rotina no trabalho e na Faculdade. Durante sua participação na pesquisa, estava passando por um quadro de depressão, buscando ajuda de diferentes maneiras para superá-lo. Com esse jovem, manteve contato por um período maior, tendo em vista essa situação que vivenciava bem como o vínculo estabelecido. Foi convidado a participar da pesquisa no Pró-jovem, sendo que a entrevista ocorreu em quatro momentos justificado pelo jovem pelo fato de que esse era o tempo, entre a oficina do Pró-jovem e o almoço, que teria para participar. Os momentos de entrevistas, realizadas em espaço anexo da Associação Comunitária do bairro nos quais ocorriam os encontros do Pró-jovem, tinham, para ele, um caráter terapêutico e de reflexões. Ele começou a fazer anotações no diário no dia da entrevista, permanecendo com o diário por um mês. Nele, o jovem se expressou em

quatro páginas nas quais, apesar da escrita sintética, revelou profunda densidade sobre suas vivências. Colocou uma poesia que fez afirmando que “nos momentos delicados da vida da gente que vem a inspiração”. Na entrevista, leu a poesia e refletiu sobre ela. Para o jovem, participar da pesquisa ajudou-o a elaborar alguns dilemas de vida e a superar as dificuldades do momento que vivenciava. Seus projetos incluíam a continuidade dos estudos e o envolvimento com a música de forma mais intensa, com produções na banda. Afirmou que seus projetos eram de querer ser feliz.

- **Beatriz**, jovem de 16 anos. Mãe de um bebê de cinco meses. Morava com sua avó paterna a quem chamava de mãe desde que nasceu e com duas tias, dois tios e uma prima. Conheceu sua mãe biológica aos onze anos e nunca teve contato com seu pai. Estava namorando com um jovem do bairro, de 20 anos, que morava em sua rua. Relatou, na entrevista realizada na ABAFE, que o pai de seu filho havia falecido aos 17 anos no bairro, na porta de sua casa, quando ela estava grávida, devido ao envolvimento com o tráfico de drogas no bairro em que o mesmo residia. Por estar grávida, foi expulsa de casa, indo morar na casa do ex-namorado. A morte dele fez com que ela pensasse em abortar. Segunda ela, a gravidez foi planejada por eles como prova de amor. Relatou ter feito curso de informática e trabalhou pelo Programa Menor Aprendiz em uma creche do bairro, sendo dispensada após o período de licença maternidade, considerando que engravidou no período de experiência no trabalho. Durante a participação na pesquisa, frequentava o Pró-Jovem pela manhã quando não havia intercorrências com seu filho ou não tinha quem ficasse com ele. Disse que não estava gostando muito das “aulas do curso”. Gostava de jogar futebol no Pró-jovem, já tendo participado também da Oficina de Futsal do Fica Vivo, da qual se desligou no terceiro mês de gestação mas pretendia voltar. Não estava frequentando a escola desde o oitavo mês de gestação, tendo interrompido os estudos na oitava série. Seu maior desejo era de conseguir um emprego para propiciar boas condições a seu filho, vendo no Pró-Jovem um possível caminho para o trabalho. Também desejava ter condições de dar muito carinho e ter um bom relacionamento com seu filho. Queria também voltar para a escola e concluir

o ensino médio, fazer uma Faculdade “se o dinheiro sobrasse um dia”. Foi convidada para participar da pesquisa no Pró-jovem. No diário, que permaneceu com a jovem por dois meses e quatorze dias, relatou sua rotina durante 20 dias, centrada no cuidado de seu filho e nas tarefas domésticas. Gostava de brincar com seu filho e, no diário, relatou brincadeiras e o passeio no zoológico que fez com ele. Nos momentos em que seu filho dormia é que era possível escrever no diário sobre seu dia, sendo para ela o momento em que tinha tempo livre para tomar sorvete com o namorado, conversar com as amigas, divertir-se um pouco e dormir já que sentia cansaço em decorrência dos cuidados com o filho.

Busquei apresentar os jovens de uma forma detalhada capaz de expressar a singularidade pela condição social e a heterogeneidade pelas vivências juvenis reveladas pelos participantes da pesquisa. Foi por meio do convívio com eles, das entrevistas e dos diários, articulando com a fase exploratória do estudo que emergiram as categorias empíricas da fase interpretativa. Antes de adentrar a discussão das categorias empíricas, apresento ao leitor uma representação ilustrativa de algumas rotas construídas e narradas pelos jovens, traçadas a partir do convívio e da circulação por seus itinerários no bairro e fora dele.



FIGURA 4 – Rotas traçadas no cotidiano pelos jovens participantes da pesquisa
 Fonte: Representação produzida a partir dos dados empíricos da pesquisa.

Eu acho que ser jovem é questão de espírito, e não de idade. Ser jovem tá sendo tão difícil porque o mundo de hoje oferece mais coisas ruins que boas. Mas jovem mesmo é quando você tem sua própria opinião, sua própria atitude, seus próprios conceitos, por que a partir do momento que você dá ouvido ou vai na atitude de outras pessoas você deixa um pouco de ser jovem pra ser embalista. E acaba correndo riscos ou as vezes acontece coisas indesejáveis aí que vem a famosa frase: Eu perdi minha época de jovem, perdi minha juventude, perdi a melhor época da minha vida. Mas não perde nada porque jovem é questão de espírito; se você tá feliz tá com disposição você está com espírito jovial. E o mais importante disso tudo é ter saúde. Eu me acho jovem porque eu tenho minha opinião, meus conceitos... Se até hoje eu acho minha vó, minha mãe jovem porque eu no seria? Jovem Patrícia

"Ser jovem pra mim é não ver limites nem obstáculos na vida e viver cada dia como se fosse o último" Jovem Adriano

"Ser jovem é querer viver a vida como se o amanhã não existisse. Ser jovem é ir a uma festa para ser cobiçado e na hora H tirar o corpo fora. Ser jovem é querer ultrapassar limites, desprender-se da tutela dos pais e toma-se independente. Acima de tudo, ser jovem é extravasar só para contrariar." Jovem Alberto

"Jovem pode ser uma pessoa que na idade é nova ou na idade pode ser velho mais na mente pensa como jovem, atitudes de jovens. Ser jovem também é ter uma disposição, mais ânimos para fazer as coisas, curtir mais a vida com aquilo que acha que é bom pra ele. O jovem gosta mais de aventura, não sei porque mais parece que as maiorias das coisas que não pode fazer os jovens quer fazer! O jovem também é mais atrevido, falou não pra ele e ele quer, ele vai lá e faz, mais não é o caso de todos não." Jovem Breno

"Ser jovem para mim é ter vários amigos, é ter sonhos malucos, ser animado, rir com qualquer coisa, não se preocupar com muitas coisas, é ter sentimentos e hormônios a flor da pele...enfim, ser jovem pra mim é aproveitar cada segundo da vida" Jovem Carolina



Grafite realizado pelo Jovem Lucas em seu diário

7 FASE INTERPRETATIVA: MODOS DE VIDA JUVENIS E A SAÚDE NO COTIDIANO DOS JOVENS

Após a análise da fase exploratória e a apresentação dos jovens participantes da pesquisa, busquei, na primeira categoria empírica do momento interpretativo desse estudo, entender a condição juvenil, bem como as ações que compõem o cotidiano dos jovens. As reflexões sobre o cotidiano foram reveladas a partir da compreensão dos modos de vida dos jovens no bairro Felicidade, captando as vivências juvenis e sua relação com a saúde. A cotidianidade dos jovens, foi definida como o analisador que conduziu a reflexão sobre a condição dos jovens participantes da pesquisa, que expressaram seus desejos, bem como a subtração de alguns deles, seus conflitos e suas angústias. Por meio da relação entre a expressão dos jovens nos diários dos participantes e nas entrevistas, articulei as dimensões singular, particular e estrutural da realidade objetiva, analisando as heterogeneidades dos modos de ser jovem que fizeram e fazem, desses jovens, “jovens plurais”. O Quadro a seguir apresenta, de forma sintética, as categorias empíricas da pesquisa:

QUADRO 3

Categorias Empíricas da Pesquisa

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA
1. O cotidiano dos jovens e a expressividade dos modos de vida	2.1 A medicalização, o comportamento, o corpo e a qualidade de vida: confluências na expressão da saúde e do ser saudável
2. A saúde no cotidiano dos jovens	2.2 Em que a “a saúde compareceu” para os jovens em seu cotidiano?

Fonte: Análise dos dados da pesquisa, 2010.

Na primeira categoria empírica, apresento a discussão sobre os modos de vida juvenis no bairro Jardim Felicidade, de modo a propiciar um mergulho no cotidiano dos jovens, em seus repertórios de vida, por meio das ações que realizam no dia a dia e de seus sentimentos. Pelo cotidiano, revelaram-se, ainda, as ações de saúde por meio da reflexão vinda da observação, das entrevistas e dos diários dos

participantes e da pesquisadora. A narrativa sobre a saúde no cotidiano dos jovens foi organizada em duas subcategorias: “A medicalização, o comportamento, o corpo e a qualidade de vida: confluências na expressão da saúde e do ser saudável”, primeira subcategoria, em que discuto a concepção de saúde para os jovens. O corpo e o cuidado do corpo são o eixo central para se analisar como a saúde é percebida no cotidiano nessa categoria. Na segunda subcategoria, faço a narrativa dos dados relacionando o cotidiano dos jovens e os espaços sociais onde discuto as ações de saúde perpassando esses espaços juvenis e onde se revelou o cuidado com a saúde. Essa subcategoria foi intitulada a partir das reflexões de um dos jovens participantes como: Em que “a saúde compareceu” para os jovens em seu cotidiano?

7.1 O cotidiano dos jovens e a expressividade dos modos de vida

Viver

Viver paixões

Viver decepções

Viver confusões

Viver outras várias emoções

Como conseguimos passar por tudo isso?

Muitos falam e eu acredito

Que é o destino

Essa palavra que ninguém

Sabe dizer qual o seu

E quando irá cumpri-lo

Mas só sabe que nosso Deus

É que nos dá um caminho.

*Diário do Jovem Jaime,
p. 3, sem data*

Início essa categoria empírica com um poema, escrito por um dos jovens participantes da pesquisa e que, por si só, justifica a pertinência de se partir, nesta análise, dos modos de vida. A densidade das vivências, a heterogeneidade de experiências e as estratégias para se lidar com as práticas que compõem o cotidiano

dos jovens explicitam a necessidade de se partir da cotidianidade e da análise dos modos de vida, como estruturadores da saúde.

A análise dos modos de vida juvenis deu-se numa perspectiva de que a condição de classe é determinante nas vivências, mas sem ignorar a preocupação com as relações sociais e a dimensão do simbólico. A vida cotidiana foi tomada em sua expressividade das formas de viver a vida e revelou as condições concretas oriundas da estrutura econômica e social, num mecanismo que explicita os microprocessos sociais (HELLER, 2008).

Nessa categoria, articulo a singularidade e a particularidade de cada jovem em seu cotidiano que retrata os modos de vida juvenis no bairro, com as diferentes práticas que compõem seu dia a dia, as redes construídas, os desafios e os dilemas de suas vidas. A descrição do bairro Jardim Felicidade, traçada a partir do mapeamento e da observação na primeira fase da pesquisa, foi relacionada, nessa categoria, com a vivência dos jovens em seu cotidiano, o que possibilitou uma interpretação, em profundidade, desse cotidiano, num movimento de aproximação entre as dimensões da realidade estudada. O modo de vida foi, dessa maneira, revelado, expressando a condição juvenil em seu cotidiano, em um movimento dialético.

Na análise da heterogeneidade que faz parte da vida cotidiana dos jovens, as partes orgânicas que compõem o cotidiano como a atividade social sistematizada, o trabalho, a vida privada, o lazer e o descanso, foram tomados a partir da revelação dos mesmos (HELLER, 2008). A multiplicidade de espaços nos quais os jovens do Jardim Felicidade transitam na conformação das experiências marcadoras da condição juvenil, abrange desde o ambiente domiciliar, passando pelo espaço da rua e chegando às instituições a que os jovens se vinculam. Nesse sentido, os jovens explicitaram como constroem, eles próprios, seus itinerários na vida, ampliando seu repertório, motivados pelos desejos e pelas interações cotidianas.

Para a compreensão da vida cotidiana, busquei entender as três categorias apontadas por Heller (2008), relacionadas ao ser humano: a particularidade, a individualidade e a generalidade, considerando que o indivíduo é, simultaneamente, um ser particular e genérico. Na análise dos modos de vida juvenis, busquei analisar o cotidiano desses jovens levando em conta suas particularidades e sua individualidade, voltadas para as satisfações pessoais, envolvendo a liberdade, a autonomia dinâmica e relativa, as possibilidades alternativas e escolhas que povoam

a vida cotidiana. Nesse movimento dialético, também relaciono as generalidades, tidas como as atividades sociais globalizantes, produto da integração marcadora da condição juvenil no bairro.

E, nesse sentido, a vida cotidiana manifestou-se pela maioria dos jovens como uma rotina, com certo “cronograma de atividades” a ser seguido, incluindo ações da escola, do trabalho, dos compromissos com os afazeres domésticos, do lazer, do envolvimento em atividades para jovens do bairro e do tempo livre. Os jovens construíram reflexões sobre o que fazem e sobre o que compõe seu dia a dia, como expressão imediata do que vivem. Esse cotidiano foi revelador de processos sociais, da rotina e de rupturas, de mecanismos de resistência e de ajustes. O cotidiano apresentou-se, desse modo, como um terreno de negociações, inovações, resistências e conflitos que remetem à singularidade de cada jovem - composta pela subjetividade e pela heterogeneidade de experiências socializadoras - e à particularidade de ser jovem em um bairro popular, marcada pela estrutura social. Foi possível conjugar as diferentes dimensões da realidade por meio da expressão dos modos de vida juvenis, (re) construídos diariamente pelos jovens.

O cotidiano, campo aberto à experiência, revelou-se, neste estudo, a partir das trajetórias construídas por cada jovem, em seu itinerário de vida permeado por incertezas quanto ao futuro. Assim, ele se fez composto por ações previsíveis e pela imprevisibilidade, à semelhança de um mosaico, com várias facetas que remetem à multiplicidade de elementos que constituem a vida dos jovens. Destaca-se que a heterogeneidade da condição juvenil também foi reforçada pelas ações diferenciadas que compõem o cotidiano de uma jovem-mãe, participante da pesquisa e de um jovem-trabalhador, por exemplo, sendo explicitadas as ações específicas realizadas, seja pelo cuidado com o filho, seja pela rotina de trabalho.

No cotidiano dos jovens, percebe-se a valorização de elementos que favorecem a formação do “ser” como a família, as amigas, a escola, os projetos da comunidade e a igreja e também aqueles que possibilitam o “ter”, compreendido como condições de acesso a bens de consumo, ao lazer e à adoção de estilos de vida diferenciados, possíveis pela via do trabalho e em suas diferentes modalidades. Esse cotidiano é, então, composto por diferentes experiências socializadoras que se dão em espaços sociais diversos e que expressam o modo de ser jovem em um bairro popular, considerando que as experiências de socialização adquirem significações diferentes para os jovens em um contexto de vulnerabilidade. Assim, a

relação entre a cotidianidade do jovem e sua experiência de socialização foi revelada de forma estreita já que é por meio dessa relação que o indivíduo adquire as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana. Nesse sentido, considerando a importância dessas vivências cotidianas na formação do sujeito, Heller (2008) aponta que é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

7.1.1 A rua e o tempo livre nas vivências juvenis: contradições e possibilidades

Ao analisar a condição juvenil, teci o modo de vida dos jovens do bairro Jardim Felicidade, passando pela singularidade, pelos diferentes caminhos, espaços sociais e interações que compõem o dia a dia desses jovens. Partindo do espaço da rua, as ações para jovens na comunidade, a igreja, os grupos, a escola com as relações de amizade construídas, espaços considerados marcantes na socialização e na sociabilidade dos jovens participantes, busco relacionar a condição juvenil expressa nos modos de vida e influenciada pelas diferentes formas de socialização experienciada pelos jovens, repleta de contradições e paradoxos. A sociabilidade é aqui compreendida como os laços, como o jogo de formas e de interação que respondem às necessidades de comunicação, de solidariedade, de trocas afetivas e de identidade entre os jovens, diminuindo a distância entre a vida cotidiana e as imagens que veem da sociedade (DAYRELL, 2005). É também por meio das relações de amizade que os jovens conformam suas redes que influenciam e demarcam suas vivências.

O espaço da rua, muito frequente no cotidiano dos jovens do bairro, para a maioria deles, surge como aquele em que se tem o lazer como o jogo de bola, o passeio de bicicleta e a diversão do encontro com amigos e vizinhos. Os amigos, na vivência da juventude, cumprem um importante papel. É com eles que é possível realizar programas interessantes e se espelharem mutuamente nos projetos de vida ou até mesmo praticarem ações ilícitas, se desvirtuarem do caminho e se direcionarem para as “más escolhas”, como expresso por um dos jovens na pesquisa. Corroborando com essa ideia, Dayrell (2005) afirma que essas experiências, principalmente para os jovens de periferia, se dão em um momento delicado, pois o destino das relações dependerá, em parte, da qualidade dos grupos encontrados em seu meio.

A rua também é tida como um espaço em que é possível aliviar o estresse vivenciado em casa, pelos conflitos familiares frequentes, gerados pelo etilismo dos pais e de intrigas frequentes. É na rua que se encontra, nessa situação, o apoio de amigos para alívio do sofrimento. A rua apresenta-se como um espaço para a descoberta de vocações como a música, sendo que, por meio da brincadeira com os colegas na composição de rimas musicais, é que um dos jovens percebeu seu dom para a música. Estar envolvido nos projetos da comunidade como no Pró-jovem, na ABAFE e na oficina de futebol também é expresso pelos jovens como “ficar na rua”, dando ao espaço da rua diferentes conotações.

A observação e a convivência com os jovens no espaço da rua foram capazes de explicitar uma paisagem complexa e multideterminada, que incide sobre a rua, que envolve determinantes desde a dimensão estrutural como as políticas públicas e a forma de organização social, até aquelas relativas ao âmbito particular e singular como os valores e as crenças que norteiam as práticas cotidianas. Neste estudo, a dimensão estrutural foi acessada por um movimento que partiu da vida de cada jovem, chegando até a macroestrutura pelos itinerários e interfaces apontados pelos próprios jovens.

Percebido na dimensão particular da realidade objetiva, o espaço da rua no Jardim Felicidade é visto pelos jovens como marcador da situação do bairro, oscilando entre um espaço de interação da comunidade e de tranquilidade para aquele marcado pelas condições de violência. É um espaço de contradições porque é nele, conforme alguns participantes da pesquisa relataram, que se dão o uso e a venda de drogas, a cooptação de crianças para o tráfico, e também da ameaça, como expressão do risco de estar na rua. Nos períodos críticos, de maior violência no bairro, a rua se apresenta como espaço de trânsito das pessoas para a escola, trabalho e atividades necessárias, considerando o medo latente na população frente à guerra do tráfico. Quando os pontos do tráfico de drogas são disputados entre alguns moradores, o clima de medo e de tensão prevalece na população. É nesse sentido que a rua é considerada como um problema para os jovens, pois é nela que a criminalidade e a drogadição se efetivam, sendo apontado, pela jovem Sarah, uma das participantes da pesquisa, que “a rua de periferia é um lugar inapropriado, em que não se aprende nada de bom”.

A rua é percebida, então, por um duplo sentido: de um lado, é considerada como um espaço marginal, perigoso e arriscado para os jovens tendo em vista o

narcotráfico e a violência; de outro lado, a rua é tida como lócus de lazer e sociabilidade para os jovens, uma vez que o bairro não oferece à população espaços como parques e praças nos quais poderiam interagir. Abramo (2008) afirma que, no imaginário social, o espaço público que, numa dimensão mais concreta, é representado pela rua ou pela praça, sempre foi visto como um espaço potencialmente perigoso para o jovem, como um espaço desprotegido, de desvio e desregramento. A rua é tida como espaço marginal por não se organizar segundo os padrões considerados pela cultura predominante como condição de uma integração na sociedade, o que não quer dizer que seja desprovida de qualquer organização, de códigos e normas que regem o comportamento dos jovens que identificam e que fazem parte desse espaço (COLOMBO, 2005). Essa percepção da rua como espaço perigoso, histórica na sociedade moderna, é agravada no contexto atual pelas tensões sociais, desigualdades, violência e criminalidade que fazem com que a noção mais negativa do espaço da rua permaneça na sociedade.

Nessa dicotomia de sentidos para o espaço da rua no bairro, destaca-se que, na dimensão singular, a rua se apresenta para cada jovem como um espaço potencialmente socializador em que os jovens vivenciam uma diversidade de situações e relações sociais que podem agregar experiências positivas e negativas a sua bagagem cultural. A falta de centros de juventude ou clubes públicos nos quais os jovens possam acessar espaços de lazer e sociabilidade com recursos e informações estimuladores da criatividade, liberdade e autonomia para o desenvolvimento integral é evidente nos bairros de periferia de Belo Horizonte, como apontado também por Dayrell e Corrochano (2009). Percebidas dessa maneira, as relações construídas pelos jovens no espaço da rua passam a ser norteadas pelo repertório de cada indivíduo em suas relações, podendo a rua representar o espaço para o lazer, para o namoro e diversão, por parcerias de trabalho e até mesmo pelas ações e repercussões do tráfico e do crime. A rua não está isenta de perigos para a integralidade física e para a sobrevivência desses jovens; a vivência dos participantes da pesquisa no espaço da rua deixa marcas na construção da subjetividade juvenil.

Passando por outras instâncias socializadoras como a família, a escola e o trabalho, o espaço da rua contribui para a pluralidade do ser jovem como um ator social. É também no espaço da rua que se consolida o tempo livre de alguns jovens. Nela, é possível ligar um telão para jogar videogame com os vizinhos, assistir ao

jogo de futebol e interagir com os amigos, como revelado no diário, pela jovem Andréia:

A copa na minha rua já começou desde o dia 29 do 5 de 2010. Juntamos todos na minha rua e começamos a pintar a rua e fazer bandeirinhas para colocar na rua fizemos a bandeira do Brasil no chão a taça e outras coisas. Eu e minha vizinha em frente a minha casa queremos fazer churrasco na rua no dia do 1º jogo mas é lógico que nós vamos pedir contribuição na rua com os nossos vizinhos para ajudar a fazer o churrasco quem não ajudar não come só assiste os jogos. (Diário da jovem Andréia, relato do dia 29/4/10).

Nas classes populares, considerando que os bairros têm pouca oferta de espaços públicos de lazer, a interação construída no lócus da rua é tida como aquela que pode incidir a favor das relações sociais, de vínculo a até mesmo na qualidade de vida. Com condições socioeconômicas limitadas, os jovens do bairro têm o tempo livre permeado por ações ofertadas no próprio bairro, nos espaços que incluem a rua. Percebe-se, entretanto, que a relação entre a rua e o tempo livre para os jovens é revelada como um paradoxo. Ao mesmo tempo em que a rua é apresentada como uma opção de interação e de sociabilidade, ocupando o tempo livre, a percepção dos jovens sobre o bairro, como um espaço com poucas opções de lazer, ausência de praças e de mobilização articulada entre os projetos da comunidade é apontada como um fator limitador da utilização desse tempo livre com práticas que poderiam ser mais saudáveis e mais impactantes em sua qualidade de vida. Além disso, essa condição, quando relacionada à dimensão particular da realidade objetiva, explicita as conotações diferenciadas atribuídas para o espaço da rua em um bairro de classe popular, sendo focos marcadores da condição juvenil no Jardim Felicidade.

Os jovens explicitaram, no espaço da rua e na interação vivida no tempo livre, as práticas que conjugam o âmbito singular e particular dessa realidade, revelando suas potencialidades e fragilidades na vivência da condição juvenil. Para alguns jovens participantes da pesquisa, o tempo livre apresenta-se como aquele em que não se tem nada para ser feito, “tempo de ficar de pernas para o alto”. É o tempo distante das obrigações com o trabalho, com a escola, com os filhos, com os afazeres de casa. Sem tais obrigações, esse tempo é o de “curtir”, de “divertir”, preenchido, por muitos jovens, pelo acesso à internet, em diferentes sites de comunicação como o Orkut, o MSN e o Skype, pela televisão ou pelo jogo de videogame.

Para outros jovens, esse tempo se destina ao descanso, ao sono, às atividades prazerosas como o contato com os amigos, as paqueras e o namoro, o desenho, o canto, jogar bola, andar de bicicleta, ouvir música, ver filmes e para leitura como, por exemplo, a de história em quadrinhos. Destaca-se que, quando esse tempo é utilizado para a produção textual, o resultado pode ser a produção de letras de música, revelado por dois jovens participantes da pesquisa. É nesse tempo que é possível “pegar o violão e fazer uma música nova”. Nas letras de música, os jovens expressam os sentimentos e os dilemas vivenciados no dia a dia. Nesse tempo livre, o jovem Jaime reúne-se com alguns amigos do bairro para os ensaios de seu grupo musical, recentemente formado por outros jovens do bairro e que busca visibilidade e patrocínio.

Para um dos jovens, o gosto e o prazer pela música fazem com que dificuldades advindas do abandono da escola, como a estruturação e a estética de um texto, sejam superadas, situação manifestada no diário de um deles que não frequenta a escola desde o sexto ano, pelo envolvimento com o tráfico de drogas. É também o tempo para o desenho e para o grafite, como alívio para os dias tristes.

Também é o tempo em que se pode ir ao shopping, sair para festas e danceterias. Destaca-se que normalmente a ida dos jovens participantes da pesquisa para festas, bares, boates e outros espaços de lazer se restringe aos espaços do bairro ou de bairros vizinhos como para casas de show da região. O tempo livre é, em geral, compreendido como aquele em que o jovem tem mais liberdade e autonomia, para além daquelas ações que se apresentam como obrigações de seu cotidiano. O uso do tempo livre pelos jovens e os momentos de lazer são revelados como importantes espaços produtores de sociabilidade uma vez que, nesses espaços, podem experimentar sua individualidade como um laboratório de subjetividades para a vivência de suas expressões, escolhas e preferências, além das múltiplas identidades necessárias ao convívio em suas várias esferas de inserção social. E, quanto mais jovens, maior a conotação de liberdade e de menor preocupação para esse tempo livre. É no tempo livre que esses jovens também expressam sua autonomia, a liberdade de ações no contexto social, podendo ser esse um tempo de lazer, mas também de opressão, de falta de oportunidades e de angústia vivida por jovens desempregados ou por aqueles fora da escola, por exemplo. Destaca-se que, no Brasil, os jovens ocupam o tempo livre de formas variadas e sob condições bastante desiguais, sendo que o lazer e o entretenimento,

nesse contexto, podem ser considerados como momentos de aprendizagem nas relações sociais em cenários de liberdade de experimentação em que os jovens buscam realizar ações que lhes dão prazer e que lhes sejam agradáveis. É um tempo também destinado à ocupação com tarefas domésticas, prática de atividade física, atividades culturais e religiosas ou até mesmo para o descanso (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005).

Para um dos jovens participantes, o tempo apresenta-se como “aquele em que não se consegue fazer nada”, numa conotação de que seu tempo é estritamente planejado e está ocupado com suas atividades como o jogo de futebol e as conversas com os colegas na rua. É um tempo de interstício, pois, como afirma o jovem Evandro, “nem sempre quando a gente planeja algo, não dá para fazer aquilo tudo, ocupa o tempo todo”.

Para os jovens trabalhadores, o tempo livre é reduzido pelas obrigações sendo que esse se dá principalmente aos finais de semana ou no intervalo entre o trabalho e a escola. É o tempo do domingo em que se pode deitar, descansar e relaxar. Um dos jovens participantes afirma “estar doido que esse tempo chegue logo”, já que, no momento de participação na pesquisa, afirmou estar com quase todo o tempo ocupado com trabalho e estudos.

Para as jovens-mães, o tempo livre é um tempo raro, escasso. Surge nos intervalos em que o filho está na escola ou dormindo, sendo expresso por uma das jovens participantes que “há muito tempo não tinha tempo livre”. A experiência da maternidade, para duas das três jovens-mães participantes da pesquisa, fazia com que o dia a dia estivesse centrado nos filhos e nas necessidades dos filhos. Até mesmo atividades da vida diária como tomar banho, por exemplo, ficavam mais difíceis para uma das jovens, manifestado ao afirmar que “a experiência de cuidar de criança cansa muito e muda completamente a rotina de vida como jovem”. É pela experiência da maternidade que duas jovens se desligaram da escola e que ansiavam pelo trabalho para prover melhores condições na criação dos filhos e sustentabilidade financeira em suas necessidades. E, nesse sentido, nova contradição é manifestada uma vez que, pela maternidade, percebem que um filho requer muita atenção e dedicação, ocupando o tempo livre e também dificultando a inserção no trabalho. A gravidez, nesse momento da vida, pode efetivar-se como uma tentativa de autonomia juvenil, mas com desdobramentos imprevisíveis e que resultam na necessidade de reordenamento da trajetória juvenil sendo necessária a

capacidade de enfrentamento e de superação das mudanças decorrentes dessa experiência (BRANDÃO; HEIBORN, 2006; DIAS; TEIXEIRA, 2010; LAGE, 2008). A maternidade, como revelado por algumas participantes da pesquisa, leva a jovem-mulher a desenvolver um comportamento de priorização irrestrita ao filho, sendo que, quando compartilha os cuidados com a figura paterna, é possível que a jovem mantenha condições sociais efetivas de permanência na escola, continuidade no trabalho e as demais relações sociais. Esse processo de compartilhamento não foi um achado frequente no estudo, estando o encargo dos filhos centrado na figura materna. Agrega-se, a isso, o fato de que, na juventude, pela construção da identidade e dos valores norteadores para o seguimento da vida, tem-se a instabilidade nas condições emocionais e sociais, capazes de nortear a vida na fase adulta.

Comparar o tempo livre anterior e posterior à maternidade foi revelado pelas jovens como expressão de grandes modificações no cotidiano. Antes da gravidez, a escola, o jogo de futebol, a vaidade, o autocuidado e o trabalho mesmo que informal, eram ações presentes. Após a experiência da maternidade, o foco do cotidiano para duas jovens passou a ser o filho, sendo que uma, no momento de participação na pesquisa, estava com um bebê de seis meses e a outra, com um filho de cinco anos e que, pelo fato de ter vários problemas de saúde, requeria atenção e cuidado especiais dela como mãe. Para a outra jovem-mãe, o cuidado com o filho era compartilhado com o pai que se responsabilizava por prover as necessidades da criança no horário da manhã e de levá-lo para a escola, já que ela trabalhava durante o dia e ele, à noite. Esse compartilhar do cuidado com o filho para essa jovem também tinha impacto nas despesas financeiras uma vez que, com o envolvimento do pai, não era necessário destinar recursos para que outra pessoa pudesse cuidar da criança.

Destaca-se que a experiência da maternidade para três jovens e a paternidade para um jovem participante da pesquisa foi revelada como prova de amor pelo parceiro, como expressão do desejo de ser mãe ou como situação acidental.

Foi sem vergonhice minha. Antes dele eu perdi um, aí passou um mês eu engravidei. Mais foi sem vergonhice. [...] eu não falo burrice, porque eu acho que tipo assim, no fundo eu queria também sabe? Não me arrependo, mas eu podia ter pensado mais um pouco. [...] Assim eu acho que foi tipo assim, com a pessoa errada! Mas dele ter vindo eu não reclamo não. (Entrevista com a jovem Sarah).

Para a jovem de 16 anos para quem a gravidez se efetivou como prova de amor, a morte do namorado pelo envolvimento com o tráfico fez com que o pensamento de aborto permeasse por muito tempo sua gestação, sendo suprimida pelo fato de que o filho seria seu único laço com seu parceiro assassinado:

Porque eu tive filho porque ele falava que eu não gostava dele. Aí eu falei com ele que eu gostava dele sim, só que eu sempre falei na minha vida toda, desde pequena, que eu nunca ia ter filho. Mas eu também não queria mesmo não. Nem quando eu crescesse, nem nada, que eu nunca ia ter filho. Aí ele falou assim: “Então prova que você gosta de mim e tenha um filho!” Aí pegou, e eu tive, porque eu gostava dele realmente, né? Aí era a única prova de amor que eu tinha pra dar pra ele. Eu nunca quis ter filho mesmo, aí eu peguei e tive. Quando ele morreu, eu queria abortar, queria ir embora daqui da minha casa, morar com a minha outra avó. Mas aí, depois, pegou e eu falei assim: “É a única parte que eu tenho dele, né? Eu vou cuidar dele, porque ele também não tem culpa não, do que aconteceu não”. (Entrevista com a jovem Beatriz).

Para outra jovem-mãe, que previa dificuldades para engravidar, o desejo pela gestação foi unilateral, sem o mesmo desejo pelo parceiro o que, para ela, fazia com que as consequências fossem ainda mais complexas já que assumia integralmente o cuidado com o filho. Um dos jovens participantes da pesquisa, pai e trabalhador, também revelou que seu tempo livre ao final de semana era dedicado ao lazer e à convivência com sua filha. Nesse sentido, a experiência da maternidade e da paternidade para os jovens tem impacto na vivência da condição juvenil, repercutindo na dinâmica da vida e no tempo livre dos jovens.

A experiência da maternidade para as jovens participantes da pesquisa foi responsável por modificações no cotidiano, com repercussões sociais, culturais e familiares, seja pela responsabilidade, agora pela família, manifestada por duas jovens que moram com seus parceiros e filhos, seja pela ruptura com a escola e o desejo de inserção no mercado de trabalho pelas responsabilidades no provimento de necessidades dos filhos. Assim, as perspectivas dessas jovens participantes da pesquisa, moradoras de um bairro popular, que priorizam a maternidade como projeto de vida, geram modificações no curso de suas vidas e levam a mudanças no percurso juvenil e nos projetos, podendo referenciar-se com os dados apontados na literatura por outros estudos sobre essa temática (AQUINO et al., 2006; CATHARINO; GIFFIN, 2002; DADOORIAN, 2003).

Foi também pela gestação que duas jovens se uniram aos parceiros, indo morar em um espaço cedido na casa dos pais desses parceiros, o que foi gerador de

mudanças e conflitos. Esse parece ser um arranjo frequente na vida das jovens do bairro quando vivenciam a experiência da maternidade com ampliação e redivisão do domicílio pelos pais para que os filhos morem próximo e as despesas sejam menores, além de ser uma tentativa de autonomização e autovalorização frente ao contexto familiar e relacional das jovens (KNAUTH et al., 2006). Assim, as redes familiares, mesmo que permeadas por conflitos, parecem ser uma forma de os jovens superarem as dificuldades advindas das condições socioeconômicas para terem uma união estável, podendo morar no mesmo lote ou até mesmo em parte da casa cedida pelos pais. E, dessa maneira, nas situações de conflito familiar, o retorno para casa não é bem acolhido pelos pais, o que fazia com que as jovens participantes da pesquisa mantivessem a união com o parceiro pela falta de condições de se sustentar financeiramente, juntamente com o filho, além da perda da privacidade e da individualidade nesse retorno. Duas jovens-mães relataram essa situação, bem como a manutenção da união com o parceiro por falta de alternativas de sobrevivência:

[...] Aí acabou, tipo assim, aí meus irmãos começou me, tirar minha... Tipo assim, não dar muita liberdade. Eu levei minhas coisas, as coisas do meu filho só ficava na sacola, não deu nem um canto pra mim guardar, sabe? Aí eu pensei, poxa, bom ou ruim, mas minhas coisa tá no canto, no lugar, meu filho vai pra lá, pra cá, mexe no que quiser, sabe? Porque eu vi que aqui ele não ta tendo essa liberdade eu prefiro sair da bosta e ficar na merda, prefiro uma bosta. E tamo aqui nessa casa até hoje, sabe? [...] Meu sonho é sair daqui. Em nome de Jesus eu vou sair daqui. É porque eu não posso. Eu não vou ficar aqui não. Tipo assim, se eu ganhar o benefício do meu filho eu vou morar de aluguel, não vou ficar aqui não. (Entrevista com a jovem Samira).

Tem vez que dá vontade de ir embora, larga ele (o marido), viver a minha vida. Muitas vez só não fiz isso por que minha família não dá apoio, não tenho para onde ir, meu salário é pouco. Ultimamente eu ando muito triste. Só não to pior porque eu tenho Jesus no coração mas eu creio que vou dar a volta por cima. (Jovem Sarah, relato no diário do dia 07/04/10).

[...] penso até em separação mais fica difícil para mim. O que ganho no serviço é pouco, não tenho para onde ir morar, morar com a minha mãe é impossível, ela não me aceita mais. Ele vive me mando ir embora mais fica difícil. Se eu fosse sozinha sem filho eu sevirava, procurava outro recurso mas meu filho está em jogo. (Jovem Sarah, relato no diário do dia 18/04/10).

Nesse sentido, a situação socioeconômica tem impacto na vivência da condição juvenil, como na construção das estratégias de sobrevivência pela garantia de satisfação das necessidades básicas. A constituição de família, em decorrência

da maternidade, foi revelada como ainda mais impactante nessa condição, sinalizando para um caminho ainda mais repleto de desafios na pesquisa.

7.1.2 A família e a religiosidade para os jovens: suportes para a formação do ser

A família foi considerada como importante na vivência da condição juvenil, sendo apresentada em seus diversos formatos. Analisar o modo de vida juvenil e a expressividade da condição juvenil no cotidiano dos participantes da pesquisa, mesmo daqueles que ainda não haviam vivenciado a experiência da maternidade e da paternidade, remeteu também à família. Tem-se, na contemporaneidade, uma complexidade nos arranjos familiares, com grande variabilidade nas dinâmicas familiares e nos papéis desempenhados por cada sujeito nas famílias. Diferentes arranjos familiares foram apontados pelos jovens contemplando a presença das figuras materna e paterna, a tradicional família nuclear, arranjo presente na vida de sete jovens. A família em que não se tem a figura paterna, sendo a mãe, a avó paterna ou materna as provedoras do lar, foi revelada na pesquisa como arranjo prevalente para dez jovens. Destaca-se que duas jovens participantes da pesquisa apontaram como referência materna, a avó paterna, uma vez que afirmaram ter sido abandonadas pela mãe biológica ainda na infância. Uma das jovens nessa situação residia também com o pai, após ter sido deixada pela mãe na infância juntamente com seu irmão, sob os cuidados do pai. A outra jovem relatou que foi deixada com a avó paterna quando seus pais se separaram e que havia engravidado como tentativa de “segurar” o relacionamento. Outro jovem participante da pesquisa relatou morar com a avó materna devido ao falecimento de sua mãe. Outras duas jovens constituíram sua família após a experiência da maternidade, referindo serem amasiadas, quando participaram da pesquisa.

Mesmo com diferentes formas de organização familiar, para os jovens participantes da pesquisa, tanto a referência de pai como a de mãe é manifestada como aqueles que garantem o cuidado com os filhos. Desse modo, a figura paterna de referência para alguns participantes foi revelada como o avô ou o pai dos outros irmãos, e a figura materna de forma mais prevalente, como a avó materna ou paterna. Uma das jovens, fala sobre essa referência familiar:

Não, foi assim, quando eu tinha um ano e dois meses de idade, ta tudo escrito aqui no diário. Quando eu tinha um ano e dois meses de idade ela deixou eu e deu meu irmão pra dona que mora do lado de casa. Ela deixou um bilhete avisando pro meu pai quando ele chegasse do serviço que ela tava indo embora pra São Paulo com outro homem. Aí eu fiquei em casa sozinha dormindo, e meu irmão ela deu pra Dona L. criar. Aí meu pai chegou, achou o bilhete, e foi lá chamar a mãe dele, que é minha vó. Que era pra pegar eu em casa, que ela tinha ido embora, aí meu pai foi procurar meu irmão e a dona que tinha saído, levado meu irmão. Só que nesse meio tempo aí meu irmão ficou morando com ela, eu não cheguei a conhecer meu irmão não. Eu fui conhecer meu irmão nas bases dos nove anos de idade, que eu conheci ele. Fiquei um bom tempo sem conhecer ele. Aí depois disso eu não tive mais notícia dela não. Eu fiquei sabendo que ela tinha morrido lá em São Paulo, que o cara tinha matado ela não sei por quê. Aí eu também não liguei não, né, porque mãe que é mãe cuida e cria, né? Então, mora eu, a minha vó que eu chamo de mãe, que me criou desde pequena, o meu pai, a minha tia e os dois menino dela. (Entrevista com a jovem Andréia).

As famílias se revelaram como aquele lócus de suporte para o “ser”, suprimindo em muitas situações as carências decorrentes do “ter” ou do “não-ter” os recursos materiais e financeiros. A família foi ainda revelada como lócus de sobrevivência e, para além disso, espaço de pertencimento, de socialização e introjeção de valores e de formação de identidade, sendo uma instância privada em constante relação com o espaço público, sentidos atribuídos à família também por Losacco (2005) em estudo sobre o jovem e o contexto familiar. E, nesse sentido, independente da organização familiar, tomada mais pelo afeto do que pela consanguinidade, é pela natureza e pela característica da família que ela pode suprir as necessidades do “ser” em detrimento do “ter” pelo consumo, considerando o “ter” como relações afetivas e reforçando ainda seu espaço como porto seguro:

Ah, não vou dizer que [minha vida] é grandes coisas não porque não é tudo que eu tenho, que eu vou falar assim “ah, eu tenho isso, tenho aquilo”, não é assim. Eu queria ter muitas coisas na minha vida mesmo, mas eu não tenho, que é minha mãe, assim... Apesar que ela me deixou, eu queria ter ela perto de mim pra contar as coisas que acontece comigo, essas coisas de menina mesmo. E o meu irmão também, que eu sinto muita falta dele. Esses dias eu tava morrendo de saudade dele, só que eu não tenho contato com ele, muito difícil, só pelo Orkut mesmo. Ah, minha vida aqui não é ruim não, igual eu tenho a minha família que gosta de mim, que mora lá comigo, que mora lá no Novo Aarão Reis, no São Bernardo... Tem família também que mora até lá no Jequitinhonha, só que eu não conheço não. Esse ano que eu vou conhecer eles, que mês das férias nós vamos pra lá, que eu vou conhecer eles. É isso, tem o meu pai também que gosta de mim, que eu gosto dele demais da conta! Meu pai é tudo, meu pai e minha vó. (Entrevista com a jovem Andréia).

Destaca-se que a multiplicidade das formas e sentidos de família na contemporaneidade não se limita ao âmbito da estrutura. Para Trad (2010), de família nuclear, padrão ainda típico no contexto brasileiro, vive-se na atualidade o incremento de famílias monoparentais nas quais há alterações nos papéis e nas relações familiares que se tornam menos hierárquicas e mais flexíveis. E é esse caráter plural das famílias que reafirma sua complexidade e a formação de redes na mobilização cotidiana como estratégia de sobrevivência nas classes populares. O incentivo à participação nos movimentos religiosos, o envolvimento nos projetos sociais da comunidade, bem como a escolarização são valorizados por muitas famílias, e explicitados pelos jovens como sendo papéis desempenhados pela família e importantes em seu processo de formação. E, nesse sentido, a forma como as famílias se relacionam com os jovens trouxe à tona a importância das redes, tanto aquelas que envolvem as ramificações de parentesco consideradas privadas e explicitadas pelos jovens, como aquelas tecidas nos espaços públicos, no cotidiano dos jovens, nas relações que perpassam suas vidas.

Na relação com a família, dois jovens explicitaram a apreensão do sentido do trabalho, pelo exemplo dos irmãos e da responsabilidade com a garantia do futuro, na ausência dos pais. A família é o lócus de confiança para os jovens, explicita para eles o valor do trabalho, mas que reconhece as outras experimentações importantes na condição juvenil. Assim, a família foi revelada como uma instância cultural em que se vivenciam a acumulação de experiências pessoais e a transmissão oral direta por meio dos contatos interpessoais referentes aos valores do trabalho, da responsabilidade, do cuidado com o próximo e da solidariedade (DAYRELL, 2005).

Como um espaço de conflito e de problemas, a família na qual se encontram pais etilistas ou desempregados, com conflitos internos, foi apontada como uma instituição que necessita de apoio e força dos próprios jovens para sua manutenção, inclusive para o provimento financeiro. A revelação do cotidiano de uma jovem que vivenciava esses conflitos, em seu diário de participante da pesquisa e na entrevista, explicitou o interesse pelo trabalho como forma de apoiar a família em suas dificuldades financeiras e carências e de prover suas necessidades pessoais:

Porque, tipo assim, eu preciso ajudar a minha família, porque no momento ninguém tá trabalhando lá em casa. Só meu irmão, que ele é bombeiro, mas ele tem a família dele. Eles tipo moram lá em casa, mas é separado. Aí pra mim ajudar eles e me ajudar também. Porque eu sou aquelas meninas que não... Tipo assim, os meus pais não me dá essas coisas. De vez em

quando eu até faço até uns trabalhos pras meninas, elas me dá um dinheirinho, e tal... [...] Mas só que eu pretendo trabalhar, porque também é uma forma de me ajudar a ficar... Tipo a sair mais, porque eu também não sou de sair muito. Então, uma forma de sair de casa também, de aprender... Eu acho que é isso aí. E preciso, né?. [risos] (Entrevista com a jovem Michele).

[...] tenho motivos de sobra para ficar triste mas se for para contar tudo não daria, mas meus pais fumam, bebem demais, brigam muito e até caem na porrada, mas o pior de tudo é que eles ficam tontos e vem caçar briga comigo. Quando eles estão assim eu procuro sair de perto vou para a rua, pra casa de minhas colegas. (Diário da jovem Michele).

Outro dilema familiar importante explicitado por uma jovem refere-se à necessidade de carinho e de apoio pela família. Tendo como referência materna a avó paterna, uma das jovens destacou que, para além das necessidades materiais, o carinho é fundamental na estruturação do jovem ao dizer que “você falar eu te amo é muito melhor que um sapato, uma sandália”. E, nesse sentido, para essa jovem, hoje mãe de um bebê, a busca por dar esse carinho e esse cuidado ao filho é altamente valorizada:

Ah, eu quero trabalhar, e quero cuidar do meu filho, quero que ele estude, quero dar pra ele o que eu não tive, sabe? Eu não vou falar que né que eu sou a coitadinha não. Minha mãe sempre me deu tudo que eu pedi, ela sempre me deu, sabe? Só que faltava muito carinho. Eu acho que também não adianta cê dar tudo pro menino, tudo que ele quer, mas não dá carinho pra pessoa, sabe? Por causa que olha pro cê ver, tinha mais de uns dez anos que eu não abraçava a minha mãe. No dia que o J. morreu que eu fui abraçar ela. E já tem dez meses que o J. já morreu, né? Então eu acho assim, tem vez que um abraço é melhor do que dois reais, do que cinco reais... sabe? Cê fala “te amo” é muito melhor do que um sapato, uma sandália... eu acho. (Entrevista com a jovem Beatriz).

Encontramos famílias que, mesmo economicamente estáveis, convivem com jovens que vivenciam situações de desprazer e sofrimento. Patrício (2000) aponta que, se não sofrem por motivos de fome ou outras carências materiais, sofrem por “carência de gente” e também por “excesso de coisas”. E é justamente no concreto da vida, na construção e apropriação ou não de seus bens e valores materiais e culturais, na interação desses processos com processos somáticos, genéticos e físicoambientais, que se definem os diversos modos de vida juvenis. O consumo de bens materiais versus a necessidade de afeto e carinho estão presentes nos relatos dos jovens entrevistados e nos diários dos participantes.

Entretanto, mesmo nas situações adversas, como no envolvimento com o tráfico de drogas de um dos participantes da pesquisa, o lugar ocupado pela família,

em especial pela mãe, revela o que Dayrell (2005) nomeia de pedagogia entre as camadas populares para lidar com os conflitos e adversidades vividas em seu meio.

Esse jovem, que se envolveu com o tráfico de drogas, teve que sair de sua cidade natal, na Bahia, para residir com o irmão no bairro Jardim Felicidade, tem a intencionalidade de propiciar alegria para a mãe, destacada em seus discursos. Afirmou que, mesmo com toda sua trajetória de risco e de ameaças, sua mãe sempre manifestou o desejo de tê-lo novamente em casa. Nesse sentido, a convivência com diferentes modelos de socialização pelos jovens na periferia, faz com que a família, em seus diferentes arranjos, ocupe um lugar de orientação, de alerta e também de busca por mais controle dos filhos. As reflexões abaixo, feitas por esse jovem em seu diário, explicitam a valorização da família e, principalmente da relação entre mãe e filho:

Eu estou agora sentado na minha cama, e observando o tempo passar, pensando na minha família 'que saudades do meu pai' se ele estivesse entre nós, a vida seria menos sofrida pelo menos pra mim. (Diário do jovem Adriano).

Algum dia você já imaginou se o tempo parasse? 'Nossa, como seria bom'. Muitos iriam querer parar o tempo com sua namorada, outros, fazendo algo que gostam, mais eu, eu só queria voltar 5 minutos antes, no dia que eu fiz minha mãe chorar pela primeira vez, e eu iria fazer ela sorrir de tanta alegria. Só dependia de mim. Só de mim! (Diário do jovem Adriano).

A família apresenta-se, então, como um espaço de experiências estruturantes na elaboração pelos jovens frente ao processo de apego e autonomia para escolher de forma mais consciente os caminhos que lhes são oportunizados em seus itinerários de vida. Apresenta-se como lugar de afetividade e de conflito uma vez que, na busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, o jovem traz para casa novos discursos e marcas consideradas estranhas ao meio familiar que requerem respeito, negociação e resgate de valores por todos da família. E, nesse sentido, na família tem-se um cenário em que o conflito é intrínseco, já que o jovem faz, desse conflito, um instrumento necessário e imprescindível para tornar-se sujeito na família e no mundo social (SARTI, 2004).

A igreja, outro espaço de sociabilidade, como um "mosaico da grande diversidade da juventude", é um lócus que compõe o cotidiano de muitos dos jovens participantes da pesquisa e revelou-se com uma polissemia de sentidos e significados em suas vidas. Dos 19 jovens participantes da pesquisa, quatro

afirmaram ser católicos e onze disseram ser evangélicos, frequentando igrejas pentecostais. Os outros jovens manifestaram-se como não-assíduos em nenhuma igreja ou já tendo frequentado tanto a católica quanto as pentecostais, como expressado pelo jovem Lucas, ao afirmar que “religião eu não tenho não, mas eu frequento todas assim. A que me chamar pra ir eu vou. Eu sou um pouquinho de cada”. Outro jovem afirmou “estar definindo” a igreja que frequentaria, sendo que os discursos explicitaram o sentido que a instituição religiosa tem na vida de cada um deles.

Desse modo, a religiosidade, na cotidianidade dos jovens, em especial nas igrejas pentecostais do bairro, parece cumprir papel importante em sua sociabilidade que vai além da filiação simbólica. Ora como espaço de participação juvenil, ora como refúgio ante as mazelas vividas, ora como obrigatoriedade imposta pela família, a presença na igreja tem um sentido estrito para muitos jovens. Como um espaço, a princípio de presença compulsória, normalmente exigido pela mãe ainda na infância, a igreja vai, aos poucos, se conformando em lugar de encontro com os amigos, de encontros afetivos, de formação de grupos para o lazer, de distração da mente e reflexão sobre o dia a dia. É o espaço em que, até mesmo o jovem, com a autonomia adquirida nos modos de trilhar a vida, se desprende do desejo da mãe e substitui esse espaço por aqueles em que se sente mais integrado, como o da rua por exemplo, para experimentar outras formas de sociabilidade como a brincadeira com os amigos que faz sentido na vivência de sua condição. A expressividade, pelos jovens, desses sentidos reforça o que Novaes (2005) apontou, em pesquisa, sobre o fato de que as instituições religiosas continuam produzindo espaços de agregação social, de identidade e de formação de grupos e expressão juvenil nas áreas das artes e da cultura e que isso precisa ser considerado na análise da complexa vida social contemporânea, incluída a análise dos modos de vida juvenis.

Destaca-se que a expansão do pentecostalismo, principalmente nos últimos trinta anos, é tida como um dos fenômenos religiosos importantes e que ocorre nas diferentes camadas sociais. Sorj e Martucelli (2008) afirmam que uma das análises possíveis desse fenômeno aponta a perspectiva de que o pentecostalismo incide profundamente sobre as subjetividades de seus fiéis que tendem a adotar um novo estilo de vida e a encontrar um novo sentido para sua existência. E, nesse sentido, como espaço de paz interior, a igreja é tida, para alguns jovens, como o lugar em que se encontra refúgio para as dificuldades vividas no ambiente familiar e nos

conflitos afetivos. Na igreja pentecostal buscam alívio, conforto e novos caminhos para conseguir lidar com o uso de drogas pelos parceiros, apontados por duas jovens, além de uma alternativa para o ambiente familiar, ruim pelo mau relacionamento com os parceiros. A oração e a fé também são reveladas como possibilidade para que os jovens encontrem um caminho mais seguro em meio à presença das drogas no bairro.

Com foco na espiritualidade, é na igreja que alguns dos jovens participantes da pesquisa revelaram encontrar forças para superar os dilemas do dia a dia, as angústias e tristezas. Para uma das jovens, com história de tentativa de autoextermínio e com problemas afetivos e familiares, a igreja foi o espaço em que sentia segurança para a vida. Poder “deixar [os problemas] na mão de Deus” pareceu ser a alternativa de vida para alguns jovens. A participação nas práticas religiosas pentecostais pelos jovens sujeitos da pesquisa pareceu levar alguns deles a “uma perspectiva de ruptura simbólica com o mundo” e, dessa maneira, com as adversidades que marcam a condição juvenil em um bairro popular. Por essa via, é possível a suspensão das angústias, da violência, das drogas e dos demais dilemas sociais vivenciados na comunidade.

Perceber o quantitativo de igrejas e células religiosas, na fase exploratória da pesquisa no Jardim Felicidade, foi fundamental para explicitar o sentido da religiosidade na vida e na sociabilidade dos jovens do bairro. Destaca-se a existência de espaços privados que cumprem uma função religiosa como as células de igreja que, além de espaços de fortalecimento religioso, contribuem para integração e o fortalecimento dos laços sociais e dos universos simbólicos compartilhados coletivamente. Nesse sentido, Sorj e Martucelli (2008) afirmam que a religiosidade, na América Latina, é possivelmente a principal fonte de segurança ontológica, apoio moral e esperança no suporte diante das adversidades, em especial nos grupos mais pobres da população. Percebe-se que, a presença de igrejas evangélicas, principalmente nas classes populares, revela o movimento crescente de transferência para cada indivíduo de definição de sua identidade religiosa com a erosão da tradição religiosa como forma de construção da identidade.

À igreja foi atribuído, pelos jovens, o sentido de um lócus para a realização de desejos como a participação em grupo de canto o que, nesse caso, independia até da filiação religiosa:

[...] Até gospel eu já cantei na igreja evangélica [...] Só que a minha mãe não me deixava ir de jeito nenhum. Mas só que eu insisti pra mim ir, pra mim cantar. Porque na Francisco Xavier não tava abrindo espaço pra cantar. Aí eu: “Não, eu vou ter que arrumar um jeito. Ah, eu vou pra lá”. (Entrevista com a jovem Michele).

No espaço da igreja, é permitido ao jovem se expressar por meio da música, da participação no grupo de dança e tocando instrumentos musicais, mesmo que isso traga repercussões pela tradição familiar em outra religião, revelado na pesquisa por uma das jovens participantes. Desse modo, foi apontado pelos jovens que, na igreja, é possível que se reconheçam e se estabeleçam vínculos sociais importantes à semelhança do que ocorre em outras instâncias sociais do cotidiano juvenil.

A religiosidade para os jovens foi relatada por ter grande influência na construção de suas redes sociais, impactando na condição juvenil e sendo até mesmo alternativa para o lazer, a interação e a sociabilidade.

7.1.3 A escola, o trabalho e os projetos sociais na condição juvenil: as possibilidades do “ser e do “ter” reveladas

Passando pelas interações no espaço da rua, pelo tempo de interstício, o tempo livre, pelo locus da família e da instituição religiosa, a escola, para os jovens participantes da pesquisa, foi outro espaço de socialização que compõe seu cotidiano repleto de contradições. Neste estudo, foi possível perceber que, como um investimento para o futuro, a permanência dos jovens do bairro na escola requer uma articulação entre a escola, a família e os demais espaços que integram a socialização dos jovens, de modo a valorizar essa experiência no processo formativo. Essa articulação não pareceu simples, ainda mais quando os próprios jovens, já com uma visão crítica, conseguem perceber os limites da escola e o modo tradicional e conteudista, como se organiza, fazendo com que os jovens apreendam, de forma limitada, os sentidos dessa formação para sua vida.

Camacho (2004) aponta que a visão míope da escola, que não reconhece a condição juvenil e não é capaz de ver o jovem além de sua condição de aluno, causa a ruptura da comunicação entre as diferentes gerações e a dificuldade da construção da identificação dos jovens alunos com a instituição escolar. A escola

precisa avançar para dar visibilidade aos jovens no espaço escolar, explorar suas potencialidades e, desse modo, transformar os alunos, primeiramente em cidadãos.

E, nesse sentido, a metodologia escolar para os participantes da pesquisa pouco valoriza as vivências juvenis, a criatividade, a vocação e as habilidades dos jovens, o que resulta por desmotivá-los paulatinamente, sem estabelecer canais de comunicação com as experiências que vivenciam fora de seus muros bem como das expressões culturais em que muitos deles estão envolvidos (DAYRELL, 2005). E, dessa maneira, até mesmo a greve dos professores, vivenciada durante o período da pesquisa, foi vista por um dos jovens como algo a ser comemorado.

Contudo, a escola não foi considerada como um lugar enfadonho pelos jovens por causa dos encontros com os pares e das amizades. Quando percebida como um espaço de sociabilidade, é interessante destacar que a referência de alguns jovens a determinados professores, se dava mais pelo campo das subjetividades e da interação com eles, pelo empenho em proporcionar aulas e momentos diferenciados aos jovens, pelos recursos didáticos que utilizavam e pelas tecnologias relacionais que embasavam as vivências com eles, do que pelo conhecimento em si, como se percebe nos depoimentos a seguir.

O professor de Matemática é roqueiro e ele prometeu que no último dia que ele fosse na escola ele levaria sua guitarra e tocaria para a nossa turma. Não é que ele levou? Ele tem a “manhã” de guitarra mesmo e foi muito divertido. Até os meninos da sala que sabiam tocar, tocaram. (Diário da jovem Carolina, 30/04/2010).

A professora de artes começou a passar um filme pra gente com o data-show na sala de aula. Pareceu um cinema. Foi o filme Avatar. Eu já vi mas é muito legal. (Diário da jovem Carolina, 21/05/2010).

Considerando a heterogeneidade da condição juvenil, a prioridade dada pelos jovens à formação escolar foi muito diferenciada entre os participantes da pesquisa. A vivência da maternidade e a experiência do trabalho, tendo em vista as oportunidades imediatas de garantia de satisfação de suas necessidades de consumo e geração de renda, fizeram com que muitos jovens participantes da pesquisa cedessem às fragilidades dessa instituição, se enveredando por outros caminhos.

E, desse modo, o atraso escolar em relação à idade e o abandono da escola foram achados frequentes. Dos 19 jovens participantes da pesquisa, nove estavam

em defasagem escolar, três abandonaram a escola, quatro estavam regulares nas séries escolares quanto à idade, dois concluiriam o ensino médio e um deles cursava o ensino superior. Destaca-se que as três situações de abandono foram justificadas por duas jovens pela experiência de gestação e maternidade e, por um jovem, pelo envolvimento no comércio de drogas ilícitas. Assim, a saída da escola pelos jovens participantes da pesquisa ocorreu pelas novas experiências que levaram a mudanças significativas na vida de cada um, pela liberdade de ações como jovens que resultou em transformações na experiência juvenil, sendo a escola o espaço em que foi possível ceder para essas novas vivências. Para o jovem Adriano, a saída da escola foi motivada pelo envolvimento com o tráfico de drogas já que seus clientes iam à escola procurá-lo e isso lhe trazia desconforto. Além disso, percebe-se, em sua fala, abaixo, certa ética para com as crianças que estavam nesse ambiente, ao optar por sair da escola para não prejudicá-las. Entretanto, apesar da consciência do erro, ainda permanece, um valor maior, o da garantia de consumo, que o leva a comercializar a droga:

Aí não tem como continuar desse jeito. Você vai fornecer droga dentro de um lugar onde prevalece a educação? Pra criança? Não tem como! Porque mesmo quem tá errado, você não quer ver uma criança usando droga ou então no crime. Você vai vender droga na escola, o que vai acontecer é isso. (Entrevista com o jovem Adriano).

Chamou a atenção, na análise da relação entre a escola e a condição juvenil, o fato de que esse mesmo jovem que abandonou a escola pelo envolvimento com o tráfico de drogas, ocupação que lhe gerava renda, compunha letras de funk em seu tempo livre e que, apesar de ter abandonado a sexta série, apresentou em seu diário rimas e versos ricos de significados sobre seu cotidiano, redigidos com rigor e correção gramatical. Ficou para mim o questionamento de que, até que ponto a escola tem se organizado de modo a oportunizar a revelação de vocações, o espaço para a criatividade e a compreensão do sentido dessa formação na condição juvenil, uma vez que esse mesmo jovem relatou o desejo pela continuidade dos estudos e de cursar o ensino superior.

Além disso, a expressão da defasagem escolar foi percebida na construção dos diários pelos jovens, os quais se desculpavam pelos erros de português e pela caligrafia, ou substituíam a escrita pelo desenho ou até mesmo nas recusas de participação na pesquisa, tendo em vista a proposta do diário, percebido por eles

como um compromisso que teriam com a prática da escrita. Um dos jovens se expressou dizendo ter vergonha de escrever e que, por isso, iria somente desenhar no diário. Uma jovem também fez questionamentos à qualidade da escola pública e ao comprometimento dos professores com a formação, apontando que a complementação que fez em um curso preparatório para processo seletivo no nível técnico é que lhe deu embasamento para a prova realizada. Outros jovens manifestaram interesse na continuidade dos estudos após a conclusão do ensino médio, apesar de terem o trabalho como prioridade, abordando também a dificuldade para conciliar o trabalho com o estudo, no cotidiano da vida profissional. Um destaque importante para mim foi o pouco conhecimento pelos jovens sobre a formação superior e o acesso a ela. Chamou-me a atenção o fato de que uma jovem que cursava o terceiro ano do ensino médio e que gostaria de fazer o curso de Educação Física disse, na entrevista, não ter informações sobre a forma de acesso à faculdade nem do vestibular. Já outro jovem, mais informado sobre essas vias, manifestou o desejo de estudar Letras e de fazer um curso de idioma fora do país. Questiono, dessa maneira, em que medida a escola tem proporcionado aos jovens esse tipo de informação uma vez que, nas camadas mais populares, com pais muitas vezes sem escolarização, é no espaço da escola que se espera que o jovem possa acessar os caminhos possíveis para uma formação escolar integral.

A formação técnica foi revelada como via preferencial de alguns jovens por possibilitar uma congruência mais imediata entre a escola e a inserção profissional, sinalizando o desejo por uma escola capaz de articular de forma efetiva com a esfera do trabalho, apontado também por estudo de Dayrell e Corrochano (2009).

Entretanto, o ensino profissionalizante não parece fazer parte da realidade escolar no bairro. Apenas a escola estadual ofertava, à época do trabalho de campo da pesquisa, quatro turmas de educação profissional. Considero que esse pode ser um caminho possível para o incentivo e a construção de sentidos para os jovens de permanência na escola, principalmente para os jovens de classes populares já que assim poderiam visualizar uma estratégia mais imediata para suprir suas necessidades.

Para alguns jovens, a escola não se revelou como um cenário construtor de perspectivas para a formação, com a continuidade dos estudos ou para o ingresso em um curso superior. Contudo, neste estudo, foi possível perceber que não se pode relacionar a evasão escolar exclusivamente ao trabalho. Ao contrário disso, os

jovens que trabalhavam em empregos formais durante a participação na pesquisa já haviam concluído o ensino médio ou, mesmo com todas as dificuldades em conciliar a formação escolar e o trabalho, nesse caso em sua maioria o informal, ainda estavam na escola. A relação entre a sobrecarga de tarefas e o cansaço em decorrência do trabalho e as exigências da escola foi revelada por eles, não podendo incorrer no erro de relacionar estritamente, e de modo direto, o abandono escolar somente ao trabalho. O trabalho, para os jovens participantes da pesquisa, dificulta o cumprimento das tarefas escolares, mas não impede a permanência dos jovens na escola, principalmente quando consideram que “a maioria dos empregos pedem série”, como apontado pelo jovem Luciano. E, caso seja permitido aos jovens, na vivência da condição juvenil, a priorização entre a escola e o trabalho, determinada principalmente pelo fato de se ter a família como mantenedora das necessidades básicas para a subsistência, um dos jovens participantes aponta a prioridade dada à escola:

Olha, trabalho pra mim é bom. Mas, graças a Deus, lá em casa hoje a minha mãe não deixa faltar nada, não. Hoje, eu sou mais terminar a escola, primeiro, porque trabalho, mais pra frente dá tempo de eu trabalhar ainda. Porque eu já tomei duas bombas. Antigamente, quando eu era mais novo, eu era mais rebelde, não gostava de ir na escola, tinha preguiça... Mas depois que vai passando é que a gente vai pensando na escola, no dia a dia. Aí eu vou terminar a escola e tentar um serviço melhor, fazer um curso profissionalizante melhor. (Entrevista com o jovem Lucas).

Como em uma balança, a Figura a seguir busca explicitar a ideia dos “pesos” atribuídos pelos jovens em determinadas situações à escola e ao trabalho, fazendo com que esse pêndulo se desloque de acordo com as oportunidades e possibilidades. Entretanto, Pochmann (2004b) já aponta que o Brasil precisa abandonar a concepção conservadora e ultrapassada do trabalho como obrigação pela sobrevivência para reconstituir uma nova transição do sistema escolar para o mundo do trabalho, considerando também que o alongamento da expectativa média de vida está a exigir um novo papel da educação, a estar presente de forma continuada ao longo do ciclo de vida.



FIGURA 5 – Representatividade da escola e do trabalho na condição juvenil
 Fonte: Produção a partir dos dados da pesquisa, 2011.

Para aqueles que apontaram na pesquisa a finalidade da escola, essa se dá em um nível instrumental e elementar, uma vez que o trabalho é tido como o produto almejado, ao final da formação mínima de escolaridade exigida. Por essa via é que terão condição de obter melhores empregos e ingresso no mercado formal de trabalho. Equiparar os extremos dessa balança foi um dilema para os jovens uma vez que, para a maioria, a escola é vista como importante para sua formação como sujeitos e o trabalho permite a experimentação de vivências diferenciadas na condição juvenil.

Mas, para outros jovens participantes da pesquisa, as ausências, as trocas de turno ou a saída da escola por um determinado período foram apontadas como causadas pelas possibilidades e oportunidades de trabalho, o que também guardou relação com a defasagem escolar de alguns deles. A relação entre o trabalho, priorizado por diferentes motivações pelos jovens, e a escola, pareceu ser o que contribuiu para que as ações da vida cotidiana de alguns jovens se organizassem e se desorganizassem em função das possibilidades de uma ou outra vivência na condição juvenil. Reconhecem, então, que o trabalho, embora seja também socializador, não garante a formação básica exigida para experiências mais estruturadas no mercado de trabalho:

É, eu percebo que alguns jovens entram no mercado de trabalho, mas ainda não tá preparado, e acaba... acho que é por isso que muitos jovens também hoje entram em depressão, entra em estresse e tal, porque ainda não foi preparado, sabe? No meu ver ainda, na verdade tinha que existir... claro, que o jovem poderia sim fazer, trabalhar, porque eu acho que essa experiência foi importante pra mim. Mas em algum momento também prejudicou o meu estudo. Na verdade tinha que ter o estudo primeiro,

naquela forma, estudar primeiro, se preparar, decidir o que você quer... eu sei que o trabalho envolve nesse sentido a contribuição no relacionamento com as pessoas, eu ter perdido a timidez, essas coisas contribuíram, né? (Entrevista com o jovem Jaime).

Entretanto, quando esse pêndulo para a definição de prioridades envolve, além do trabalho e da escola, a maternidade, a concessão é feita pelo abandono da escola, como vivenciado por duas jovens participantes da pesquisa e, o trabalho, postergado para um segundo momento, passa a ser então uma prioridade maior frente à escola, uma vez que a experiência da maternidade é tida como foco por um determinado momento da vivência juvenil. As jovens-mães vivenciam um processo de captura pelo filho, quando ainda não estão alicerçadas por uma estrutura familiar funcionante, com a figura paterna presente, bem como as relações e condições sociais fortalecidas, o que não permite uma harmonia nessas vivências, resultando no desequilíbrio ilustrado na Figura abaixo:



FIGURA 6 – Representação ilustrativa das prioridades na condição juvenil
Fonte: Produção a partir dos dados da pesquisa, 2011.

O desejo e a importância do trabalho em suas vidas cotidianas foi manifestação frequente. Motivado pela busca de independência financeira, pelo apoio às necessidades básicas da família ou pela perspectiva de ascensão social, o trabalho para os jovens também é permeado por contradições. A primeira delas referiu-se ao dilema já apresentado, frente à relação entre o trabalho e a escolarização. O trabalho surge, para alguns jovens, como uma dificuldade no dia a dia quando ainda não completaram o ensino médio, seja pela exigência de nível de escolaridade para a inserção profissional, seja pela organização do tempo para a

escola e para o trabalho. Segundo os entrevistados, conciliar trabalho e escola parece não ser tarefa fácil o que culmina no atraso escolar ou até mesmo no abandono da escola. Trabalhar no período da manhã e estudar no turno da noite ou vice-versa, por exemplo, foi uma das alternativas apontadas por jovens participantes da pesquisa o que, pelo cansaço, culminou no abandono da escola por certo período. Um desses jovens, após o período de um ano fora da escola, refletiu sobre a necessidade de retorno para que fosse possível conseguir uma oportunidade melhor de trabalho e a inserção no curso técnico que almejava. Para isso, foi preciso abandonar o trabalho e garantir o retorno à escola para que seu desejo futuro como profissional com um bom emprego seja alcançado.

Conciliar a formação escolar com a iniciação profissional, mesmo não sendo tarefa fácil, para um dos jovens participantes da pesquisa foi uma experiência estruturante em sua vida. A experiência de formação profissional por meio de projetos como o Projeto “Menor Aprendiz” do Banco do Brasil foi apontada por um dos jovens como a vivência que em muito contribuiu para sua formação pessoal e para o relacionamento com outros jovens, trazendo para a experiência de trabalho também uma perspectiva de sociabilidade. Trabalhar em projetos de qualificação para menores, mesmo que aparentemente sem prestígio, aparece como desejo recorrente para alguns jovens participantes da pesquisa que se frustravam quando não o conseguiam.

Entretanto, muitos jovens participantes, sem perceber ou projetar um caminho profissional pela via da escolarização e considerando as condições de vida em que estão inseridos, focalizam as necessidades imediatas optando pelo trabalho em detrimento da escola. Destaca-se que, em algumas situações, a necessidade de trabalho se revelou como condição de sobrevivência pessoal e até mesmo familiar, o que traz para o jovem uma responsabilidade também complexa. Não que essa opção resultasse no abandono escolar, mas gerava certo descompromisso com a escola pela priorização do trabalho. Uma jovem apontou, na entrevista, a dificuldade de cumprir as atividades escolares uma vez que trabalhava de segunda-feira a sábado em tempo integral. Outro jovem apontou o dilema do trabalho como possibilidade de, além de apoiar a família, concretizar projetos e sonhos:

J: [...] Por que minha avó é assim, ela manda eu caçar serviço. Ontem mesmo um amigo meu arrumou serviço pra mim de monitor. Aí ela não deixou eu ir não. Ela não quis deixar não.

Primo: É, ela é assim: O J4lc dorme até 11 horas e ela fala assim: Ah J4lc, vai arrumar emprego Menino! (Fala do primo de oito anos. Ai ela vai e arruma e fala, oh vó arrumei um emprego. E ela fala: não, não...)

J: Ela fala que o meu emprego vai chegar na hora certa, no dia certo. E eu falo assim: ah então, quando chegar eu não vou trabalhar mais não. Depois que eu ficar mais velho eu não vou ter experiência pra trabalhar não. Eu tenho que começar de cedo. Ela fala que eu tenho que pedir carta no Conselho tutelar que não deixa, mas deixa sim. Cê tem que começar a trabalhar com 14 anos e seis meses, 15 anos ué.

P: Você quer trabalhar?

J: Eu quero.

P: Você quer trabalhar com quê?

J: Qualquer coisa pra mim ta bom. De menos servente de pedreiro.

P: É?

P: Por que que você tem vontade de trabalhar assim?

J: Pra ajudar minha avó em casa. É, ajudar minha avó em casa, comprar algumas roupas pra mim, comprar guarda roupa pra ela, porque ela gosta muito. [...]

J: É, meu sonho é ajudar minha avó e ser jogador de futebol. Que nem eu tinha arrumado pra jogar bola no Cruzeiro né, na Toca da Raposa né. Mais como ela não tem dinheiro pra comprar uniforme, esses trem assim, pagar trinta reais por semana, aí não tem como não. Aí, se eu tivesse trabalhando eu ajudava ela. Aí, eu estudava à noite, jogava bola de manhã e à tarde eu trabalhava né. (Entrevista com o jovem Luciano).

A grande maioria dos jovens participantes da pesquisa se iniciou no trabalho informal por volta dos 14 anos, seja por meio de processos de formação profissional para jovens, na construção civil ou em atividades informais intituladas por eles mesmos como “bicos”, típicos nas classes mais populares:

P: Você trabalhava com quê?

J: Já trabalhei de servente, de vendedor, de office boy, loja de sapato.

P: Desde quantos anos você trabalha?

J: Desde dos treze anos.

P: Treze? E você começou a trabalhar por quê? O que te motivou para trabalhar?

J: Ah, é porque meu pai sempre falava que a gente tem que pensar no amanhã. O amanhã que ele falava era daqui a dez, quinze anos. Aí ele falava que a gente não ia ter ele a vida toda... Aí, eu trabalhava pra comprar minhas coisas mesmo, né?

P: Aí você começou com treze anos com o quê?

J: Carregando terra mesmo, laje de casa, servente...

P: Hum hum.

J: Ajudar com meu irmão, quando meu pai mexia em casa.

(Entrevista com o jovem Alan).

Ter a oportunidade de administrar seu próprio dinheiro, para alguns jovens, é tido como garantia de liberdade que, depois de adquirida, não mais é possível perder. Desse modo, buscando, pelo trabalho, o apoio às necessidades básicas da família, mas também a liberdade e a autonomia financeira, a submissão a serviços informais tem sido uma alternativa frequente para os jovens. Dessa forma, para os

jovens das camadas populares, são comuns a vivência de ingresso precoce no mundo do trabalho e a necessidade de assumirem responsabilidades familiares com menos idade (THOMÉ; TELMO; KOLLER, 2010). Carregar areia, fazer massa de cimento, pintura, ser auxiliar de ferro velho, diarista de limpeza em casa de família, servente, vender bala, office boy, atendente em loja de sapatos e lanchonete, babá, ajudante de padeiro, serviços gerais, vender pano de prato na rua, são alguns exemplos de atividades que os jovens participantes do estudo já realizaram como forma de geração de renda. As oportunidades de trabalho, em sua maioria, não têm a garantia de direitos trabalhistas e de continuidade, com pouco reconhecimento financeiro e social, além de deixarem os jovens sujeitos a exploração e a riscos. É mais uma contradição explicitada pelos participantes da pesquisa. Almejavam o “verdadeiro trabalho”, o “trabalho de verdade”; mas, enquanto não o conseguiam, seja pela idade ou pelo processo de formação escolar, motivados pelo desejo de experimentar ações que traziam recurso financeiro, buscavam e realizavam “qualquer trabalho”, tidos como “bicos” (CORROCHANO, 2008).

É por meio do trabalho, predominantemente o trabalho informal, em atividades mais precárias, que era possível, a muitos jovens, a vivência de algumas experiências importantes na condição juvenil para contribuir com a família na garantia da (sobre) vivência e realizar desejos de consumo. Duas jovens, apesar de não relatarem como trabalho as tarefas que exerciam, atuavam no apoio escolar para crianças e como cuidadora de uma criança o que lhes gerava renda para suprir algumas de suas necessidades. Assim, ter o dinheiro para ir ao shopping, comprar roupa e consumir são desejos frequentes entre os jovens não podendo remeter ao trabalho juvenil apenas o foco do suprimento de necessidades básicas pela pobreza em que vivem. O consumo aparece como próprio dessa fase da vida, como parte do processo de definição da identidade e de liberdade dos jovens e que, mesmo que ainda não a possuam, movimentam-se como desejosos de tê-la. Percebe-se, ainda, a captura dos jovens pelas imposições da sociedade pós-moderna, consumista e imediatista, trazendo as marcas do modelo neo-liberal reforçadas pela mídia. Quanto ao poder de compra e de consumo, uma jovem manifestou, no diário, a satisfação com o dia em que recebe o pagamento pelas aulas ministradas.

Recebi hoje. Não vou gastar agora esse dinheiro da aula particular. Eu vou juntar uma quantia boa pra “torrar” tudo no shopping e no cinema. (Diário da jovem Carolina).

Hoje foi um dia super legal. Fui ao centro com minha mãe e meu irmão e comprei várias coisas...uma calça jeans linda por 30 reais [...] Foi bem legal, de vez em quando é bom gastar um pouquinho. (Diário da jovem Carolina).

Nem vou almoçar porque já vou sair de novo to indo pra cidade comprar... minha chuteira. To muito feliz. (Diário da jovem Patrícia).

A reflexão abaixo, feita pelo jovem Evandro em seu diário, reforça a perspectiva de status e de lugar social adquirido pelo poder de consumo, seja por exibir as marcas da moda, seja por transitar em espaços tidos como pertencentes às classes mais privilegiadas socialmente, mesmo com as diferenças culturais percebidas pelo jovem:

Tomei o meu banho e planejei augo mirabolante e comecei a ezeotá-lo. Fui na casa do meu irmão pedi a ele que foce ao meu trabalho no meu luga pois eu ia sair com os amigos, então sai com eles. No caminho eu e o meu primo tiramos a bermuda e mostramos a nova Box da eco búfalo bil pra todo mundo ver pá e ai né todo mundo rindo pra caramba e nos curtindo de montão. Chegando lá foi bom demais fomos no mirante, na praça do Papa, jogamos futebol na rua e vimos duas garota linda demais beijando na boca no meio da rua, pa né e o pior é que o meu colega chegol a trocar a troca uma uma ideia com elas né foi quando ele se decepcionou vendo a cena de duas meninas ricas-se beijando aprocimadamente de uns 15 anos e aparentava ter uma amior grana eu fiquei indignado com a cena, maior decepção se fosse feia e favelada tudo bem eu entenderia, mas não cara as garotas são bonita de mais, eu acho que ta faltando homem na classe social delas, pó que desperdício, na minha quebrada não tem isso (Diário do jovem Evandro em 21/03/2010).

O acesso a determinadas marcas de roupas e ao consumo garante aos jovens o status social desejado por muitos deles sendo que aqueles que não conseguem ostentar são muitas vezes desqualificados pela incapacidade de consumir, sem condições de circulação no espaço público (ABRAMO, 1994, p. 73). Nunes (2007, p. 26) aponta ainda que:

Particularmente para a juventude, consumir atua na esfera de seu próprio desejo de *parecer* mais importante nesse período do que em *ser*. Consumir o que está na moda, o que aparece nos meios de comunicação, o que a turma valoriza, tem efeitos diretos na auto-estima; por mais que seja sempre a intenção de ser diferente em sendo o mesmo – finalmente, usa-se o que o grupo usa ou valoriza – tem-se a impressão de um ato autônomo. Talvez sejam os primeiros momentos em que se aventuram, a partir de uma decisão individual, e as compensações obtidas são substancialmente subjetivas, e não deixam de ser moralmente legítimas.

Além disso, os meios de comunicação de massa têm papel importante no aumento do consumo dos jovens. Tidos como uma ocupação dos jovens no tempo livre, a televisão, o rádio e a internet colocam os jovens em uma outra esfera de sociabilidade que, para Sorj e Martucelli (2008), dotam-nos de um certo pertencimento dentro de um mundo cada vez mais complexo, no qual a valorização do “ter” e o poder do consumo tornam esse mundo estranho e de difícil inteligibilidade.

E nesse sentido, numa relação de azar e sorte, um jovem revelou a alegria de um dia diferente em sua vida quando, pelo trabalho informal, é possível conseguir recursos financeiros para experimentar a condição juvenil:

Ah, quando eu ganho muito dinheiro eu faço isso mesmo. Aí eu falo assim “hoje é meu dia de sorte” fico brincando na rua, chamo meus colegas, convido eles para comer macarronada lá em cima, vende é espaguete, é dois reais. Aí eu vou e chamo meus colegas. Ah, gasto com meus colegas... Tem vez que, quando eles vê alguma coisa “compra aquilo ali pra mim?” eu vou lá e compro. Aí, quando, eles tem dinheiro e eu preciso da mão deles, eles vão e me empresta, eu vou e pago eles. (Entrevista com o jovem Afonso).

Ah, Quando eu ganho muito dinheiro assim, eu vou e divido meu o dinheiro com ela [mãe]... Que nem a pensão do meu pai, eu vou comprar um videogame pra mim, o 32 e vou dar o dinheiro para a minha mãe, o resto. (Entrevista com o jovem Afonso).

A partir do discurso apresentado acima, é possível perceber que tanto a necessidade de consumo, de adquirir um bem de desejo, quanto o apoio à mãe e no cuidado de seus outros três irmãos menores ficam garantidas. Assim, o trabalho também é revelado como estratégia de apoio ante as necessidades da família. Apesar de ser uma experiência individual, o produto final do trabalho reconhecido financeiramente destina-se, em muitas situações, às necessidades coletivas da família, até mesmo para apoio aos colegas e demais irmãos que necessitarem, mesmo que esses não sejam residentes no mesmo domicílio, como revelado por outro jovem participante da pesquisa. Esse jovem, durante a participação na pesquisa, trabalhava informalmente, auxiliando em uma obra de construção civil e, além de manifestar a finalidade de seu dinheiro, revelou a centralidade do trabalho em seu dia, expressada no fragmento abaixo:

P: Olha só, me fala um pouquinho como foi seu dia ontem, que você fez ontem?

J: Ah, fiz massa lá, fiz é... Peneirei areia, subi lata pra cima de laje.

P: É. Mas ontem você foi na escola?

J: Fui.

P: De manhã?

J: Hum-hum.

P: Aí você veio para sua casa.

J: Eu vim para minha casa, da minha casa eu fui para aula.

P: Aí depois você veio embora só de noite?

J: Hum-hum. Aí quando eu cheguei, eu fiquei brincando de bicicleta, aí depois eu fui guardar a bicicleta, entrei pra dentro, tomei banho e fui dormir. (Entrevista com o jovem Afonso).

Para os seis jovens participantes da pesquisa que, durante as entrevistas tinham empregos formais, o trabalho também é gerador de grande desgaste, cansaço e estresse.

Segunda feira, dia de novo de pegar no batente, acordar as 5 horas da manhã para ir trabalhar. Foi um dia normal, produção tranqüila, sem enchimento de saco de encarregado. (Diário da jovem Sarah, dia 12/04/10).

Foi um dia mais pesado, tinha muito serviço, acabei me estressando. Cheguei em casa me acabei estressando com meu filho. Eu acho que meu serviço está me estressando, nada me tira da cabeça que eu tenho que sair do serviço. (Diário da jovem Sarah).

[...] Apesar que ando tão cansada, já pensei até sair do serviço mais pensei eu vou ficar mais um pouco. Também se eu sair do emprego posso até passar dificuldades, mais vou levando a vida com fé em Deus vou conseguir e vou vencer. (Diário da jovem Sarah).

Mesmo com a sobrecarga e o estresse, é pelo trabalho que os jovens relataram construir certas possibilidades e, mesmo com todas as dificuldades, se agarram a essas oportunidades como uma forma de mudar e incrementar seu cotidiano. A reflexão a seguir, explicita isso:

Após muito tempo de semanas de meses iguais aos de sempre, algum dia tem que ser diferente algum mês tem que ser surpreendente, algum ano tem que ser vitoriosamente de “quessos” e de muitos sentimentos. Basta um passo pra que tudo isso aconteça. O maior medo do ser humano é a falta de coragem de largar tudo e seguir em frente. [...] Espero apenas uma oportunidade. Esperava aquela que apareceu e eu agarrei. Daqui pra frente pretendo mudar minha vida de rumo, e também apreçar meu desenvolvimento no mundo lá fora. (Diário do jovem Alan).

A falta de condições para trabalhar, seja pela maternidade, seja pela falta de oportunidades, aparece como grande dificuldade do dia a dia para algumas jovens.

Uma das jovens afirma que “sem trabalho se sente inválida, como se estivesse sem perna e sem braço...” Para essa jovem, a dependência financeira do parceiro é comprometedor de sua autoestima e de sua liberdade:

[...] estou aqui pensando em quando meu filho está na escola gostaria de esta trabalhando para eu não depender do pai dele, porque o pai dele fica sonogando as coisas e eu não gosto disso [...] (Diário da jovem Samira, dia 14/04/10).

[...] fui arrumar casa e cuida da menina que eu cuido para eu ganhar um trocado para manter minhas necessidades que a mulher presiza porque depender do meu esposo eu taria morta fedendo porque ele gosta de anda daquele jeito file, mais enquanto eu, só Jesus pra ter misericórdia de mim. (Diário da jovem Samira, dia 19/04/10).

Para conseguir um mínimo de recurso para manter suas necessidades, é por meio dos “bicos”, vendendo doces, panos de prato e outras coisas na rua do bairro que essa jovem consegue ter certa independência. Não ter essa autonomia, para alguns dos jovens participantes da pesquisa, significava frustração e privação de alguns de seus desejos e anseios:

Sou uma menina vaidosa, não ponho os pés na rua enquanto não passar lápis nos olhos, arrumar o cabelo e por aí vai. Gosto de andar perfumada, cheirosinha, apesar de as vezes me faltam porque minha mãe não me dá nada e o pior de tudo é que eu ainda não trabalho, tenho 16 anos eu sei que posso ter um emprego, mas a culpa não é minha já fiz inscrição em vários lugares mas nunca me chama! Pelo milagre de Deus minha mãe me deu um pote de creme, eu até estranhei, até pensei que ela queria alguma coisa. (Diário da jovem Michele).

E, nesse sentido, perder o emprego passa a ser sinônimo de tristeza e angústia: “hoje estou chateada de mais fui mandada embora do cerviso, mas eu já sabia que isso ia acontecer mesmo. Haaah, não quero escrever mais não!” (Diário da jovem Patrícia).

Essa jovem retornou a algumas atividades como o Pró-jovem e a Oficina de Futsal do Fica Vivo após perder o emprego, mas afirmou, em seu diário, estar focada em conseguir um novo emprego. É interessante destacar que algumas jovens abordaram o desejo por uma experiência de trabalho que lhe seja prazerosa, do “verdadeiro trabalho”:

J: Uma coisa que eu me dou bem. Tipo assim: você sai da sua casa pra ir pra um trabalho que você chega lá e fala: “Ai, meu Deus, cheguei nesse inferno”, “Tenho que fazer isso”, coisa que não gosta. Ah, não sei. Eu gosto

de muita coisa, mais eu queria um trabalho em que eu me sentisse bem.
(Entrevista com a jovem Beatriz).

Na análise da condição juvenil expressa pelos participantes do estudo, foi possível perceber a centralidade do trabalho na vida dos jovens, reconhecendo nele o peso dos determinantes sociais que continuam a comandar o acesso e a natureza das relações. Nesse sentido, estudos têm revelado que o mercado de trabalho no Brasil é repleto de fragilidades, não sendo favorável aos jovens de classes populares já que os insere de uma maneira que os vulnerabiliza ainda mais pelas condições de trabalho e de reconhecimento, com impactos no aumento da violência pelo desemprego, além de outras marcas sociais (GUIMARÃES, 2005; THOMÉ; TELMO; KOLLER, 2010).

Seja como aquele almejado e sonhado, seja como aquele que já possibilita a adoção de determinados hábitos e estilos de vida, o trabalho é dotado de sentidos pelos jovens e se apresenta como provedor de oportunidades duradouras de sobrevivência e como espaço de sociabilidade de construção identitária e de interesses tipicamente juvenis. Tido como uma demanda urgente, uma necessidade, é pelo não-trabalho, por sua ausência que se destaca. Esse sentimento de risco, de impotência por não se ter trabalho aponta ainda que as representações do trabalho para os jovens estão associadas, à necessidade, à independência, ao crescimento, à autorrealização e à exploração, conforme explicitado pelos participantes da pesquisa, também apontados em estudo de Guimarães (2005).

7.1.4 Os projetos sociais e o cotidiano dos jovens: ocupação do tempo livre, transferência de renda ou alternativa para o trabalho?

A análise dos projetos sociais do Bairro Jardim Felicidade evidencia uma distorção. Muitos projetos são precários e vinculados ao terceiro setor com recursos fluidos e intermitentes. Questiona-se também o impacto desses projetos sobre a vida dos jovens por sofrerem com a falta de infraestrutura, de equipamentos e de recursos financeiros. Desse modo, mais uma vez, é colocada em questão a dimensão das políticas públicas juvenis e dos projetos delas oriundos em relação às necessidades manifestadas pelos jovens.

Sem a referência da escola com uma formação técnico-profissional, alguns jovens integram-se nos projetos sociais do bairro que se apresentam, para eles,

como um caminho para o trabalho, por meio de estratégias de qualificação. A vinculação ao Pró-jovem foi descrita, por alguns jovens, como a oportunidade de ter contato com ofertas de trabalho ou até mesmo como um espaço alternativo enquanto não conseguem o almejado trabalho. Além disso, alguns jovens explicitaram o repasse financeiro possível nesses projetos como se tinha no Agente jovem e no Pró-jovem, apesar de destacarem que essa não era a motivação principal para o ingresso nessas atividades, considerando que o repasse financeiro não se estendia a todos os jovens participantes. A possibilidade de se ter uma renda por essa via pareceu ser muito valorizada pelos jovens enquanto não tinham ainda efetivado uma oportunidade concreta de trabalho.

No bairro Jardim Felicidade, muitos jovens estavam envolvidos em programas sociais de transferência de renda, do Bolsa-Família ou do Pró-jovem. Esses programas trazem uma perspectiva compensatória e corretiva das políticas públicas com uma dimensão de re-inserir, re-integrar ou minimizar os problemas sociais que atingem a juventude como o desemprego, a evasão escolar, a adesão ao narcotráfico, a violência, a gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. Na definição dessas políticas, há diferentes arenas de disputa política que trazem um caráter prescritivo e normativo e que visam disseminar condutas juvenis consideradas adequadas para determinado espaço e tempo, com presença em atividades socioeducativas e pouco espaço para potencializar o que os jovens podem trazer de contribuições para a comunidade local e para a sociedade (DAYRELL, 2005; PIRES, 2008; SPÓSITO; CORROCHANO, 2005). Para além da transferência de renda por meio de uma bolsa, esses programas são marcados pelo modelo instituído e tradicional de educação pela forma escolar de socialização na qual “a relação pedagógica não é mais uma relação de pessoa a pessoa, mas uma submissão do mestre e dos alunos a regras impessoais” que garantem “hábitos de vida regular” para os jovens por meio da presença e pontualidade nas atividades propostas (VICENT; LAHIRE; THIN, 2001).

Apesar de esses projetos parecerem ser parte importante da realidade dos jovens do bairro, ora por falta de alternativas, ora pela ocupação do tempo livre, os jovens demandaram por outros, como aqueles com foco profissionalizante, como forma de facilitar o acesso ao mercado de trabalho e de se ter alternativas para a geração de renda já que as condições de vida de alguns deles estavam marcadas

por várias carências. Mesmo com algumas práticas que não têm a profissionalização como um dos objetivos, como o caso do Programa de Controle da Criminalidade Fica Vivo, destaca-se que algumas oficinas desse Programa oportunizam aos jovens a possibilidade de geração de renda e, mais que isso, permite-lhes a aquisição de saberes importantes para a vivência da condição juvenil. Considerando as oportunidades do bairro, os jovens sugeriram cursos que podem oportunizar uma ocupação autônoma na área de serviços, como de manicure, cabeleireiro, maquiagem e informática. A demanda por cursos profissionalizantes, de formação técnica, foi frequentemente apresentada pelos jovens: mecânica, eletrotécnica, hidráulica e enfermagem. Essas demandas explicitam a necessidade de projetos capazes de levar os jovens a reconhecer suas habilidades e potencialidades para a elaboração de um projeto de vida que inclua a inserção no mercado de trabalho formal de modo mais efetivo. E, enquanto no bairro essas oportunidades não se concretizam, também sentem a privação em poder acessar as oportunidades de qualificação em outros espaços:

Fiquei triste durante a escola porque no segundo horário da aula um homem passou de sala em sala informando sobre o curso de qualificação do SENAI, e eu não vou poder fazer porque eu não tenho 70,00 mensais para pagar. Minhas colegas vão participar, pois seus pais tem condições de pagar! (Diário da jovem Michele, dia 14/04/10).

O foco dado aos projetos de formação profissional dos jovens, levantados na fase exploratória do estudo como, por exemplo, o curso de marcenaria, ao serem definidos a partir de noções genéricas sobre os jovens, sobre a comunidade e suas necessidades, acaba por manter as demandas desses jovens como “invisíveis” nas políticas sociais e culturais. Alguns desses projetos e cursos propostos não indagam sobre as especificidades e as necessidades dos jovens da comunidade, apresentando-se como aqueles “para” os jovens e não “a partir” deles ou “com” eles, no que Dayrell e Corrochano (2009) e Dayrell; Leão e Reis (2007) nomeiam de “programas pobres para pobres”. E, nesse sentido, pareceu que alguns desses programas colocavam o jovem na condição de aprendiz com propostas de formação profissional que não surgiam de uma análise das demandas dos jovens. A realização de vários cursos de curta duração pelos jovens participantes da pesquisa pareceu não contribuir para sua inserção no mundo do trabalho, apontando a

necessidade de se rever essa oferta recorrente nas políticas juvenis de profissionalização.

Assim, os jovens explicitaram que estavam motivados a participar dos projetos muito mais pelo encontro com os pares do que pelas atividades em si. Esse fato pode gerar, além da baixa adesão dos jovens, uma negação de sua participação nas propostas para a comunidade.

Vale destacar que, para uma parte dos participantes, o bairro Jardim Felicidade oferece múltiplas opções de atividades para os jovens da comunidade, sendo que apenas dois jovens consideraram que essas atividades eram escassas, razão para um deles apontar seu dia a dia como “chato”, em razão da falta de opções de atividades para jovens no bairro. Mesmo para os jovens que consideraram que o bairro tem muitas opções de atividades, a comunicação e a informação sobre essas atividades foram apontadas por eles como um fator dificultador para que tenham condições de acessar e conhecer os cursos, oficinas e projetos. Para alguns jovens, são necessárias estratégias de comunicação e de divulgação dos projetos da comunidade de forma mais efetiva.

Foram explicitadas, pelos jovens, diversas ações oriundas de projetos de iniciativa pública, filantrópica e religiosa na comunidade. Dentre as ações destacadas, aquelas articuladas pelo Estado, como o Programa Fica Vivo, seguido pelo Pró-jovem, pelo Escola Aberta e pelo Escola Integrada, foram as de maior reconhecimento e vinculação dos jovens às políticas públicas. Também foram destacadas, pelos jovens, as atividades do grupo de socialização da ABAFE e do Programa Menor Aprendiz do Banco do Brasil, desenvolvido no Espaço do Centro Alvorada. Muitos jovens apontaram as ações e projetos a partir do espaço físico em que ocorriam na comunidade, como o Recriar e o Centro Alvorada sem, contudo, terem muito conhecimento sobre as práticas ofertadas. Destaco, aqui, que a presença das diferentes instituições que se destinam ao público jovem são fundamentais em áreas de vulnerabilidade, normalmente desprovidas de equipamentos públicos para os jovens, o que faz com que as desigualdades se revelem de forma ainda mais enfática.

Entretanto, a participação dos jovens nessas ações é manifestada, pela maior parte deles, como alternativa para não estarem no espaço da rua, principalmente quando se revela como perigoso, como desvirtuador do bom caminho pelas drogas e pela criminalidade. Sem outras opções, o envolvimento nesses projetos e grupos

permite aos jovens o seguimento da vida “por um caminho certo”, como apontado pelo jovem Afonso. E, nesse sentido, os projetos se tornam importantes para os jovens porque possibilitam a ocupação do tempo livre, a possibilidade de “suspensão” do espaço da rua e a oferta de outras ações que não aquelas que o caminho da droga possibilita. É interessante destacar que, em pesquisa realizada por Geber (2010), “tirar os jovens da rua e ocupar o tempo ocioso deles” foi destacado como um dos objetivos das oficinas do Programa Fica Vivo por 68,1% dosicineiros que implementam os encontros, o que também coincide com a percepção dos jovens sobre esse programa. Desse modo, os projetos parecem surgir para os jovens como “um antídoto aos atrativos da marginalidade e da malandragem”. São práticas oriundas de políticas públicas que, por essa ótica, são construídas pelas instituições como alternativas para coibir, desestimular ou disciplinar a presença de jovens na rua tida como espaço ambivalente que, ora é marcada pela positividade para o envolvimento em ações comunitárias, ou pela negatividade, justificando assim a construção de estratégias de apoio em diferentes áreas para os jovens. Esses contrários permitem reconhecer a dialética do espaço da rua, como espaço que oportuniza encontros e desencontros, medo e coragem, liberdade e aprisionamento, vivências de construção e desconstrução da vida.

Destaca-se que alguns desses grupos que se destinam à ocupação do tempo livre dos jovens, para além de uma preocupação com esse tempo com ações para prevenção da violência e de redução de danos, também consideravam “as potencialidades impressas na vivência plural do tempo livre, do lazer e da cultura como direitos plenos de cidadania” e buscavam construir com os jovens as formas de ocupação desse tempo (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005). Como apontado por Geber (2010), as oficinas do Programa Fica Vivo sinalizam para diferentes perspectivas e vertentes para a vida dos jovens, nas quais se inserem a de educação e formação humana, a socialização, a transmissão de saberes e também a de ocupação do tempo livre. Entretanto, para além dos objetivos do programa, pareceu que o papel desempenhado pelosicineiros, como referência para muitos dos jovens participantes da pesquisa, pelo diálogo, pelo reconhecimento e interação com sua condição, explicitando valores, potencialidades e na busca de estratégias para empoderá-los em sua condição, fazia com que a vivência nessas oficinas fosse também estruturadora para a vida de muitos deles, diferente da conotação que atribuíram ao espaço da escola.

Quando os atores desses projetos, em especial osicineiros, se inteiram das demandas e expectativas dos jovens e interagem com as experiências vividas pelos jovens do bairro, nas circunstâncias de seu cotidiano, essas práticas passam a cumprir um papel que vai além de uma ocupação esvaziada de sentido para o tempo desses jovens, desprovida de seus interesses, sendo estimuladoras do empoderamento juvenil. São práticas que precisam estar norteadas não somente pela verticalização dos programas, mas interessadas em atender as necessidades e especificidades locais da comunidade, superando a perspectiva de um lugar de vítima, de controle e de dependência desses jovens.

A participação e o envolvimento dos jovens nos projetos com foco no empoderamento juvenil e no reconhecimento de suas potencialidades, e a utilização de uma metodologia que permite essa construção, foram capazes de gerar retorno para a própria comunidade, a partir da formação desses jovens. Seja pela oportunidade de inserção no mercado de trabalho, a partir dos projetos do bairro após a formação, seja pela referência que esses jovens passaram a ter como disseminadores de boas práticas juvenis, dois participantes da pesquisa, no momento de realização das entrevistas, estavam trabalhando em projetos da comunidade: um no Pró-jovem e outro no Escola Aberta.

Destaca-se que, por essa via de inserção, a princípio como participantes do projeto e, depois, como condutores, esses jovens estavam construindo as perspectivas de continuidade na formação escolar e profissional. Um dos jovens entrevistados estava cursando o terceiro período de Serviço Social, despertado e motivado pelo envolvimento nos projetos da comunidade. Foi o envolvimento de um desses participantes da pesquisa em um projeto desenvolvido por uma ONG no bairro, intitulado de História Viva, que lhe oportunizou a produção de um vídeo explicitando a história do bairro e suas atividades para a comunidade. Para esse jovem, essas iniciativas também contribuem para minimizar o preconceito com o bairro, até mesmo dos próprios jovens moradores. Entretanto, pelo quantitativo de projetos ofertados para os jovens do bairro, o potencial para o empoderamento ainda permanece mais no campo das intenções do que naquele das práticas efetivas.

Na expressão de seus modos de vida, os jovens clamam também por visibilidade de suas produções independentes como a música, nas oficinas do Programa Fica Vivo, nas atividades esportivas ou nas demais ações no bairro. Os

jovens participantes dos projetos pleiteiam por visibilidade na cena pública, demandando por eventos na comunidade para mostrarem suas produções, que têm relação com a qualidade de vida e, conseqüentemente, com a saúde. Os jovens pleiteiam por áreas de lazer, divulgação dos projetos e visibilidade de suas produções:

J: Não, o que eu vejo assim que tem oferecido são, tem bastante coisa, que são oferecido, porque ainda mais nessa área de esporte, assim, oficina do Fica Vivo nó, tem muita coisa bacana pros jovens, né? É, muita coisa que é divulgada aí, só que não falta proveito, né? E acho que falta um investimento melhor assim, pra completar, né? As coisas [...] ah, não sei, uns passeios bacanas, umas divulgações, sei lá, em praça pública, apresentação assim do pessoal. Porque fica muito assim entre quatro paredes as apresentações, os ensaios... Nunca que é exposto ao pessoal de fora, né, pra poder ser visto. É só o futebol mesmo que é exposto, porque um chama o outro. (Entrevista com o jovem Evandro).

E, nesse sentido, os jovens apontam que faltam investimentos, tanto na divulgação das ações quanto no produto criado por eles nas oficinas e nas demais ações na comunidade, para que essa visibilidade seja oportunizada. Para um dos jovens, “as apresentações ficam entre quatro paredes, sendo que nunca é exposto ao pessoal de fora, para poder ser visto”. Os jovens anseiam por espaços para mostrar seus talentos como ações no âmbito cultural em que possam apresentar suas composições musicais, suas pinturas e grafites e seus talentos esportivos de modo a dar visibilidade ao que o bairro tem de positivo. Em um contexto em que pelo estudo e pelo trabalho os jovens não visualizam vias favoráveis para a mobilidade social nem para seu reconhecimento, ser reconhecido pelos talentos, pela produção cultural e esportiva toca em sua identidade. E novamente se percebe a dialética nas vivências juvenis, no processo de captura e afastamento dos jovens da funcionalidade social, quando valores autênticos como a liberdade e a criatividade nas formas de expressão, são valorizados e demandados por eles, em contraponto àqueles decorrentes do consumo e do individualismo, os valores inautênticos, expressos em outras vivências.

E, desse modo, a visibilidade dos jovens pode se dar tanto pelo caminho da negatividade, da expressão da violência, pelo poder das armas e do tráfico ou pelo mundo cultural (DIÓGENES, 2003). Nesse processo de visibilidade e invisibilidade, as práticas negativas como os produtos do tráfico de drogas pela mortalidade e pela violência dão marcas ao bairro.

Essa percepção de ausências pelos jovens do bairro que apontam e se queixam dos poucos espaços de lazer e de cursos profissionalizantes, da volatilidade dos programas e projetos, da violência e das drogas na comunidade, sinaliza para a perspectiva de múltiplas vulnerabilidades, além da rotulação do bairro e dos jovens, ainda sentida por muitos deles. A necessidade de olhar “de perto e de dentro”, na perspectiva de “apreensão” dos significados e sentidos vividos na interação com os jovens, na rede de relações, interações, costumes e hábitos que compõem seu cotidiano revela pistas para o estreitamento entre os modos de vida e a saúde dos jovens. E, numa relação contraditória, foram as palavras “amor” e “paz”, as mais prevalentes nos diários dos jovens, sendo capazes de expressar sentimentos almejados por eles em seu cotidiano.

Alguns dos projetos desenvolvidos no bairro como as oficinas de futebol, por exemplo, permitem a circulação dos jovens pela cidade, contribuindo para minimizar os estigmas e preconceitos vivenciados por eles como moradores do bairro.

Falar sobre o cotidiano para alguns jovens também foi revelador de sonhos e projetos. Entretanto, considerando que o foco dado pelo estudo foi no cotidiano dos jovens, as perspectivas de futuro não se consolidaram como um campo explorado na pesquisa. Sonhar em ser cantora, em ser jogador de futebol, em ter condições financeiras para o apoio familiar, em ser gesseiro. Sonhos de diferentes intensidades e dimensões, mas presentes no cotidiano de muitos jovens como projeções e perspectivas importantes para a vida. Tomar o cotidiano como revelador dos modos de vida juvenis trouxe à tona as angústias e conflitos dos jovens. Foram revelações de jovens tristes e deprimidos, necessitando de atenção, de escuta qualificada de suas vivências e sentimentos. Uma contradição percebida a partir da análise dos relatos dos jovens deve-se ao fato de que, ao mesmo tempo em que anseiam por diferentes experiências, por experimentação no âmbito profissional, pelo estudo, pelas vivências afetivas e familiares, esses jovens apontam como essa multiplicidade de práticas repercutem em angústia e tristeza:

Depressão! Um problema que nunca achamos que pode acontecer conosco. A vida parece sempre um mar de rosas, principalmente quando tudo está dando certo. Todas instituições que temos na vida funcionando com perfeição. Mas na sociedade em que vivemos é quase impossível manter tudo funcionando bem. Para isso, precisamos ser dois para conseguirmos conciliar nossos compromissos, Mas isso não existe, E pela primeira vez, como sempre achei que iria conseguir conciliar meus compromissos. Não dei conta e aí é o momento que você vê o mar de rosa virar o mar de espinhos que vem como uma enchorrada bem no seu

coração, que com as pinicadas pulsa enlouquecidamente. (Diário do jovem Jaime, dia 18/05/10).

E, nesse movimento de reconhecer-se como jovem, de perceber os limites e os tempos dessa vivência, uma das jovens aponta a necessidade de buscar alternativas, de se enxergar e se autoperceber para reagir. A angústia, a tristeza e a solidão foram sentimentos expressos por alguns jovens nos diários como determinantes na autoestima, motivação para o autocuidado e na qualidade de vida desses jovens:

[...] tenho que resolver minha vida porque sou jovem, nova, não posso ficar assim sofrendo porque o tempo passa, quero viver bem como eu vivia quando eu morava com minha mãe. Eu era feliz e não sabia quero viver a vida quando era solteira, quando eu era mais jovem. É tão bom ser jovem quando se sabe curtir [...] mais eu sobe curtir minha juventude, bom curto ainda porque eu sou jovem ainda. Vou procurar minha felicidade, não posso ficar parada sofrendo esperando o envelhecimento chegar, isso só pode até me fazer mal ou até entrar em depreção. (Diário da jovem Sarah, maio de 2010).

Os jovens sinalizaram para manifestações, física e emocional, decorrentes da angústia e da depressão, que podem comprometer a saúde no cotidiano de suas vidas. Manifestações como dor de cabeça, dor no estômago e indisposição foram aquelas apontadas pela jovem Sarah como decorrentes de seu modo de vida, explicitado durante a participação na pesquisa. E foi nesse limite, quando não mais manifestada pela sensação de bem-estar, expressa nos modos de vida juvenis que a saúde foi (re)velada. Lembrada por eles quando não se sentiam saudáveis, os jovens demonstraram que, quando saudáveis, a consciência de si e da saúde se retraía, ficando oculta. Esse fato repercute na manutenção cotidiana do autocuidado resultando no fato de que, quando a sensação ou a iminência do adoecimento aflora é que a saúde, escondida na maior parte do tempo, se revela, já que o bem-estar passa a ser comprometido.

Vivenciar o cotidiano dos jovens do bairro em sua intensidade e profundidade, vendo seus dilemas, sinalizou para como essas vivências repercutem em sua qualidade de vida e de sua saúde. E considerando a heterogeneidade de experiências e de inserções, tem-se como resultado uma pluralidade de expressões dos modos de vida. Os achados do estudo explicitam a inter-relação entre os

determinantes da macroestrutura social, reflexos de condições econômicas e sociais, que marcam as condições de vida, o acesso a bens e serviços e o estilo de vida dos jovens na materialidade de sua vida, em seu cotidiano. Na vivência do trabalho de campo, foi possível captar o modo de vida juvenil, resgatando as instâncias socializadoras que permitem aos jovens a formação do ser bem como a expressão da condição juvenil contemporânea que explicita a construção social dos jovens perpassando por espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e até mesmo concorrentes (LAHIRE, 2002a, 2005).

Nesse sentido, os modos de vida juvenis e as práticas cotidianas dos jovens expressam significados e valores, delineados a partir do meio social a que pertencem. Dayrell e Corrochano (2009) sinalizam que os modos de ser jovem expressam mudanças significativas nas formas como a sociedade “produz” os indivíduos uma vez que são socializados e suas identidades são (re)produzidas de múltiplas maneiras, sendo o jovem produto complexo de diferentes processos de socialização. Por meio dos valores apreendidos pelos jovens no processo de socialização em diversos universos sociais é que foi também certificado que a construção da identidade juvenil se dá pela atribuição de sentidos a suas experiências, como tarefa do próprio sujeito sobre si (BERGER; LUCKMANN, 2009; DAYRELL; CORROCHANO, 2009). Foi por esse caminho, reconhecendo como os jovens incorporam, em seu repertório, as experiências socializadoras e os valores apreendidos é que foi possível elucidar o cotidiano juvenil, a relação com os espaços sociais em que transitam e que repercutem em sua saúde, bem como as redes construídas. A expressividade de valores como a criatividade e a cooperação, bem como os do individualismo e do consumismo, nos modos de vida dos jovens revelou também aqueles que guardam relação estreita com a concepção de saúde bem como as práticas de cuidado, apontadas pelos jovens. E, nesse cotidiano, a temática da saúde não fez parte do repertório que compõe esse dia a dia, sendo revelada de modo indireto em suas ações, uma vez que é pela manutenção do ser saudável que os jovens garantem as condições básicas para o trilhar da vida. São essas reflexões que embasam a categoria a seguir.

7.2 A saúde no cotidiano dos jovens

Na primeira categoria, foram focalizadas as múltiplas faces da cotidianidade dos jovens revelando os aspectos constitutivos do repertório de suas vidas. Por meio da análise dos modos de vida juvenis, buscou-se articular, nesta categoria, os saberes que os jovens constroem em seu cotidiano, de modo a relacioná-los à saúde e ao cuidado.

A saúde se revelou como a garantia das condições vitais, fundamentais para alcançarem seus projetos e desejos. Os jovens articulam diferentes práticas que impactam na manutenção da saúde no dia a dia, como aquelas provedoras da vitalidade necessária à manutenção de seus modos de vida, bem como as condições mínimas para a realização das atividades da vida diária, permitindo-lhes experimentar a condição juvenil. São práticas advindas da historicidade e da vida cotidiana de cada um, trazendo marcas do âmbito familiar, das relações sociais, da escola, dos grupos e dos diversos contextos em que estão inseridos. Percebe-se, além disso, a vivência do afeto, das redes das quais participam e dos laços construídos nesses espaços, capazes de influenciar e de ser referência no cuidado consigo mesmo. Captar a intencionalidade dos sujeitos nos diferentes espaços em que se relacionam e nos quais são acolhidos por seus semelhantes, seja na escola, na família, na igreja ou nos projetos de que participam, foi revelador de como os jovens constroem reflexões sobre a saúde em seu cotidiano. Os jovens relataram diferentes vivências que marcam seu cotidiano, mas não revelaram as práticas de saúde instituídas nos serviços de saúde como locus prioritário de seu dia a dia.

Apreender a concepção dos jovens sobre a saúde, as formas de cuidado e o que é ser saudável permitiu trazer à tona as necessidades de interação e de diálogo entre seus cotidianos e os saberes de diferentes campos ali presentes. Relacionar as condições sociais, a estética do bairro, a situação de saúde, bem como os espaços e interstícios com os diferentes saberes advindos das experiências de vida dos jovens, permitiu adentrar o lugar ocupado pelas ações cuidadoras da saúde na vida de cada um dos participantes da pesquisa. Os resultados do estudo indicaram que os jovens atribuem à saúde diferentes significados e sentidos, transitando dos mais tradicionais, como a ausência de doença, aos de saúde como qualidade de vida, determinados pelos modos de viver e pelas escolhas feitas.

Entretanto, perceber como o cotidiano dos jovens se movimenta e interage com as maneiras de se fazer saúde produzidas por eles, numa ação de quase invisibilidade em seus modos de vida, é capaz de contribuir para abirmos às novas e velhas práticas de saúde, de (re)construir parcerias para potencializar a saúde na cotidianidade da vida juvenil. É no cotidiano que essas se materializam e, desse modo, pode-se, então, trazer mais e mais o novo, identificando os lócus possíveis para a interação e a ampliação da vitalidade desses sujeitos.

Nesse processo, foi possível captar a interlocução entre a ação e o discurso dos jovens, expressa em seus cotidianos, bem como aquelas concepções relacionadas à saúde nos espaços em que vivem. Desse modo, apresentaram uma expressão de como os modos de vida são determinantes do processo saúde-doença-cuidado. Poder conhecer o contexto, as dimensões que compõem o texto singular da vida de cada jovem revela-se como estratégia fundamental para novas produções de cuidado junto a eles, da produção social da saúde.

Assim, foi possível a construção analítica dos elementos que povoam a compreensão do jovem sobre a saúde, e como essa se expressa em seus caminhos, interações e espaços sociais a partir de suas práticas cuidadoras.

7.2.1 A medicalização, o comportamento, o corpo e a qualidade de vida: confluências na expressão da saúde e do ser saudável

Para apreender as vivências cotidianas e a relação com a saúde, foram captadas as concepções de saúde expressas pelos jovens em seu cotidiano, por meio de fatos e sentimentos revelados no dia a dia por eles. A sutileza sobre a importância da saúde na vida dos jovens remeteu, primeiramente, à necessidade de captar seu significado e sua expressividade. Nos diários, poucos foram aqueles que deram algum destaque à temática da saúde. Dentre os que o fizeram, dois jovens relataram, ao final de suas notas diárias, como percebiam a saúde no dia a dia. Outros dois, acometidos por dengue durante a participação na pesquisa, discorreram sobre essa vivência.

Conversar sobre saúde com os jovens exigiu remeter a seu contraponto, ou seja, a sua falta, às situações consideradas por eles como limítrofes entre a saúde e a doença. Apreender os significados e a polissemia que os jovens dão à saúde em seu cotidiano perpassou por uma perspectiva positiva e social, traduzida como

qualidade de vida e por concepções que remetem à medicalização social, ao paradigma biomédico e ao discurso normalizador da saúde.

A maioria dos jovens pensa a saúde reforçando o paradigma biomédico, com discursos normativos sobre como promovê-la, explicitando regras e comportamentos que contribuem para a manutenção da medicalização social do corpo e da vida. Nesse sentido, os jovens reforçam, em seus discursos, a submissão do viver aos saberes da ciência da saúde, em um processo que medicaliza desde as situações corriqueiras da vida até as mazelas sociais, reforçando o que Luz (2005) aponta como um paradigma universal e com efeito normalizador: o da utopia da saúde, centrado no campo biomédico. Os achados do estudo explicitaram a percepção dos jovens sobre o significado e o sentido da saúde focados no consumo de bens e serviços como consultas médicas, exames, medicamentos e ida aos serviços de saúde:

P: Agora, quando você pensa no seu dia a dia, você acha que é uma pessoa saudável?

J: Sim.

P: Acha? Por quê?

J: Porque eu acho que eu não passo por nenhum problema físico, tipo, não sente alguma coisa assim.

P: Hum hum. O que é saúde para você?

J: Saúde? É eu ué, num precisa de medicamento nenhum pra andar. (Entrevista com o jovem Alan).

J: Porque eu tenho uma saúde boa. Nunca me adoeci assim, de ficar de cama, essas coisas assim. Nunca precisei ir no hospital. Mas eu vejo assim, por dentro, né? Aqui por dentro deve tá feio. (Entrevista com o jovem Adriano).

Para alguns jovens, o medicamento é capaz de permitir “andar a vida” de uma maneira saudável. Utilizando argumentos do paradigma curativista, atribuem status de saúde à não-utilização de medicamentos e à não-necessidade de ir a hospitais. O “medicamento para andar a vida”, bem como não ir ao hospital como certeza de saúde reforça a ideia de que é por meio desse consumo que são estabelecidos os parâmetros do ser saudável. O sentido da medicalização expresso pelos jovens pode ser remetido a uma teoria social na qual se consolida a imposição de uma racionalidade biomédica e que revela uma concepção de homem e do mundo. Esses sentidos têm avançado a passos largos na contemporaneidade, revelados por meio da leitura de Tesser (2010), em estudos desenvolvidos sobre as diferentes facetas da medicalização social. Por meio da medicalização da vida e da sociedade é que alguns jovens percebem as possibilidades de se ter saúde. Assim é que a

medicalização parece minimizar os saberes da vida e da cultura, conhecimentos populares e do senso comum, para valorizar as tecnologias leve-duras, explicitando, portanto, que as tecnologias leves como o vínculo, o diálogo e o acolhimento dos profissionais aos usuários nos serviços de saúde têm menor importância no cuidado com a saúde. Prevalencem os medicamentos, os equipamentos e materiais e o saber prescritivo como aqueles capazes de garantir a saúde. Esse processo reforça o que Tesser (2010) aponta como a lógica de mercado nas práticas cuidativas, numa tônica em que a saúde guarda menor relação com as evidências subjetivas, do cotidiano da vida, para se fortalecer e se estruturar a partir dos saberes leve-duros e científicos.

Seguindo essa normatividade para a saúde, os jovens apontaram o consumo de práticas preventivas, como a vacinação, a realização de exames periódicos, como o que dá significado à saúde:

J: Ah, saúde é você tratar do corpo, ir no posto, tomar vacina, isso que eu acho que é saúde. (Entrevista com o jovem Afonso).

J: As vacinas eu tenho tomado todas direto. Toda vez que eu vou no posto eu pergunto se alguma vacina pra jovem, aí eles falam “vão falar na televisão, ou então vão dando o bilhete”. (Entrevista com a jovem Andréia).

J: Ah, eu não penso só na minha (saúde). Eu penso no dos meus primos também, e dos da rua, das pessoas, dos jovens que ficam na rua, na das minhas amigas, por exemplo. Quando tem alguma vacina pra tomar eu vou lá “nó, J. – tem um tanto de gente, minhas amigas né – ô gente tem vacina pra tomar, vamos lá?” elas “vamos”, daí elas vão, né? Eu sempre chamo as minhas amigas pra ir. Quando eu tomo, aí eu chamo elas pra tomar também. Aí elas vão, aí eu falo com as pessoas também aqui, meus vizinhos “nó, tem uma vacina pra criança, vacina pra jovens”, que nem essa da H1N1, que é a da Gripe A, né, Suína. Aí eu já até avisei lá, só que a pena, o ruim é que só tá tendo pras crianças e pras mulheres gestantes, né? Pros jovens não tá tendo por enquanto não. Isso é chato, né? Porque às vezes assim, as que tão grávidas que tomaram e as crianças também, agora nós não tem importância nisso, pra eles pensa isso, né? Mas pra nós também tem importância, né? Não é só neles que pode pensar, nas meninas grávidas e nas crianças não. Eles tem que pensar em nós também. (Entrevista com a jovem Andréia).

Entretanto, esse paradigma, mesmo que predominante, não é o único significado de saúde apontado pelos jovens participantes da pesquisa. Os achados revelaram tanto a permanência de concepções sobre saúde centrada na ausência de doença como o deslocamento dessa perspectiva para aquela centrada nos estilos de vida:

Me considero uma garota saudável. Não adoeço fácil. Saúde pra mim é uma coisa muito séria. Tenho uma alimentação balanceada e procuro não ficar resfriada. Valorizo muito a minha saúde. (Diário da jovem Carolina).

A adoção de determinadas condutas pelos jovens que consideram resultar em cuidado com a saúde reforça a regulação social sobre os sujeitos. Nessa perspectiva, Canguilhem (2000) aponta que o homem só se considera em boa saúde quando se sente mais do que normal, ou seja, adaptado ao meio e a suas exigências, como também capaz de seguir as normas de vida. Assim, ser saudável, além de não adoecer, depende também do seguimento das normas alimentares e comportamentais promotoras da saúde.

E seguir as normas comportamentais impõe aos jovens novos dilemas frente ao que é considerado normal e patológico como no exercício da sexualidade, numa espécie de dubiedade que marca seus comportamentos, como explicitado por um dos jovens participantes da pesquisa. Nesse dilema frente à imposição de autoafirmação social, que dificulta a expressão do jovem de ser e de exercer o que se é realmente, frente às escolhas afetivas e sexuais, são os padrões de normalidade que colocam os jovens em meio a conflitos de gênero e que impactam na percepção sobre o ser saudável. O conflito é explicitado entre o padrão imposto socialmente, da vitalidade e da virilidade masculina, “de estar pronto para tudo”, por exemplo, e o que é subjetivo, próprio de cada jovem, em suas escolhas e itinerários de vida, que impactam em sua condição de vida e de saúde.

Na dinâmica da pesquisa, alguns jovens trouxeram saberes para além do conhecimento científico, usualmente utilizado sobre a saúde. Falaram dos valores, da essência do ser humano e manifestaram, em seus depoimentos, a vida, ultrapassando os limites com os quais os olhamos. Os jovens expressaram a natureza não linear e imprecisa nos limites da saúde. Conforme apontado por Canguilhem (2000), não é possível reduzir o conceito de saúde a um termo científico, bem como focar esse conceito no organismo individual, uma vez que o indivíduo e o meio se vinculam. E, nesse sentido, os jovens participantes da pesquisa indicaram que é na interação entre o sujeito e o meio que a saúde se revela. Reforçando essa ideia, Minayo (2006) afirma que a concepção de saúde e de doença são fenômenos sociais, manifestações de condicionamentos sócio-históricos que guardam relação com as tradições culturais e o acesso a serviços, concepções dominantes sobre essas temáticas e a inter-relação entre todos esses fatores. São

manifestações da vida material, das carências, dos limites sociais e do imaginário coletivo revelados pelos jovens.

Desse modo, os resultados do estudo apontam também para uma perspectiva de saúde como potencial para viver a vida contemplando a subjetividade, o simbólico, a singularidade e a multidimensionalidade do viver.

P: Hum-hum. Agora, o que é saúde pra você? Quê que você pensa que é saúde?

J: Saúde pra mim é a pessoa sem preocupação... Ah, procurar, sei lá, viver a vida... Procurar ter as coisas, né, alimentação boa...

P: Hum-hum. Viver a vida, o que é viver a vida?

J: Ah, não ligar pra nada, fazer, se der errado deu, se não deu, não deu... Preocupar com nada; encarar. Encarar tudo. (Entrevista com a jovem Sarah).

Viver a vida, “encarar tudo e não preocupar com nada” explicita outro paradigma da saúde, o vitalista, em que, para além da alimentação e da atividade física, o bem-viver é destacado, trazendo à tona os sentimentos positivos que remetem à saúde, bem como aqueles negativos, que precisam ser eliminados:

Acho que primeiro bem-estar. Cê estar de bem estar consigo mesmo, sei lá. Acho que é isso, você se sentir bem em todos os sentidos, sem dor, sem preocupação, né? Sem nenhuma coisa que de alguma forma te barra. Isso é saúde pra mim. (Entrevista com o jovem Jaime).

J: Ah, saúde? Saúde pra mim é cê ter uma vida assim, cê viver uma vida bastante saudável, conseguir fazer tudo, não ter dificuldade nenhuma pra nada, ser sempre feliz, não é aquela pessoa triste. (Entrevista com o jovem Evandro).

Os dados analisados permitem afirmar que significar a saúde remete à necessidade de se levar em conta a experiência cotidiana e incluir nela as dimensões do simbólico na abordagem da vida social. Para o jovem Evandro, a saúde é equiparada a uma vivência similar à felicidade. Dessa forma, é encarada como algo que se busca incessantemente, como um estágio idealizado. Para Penna (1997), é partindo da experiência dos sujeitos para a saúde que se rompe com a imobilização do conceito de saúde em si, para trazer a perspectiva do ser saudável. Na expressão “viver uma vida saudável” o jovem traz a dimensão da interação com o lugar, seja pelas amizades, na família ou na rua, na expressividade do que é próprio de cada jovem em sua subjetividade, nas possibilidades dadas e não dadas do

“dever-ser”, normatizado e instituído nos conceitos rígidos sobre a saúde que predominam no imaginário coletivo.

A concepção de saúde, numa perspectiva positiva, remetendo ao enfoque social e de liberdade para viver a vida, apesar de não ser a prevalente, foi revelada por alguns jovens, guardando relação com a qualidade de vida. Conceituar qualidade de vida é complexo, tendo em vista a polissemia do termo e suas diferentes conotações que explicitam sua natureza multidimensional (SEIDL; ZANNON, 2004). Desde uma perspectiva de garantia de condições de sobrevivência como alimentação, moradia e renda até a opção por determinados estilos de vida, a expressão da qualidade de vida é influenciada por aspectos sociais, culturais e simbólicos, perpassados por valores. Para os jovens, a qualidade de vida está estruturada a partir do estar e viver bem, cuidar da vida o que envolve aspectos estruturais, do âmbito biológico, relacionados ao processo saúde-doença, mas também aqueles socioeconômicos e relacionais, como as condições materiais de vida, incluindo a renda, o lazer, a estrutura familiar:

J: Saúde pra mim? Eu acho que saúde não é só doença, né? Porque tem muita gente que não é doente e fala que tá , tá com coisa aqui, doente, não sei o quê. Cê ainda pergunta “tá doente, passando mal, tá sentindo o quê?” a pessoa fala “não, não é doença não. Tô passando mal de alguma coisa”. Passando mal porque não tem dinheiro, longe da família... Pra mim é isso, passando mal. (Entrevista com a jovem Andréia).

Ao mesmo tempo em que partem da ausência da doença, explicitando que a doença é o que mais chama a atenção, além do consumo de atendimentos especializados, alguns jovens trouxeram a família e o trabalho como impactantes na concepção de saúde e do ser saudável. Pelos modos de vida juvenis foi possível relacionar a concepção social de saúde, atrelada às condições econômicas, sociais, culturais, simbólicas e ambientais resultantes da organização da sociedade, bem como entender esses determinantes sociais em saúde como impactantes na qualidade de vida. Tanto a subjetividade quanto essa multidimensionalidade da qualidade de vida em sua relação com a saúde são explicitadas por uma jovem, no discurso a seguir, como fundamentais no cuidado à saúde:

J: Ah, porque tipo assim, hoje mesmo eu tenho médico, psicólogo e psiquiatra, porque eu tenho que tomar remédio sabe, porque eu tenho depressão por causa do meu... Porque tipo assim, meu sonho é trabalhar, não depender dele, porque eu sinto falta das coisas, sabe? Hoje mesmo,

tudo... to precisando disso, tá ajudando, mas não precisa ser humilhada, eu tô te ajudando sabendo que você tem duas pernas e dois braços. Eu me sinto mais inválida que aquelas pessoas que tão sem perna, que muitas pessoas que não tem perna correm atrás do objetivo, e eu não, tem uma coisa que me prende. E tipo assim, sabe, eu sinto falta das coisa e não ter. Ter pra mim mesmo. Igualzinho mesmo, eu não tenho roupa nenhuma, tipo assim. Eu não tenho nenhuma calça jeans, calcinha quem me dá é minhas irmã... Igualzinho a S. "oh J13i, vou comprar umas calcinha pro cê". Essas de dois e noventa e nove. Porque nem calcinha ele me dá. Minhas irmãs, a xxx tem creme de hidratação lá? E eu falo: me dá um pouquinho? Ele fala: "ah, cê ta feia". Ele não me dá dinheiro pra comprar uma roupa. Igualzinho eu tenho vontade de andar bonita, sabe? Não tem como, sabe? Eu sinto falta muito no meu dia a dia é isso, de, tipo assim, cuidar de mim, sabe? Ter um pouquinho de cuidado comigo. (Entrevista com a jovem Samira).

Considerar a percepção do jovem sobre seu estado de saúde, bem como dos aspectos não médicos e aquelas diferentes dimensões que incidem a favor ou não do cuidado à saúde remete ao âmbito particular da realidade e que, no caso do discurso da jovem Samira, é a ausência do trabalho que se revela como impactante na manutenção do autocuidado, na autoestima e na estética, numa relação estreita com a saúde. A falta de recurso financeiro gerava nessa jovem um sentimento de impotência, que impactava na autoestima e no cuidado com o corpo resultando, para ela, numa condição deprimida e de descuido consigo mesma.

Essa concepção de saúde, somada àquelas do âmbito biomédico, do enfoque preventivista dos estilos de vida e do foco curativista, presentes nos discursos dos jovens, apontaram para o hibridismo conceitual de saúde trazido por eles. Em meio a essa polissemia, o significado de saúde apresentou-se centrado predominantemente na responsabilização individual, marcado pela influência cultural e da ciência que coloca o indivíduo como resultado de suas opções e o responsabiliza por ser ou não saudável. Nesse sentido, a saúde passa a ser regulada pelos comportamentos individuais, repercutindo na condição de uma vida saudável para os jovens. Os jovens expressaram o tom individualista da promoção da saúde com ações que se restringem ao comportamento e às habilidades na adoção de determinados estilos de vida. Nessa expressão, está ausente a dimensão cultural, social e coletiva impactante na saúde e em sua promoção e centra-se em cada jovem, em si mesmo, traçando uma nova moralização e culpabilização dos indivíduos que adotam estilos de vida considerados de risco. Nesse processo, no cotidiano da vida, os jovens enquanto indivíduos são responsabilizados por gerirem suas vidas, numa linha persecutória da saúde que minimiza a autonomia dos sujeitos e valoriza cada vez

mais o seguimento dos padrões e normas de se ter saúde e de viver a vida. Para Castiel e Diaz (2007), uma concepção individualista guarda estreita relação com os discursos moralistas em direção à culpa tendo em vista o aparente enfraquecimento ético da ideia de responsabilidade como elemento ordenador das relações entre as pessoas.

Desse modo, a saúde se expressou positivamente no cotidiano dos jovens, quando centrada em comportamentos saudáveis como a alimentação saudável, a prática de atividade física, o sono regular, a higiene pessoal e dos alimentos e a lavagem das mãos. Na expressão do cotidiano nos diários, dois jovens abordaram de modo direto a temática da saúde, apontaram a alimentação e a prática de atividade física, como a tônica prevalente em suas reflexões:

J: Saúde é você tá bem alimentado, fazendo atividade física, ter um corpo bom. Eu acho que isso é saúde. (Entrevista com o jovem Alberto).

Eu não sei porque, mas quando estou em casa eu como toda hora e isso vai me prejudicar muito já que não to fazendo esporte algum. (Diário do jovem Alberto, dia 03/05/10).

Eu estava conversando com um amigo meu sobre esporte e ele me disse que não fazia nada por não ter dinheiro. Acho que não só falta motivação, mas tbm falta de informação sobre projetos esportivos para pessoas que não tem condições de pagar alguma coisa. O governo deveria divulgar mais, isso iria tirar muitos meninos das ruas. (Diário do jovem Alberto, dia 29/04/10).

J: Saúde é você tá bem fisicamente, sabendo que seu corpo tá em dia, né? Que você não tem nenhum tipo de doença, um bom funcionamento da circulação, essas coisas assim. (Entrevista com o jovem Adriano).

Uma das coisa que mais interferem na saúde dos Brasileiros é a má alimentação. Um dos grandes problemas é falta de informação nutricional e tbm falta de dinheiro, porque não basta só querer ter uma boa alimentação mas pra isso você precisa investir. O governo deveria fazer uma tabela nutricional mesmo que seja simples, e distribuir para as pessoas, o que não seria mau, porque a população do Brasil está entre os países que ocorre mais problemas de saúde por falta de uma boa alimentação. (Diário do jovem Alberto, dia 16/04/10).

Essa reflexão sobre o sentido do comportamento alimentar do jovem para a saúde pode ser feito de modo similar para a prática de atividade física que ao mesmo tempo traz em si o sentido da promoção da saúde, aponta para o lugar social do corpo saudável, bem como o culto a esse corpo. E não poder fazer a atividade física traz impactos imediatos, como percebido no discurso do jovem Alberto:

Bom, eu não sei se isso é interessante, mas depois de alguns dias sem nadar eu consigo perceber algumas diferenças físicas em mim. Meu fôlego ta ruim, qualquer coisa eu me canso. Além disso, eu já nem to prestado atenção no que eu como. Espero que as coisas não fiquem pior que já estão. (Diário do jovem Alberto, dia 06/05/10).

A atividade física, aos moldes da alimentação, também se materializa para os jovens como estratégia de regulação do corpo, com grande impacto na saúde. Essa prática é tida como um critério para se ter saúde, também sendo atribuído à ausência dela um prejuízo para o ser saudável. Para um dos jovens, a prática de esportes é “tida como um remédio para sua saúde”. Essa expressão do jovem remete ao entendimento de Camargo Jr. (2007) que afirma serem as armadilhas de uma concepção positiva de saúde que não apenas nega a doença mas também traz intervenções sobre os hábitos dos indivíduos e coletivos a seu favor. Por isso, as ações de cuidado com a saúde para os jovens, centradas na mobilização para a garantia dos comportamentos saudáveis, remetem ao enfoque preventivista dos estilos de vida.

E nesse sentido, a responsabilização dos jovens por estilos de vida “não saudáveis” traz à tona a promoção da saúde em sua perspectiva behaviorista, com uma concepção reducionista dos sujeitos que considera apenas a determinação biológica ou comportamental do processo saúde-doença (CARVALHO, 2007).

O discurso dos jovens sobre o cuidado com a saúde, revelador da adoção de comportamentos saudáveis, estrutura-se à semelhança daqueles prevalentes e normativos das instâncias governamentais sobre a saúde, bem como das estratégias para promovê-la. É explicitado pelos jovens o movimento de negação daqueles comportamentos tidos como não saudáveis e frequentes na vida de muitos jovens do bairro: “não fumar, não beber, não mexer com droga, não mexer com nada errado”. Em contraposição, os sentidos atribuídos ao uso do cigarro e da bebida por alguns jovens, num movimento contrário à adoção de hábitos saudáveis de vida, remetem a esses hábitos um meio da busca da felicidade e do prazer, valores também cultuados pelos jovens. Do discurso de alguns jovens, depreendem-se sinais de consciência sobre os danos causados pelo consumo de cigarro e álcool. Porém, quando se é obrigado a se enquadrar a certas normas, esquecer e fugir dos problemas, dilemas e ansiedades da realidade em que estão imersos, contraditória e cruel, é na bebida, no cigarro ou nas drogas ilícitas que, na percepção deles, os

jovens procuram se refugiar, como válvulas de escape que transcendem a consciência de seus males.

Nessa festa que eu fui tinha muita bebida e eu vi muitos adolescentes bebendo todo tipo de bebida alcoólica, eu era um dos poucos que não bebia. Todo mundo bebe porque acha bonito, legal, na moda, mas eu acho que não só sobre bebida, mas sobre o cigarro tbm, o governo deveria informar mais a população sobre as coisas horríveis que isso pode causar. (Diário do jovem Alberto, dia 09/05/10).

A negatividade atribuída aos comportamentos também atinge o significado da saúde quando a ela é incorporado o sentido de não estar doente. Esses aspectos remetem à explicação do processo saúde-doença na perspectiva multicausal quando aludem que, somente pela intervenção nos comportamentos individuais, com a eliminação dos fatores de risco, pode-se alcançar uma dimensão positiva de saúde. Com esses discursos, os jovens explicitaram que a saúde é expressão do sujeito comedido, sem excessos e desequilíbrios geradores do adoecimento tendo que, para isso, evitar “as coisas que vão causar dano”, como afirmado por Luz (2005).

Nesse enfoque comportamental, o significado da saúde apresenta-se como centrado no corpo e em sua expressividade visto que as ações de saúde que os jovens consideram realizar no cotidiano estão, em grande parte, vinculadas ao cuidado com o corpo em suas diferentes conotações: simbólica, biológica, cultural e relacional. Cuidar do corpo é, portanto, sinônimo de saúde. Assim é que a prática de atividade física, a alimentação e a ausência de doença são estruturantes de sua dimensão biológica. Já a dimensão simbólica, a imagem que constroem do corpo saudável é materializada pelo uso de diferentes adereços e recursos “para embelezamento” que, na perspectiva estética, possibilita aos jovens construir determinados círculos de amizade e de convívio, a dimensão relacional. Essas características ou modos de ser jovem conformam e expressam uma certa cultura desse tempo da vida.

O corpo, para os jovens, apresenta-se no que Le Breton (2003) afirma ser uma instância desconectada da vida coletiva, um objeto imperfeito, individualizado, um rascunho a ser corrigido. Se não é possível mudar a condição de vida, é possível ao jovem mudar e manipular o corpo de múltiplas maneiras, sem o que o corpo se torna decepcionante e não apresentável no meio social. E, ao mudar o corpo,

pretendem mudar sua identidade de tal modo a criar uma visibilidade social mais favorável, mesmo que provisória. Seja por meio da maquiagem, dos estilos diferenciados de se vestir e se pentear ou por meio dos adereços, operam-se, em seu imaginário, e nele se imprimem de forma simbólica, as imagens desejantes de sua relação com o mundo: “quando eu não tô de maquiagem, todo mundo já sabe que hoje não é um dia bom pra mim. Agora, quando me vêem maquiada dizem que o meu dia foi bom. Até a minha mãe fala”. (Entrevista com a jovem Laura).

O corpo assume, então, a apresentação de si, sendo que as maquiagens corporais implicam, geralmente, numa vontade de atrair os olhos, de fabricar uma estética da presença. Torna-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível, no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética como analisado por Le Breton (2003). Entende-se, assim, que falar sobre o corpo é também dizer sobre a identidade, sobre o entorno com os significados sociais e culturais que lhe são atribuídos para que seja, assim, aceitável e desejável. Para Goellner (2008), o corpo como identidade, é o lócus em que cada um diz de sua personalidade, virtudes e defeitos, de seu íntimo.

Os campos teóricos de estudos culturais e da história do corpo enfatizam sua dimensão cultural sem negar a constituição biológica, ambas importantes no entendimento da relação feita pelos jovens, entre corpo, saúde e corporeidade. O corpo, apontado por Le Breton (2003), é, tanto aquele físico, individual, autoregulado e vigiado pelos próprios jovens, como também o coletivo e social, produzido historicamente, no qual os jovens expressam as representações culturais sobre a beleza, a saúde e a virilidade, formas mais prevalentes de demarcar o ser saudável. O potencial elementar do corpo de expressar a relação com o mundo que outrora ocorria seja pelo trabalho ou a própria locomoção e, na contemporaneidade, pelas tecnologias de comunicação, facilidade de transporte e industrialização, é reduzido, passando a significar, para os jovens, a expressão da beleza, espaço de onde emana a capacidade de sedução e sensação (LE BRETON, 2003).

Na atualidade, pela expressão do ser ou não ser saudável, o corpo evoca a atenção dos indivíduos na forma de “sintoma”, seja pelo excesso de peso ou pela estética. Assim, quando questionados sobre a saúde, o culto ao corpo magro perpassa o imaginário tanto de jovens do sexo masculino quanto do feminino, sendo a estética a preocupação frequente. O “medo de engordar e de ficar feia”, de estar fora de um padrão social imposto de ser magro como ser saudável, foram falas

comuns, principalmente das jovens mulheres, ressaltando também a percepção apontada pelos demais, como Alberto, ao conceituar saúde: “saúde pra mim é aparência”. Os discursos dos jovens revelaram a preocupação e o medo da gordura. Aqui, merece ser feita uma reflexão sobre os dados alarmantes da obesidade no Brasil, de forma geral e dos jovens, em particular, mas que não podem, por si só, ser geradores de uma “lipofobia” adoecida entre eles. A aversão à gordura descortina uma linha tênue entre o que se apresenta como normal e como patológico:

J: Eu me imagino assim: não não não... sendo gorda, sabe eu quero ter feito, continuar magra, sabe não quero ficar balofa, ou...assim sabe, mulher fica com pneuzinho. Assim sabe, tem muito colesterol essas coisas assim. E eu imagino assim. (Entrevista com a jovem Carolina).

J: Também com a pele, com a pele eu, eu passo todo dia creme porque eu tenho muita espinha... J: Porque eu acho que assim, quando a gente está bem, que o peso, a gente fica com a auto-estima boa. Acho que é isso mesmo. (Entrevista com a jovem Carolina).

Canguilhem (2000) colabora com essa reflexão ao analisar que, mesmo sendo impreciso o limite entre o normal e o patológico, a saúde como um sentimento de segurança na vida é uma maneira de abordar a existência como uma sensação não apenas de possuidor ou portador, mas, também de criação de valores e instaurador de normas vitais. E, para esses jovens, parece que a lipofobia se conforma como uma dessas normas, regidas por alguns valores da contemporaneidade que marcam suas vidas. Com o declínio dos valores coletivos na sociedade, o jovem passa a buscar, em sua esfera privada, o que não alcança mais na sociabilidade comum: “o indivíduo torna-se fonte principal de escolha e de valores que ele extrai mais da atmosfera da época do que da fidelidade ao peso das regularidades sociais”. (LE BRETON, 2003, p. 53).

Canguilhem (2000) aponta que é por meio desses valores que se cultuam as imagens como, por exemplo, “a sedução que a imagem do atleta exerce ainda hoje sobre nossas mentes, sedução essa da qual o gosto por um esporte racionalizado nos parece uma aflitiva caricatura” (CANGUILHEM, 2000, p. 163).

Foi possível apreender a percepção dos jovens que, para garantirem uma imagem, aderem a uma cultura consumista de saúde em que a valorização do corpo pela estética é tida como estruturante de uma boa saúde:

J: Ah, eu me projeto assim, né? Igual hoje assim, eu tava vendo, cada dia cê tem que se ver, né, tem que pensar como é que ce tá, quê que ce podia melhorar. Igual eu me via muito magrinho, e tal, miudinho, ranzinza... Aí eu tava assim “tá faltando alguma coisa, né, tá faltando alguma massa muscular e tal”, porque geralmente o jovem quer isso, né, quer ter o corpo mais sarado, mais em conta... Aí eu vou e falo assim “oh, quê que dá pra mim fazer pra melhorar? Que vai tá em conta pra mim?” aí eu pensei e falei assim “vou comprar uma massa muscular pra mim, vou malhar um pouquinho, tal”. Aí eu projeto assim, eu vejo que pra mim depois no futuro vai ser bom o quê, vou tá com o corpinho sarado, tal, mais em conta... Essa é a maneira de eu poder ver a frente. (Entrevista com o jovem Evandro).

Estar com um corpinho “sarado” e “mais em conta”, reforça a percepção dos jovens de que é possível comprar a garantia de se ter saúde, assumindo a possibilidade do consumo como um grande valor. Desse modo, a autonomia no modo de cuidar e trilhar a vida, bem como no cuidado com a saúde, é regulada, já que é determinada pelos padrões de estética e beleza da sociedade pós-moderna que fazem com que os jovens busquem se enquadrar nos padrões de corpo saudável e de alimentação balanceada, difundidos pela mídia. Atrelado a isso, tem-se o que Santos (2010) aponta como a lógica sustentadora da indústria alimentícia e da estética que trazem a preocupação com a imagem corporal, o consumo de alimentos lights e diets como alternativa, reforçando a perspectiva de valorização exagerada do corpo pela mídia. Essa lógica é responsável pela construção de uma representação pelos jovens de como é possível obter saúde por meio do consumo bem como pela criação e veiculação de uma cultura de consenso do que seja ser jovem saudável. Como a televisão, a internet e o rádio configuram como importantes veículos de comunicação no dia a dia dos jovens, tornam-se mecanismos efetivos de divulgação dos padrões de beleza.

Destaca-se que a mídia, pela veiculação de imagens que reforçam o lugar central, na sociedade pós-moderna, da beleza e da magreza como sinônimos de mais saúde, leva os jovens a uma busca permanente do corpo ideal como critério de ascensão a melhores relações sociais e afetivas e de credibilidade entre os pares. A mídia tem o poder de criar representações sobre o corpo, mesmo que temporárias, variando conforme o lugar e a cultura onde esse corpo circula, vive, se expressa, se produz e é (re) produzido.

Assim, o consumo desse corpo pelo imaginário e pelo desejo também irá povoar os jovens de camadas mais populares. A marca do sujeito contemporâneo é o poder de escolha e o jovem como sujeito desejante esbarra nas conformações e

deformações da sociedade pós-moderna na produção do corpo ideal, o que gera dilemas para suas vidas.

O binômio magreza e saúde foi expresso pelos jovens participantes da pesquisa numa associação que precisa ser profundamente analisada, uma vez que, pode ser geradora de um universo de ilusão sobre a saúde com grandes repercussões na qualidade de vida:

Minha mãe fala que eu tenho que emagrecer e fechar a boca porque eu como demais [...] as vezes eu como um prato, fico satisfeita, depois como mais outro.[...] Porque eu não era gordinha assim não. Depois quando eu fui tomar sulfato ferroso que eu fiquei gordinha. (Entrevista com a jovem Bruna).

É importante emagrecer e entrar e forma porque eu não aguento mais. É uma dor nas pernas que quando eu subo morro, eu subo morro as minha perna incha. (Entrevista com a jovem Bruna).

O produto da idealização do corpo manifesta-se na exigência constante de sua disciplinarização, na manutenção do padrão de beleza mais aceitável para se garantir status perante os pares e no meio em que vivem. E, assim, a centralidade do culto ao corpo como sinônimo de saúde foi preponderante entre os jovens, demarcado também no diário de alguns deles. Embora a temática da saúde tenha sido pouco explicitada nos escritos, as ações e percepções sobre o corpo e a relação com a estética e o peso foram recorrentemente expressa pelos jovens:

Hoje é sábado ultimo dia da semana. É o dia que eu não gosto, por que é dia de mais serviço para mim, e também eu não saio para lugar nem um. Eu acho que meu esposo tem vergonha de mim por que eu sou gorda, ele tem vergonha de pessoa gorda. (Diário da jovem Samira, dia 17/04/10).

Esses dias estou muito preguiçosa e estou engordando muito, estou pesando agora 57 quilos, e estou ficando gordinha, eu não paro de abrir a boca para comer, e também janto as 23:00 horas mais ou menos, e acabo de comer e já deito pra dormir. (Diário da jovem Michele).

Nos depoimentos dos jovens participantes da pesquisa foi possível perceber a ideia de patologização do comer e do corpo, num movimento de causa e efeito, em que o excesso de comida gera os excessos no corpo, fim esse completamente negado pelos jovens. Santos (2008), em estudo sobre os sentidos do corpo, do comer e da comida, apresenta reflexões sobre essa patologização de necessidades básicas, como a alimentação, por seus diferentes sentidos e que auxiliam na análise dos achados deste estudo, na construção dessa relação com a condição juvenil. A

valorização dos aspectos comportamentais pela relação entre alimentação saudável, prática de atividade física e corpo saudável é feita, tanto pela ótica estética do culto ao corpo como por aquela preventivista, num mecanismo de coexistência de interesses.

J: Ah, porque eu acho que eu como fora de hora. Às vezes, eu janto, tomo um suco, como um sanduíche e assim... Agora que eu tô fazendo atividade esportiva, tô fazendo natação. Mas já tem um ano e meio que eu não nado. Esse ano e meio assim, eu fui engordando, engordando...

[...] O que me animou a voltar (para natação) foi porque eu tava engordando. E eu não quero ficar gordo [risos]. Foi basicamente isso, porque competição eu já não penso mais também. Antes, eu nadava porque eu gostava muito de competir. Agora eu não ligo pra isso não. (Entrevista com o jovem Alberto).

Percebe-se, no discurso dos jovens, o comedimento como uma das estratégias fundamentais da saúde, na qual o excesso é tido como risco à saúde por resultar no desequilíbrio e no adoecimento. As estratégias de contenção dos excessos nos hábitos de comer e beber, por exemplo, são percebidas pelos jovens como resultantes nos impactos positivos do cuidado com a saúde. Para Carvalho, Luz e Prado (2011), comer, nutrir ou alimentar circulam, em nossa cultura, com significados próximos ou como sinônimos e, desse modo, não dão conta das transformações que vêm ocorrendo na alimentação que, desejadas ou indesejadas, contam com um hibridismo de padrões que representa tanto uma mudança de regras, como de preferências alimentares.

Os achados do estudo explicitam que, mais que conhecer o significado de saúde para os jovens, que em grande parte está focado na dimensão singular da realidade objetiva, há necessidade de se reconhecer como se revelam, nas ações cotidianas, as práticas cuidadoras da saúde estabelecendo os vínculos forjados entre as práticas e a expressão dos modos de vida juvenis. Entender a concepção de saúde e, ainda mais, os significados do ser saudável, permite que as ações de saúde, individuais ou coletivas, realizadas pelos jovens em seu cotidiano, possam ser potencializadas nos encontros, seja pelo vínculo e acolhimento, quando esse se der com os profissionais de saúde, ou nos processos acionados pelos e entre os próprios jovens. Ou seja, de modo relacional, que tanto os jovens em suas ações quanto os profissionais em suas práticas, sejam capazes de enfrentar a potência da medicalização, difundida pela indústria farmacêutica e pela mídia, nos “milagres” atribuídos aos medicamentos. Mais do que conceituar a saúde e o ser saudável na perspectiva dos jovens, busca-se, neste estudo, apreender onde as ações da própria

saúde ganham materialidade e sentido no cotidiano dos jovens, de modo a captar o que realizavam em seu dia a dia e o que consideravam práticas cuidadoras a partir dos diferentes espaços e interações na vivência da condição juvenil. Além disso, busca-se elucidar, ainda mais, a assertiva de que os jovens constroem ações promotoras da saúde em seu cotidiano, de modo a desvendar os passos e descompassos entre as demandas, as necessidades e a oferta de ações de saúde para esse grupamento, considerando os aspectos manifestados pelos participantes da pesquisa sobre o cuidado à saúde em seu cotidiano.

7.2.2 Em que “a saúde compareceu” para os jovens em seu cotidiano?

Como expressado por um dos jovens participantes em seu diário, “o comparecimento da saúde” no dia a dia, explicita a forma como as diferentes conotações atribuídas ao se ter saúde e ao ser saudável se materializam em seu cotidiano. Como uma estratégia de “encaixá-la” na vida e perceber ações cuidadoras da saúde em suas práticas cotidianas, alguns jovens apontaram, nas entrevistas e nos diários, essa interface.

Nesta categoria, são narradas as práticas de cuidado com a saúde, captando-as na transversalidade da vida, em sua expressão indireta no cotidiano dos jovens, frente às opções de viver e experienciar a condição juvenil. Uma das concepções de se ter saúde e de ser saudável apontou que as práticas de cuidado com a saúde estão presentes no que fazem em seu dia a dia, naturalizadas e incorporadas nas atividades básicas da vida diária como comer, dormir, movimentar, trabalhar, interagir, fazer atividade física, dentre outras.

P: E ser saudável pra você é o quê?

J: Viver bem.

P: Viver bem?

P: E aí quando você pensa nesse dia a dia de você, você acha que viver bem faz parte dele?

J: É, faz.

P: Onde é que você vê o seu viver bem?

J: Em tudo que eu faço. (Entrevista com o jovem Marcos).

Algumas das ações de cuidado com a saúde foram expressas, pelos jovens, em consonância com o significado prevalente de saúde que tem foco no âmbito individual e comportamental. Depreende-se que, pensar “no viver bem em tudo que

faz” incorpora a perspectiva de que ser saudável guarda estreita relação com o lugar onde vivenciam o cotidiano. A partir desse referencial e remetendo ao território desses jovens no Jardim Felicidade e aos espaços sociais que o compõem, foi possível captar as ações de saúde percebidas ou realizadas pelos jovens, tomando a dimensão particular da realidade objetiva em que se circunscreve o potencial para a promoção da saúde. O território, neste estudo, é compreendido na perspectiva que Monken et al. (2008) apontam como sendo, ao mesmo tempo, o suporte da vida da população, da conformação dos contextos que explicam a produção de problemas de saúde e do bem-estar, da responsabilidade e da atuação compartilhada, da organização das práticas de saúde e dos serviços de saúde. Analisar o território a partir dessa perspectiva, por meio da expressividade da condição juvenil, foi estratégia importante para captar a saúde no cotidiano dos jovens.

Discutir os itinerários dos jovens que, para muitos, restringe-se aos espaços do bairro, remeteu ao fato de que, para potencializar as ações de cuidado com a saúde, é preciso investir nesse território e nas relações que os jovens nele constroem. Seu lazer, seu estudo, suas relações afetivas e sociais são expressadas pelos jovens no limite do bairro e de seu entorno. Assim, incorporar a relação que os jovens estabelecem com o espaço geográfico permite compreendê-lo em sua objetividade, ou seja, o que contém em sua aparência e apresentação, bem como na subjetividade, como é percebido e vivido por eles. Os jovens interagem com e nesses espaços de tal modo que não somente os compõem, com expressões simbólicas e materiais que revelam a territorialidade, mas se dizem capazes de transformar o próprio território. Numa relação permanente entre conteúdo e contingente, os jovens explicitam o seu movimento permanente, mesmo que restrito ao território do bairro. Nesse processo de interação, mesmo não sendo o foco prioritário de suas práticas, as ações realizadas acabam por repercutir na condição de sua saúde, como revelado por eles. É assim, pelo sentimento de pertencimento e identidade na dimensão local, que são construídas as possibilidades de empoderamento dos jovens para valorizar o espaço no qual estão inseridos e, em um movimento dialético, de investir, para então, produzirem impactos positivos e mais duradouros em sua qualidade de vida em decorrência de possíveis mudanças operadas em toda a comunidade.

[...] porque eu acho que assim, se você conhece a sua identidade, acho que a comunidade em que você vive faz parte da sua identidade também. Acho que é uma ligação muito coerente, né? Mas eu ainda vou reformular. Não sei se eu realmente vou trabalhar com esse contexto, mas eu acho que é importante, porque assim, quando eu, quando eu passei a olhar o bairro de outra forma, quando eu passei a olhar realmente com sentimento de pertencimento, né, e orgulho, eu falo “não, eu tenho que construir algo que contribua nessa comunidade. Eu dou valor pra ela”. Então eu não vou pensar só no meu umbigo, né? (Entrevista com o jovem Jaime).

Mesmo com todos os desafios para se pensar em ações cuidadoras da saúde em contextos de desigualdades sociais, o pertencimento e a participação dos jovens pareceram ser estratégias que podem favorecer e repercutir na promoção da saúde. Pode-se inferir que, por meio do capital social, é possível promover reações em âmbito individual e coletivo em direção a um espaço mais saudável, uma vez que se pode, por meio dele, aumentar o poder comunitário e facilitar ações coordenadas que influenciarão positivamente a saúde da população. Entretanto, a utilização desse conceito, para Souza e Grundy (2004), exige cautela, a fim de que não seja um pretexto para esconder ideologias indesejadas ou que o Estado, à guisa de investir em capital social, deixe sob a responsabilidade dos cidadãos, ações a ele concernentes, ou, ainda, sejam as comunidades acusadas de não serem saudáveis por não serem coesas. Desse modo, empoderar os jovens para o pertencimento à comunidade, ativando a cidadania, não pode resultar em eximir a responsabilidade governamental de investir em políticas públicas para e com a juventude.

Os jovens demonstraram como o território pode ser reinventado e, em meio a todos os desafios e mazelas, como podem produzir novas territorialidades, se reconhecer como sujeitos em seus modos de levar a vida frente às opções e escolhas feitas. Explicitaram que reconhecer seu território, valorizá-lo e trabalhar na perspectiva do desenvolvimento local significa, mesmo que de modo indireto - como expressaram - atuar a favor da promoção da saúde. Assim, demonstraram que ações humanas, mesmo sem intencionalidade, se aproximam ou se afastam de situações saudáveis, promotoras de possibilidades de vida. E revelaram ainda como é possível se adaptar, buscar estratégias de superação das dificuldades cotidianas e, nesse território marcado socialmente por iniquidades, transcender na busca de qualidade de vida.

J: O que eu descobri na verdade é um sentimento de pertencimento, que é aquele que a gente aprendeu tanto pelo GMC quanto no História Viva, né? Eu via um bairro totalmente violento, que as pessoas quando eu cheguei me falaram “esse bairro é um dos mais violentos que tinha” né? E aí a partir do momento que eu comecei a ter acesso à história e a ter acesso a

reconhecer que o bairro tem várias instituições e ONGs e associações que fazem um trabalho pra comunidade, eu me senti, eu falei “pô, eu tenho orgulho desse bairro”. Eu passei a ter orgulho do bairro em que eu vivo, porque eu sei que ele tem algo de bacana. (Entrevista com o jovem Jaime).

J: [...] Mas assim, hoje eu consigo andar nesse bairro, mesmo quando tem uma operação, como teve essa assim. Eu não me sinto, poxa, preso de andar e de frequentar qualquer espaço daqui. Até porque eu sou livre. Livre de... não me envolvo com droga, não tô no meio da criminalidade. Infelizmente os jovens que sofrem são esses que estão nesse caminho. Eles sabem, até eles já sabem que vão cair de alguma forma em algum momento. Então assim, eu tenho essa liberdade, esse sentimento de pertencer mesmo hoje. Mesmo eu não sendo daqui, eu não ter nascido aqui, eu pertenço a ele hoje. (Entrevista com o jovem Jaime).

A análise dos espaços no bairro Jardim Felicidade foi construída partindo de uma perspectiva do território local e de suas territorialidades, considerando a estética e o modo como o bairro se apresenta para os jovens, as relações nele construídas que podem favorecer ou não o cuidado com a saúde, alcançando sua conformação geográfica e os espaços sociais que o compõem. Nessa perspectiva, buscou-se compreender a relação entre a saúde e o território pela dimensão das humanidades, como os limites de tolerância às infidelidades do meio social, utilizando-se os conceitos de Canguilhem (2000). Desse modo, a estética do bairro que, a princípio, parecia naturalizada pelos jovens em seu cotidiano, ao se referir à saúde, trouxe à tona novos contornos e destaques, capazes de sinalizar para o sentido das infidelidades que repercutem na condição de saúde, como sendo aquelas inadequadas às exigências de bem-estar, condizentes com a natureza humana. Assim é que a aparência do bairro é percebida pelos jovens como desvitalizada e descuidada, impactando negativamente na vida das pessoas que nele residem. Em meio à segregação espacial, também expressão das desigualdades, o bairro Jardim Felicidade se apresenta para os jovens como um lugar de aparência precária. Os jovens manifestaram que se sentem incomodados com essa condição, o que os leva a pleitear um bairro mais bonito, harmonioso e menos poluído. Nessa interação com o território, em meio a uma relação de dubiedade que oscila entre aquela de pertencimento e identidade e a de perplexidade e repulsa, os jovens apontam como a sintonia com o espaço local pode ser potencializada a favor da saúde. O discurso a seguir descortina essa relação:

Bem, eu vejo uma coisa todos os dias que acho que pode ser mudado. Quando eu estou indo pra escola tenho que passa perto de um córrego,

onde além de ser a céu aberto, lá as pessoas jogam muito lixo nesse lugar e os próprios se prejudicam, por falta de informação e inguorancia. Acho que eles deveriam ser informados, e até mesmo fiscalizados e multados por isso. Daí eu acho que eles iam parar de jogar lixo lá, por que além de se prejudicarem, eles fazem doenças para outros moradores do bairro. (Diário do Jovem Alberto, dia 12/04/10).

Para além da estética, a reflexão sobre saúde, para os jovens, remete à condição de saneamento do bairro, denunciando a presença do córrego em toda sua extensão geográfica, conferindo-lhe uma conotação de poluição e maus-tratos.

Essas condições são impactantes para os jovens visto que a infraestrutura dos ambientes em que vivem, de modo compartilhado com os demais moradores, é preditiva de processos que podem produzir doenças - de veiculação hídrica e zoonoses pela presença de ratos, baratas e escorpiões. O acúmulo de lixo nas margens do córrego e o mau-cheiro gerado pelo esgoto a céu aberto também geram impacto negativo na qualidade de vida e, conseqüentemente, na saúde, conforme explicitado por alguns jovens. O déficit de saneamento no bairro alimenta o perverso ciclo de pobreza e exclusão social da comunidade, delimitando a organização espacial da marginalidade, em que o lixo e a sujeira passam a ser parte da imagem projetada do bairro:

J: Acho que, também, a boa higiene tem a ver com saúde, né? Esse negócio também – eu não gosto -, que as pessoas vão, pegam lixo... Tem ali, um montinho de lixo, vai lá e joga! Tá a plaquinha! Tá vendo a plaquinha lá, de lixo, “Não jogue lixo”, e vai o joga o lixo já. Acho que também deveria... As pessoas também deveriam ser informadas sobre a higiene. Porque se passa caminhão de lixo, porque a pessoa vai jogar o lixo lá? Igual tem gente que vai – se não me engano o caminhão de lixo passa segunda, quarta e sexta, né? – a pessoa coloca o lixo terça-feira. Vai, cachorro vai, pega, rasga o negócio, e, claro, ninguém vai pegar nada. (Entrevista com o jovem Alberto).

Outra coisa tbm, que eu acho que interfere na nossa saúde, são esses papeis, cigarros jogados na rua, entulho, etc. Acho que as pessoas deveriam ter consciência que isso interfere muito na nossa qualidade de vida e no nosso habitate, porque mesmo morando em uma região privilegiada geograficamente por não ter enchente e etc, devemos preservar o lugar onde agente mora e respeitar o espaço do outro tbm, porque quem joga lixo mesmo sem intensão na porta do outro está faltando o respeito. (Diário do Jovem Alberto, dia 13/04/10).

O local, entendido aqui como espaço efetivo de atuação de atores sociais, pode ser qualificado como um campo de ação privilegiado, conforme apontado pelos jovens, para melhorar a qualidade de vida, minimizar riscos à saúde e promover

espaços saudáveis. Essas ações podem resultar ainda no que Akerman (2005) aponta como desenvolvimento local se, com o envolvimento desses atores, for possível ativar a cidadania e, por meio dela, melhorar as condições de vida e favorecer a saúde. E, nesse movimento, os achados do estudo explicitam que os jovens reconhecem as potencialidades e recursos do território, mas também apontam as fragilidades que marcam seus interstícios, os espaços sociais e suas práticas cotidianas.

Configura-se, desse modo, um sistema contraditório de relações: o sentimento de pertencimento é aguçado pelas potencialidades locais, reconhecidas pelos jovens e capazes de ativar processos produtores e mantenedores da saúde. Ao mesmo tempo, verifica-se que a intersubjetividade demarcada pelas atividades da vida cotidiana e o distanciamento das esferas do poder instituído, os afastam da possibilidade de intervenção coletiva. Captar as redes, entendidas na perspectiva de Marques (2010) como as estruturas de relações dos indivíduos, bem como as sociabilidades dos jovens, tidas como o uso diferenciado dessas estruturas em seu cotidiano foi revelador de pistas sobre “em que realmente a saúde comparecia” para os jovens.

O espaço da rua também trouxe para eles alguns elementos possíveis de relação estabelecida com a saúde. Uma pista apontada a partir dessa análise é de que, nas sociabilidades construídas nesse espaço, questões relativas ao cuidado com a saúde faziam parte do dia a dia desses jovens de forma implícita. À rua, foi atribuída uma polissemia de sentidos que passavam pelo lazer, pela troca de informações e experiências como lócus de construção de conhecimentos; portanto como formas de consciência, construção de valores e de condutas coletivas - potencialidade, mas pelos riscos. A rua foi percebida pelos jovens na relação com a saúde mais por seu caráter ameaçador, de fragilidades, pelas drogas e violência, do que pelas possibilidades de lazer e entretenimento que também proporciona como descrevem outros jovens.

Os achados deste estudo permitem afirmar que os modos de vida juvenis no bairro Jardim Felicidade são marcados pela dialética conceitual das vulnerabilidades, “negativas e positivas”, já que, convivem com a violência, dificuldade de acesso ao trabalho, à escola e à profissionalização, não sendo reconhecidos como sujeitos de direitos. Ao mesmo tempo, nesse mesmo espaço, os jovens aprendem, pelo vivido, a tecer formas de resistências e a lidar com os riscos, sendo capazes de identificar

recursos e ordenações na família, na comunidade e nas relações construídas que impactam nos modos de viver a vida (CASTRO; ABRAMOVAY, 2004). Esses movimentos de privações e de superações repercutem na condição de sua vida e de sua saúde, sendo necessários avanços para mudar da centralidade das vulnerabilidades negativas para as positivas, que os próprios jovens reconhecem, uma vez que o risco é inerente à vida.

Desse modo, reconhecer os espaços sociais onde os jovens transitam é captar o modo como se apropriam do território e como são, por ele, capturados. Reconhecer o território pelo cotidiano dos jovens permitiu identificar as singularidades da vida social, perceber os problemas e dilemas que os jovens enfrentam e que podem servir de base para construir a interface com a perspectiva da saúde. Quando a saúde é remetida à condição juvenil, isso acontece pelo estereótipo do bairro como violento, marcado pelo tráfico de drogas e pelo risco, retratado nos dados de morbi-mortalidade, que os jovens sentem na pele, a repercussão do contexto. Até mesmo quando se inserem em outros espaços sociais, os jovens do Jardim Felicidade vivenciam o que Novaes (2008) aponta como “discriminação por endereço”. São marcas das vulnerabilidades negativas presentes nesse território, que remetem à reflexão do impacto das drogas e da violência na vida dos jovens do bairro, explicitando a relação dialética entre o local e o global, cujas marcas são reveladas pelos preconceitos a que os jovens estão submetidos quando almejam outras inserções no âmbito do trabalho ou na formação profissional, dentre outras. A crença de que o local afeta o global e que, por sua vez, num mecanismo de retroalimentação, retorna ao local, fica, então, revelada pelos jovens, indicando a necessidade da construção de um universo discursivo e simbólico em que cada jovem possa ver-se como um componente do todo, que influencia e que deixa sua marca no todo. Desse modo, a preocupação com o bairro fez parte dos discursos dos jovens, seja pelas faltas percebidas e reconhecidas em seu âmbito, seja pela conotação negativa atribuída por seus déficits ou até nas experiências concretas, quando em momentos organizados para o lazer e alegria, o que seria um acontecimento festivo acaba por manifestar-se como risco, reforçando a insegurança, o medo e a violência nesse território. Uma festa é como um convite à felicidade que gera incerteza para uma das jovens e explicita o dilema entre vivenciar o risco e a possibilidade de alegrias:

Hoje dia 05 de maio é a Festa do Preto eu fiquei doidinha pra ir eu só não fui porque eu não tinha dinheiro porque a minha tia não tinha recebido e é ela que tinha que mim dar o dinheiro. Mas foi bom que eu não fui por que envadiram a festa para matar um rapaz e um tomou um tiro mas não morreu e os caras que mataram roubaram o Preto todo o dinheiro dele. Ainda bem que eu não fui imagine se um tiro me acerta graças a Deus que nada me aconteceu por que eu também não fui né. (Diário da Jovem Andréia, 05/05/2010).

A realidade do Jardim Felicidade, como um bairro popular e com presença importante do tráfico de drogas e criminalidade, imprime a sua população jovem um perfil geral marcado por esses aspectos, com uma morbi-mortalidade por causas externas significativa para essa faixa etária. Esse fato reforça que os fatores relacionados ao espaço são de grande relevância na produção ou não de morbi-mortalidade individual e/ou coletiva, como indicado por Gondim (2007). O tráfico e o uso de drogas, bem como sua repercussão na violência e nos homicídios são determinantes no processo saúde-doença dos jovens do bairro na percepção dos participantes da pesquisa. A violência sistêmica, expressa na comunidade local, acaba por repercutir no estereótipo do bairro, bem como na qualidade de vida da população, em especial dos jovens.

Em seus relatos, os jovens demonstraram compreender que há correspondência entre esses determinantes sociais, das condições de vida e seus impactos sobre a saúde, indicando a necessidade de investimentos governamentais para a transformação das características sociopolíticas com conseqüente melhoria da infraestrutura e da segurança. Essa construção exige, da população em geral e dos jovens em particular, um posicionamento ético, responsável e também estético, perante a vida, que requer um envolvimento social com novas perspectivas para a realidade, nova forma de olhar para o espaço social e de se relacionar com ele. A superação das drogas no bairro foi apontada por muitos jovens como uma necessidade urgente. Para os jovens, cuidar do espaço social, do lugar no qual estão inseridos configura como sinalização para a construção de novos referenciais territoriais buscando superar o rótulo de lugar violento e de tráfico de drogas.

No relato do cotidiano dos jovens, do modo como reconhecem o território e se relacionam com ele, foi possível captar onde e como as práticas de cuidado com a saúde se concretizam para eles. A análise das relações e dos espaços sociais do bairro que impactam na saúde foi elaborada a partir do que os próprios jovens revelaram como potencial, influência ou pela relação estabelecida com a saúde em

seu cotidiano. Por meio do trabalho de campo, do conhecimento do território e da interação dos jovens nele, foi possível captar como as ações de saúde se materializam no cotidiano, na busca pela compreensão da realidade empírica. Nesse sentido, Monken e Barcellos (2007) apontam que:

As ações de saúde devem, assim, ser guiadas pelas especificidades dos contextos dos territórios da vida cotidiana que definem e conformam práticas adequadas a essas singularidades, garantindo com isso uma maior e mais provável aproximação com a produção social dos problemas de saúde coletiva nos diversos lugares onde a vida acontece. (MONKEN; BARCELOS, 2007, p. 181)

Algumas dessas práticas foram explicitadas pelos jovens como realizadas a partir do apoio e incentivo da família e da escola, por sua potência para promover e incentivar o cuidado com a saúde; outras foram apontadas como aquelas que permitem aos jovens ter melhor qualidade de vida e que impactam indiretamente em sua saúde, como as que se concretizam nos projetos sociais do bairro e no espaço da igreja. Além disso, os jovens apontaram a relação entre o trabalho e as práticas de saúde que, a despeito de estarem embasadas nos critérios da precaução necessária para os manterem aptos ao trabalho, requerem que realizem ações de cuidado. Ainda mencionaram outros espaços existentes na comunidade com potencial para envolver a população jovem no cuidado à saúde, mas que se apresentavam apenas como um retrato, como um espaço figurativo na comunidade na relação com a juventude local e que pouco resultava em real cuidado com a saúde. Esse foi o sentido atribuído por eles aos serviços de saúde, embora percebessem a potência das estruturas desses serviços para o desenvolvimento de ações incentivadoras do cuidado com a saúde.

Entender o modo como esses jovens vivenciavam o cotidiano numa perspectiva da integralidade do sujeito foi revelador de outras possibilidades para as práticas de promoção da saúde para além daquelas que colocam o jovem como um problema e que se estruturam a partir das vulnerabilidades negativas, com uma ingerência sobre sua vida e conseqüentemente sobre sua saúde, mesmo que sem poder sobre ela. Os jovens explicitaram, em seus discursos, que suas ações orientadas para a saúde, mesmo tendo predominantemente o foco biologicista, sustentadas no viés comportamental, são atravessadas, a todo tempo, pelos aspectos sociais, seja pela preocupação com a estética do bairro, pela influência dos

amigos, pela família, pelos projetos do bairro, seja pelas instituições como a escola e até mesmo pelo serviço de saúde.

Os projetos locais que têm os jovens como público também foram considerados impactantes para sua saúde. Em decorrência desses projetos, os jovens apontaram ações que incidem em suas condições de vida e de saúde, não como uma política pública focada na juventude, mas como possibilidades a serem disparadas pelas instituições sociais locais que pouco se materializaram em práticas. Além de uma alternativa ao espaço da rua, os projetos desenvolvidos no bairro proporcionam aos jovens informações sobre temáticas importantes de auto-cuidado com a saúde, a higiene, a sexualidade, as doenças sexualmente transmissíveis, apontadas por eles como aquelas discutidas pelos educadores nos projetos. Assim, a participação dos jovens nos projetos do bairro foi revelada como potencializadora da saúde uma vez que pareciam cumprir também o papel de resgate daqueles envolvidos no mundo do crime e das drogas.

P: E você já participou ou participa de alguma dessas atividades?

J: Só do grafite mesmo.

P: Só do de grafite. Por quê? Você acha que essas atividades... Como que você percebe essas atividades que são oferecidas? Qual que é a sua opinião sobre elas?

J: Ah, é bom, né, que a gente não ficava na rua o tempo assim, ajuda também, cê esfria a cabeça. No desenho do grafite, tem assunto que cê vai colocando, se expressando...

P: Dá uma desligada.

J: É. Cê pensa em outra coisa, cê nem pensa em mais nada, fica tranquilo.

P: Agora, você acha que essa participação, essas atividades que tem pros jovens aqui, tem alguma relação com a saúde do jovem?

J: Pra mim tem.

P: Tem? Como que você percebe isso?

J: Porque eles ensinam assim, pro menino a ser mais certo, dá conselho... Porque se não tivesse oficina hoje aqui, muito menino podia tá na rua, fazendo coisa que não presta, mexendo coisa que não presta. Aqui eles ensinam, dá conselho, conversa com a gente... Aí isso também ajuda na saúde. (Entrevista com o jovem Lucas).

J: Ah, eu acho assim que devia ter esse projeto aí contra a violência, tinha que divulgar também sobre esses negócio de droga, que eu acho que no bairro assim, até que não tá tando tanto igual tinha antes, né? Mas precisa um pouco, porque os projetos antes, eu acho que antes o bairro era muito violento, agora com os projetos que veio pra cá, as oportunidades tão surgindo pra eles, então caiu bastante essa questão de violência, entendeu? E eu acho que precisa disso mesmo, precisa de força, de força de vontade assim do grau superior, de poder tá ajudando, né? Ajudando de qualquer maneira que puder tá ajudando os jovens, eu acho assim. (Entrevista com o jovem Evandro).

Foi ainda nesses espaços que alguns jovens afirmaram ter uma alimentação nutritiva, com horários regulares, dada a impossibilidade de a receberem das famílias em decorrência de sua precária situação financeira. Assim é que o cuidado com a saúde dos jovens pode ser garantido pelos projetos do bairro por meio da oferta de uma alimentação saudável àqueles incluídos em atividades, como na oficina de Futebol e de Futsal do Fica Vivo - onde normalmente se oferecem frutas e iogurte como lanche - nas atividades da Escola Integrada e na oficina de Socialização da ABAFE em que é garantida uma refeição. Desse modo, percebe-se que as ações desenvolvidas para jovens no bairro, pela via do acesso e da participação nos projetos, revelam-se como a garantia de suprir necessidades básicas, de condição de vida, entendida aqui como recurso para a sobrevivência, como a qualidade nas refeições. Na análise dos dados empíricos, o estilo de vida é revelado à medida que as condições de sobrevivência são garantidas podendo o jovem ter escolhas, revelar desejos e optar entre as possibilidades do contexto em que vive. Reconhecidos pelos jovens por promover melhorias em práticas comportamentais como a alimentação e a atividade física, pode-se afirmar que os projetos locais a que os jovens se vinculam - os do Programa BH-Cidadania e o de Socialização infanto-juvenil, o Pró-jovem e as oficinas do Programa Fica Vivo - têm potencial estruturante sobre o modo de vida juvenil e na promoção da saúde por ofertarem ações de resgate de autoestima e de empoderamento, autonomia e cidadania, capazes de potencializá-los para o trilhar da vida:

J: Eu percebo no seguinte assim, uma pessoa, porque assim, a violência no bairro antigamente, pô, tinha toque de recolher, que era mó... Aquela coisa, onde cê ia cê era meio pinchado, "ah, pelo bairro que cê tá"... Quando os projetos veio pra cá, o que que aconteceu? Às vezes cê não podia nem ir em outros bairros por causa de rivalidade. A gente só se encontrava com os outros bairros pra se agredir, pra fazer alguma coisa de errado um contra o outro. Já hoje não, a gente se esbarra assim, já temos amizade pelo esporte assim, a gente pratica futebol nuns lugares que a gente nem podia ir, nem eles vir aqui; aí eu acho que o projeto fez o quê? fez a união, né? Mostrou que nem todos tem a ver com a criminalidade, com a violência. E eu acho que isso é muito importante, dessa maneira. (Entrevista com o jovem Evandro).

Mas é na perspectiva de minimizar as vulnerabilidades que os projetos sociais do bairro impactam na saúde dos jovens, uma vez que possibilitam a ocupação do tempo com mais qualidade, como pode ser depreendido desse relato:

J: É, quando eu penso assim, no Fica Vivo, tem a proposta de propor aos jovens uma outra forma, um outro conhecimento, um ofício em que eles de alguma forma possam sair da criminalidade ou do uso de drogas, essas coisas, que eu acho que droga prejudica a saúde totalmente, né? E todo projeto que tá... que eu acho que a maioria dos projetos que estão aqui é pra jovens nesse sentido; é nesse sentido de afastar ele, de dar, de mostrar pra ele um outro caminho. Que não o das drogas e da violência. E acho que quando os projetos pensam nisso, eles tão pensando sim um pouco na saúde. Mesmo não tendo essa consciência, sabe? aqueles que eles conseguem atingir de fato consegue. Aí aquele jovem realmente, os que vão inserir no mercado de trabalho depois, tal. Vão começar lidar com a vida, dar mais valor pra vida. Dar vida mesmo, porque ele sabe que lá no crime ele vai morrer rápido. Ele vai embora rápido, né? Ele não vai nem passar por essas emoções, essas coisas que eu... sabe assim? Ele nem vai saber qual é o seu destino. (Entrevista com o jovem Jaime).

Para os jovens, essas ações têm relação com a saúde uma vez que previnem ou lhes oferecem opções à criminalidade, sendo uma forma de lhes permitir se relacionarem com outros e não estar só. O envolvimento nos projetos do bairro, como no Fica Vivo e no Pró-jovem favorece a saúde, conforme pontuam os jovens, por desenvolverem “ações que influenciam para muitas coisas boas”, além de considerarem também o benefício na adoção de estilos de vida saudáveis pela alimentação e atividade física.

Analisando os projetos e os espaços institucionais do bairro, foi possível chegar, então, à família e à escola, espaços apontados como os que trazem maior relação com o cuidado à saúde. O “ser saudável” foi relacionado, por vários jovens, ao apoio, à dedicação e ao incentivo da família. O cuidado com a alimentação, as orientações referentes à precaução quanto à criminalidade, a valorização do estudo, o incentivo à participação em processos de formação, o apoio para a superação dos conflitos vividos e os conselhos de mãe, foram ações reveladas como realizadas pela família, e que se configuram como uma referência formativa e de grande impacto na vida. Uma das jovens expressa o sentido da família ao afirmar que “ser saudável é ter a minha família perto de mim para me apoiar nas horas que preciso”.

J: E pra mim ter vida saudável tem que ter minha família perto de mim, pra me apoiar nas horas que eu preciso. Que sem a família a gente não é nada, né? Que não é sempre que a gente vai arranjar uma pessoa pra te ajudar. Amigo, pra gente, ce ta... Não é sempre que ele te dá né. Ah, pra cuidar da minha saúde eu preciso ficar mais perto da minha família. (Entrevista com a jovem Andréia).

J: Acho que [o incentivo], primeiramente, da família, né? Porque quem me deu esse incentivo lá em casa foi a minha mãe, pra fazer tudo o que eu faço. Então, eu acho, tem que vir, primeiramente, da família. (Entrevista com o jovem Alberto).

No âmbito comportamental, a influência da família também foi relatada pelos jovens, seja em prol de uma alimentação favorável, da prática da atividade física, do autocuidado, seja no âmbito considerado pelos jovens como desviante:

J: Porque eu fico muito sozinho em casa, daí eu não consigo. Tem um biscoito, eu como. E a minha mãe compra muita coisa assim. Acho que ela não me ajuda [risos]. (Entrevista com o jovem Alberto).

Entretanto, dilemas referentes às vivências familiares como a violência doméstica, que impactam na qualidade de vida e na saúde, também foram retratados, como na fala de uma das jovens, numa relação que, segundo ela, decorre de hábitos não saudáveis, como a bebida e o cigarro, mas que são (des)velados no bem-estar:

Oi, estou triste demais minha mãe e meu irmão estão brigando eles beberam muito e o meu irmão está com um martelo na mão. Ah depois eu conversei mais pq a coisa está feia! (Diário da Jovem Michele, dia 20/04/10).

Todos brigando, todas chapados, e eu, só eu, triste e preocupada. Bom eu acho que descobri que o álcool e o cigarro faz muito mal para a saúde. (Diário da jovem Michele, dia 21/04/10).

Na relação construída pelos jovens entre o cotidiano, os espaços sociais e a saúde, outra instituição socializadora e com grande potencial para a promoção e o cuidado com a saúde foi a escola. No discurso a seguir, o jovem Alberto, reforça o lugar ocupado pela família, pelo próprio jovem e o potencial da escola e das políticas públicas na promoção da saúde:

J: Acho que, primeiramente, da família, né? Porque quem me deu esse incentivo lá em casa foi a minha mãe, pra fazer tudo o que eu faço. Então, eu acho, tem que vir, primeiramente, da família. Mas também deve vir do jovem, né? Ele também tem que querer. Se ele não quiser... E acho que também, a escola poderia ajudar em alguma coisa, em forma de incentivar o governo também. Ajuda da escola e do governo! A escola deveria incentivar mais o esporte, porque a gente vê que muita gente fica. Na educação física, parado, sem fazer nada. O governo... [risos] é difícil. O governo... Eles falam que vão fazer um projeto que não-sei-o-quê, começa, para e não tem incentivo nenhum. Acho que eles deveriam fazer alguma coisa para incentivar. Não sei o quê, né? Mas eles deveriam fazer mais do que eles dizem que fazem. (Entrevista com o jovem Alberto).

Os achados do estudo apontam que as ações de cuidado com a saúde, nos diferentes espaços que compõem o cotidiano dos jovens, são identificadas a partir de uma relação estreita entre a saúde e a educação. Para além de uma perspectiva setorializada, os jovens perceberam a saúde a partir do âmbito familiar, dos projetos e grupos nos quais participam e também como potencial da própria escola.

No cenário do estudo, existem quatro escolas públicas, uma estadual e três municipais. Na escola estadual, um dos jovens aponta o potencial da interação entre a educação e a saúde, numa perspectiva emancipatória que transcende as práticas tradicionais ainda prevalentes no âmbito das instituições de ensino:

J: Igual, tinha um negócio na minha escola chamada PEIAS, acho que é isso, sei lá. Que era mais assim, era pra alguns jovens discutir essas coisas. Né, e assim, eu acho interessante essa proposta. Era uma proposta interessante, que deveria realmente fazer algo bem mais coletivo, tal, contatar professores, não aqueles pra ficar só lá na frente daquela forma, sabe? É esquisito, é difícil isso, porque da forma que a educação é feita hoje, é conduzida, tudo bem que isso vem de muito tempo, mas... E eu tento aqui, eu sei, de vez em quando... Eu tento evitar ao máximo, eu não deixo eles escreverem... Eu sei que é importante isso. Mas eu percebo que se ficar só escrevendo, ficar só conversando não é interessante, né? Então assim, eu tenho tentado rebolar aqui pra ver a melhor forma de pegar a atenção desses meninos. Porque só assim. Igual, uma coisa que até hoje eu não me esqueço, o teatro pra mim, as informações que eu tive em relação ao teatro e toda a cultura que eu tive em relação ao teatro, porque era de uma maneira diferente. A forma como eram conduzidas as coisas lá no teatro, de uma maneira mais lúdica, com exercícios que eu até uso hoje pra algumas atividades. É diferente. As dinâmicas que eu faço, que a gente faz no movimento é diferente, toda a dinâmica. Então assim, os jovens vão e eles realmente ficam ociosos assim... (Entrevista com o jovem Jaime).

A crítica apresentada pelos jovens às ações de educação em saúde desenvolvidas na escola volta-se para aquelas que lhes reservam a condição de aprendizes e o lugar de subalteridade quando não os empoderam para as vivências da condição juvenil e de cidadania, considerando o contexto no qual estão inseridos. Essa relação é análoga àquela tradicionalmente estabelecida entre profissional de saúde e jovem, não sendo os professores capazes de interagir com os jovens em seu cotidiano e respeitarem a condição juvenil. Sinalizam, desse modo, que a escola pode ser um espaço que agregue para a vida dos jovens, muito além da educação formal:

J: Uma coisa mais lúdica, igual a questão da camisinha, como usar direito. Eu tive que, na verdade um dos meus medos até quando eu perdi minha

virgindade é que eu ficava morrendo de vergonha, eu não sabia por camisinha. Eu ficava naquela “mas na hora de segurar é difícil, como é que eu coloco esse negócio?” e aí eu tive que ir treinando sozinho assim, né? Na verdade eu também não tive assim a presença do meu pai, eu não tive essa liberdade, né? Conversei com meu primo, aí que ele me falou um dia “não, abre um pouquinho, aí cê deixa, eu vou lá e coloco”. Aí eu fui experimentando “até agora eu to com jeito pro negócio, to mais esperto”. Mas custou, menina. Aí isso me deixava ansioso, aí eu brochava mesmo, não tem jeito. Aí o disgrama, nó! [risos] Aí era isso mesmo, mas agora eu acho que eu to mais tranquilo, né? Eu andei treinando muito um tempo atrás aí. Mas era um custo, sabe? E acho que muitos jovens têm dificuldade.

P: E na escola isso não é trabalhado.

J: É, não é trabalhado de uma maneira, sabe? Sempre fala “segura, tal”, mas na hora mesmo assim, né, não é qualquer um que tem facilidade. É muito difícil aquele negócio. Eu não gosto daquele trem de jeito nenhum, mas tem que usar, né? Aí acho que é por isso que na minha primeira relação estourou a camisinha, com essa última namorada. Estourou a camisinha e pá, eu fiquei doido, né? Falei “meu Deus, mais uma preocupação, e se essa menina engravidar? E aí?” dá essa preocupação na gente. Porque realmente naquele momento eu ainda não tinha prática muito certa. Então assim, nossa, é uma coisa que me deixou ansioso muitas vezes. (Entrevista com o jovem Jaime).

Os achados da pesquisa reforçam que o significado de saúde que permeia o espaço escolar é aquele centrado nos hábitos e estilo de vida, tanto na percepção dos alunos como nas práticas implementadas. Os dados empíricos reforçam que, para os jovens, no espaço da escola, o desenvolvimento de ações de saúde está centrado na modificação de hábitos e estilos de vida, com ações individuais no campo da prevenção de agravos e da educação em saúde. As ações de cuidado com a saúde estão centralizadas no campo comportamental com pouca ampliação para uma perspectiva positiva de saúde que inclua cidadania, autonomia e empoderamento. Os jovens apontam que as ações focam o preventivo, especialmente no que se refere à vivência da sexualidade, à prevenção da gravidez e aos agravos mais prevalentes como a dengue, a exemplo da “caminhada pelo meio ambiente” no bairro, em 2009. Nessa caminhada, três escolas mobilizaram-se para participação dos jovens juntamente com o serviço de saúde local e outras instituições e organizações sociais do bairro. Em uma das aulas de biologia, acompanhada nessa escola, foi possível observar a relação feita pela professora sobre o cuidado à saúde ao discutir com os jovens a pirâmide alimentar.

Destaca-se que muitos jovens participantes da pesquisa apontam a escola como um espaço onde se constroem hábitos saudáveis de vida e ações de cuidado com a saúde, porém reproduzindo os sentidos do cuidado à saúde, hegemônicos na sociedade. As aulas de Biologia, as atividades de Educação Física e a alimentação

servida e vendida na escola foram explicitadas como possibilidades de discutir e aprender sobre alimentação saudável já que “tudo começa na escola”, conforme expressão de uma das jovens, ao reforçar o potencial desse espaço para o cuidado com a saúde. Entretanto, as ações apontadas pelos jovens como aquelas que têm potencial de cuidado com a saúde ainda são precárias e muito incipientes, tanto pela forma como são desenvolvidas no ambiente escolar quanto por seu foco:

É... Eu acho que na escola, acho que a educação física tinha que ser uma forma mais aprofundada pra trabalhar isso, porque eu lembro enquanto estudante a gente ia simplesmente, não aquecia, não preparava o corpo antes, só jogava [...] Então assim, a saúde, o esporte na escola é importante, mas eu acho que os professores também tinham que fazer uma preparação antes assim, sabe? (Entrevista com jovem Jaime).

“No primeiro horário foi educação física, só que o professor não desceu para a quadra. Mas mesmo se ele tivesse descido com minha turma para a quadra eu não iria jogar porque é sempre futebol. O time é sempre só dos meninos e eu tenho medo de machucar e claro, não gosto de ficar suada logo no primeiro horário”. (Diário da Jovem Carolina).

Os jovens consideram que a aula de Educação Física tem sido realizada com foco no lazer e com pouco impacto no condicionamento físico e na prática esportiva. A aula de Biologia apresenta-se como um momento em que é possível discutir sobre a alimentação e seus impactos e repercussões sobre o corpo e cuidado com a saúde. Para alguns jovens, na aula de Biologia, é possível discutir as questões relacionadas às vivências da sexualidade, mesmo com foco restrito ao biológico e anatômico. Quanto aos lanches e alimentos vendidos na escola, houve questionamento por um dos jovens, sinalizando que, no espaço da escola, são disponibilizados alimentos ricos em gordura, comprometedores da saúde.

J: Eu acho que, ah... os professores ensinarem nas salas. Que nem a professora de Biologia essa semana, cê viu, ela falou um tanto de coisa sobre alimentação, passou slides. Eu acho que tudo começa na escola e começa dentro de casa também. O pai tem que estar de cima também: oh filho, tem que fazer isso, oh, isso aqui não é bom...(Entrevista com a jovem Carolina).

J: E a escola deveria incentivar começando com a educação física, começando pela educação física. Porque muita gente não faz educação física aqui. E alimentação também, porque agora eu tô vendo algumas coisas que tão mudando, que agora não podem vender mais coisas fritas, né? (Entrevista com o jovem Alberto).

A despeito dos paradoxos revelados por esses resultados na medida em que conferem à instituição escolar um perfil de ora desenvolver atividades que fortalecem positivamente para a saúde e ora comprometedoras, é nesse ambiente que existe potencial para interagir e construir ações promotoras da saúde com foco emancipatório e dialógico. Para isso, é preciso atrelar esse espaço como aquele em que a vitalidade do jovem se expressa, que a potencialidade do espaço educativo para as práticas educadoras em saúde seja efetivada e a possível parceria com o serviço de saúde na perspectiva de complementariedade e da cooperação, capaz de considerar os jovens em sua integralidade.

Também o trabalho formal foi expresso por alguns jovens participantes da pesquisa como impactante na saúde. Seja por considerá-lo como a expressão da boa condição de saúde quando conseguem exercer suas tarefas, seja pelos riscos à saúde quando há exposição a agentes biológicos, químicos e físicos como explicitados pelo jovem gesseiro e pelo jovem eletricitista. Até mesmo por possibilitar, pelo aporte financeiro, o provimento das necessidades básicas, como a alimentação, e pela dimensão da qualidade de vida. Em um processo em que é reconhecida pelos jovens a necessidade de se manter o corpo ápto para o cotidiano, a capacidade vital para o trabalho também é reconhecida como expressão do ser saudável, sendo considerado como parte orgânica da vida cotidiana, como expressão do viver, como apontado por Heller (1977). O diálogo a seguir, com uma das jovens participantes da pesquisa, sobre o cuidado com a saúde, expressa como se manifesta o cuidado de si mesma:

P: Hum-hum. E aí, você acha que você cuida da sua saúde?

J: Não. Eu acho que não. Eu acho que eu tô destruindo ela. Tem hora que eu me sinto mal, tem dia que eu me sinto mal, que tipo assim, sabe? Tem hora que eu me sinto mal... Sabe, angustiada, entendeu? Eu acho que eu tô fazendo mal pra mim. Não tá bem, não tô cuidando de mim direito, entendeu? Da minha saúde, né? Então eu acho que vai gerando outros problema.

P: Então, você considera que você tem cuidado da sua saúde?

J: Não. Agora não.

P: É? Quê que você acha que poderia fazer pra favorecer e ajudar a cuidar da sua saúde?

J: Ah, eu acho, eu agora acharia melhor sair do serviço.

P: Por quê?

J: Porque eu acho que lá me estressa mais, entendeu? Lá me estressa mais... Encheção de saco... As vezes assim intrigas com as outras pessoas, entendeu? Conversa fiada... Oh lugarzinho que rola conversa é lá. Misericórdia.

P: É mesmo?

J: Eu acho que pra mim cuidar da minha saúde direito hoje eu deveria sair do emprego. Pelo menos um pouco.

P: Mas o emprego você acha que é sobrecarga de tempo, ou porque lá é estressante? Como é que você vê isso?

J: As duas coisas. As vezes eu não tenho tempo de cuidar. Igual lá... É igual lá agora, encheção de saco de ficar pedindo pra sair cedo pra médico, entendeu, lá eles não olha isso não. Patrão não olha isso não, fia. Quer o serviço dele, né?

P: Hum-hum.

J: To falando com cê. Pra cuidar da minha saúde. As vezes eu deveria sair do serviço, sabe, ser uma pessoa mais tranqüila, sem encheção de saco com outros, sabe? (Entrevista com a jovem Sarah).

J: Que às vezes, tipo assim, é tanta preocupação, tanto estresse, que cê esquece docê. Aí já vem os problema, ce já não alimenta direito, aqueles problema, põe aquilo na cabeça, entendeu? Aí uma coisa vai gerando a outra.

P: Hum-hum.

J: Eu creio que estresse é uma doença. (Entrevista com a jovem Sarah).

J: Saúde pra mim? Igualzinho, que eu não tenho tempo pra cuidar de mim, de ir no médico. Que é muito corrido, eu tenho pressão alta, eu não vou no posto olhar minha pressão. Hoje mesmo, minha gordura, igualzinho eu, sempre fui, eu tive depressão. Tem uns três meses que eu não tomo remédio antidepressivo, isso tá acabando comigo. Só fico assim sabe, dá aquela crise, eu desconto às vezes no R., dá aquela crise, sabe? Desconto nele... Até no pai dele, parece que eu to com o capeta no corpo, uma coisa tão descontrolada, que não dá nem pra controlar. Tipo assim, sabe, igual minha prevenção já tá atrasada, eu vou lá no posto marco, pra mim ir lá, voltar não tem como. É assim, tempo de cuidar de mim.

P: Cê acha que saúde pro cê é o quê?

J: Saúde? Ah, de tá bem com a vida. Com a gente mesmo.

P: E aí, o quê que cê acha assim que você precisa ter pra considerar que você é saudável?

J: Ser feliz, sabe? Tipo assim, é meu objetivo ser independente, sem depender de ninguém. Sabe? Se eu querer alguma coisa eu vou saber que eu posso ter aquilo, que eu tenho capacidade não tem que ficar pedindo pra ninguém. (Entrevista com a jovem Samira).

Os jovens participantes da pesquisa manifestaram que a falta do trabalho repercute negativamente na condição de saúde. Os jovens consideram que o recurso financeiro obtido por meio do trabalho, permite-lhes ampliar suas possibilidades de lazer, ter suas necessidades e desejos de consumo satisfeitos, inclusive para o autocuidado e a estética, impactando em sua vitalidade e felicidade e, conseqüentemente, em sua saúde. O trabalho configura, assim, como condição e necessidade básica para a realização de cuidados com a saúde.

A informação, a motivação para a adoção e a prática dos comportamentos saudáveis, são facilitadas ou dificultadas pela situação socioeconômica como é destacado por uma das jovens:

J: Ó, quando o meu vô era vivo, ele... Eu queria que ele pagasse meu plano pra mim, era um plano dentário. Só que ele morreu, eu fiquei até triste, não só por causa do plano dentário, como eu perdi uma pessoa na família que eu adorava muito, eu chamava de pai. A minha saúde eu preciso arranjar um emprego bom pra mim porque eu quero pagar meu plano dentário, porque minha mãe não tem condições de pagar pra mim. Eu quero usar aparelho. Se Deus quiser, até no final do ano eu tenho que pôr meu aparelho. (Entrevista com a jovem Andréia).

E, dessa maneira, novamente os determinantes sociais em saúde são explicitados pelos jovens tanto nas dificuldades socioeconômicas, como na dificuldade de acesso ao trabalho e suas interfaces com a qualidade de vida e com a saúde.

Os jovens apontam a transversalidade da saúde em seu cotidiano e sinalizam para a perspectiva intersetorial que o setor saúde necessita incorporar para impactar nos modos de vida juvenis e na autonomização no cuidado com a saúde de modo emancipatório. Desse modo, a intersetorialidade tem todo seu potencial revelado nos discursos dos jovens quando trazem as perspectivas de intervenção e transformação na escola, na igreja, nos projetos e grupos de jovens da comunidade como espaços de cuidado com a saúde. Os jovens apontam que a atenção a suas necessidades pode ser potencializada, por meio da parceria com o setor saúde, transcendendo as práticas que tradicionalmente centram-se no espaço físico do serviço de saúde indo ao encontro deles nos espaços que compõem seus cotidianos.

Destaca-se que, de forma geral, as ações de saúde partem de representações genéricas sobre os jovens que, apesar de serem focadas em dados epidemiológicos impactantes pelo perfil de morbi-mortalidade juvenil não dialogam com suas vivências cotidianas, estando centradas nos referenciais da adolescência. Desse modo, assim como alguns projetos, as práticas programáticas em saúde que, hoje, são dirigidas aos jovens, revelam que são constituídas por ações voltadas - “para eles” – ou seja, os jovens são considerados como público-alvo e não como partícipes da produção das ações “a partir” deles, conforme apontado por Pires (2008).

Não é no espaço dos serviços de saúde que a maior parte dos jovens visualiza alternativas de cuidado com a saúde. Muito menos neles, uma vez que o confronto de sua percepção sobre o serviço de saúde e os resultados de pesquisa em que a ênfase foi a percepção dos profissionais de saúde sobre a relação com os adolescentes, trouxe à tona os paradoxos e contradições desse encontro, pelos

diferentes focos (HORTA, 2007; HORTA; MADEIRA; ARMOND, 2009). Enquanto os jovens demandam por vínculo, por acolhimento e por respeito a sua condição e a suas vivências, os profissionais de saúde centram-se nos agravos, no risco e na perspectiva biomédica. Além dessa diferenciação de conceitos, de prioridades e de focos nos encontros estabelecidos, os profissionais de saúde têm uma visão parcial sobre o território e os espaços possíveis de interação com os jovens que vivem nele, minimizando a possibilidade de parcerias e de práticas intersetoriais. Nesse sentido, o serviço de saúde já não é um espaço reconhecido pelos jovens; quando necessitam acioná-lo, percebem as dificuldades para serem acolhidos na dimensão de sua singularidade como requer sua natureza humana:

P: Quando você foi no posto, você foi por quê?

J: Foi porque eu tava com uma dor de cabeça desde manhã até “umas” meio-dia, com a cabeça doendo. Não parava. Tomei remédio e nada adiantava.

P: E aí, você foi atendido?

J: Fui atendido “daquele jeito”, né? Que eles atendem. Eu fui era, se não me engano, meio-dia e pouco, que eu já não tava aguentando mais. Aí eu cheguei lá e o cara falou: “O que você tá fazendo aqui essa hora?”. Tipo... [risos]. “Uai, o que que eu tô fazendo no posto?”.

P: [risos]

J: [risos]. Aí eu fiquei esperando, fiquei esperando uns quarenta minutos, se não me engano. Aí veio uma enfermeira, porque não tinha médico lá. Os médicos estavam todos, todo mundo, almoçando. Aí chegou a enfermeira: “O que que você tem?”. “Dor de cabeça”. Aí foi e ela falou: “Ah, toma um remédio e se daqui a uma, duas horas não passar, você volta aqui de novo”. Aí, eu fui pra casa, tomei remédio e não adiantou nada. Aí, como a minha mãe tem convênio – ela não tava em casa e fui sozinho ao posto – , aí eu pedi a minha mãe, porque a dor de cabeça não parava. Eu tive que ir ao médico de novo pra ver o que que era. Aí eu descobri que era pressão. Eles não tinham tirado a minha pressão lá no posto. Aí eu tive que tomar remédio de pressão. (Entrevista com o jovem Alberto).

[...]

J: Primeiro, eu acho que - não só pelo jovem, mas para todo mundo-deveria ter educação. Porque eu não sei se é pelo salário que eles recebem ou sei lá. Eles atendem a gente com uma má vontade que pelo amor de Deus... Não dá nem vontade de ir no posto, né? E, eu acho também... A estrutura também do posto. Porque, às vezes, vai muita gente. Gente que tá passando mal e fica em pé, né? E tem criança de colo passando mal e a mãe tem que ficar carregando. Não pode sentar porque tem muita gente que também não tem educação nenhuma. E, principalmente, a educação das pessoas que trabalham no posto e a estrutura.

J: É. Acho que sim. Porque muitos jovens também não vão... Quando tão passando mal, não vão ao posto porque não tem paciência de ficar esperando lá. (Entrevista com o jovem Alberto).

Sair da centralidade do serviço de saúde na doença, na normalização do corpo, para os modos de vida juvenis em seu cotidiano numa análise dos jovens como sujeitos de suas vidas revelou o quanto é preciso avançar para a interação com os jovens numa perspectiva que considere a experiência juvenil.

Tem-se revelada a necessidade de disponibilidade dos profissionais das equipes de saúde para assumirem um diálogo e uma interação com a população jovem de sua área de abrangência para criar, com ela, estratégias de melhor acolhimento de suas demandas e necessidades para uma oferta pertinente de suas práticas. Para atingir esse propósito, são necessárias mudanças, considerando o horário, o local e o que será desenvolvido, para minimizar os contratempos e permitir a criação do vínculo necessário ao desenvolvimento de novas e boas práticas de saúde. Pelas especificidades da condição juvenil, os jovens participantes da pesquisa demandam por “um espaço” diferenciado de atendimento. Talvez bem distante da estrutura física do serviço de saúde, esse espaço precisa ser relacional, dialógico, capaz de promover a troca, a construção e o reconhecimento do jovem como sujeito pleno de valores, crenças e dilemas, incluindo aqueles referentes a sua condição de vida e de saúde no cotidiano, pronto para os desafios e os enfrentamentos. Então, partir deles, de suas vivências, e não dos programas verticalizados que homogeneízam a condição juvenil, pode ser um caminho de sucesso, de estabelecer vínculo para garantir a oferta de ações que atendam às demandas e necessidades de saúde dos jovens. Outra pista dada por uma das jovens participantes da pesquisa é de se ter um horário específico para eles no serviço de saúde, em que sejam acolhidos e construída a integralidade do cuidado com os próprios jovens.

P: O que você acha que ajudaria os jovens a cuidar da saúde deles?

J: Eu acho que deveria ter um espaço só para falar da saúde. Porque não tem. Porque postos, nesses “negócios” não fala. Eu acho que devia ter um lugar pras pessoas saberem como a saúde é importante pra eles. Porque tem gente que acha que saúde...

P: Hum hum. Agora, quando você fala assim: “O posto não faz”. Como você vê o posto para atender o jovem?

J: Ah, eu não gosto de ir no posto, o posto assim, só Jesus. Porque demora e eles nunca te atendem direito. Tem muitos médicos que atende, mas outros que não atende. Então eles não explicam as coisas pro jovens direito. Chega lá é só uma consulta e pronto, sabe? Então, eu acho que devia ter um espaço pro jovem saber da saúde.

P: Você acha que o posto de saúde não atende bem o jovem?

J: Eu acho que não.

P: O que você acha que falta, que podia ter? Você falou que demora. O que mais que você consegue ver?

J: Ah, eu acho que falta companheirismo, não só no posto, mas em qualquer lugar. Eu acho que falta muito em favor do jovem. Tem muita gente que pensa assim: “Ah, o jovem é preguiçoso, não sei o quê, não sei o quê. Vamos atender rápido que ele nem vai importar”. Eu não sou assim, porque quando eu vou num lugar eu sei muito bem o que eu quero. (Entrevista com a jovem Laura).

Os jovens apontam ações como incentivo ao esporte, informação sobre alimentação e sobre a organização do centro de saúde como aquelas possíveis de ser acionadas pelos profissionais, induzindo à interação entre os serviços de saúde e os projetos locais.

A transversalidade da saúde nas ações cotidianas dos jovens, mesmo que não manifestas ou tidas como prioridade em suas práticas, guarda estreita relação com o que fazem em seu dia a dia, como fazem e o que almejam para si. Para além das vulnerabilidades presentes no bairro que trazem repercussões para a saúde dos jovens, as políticas setoriais, incluindo as de saúde, poderiam ser formuladas a partir das identidades, de modo a buscar as especificidades locais e as ações dos jovens que constroem o território e que transformam o local. E, nesse sentido, é preciso reconhecer as necessidades de saúde e o potencial de cada sujeito para interagir com elas em um projeto comum.

Lidar com a saúde dos jovens requer a ruptura com a lógica disciplinar e setorial. Não é possível relacionar-se com um sujeito com sociabilidades plurais por um foco singular e restrito que o descaracteriza de sua experiência social. Para além da lógica de organização da atenção à saúde das pessoas, no contexto brasileiro na atenção primária, estruturada pela Estratégia de Saúde da Família, na abordagem ao jovem, é necessário transcender essa instituição e levar em conta a multiplicidade de experiências juvenis para e com o cuidado em saúde.

E se tem informações adequadas sobre qualquer outra informação sobre a questão da alimentação, né, a nutrição em si, entendeu? Acho que tudo faz parte da informação e da melhor forma de trabalhar o conhecimento desses jovens. Fazer com que eles pensem sobre isso realmente, entendeu?

P: Hum-hum.

J: Parte disso. Eu acho que tudo parte disso. Claro que também tem em casa, mas assim, a família não consegue tudo. O que sai de casa desde pequeno é muito importante, a forma como você vê os ensinamentos da família, tal. Depois que você cresce tem outras referências. Então eu penso assim, em relação; eu não sei se isso responde a sua pergunta.

P: Responde.

J: Mas eu acho que, né, parte do conhecimento. A saúde tem que ter, tudo na verdade tem que partir do conhecimento pra que essa... Se as pessoas

tem conhecimento, né, se ela fuma, sabe que isso vai causar muito, se ela realmente sabe o quê que vai causar pra ela. Na verdade eu sei que é difícil, mas se ela também tem uma noção e fala “nó, realmente isso... tem alguma coisa que pode acontecer comigo e eu vou morrer cedo”, né? Se ela tem um convencimento, ela vai tentar de alguma forma tirar. (Entrevista com o jovem Jaime).

O serviço de saúde é apontado pelos jovens como um espaço pouco frequentado por eles e que apresenta grandes defasagens quanto a suas demandas, necessidades e a oferta de serviços. Os jovens referem-se ao espaço dos serviços de saúde como um lugar de “atendimento moroso, deseducado e irritante”. Dizem ainda não terem clareza sobre a lógica de organização dos serviços e tampouco sobre a Estratégia de Saúde da Família que vincula os jovens e suas famílias a equipes de saúde referidas e que tem como princípio básico a promoção da saúde da população. A forma de organização do serviço de saúde precisa ser “apresentada” aos jovens do bairro e interagir com eles, com a flexibilidade de se construir os espaços para atenção à saúde dessa população que, até então, para os jovens participantes da pesquisa, parecem não ser eficientes. O serviço de saúde para os jovens está obsoleto. Os jovens referem-se aos serviços de saúde reforçando a atuação dos profissionais como agentes de ordem, distantes do cotidiano deles e interagindo superficialmente com suas vivências. Em contraposição, assumindo-se uma posição de agentes de trocas, a relação entre profissionais de saúde e jovens e, conseqüentemente, do serviço de saúde com o jovem, poderá e deverá ser transformada, por meio de um movimento dialógico construído com os jovens. Mais que ir até a escola, outro espaço tradicional e conservador na perspectiva dos jovens, os profissionais de saúde deveriam interagir com os jovens nos demais espaços da comunidade, em ações nas quais os laços de sociabilidade e vínculo se dão de forma mais efetiva e numa perspectiva emancipatória, inovadora, criativa e dialógica. Os jovens pleiteiam práticas de interação e não por aquelas focadas no repasse de informações.

Os jovens reforçam em seus discursos os achados da literatura sobre juventude de que a busca pelos serviços de saúde se efetivam nas condições agudas e nas situações limítrofes de adoecimento, como na experiência de ter sido acometido pela dengue, ou em decorrência de morbidade por causas externas:

[...] estar com problema na saúde e horrível, essa semana estive com dengue foi tão derrepente... mas abalou minha estrutura não agüento mais dormir nem beber soro.

Já se passou 5 dias já estou melhor já até vou voltar a trabalhar não agüento mais ficar dentro de casa! Com a dengue eu perdi 3 quilos, minhas roupas estão caindo. (Diário da jovem Patrícia).

Meus dias com dengue – Acordava no maior disanimo pra poder fazer as coisas corpo todo bambo preguiça dava vontade de dormi o dia todo mais não podia mais era bom porque eu não ia a aula mais fica com dengue e bem ruim. (Diário do jovem Lucas).

J: Eu só fui num hospital uma vez só.

P: Por quê?

J: Foi por causa que eu tomei um tiro lá na favela. Aí eu tive que ir, né? (Entrevista com o jovem Adriano).

Desse modo, parece que, na relação entre os jovens e os profissionais de saúde, é como se os profissionais atendessem ou se relacionassem com outros sujeitos, diferentes daqueles que experenciam o cotidiano nos espaços do bairro Felicidade. Os profissionais colocam-se em um espaço tão distante do jovem, favorecendo a construção de uma visão negativa dos serviços que, ao contrário de permitir o encontro, consolida desencontros, perdendo a potencialidade e a capacidade de acionar processos relacionais a partir das identidades e experiências juvenis.

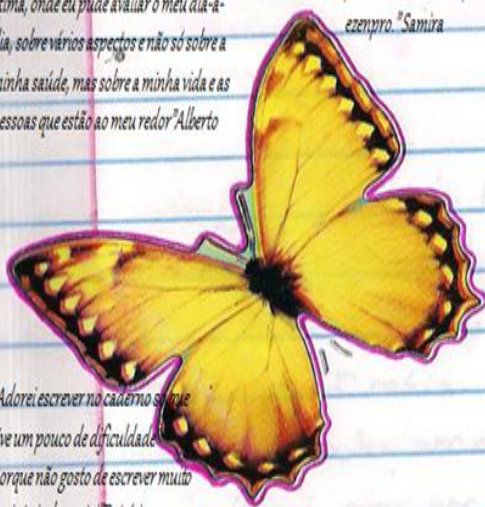
Assim, explorar os modos de vida no cotidiano, de modo a interpretar as trajetórias e os eventos sociais que perpassam a vida dos jovens e incorporar a promoção da saúde na transversalidade das ações ofertadas aos jovens do bairro pode ser uma estratégia interessante de abordagem, tanto de modo individual como coletivo.

A análise dos dados da pesquisa permite afirmar que, no cotidiano dos jovens, as ações de cuidado com a saúde se estruturam a partir do modo como significam a saúde, com grande relação com o que pode ser consumido e utilizado nos espaços sociais do bairro. Desse modo, as ações de saúde dos jovens foram reveladoras da práxis, a partir da condição juvenil e dos modos de vida, expressos no cotidiano, em que a subjetividade de cada indivíduo e a objetividade da realidade se conjugam. Mais que isso, as ações de cuidado à saúde percebidas pelos jovens centram-se de modo prevalente no âmbito individual, passando pela disciplinarização do corpo e de normas sociais instituídas e, menos pela autonomia e liberdade em seus modos de levar a vida. O paradigma comportamental da saúde é reproduzido pelos jovens em diferentes espaços, atribuindo-lhes qualidades capazes

de os colocarem como impactantes na saúde, mas que reproduzem estratégias de racionalização e normatização do viver e ter saúde.

As necessidades imediatas dos jovens e as condições estruturadoras da condição juvenil não incluem a saúde como prioridade, estando relacionada aos demais eixos estruturantes do cotidiano dos jovens. Os dados permitem inferir que promover a saúde dos jovens implica em desenvolver estratégias para sua autonomização, numa perspectiva dialógica que considere seu contexto de vida, as possibilidades e limites existentes e o desejo dos jovens, sem o que é impossível interagir. Contudo, pode-se afirmar que, se partíssemos dessa perspectiva como prioridade na vida dos jovens, estaríamos articulando outra condição juvenil, diferente daquela experienciada pelos jovens, em especial aqueles de classes populares.

"O diário pra mim foi uma experiência ótima, onde eu pude avaliar o meu dia-a-dia, sobre vários aspectos e não só sobre a minha saúde, mas sobre a minha vida e as pessoas que estão ao meu redor." Alberto



"Adorei escrever no caderno só que tive um pouco de dificuldade porque não gosto de escrever muito mais tá indo gostei." Patrícia

"Foi muito bom escrever esse pequeno diário, foi pouco tempo mais deu pra conhecer um pouco de mim e deu para desabafar, uma coisa que é muito bom e importante para cada pessoa. Esse diário foi como um novo amigo e fico feliz, pois estou ajudando tanto a mim quanto a Natli." Michele

"Nunca tinha participado de uma pesquisa e adorei colaborar com essa. Foi divertido contar um pouco do meu dia-a-dia neste diário apesar de eu ser "caseira", deu para escrever coisa da escola. Espero ter feito tudo direitinho." Carolina

"Este diário foi muito bom para mim porque é bom agente contar um pouco da nossa vida para outra pessoa para a gente dar um bom exemplo." Samira



"Essa pesquisa pra mim foi um pouco difisiu de fazer porque na l tenho facilidade de elabora, de fazer um diário, o bom da pesquisa foi também que me ajudou a pensar mais coisas, no que eu fasso, porque eu não gosto de pensar no que já passou, no que eu já fiz, isso também mudou um pouco minha rotina." Breno

"Foi um grande prazer contar a minha história, para alguém que realmente se interessa, obrigado Natália!" Adriano

"Escreve nesse diário foi muito bom as vezes você não tem com quem conversar e aqui escrevi o que sinto, que quero e tenho certeza que ninguém vai fazer comentário depois, gostei de participar." Sarah

"Para poder descrever meu dia-a-dia nesse caderno foi bom para refletir o que já passei e o que vou passar. Foi bom para mim saber onde piso e o que vou encontrar pelo caminho. Não escrevi tudo o que senti porque as coisas mais belas não são escritas,

apenas sentidas. Alan



8 O ANDAR DOS JOVENS PELA VIDA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS PARA A SAÚDE: UM MOVIMENTO DE SÍNTESE

Pretendo, nestas considerações, mais do que concluir o trabalho, apontar sua síntese provisória a partir do processo de investigação construído, da provisoriedade do conhecimento e dos questionamentos dele decorrentes.

No percurso desta pesquisa, busquei responder às questões iniciais, focadas na saúde no cotidiano dos jovens. Tracei o caminho de modo a, primeiramente, captar a condição juvenil expressa no cotidiano para, em seguida, apreender as ações cuidadoras da saúde presentes nele. Além disso, almejei reconhecer as necessidades dos jovens referentes à saúde, bem como a expressão ou não da promoção e do cuidado à saúde em seu cotidiano. Busquei responder a esses questionamentos, ao longo da pesquisa, de modo a analisar a interface da saúde no cotidiano dos jovens, como eixo central no estudo. Destaca-se que, em âmbito nacional, os dados epidemiológicos revelam que os agravos e as vulnerabilidades da juventude brasileira, são impactantes no perfil de morbi-mortalidade atual, com destaque para os jovens de classes populares e negros. Neste estudo, parti do pressuposto de que os jovens construíam ações cuidadoras da saúde em seu cotidiano, que levavam em conta as possibilidades de seu contexto de vida, considerando não ser essa a percepção incorporada nas propostas políticas e nas práticas assistenciais de saúde para a juventude.

Elegendo o referencial de juventude, articulado com a análise das diferentes formas de socialização que constituem o ser jovem e explicam a condição juvenil, propus-me a analisar os modos de vida dos jovens e a apreender os sentidos que dão à saúde em seu cotidiano. Os modos de vida foram analisados por meio da compreensão da realidade objetiva na confluência das dimensões que compõem essa realidade.

Foi por meio de uma trajetória metodológica delineada ao longo do estudo, sustentada na dialética e nos aportes da sociologia do cotidiano, que se consolidou o percurso desta pesquisa. A opção de estruturá-la em duas fases, a exploratória e a interpretativa, exigiu, na análise dos dados, grande empenho, considerando a quantidade e a qualidade das informações e das práticas observadas no cenário, bem como daquelas manifestadas pelos jovens daquele “pedaço”: o bairro Jardim Felicidade.

Analisar esse território e a territorialidade compreendida pela interação e a identidade dos jovens com esse espaço, permitiu reconhecer suas potencialidades e limites para a vida deles, sendo determinante na condição juvenil. A estética do bairro e o estigma que pesa sobre ele foram marcadores importantes no vínculo e na identidade com o espaço pelos jovens que ora se apegavam a suas contradições, como os sentidos atribuídos ao espaço da rua de modo positivo ou negativo, ora sinalizavam para as necessidades de maiores investimentos com equipamentos culturais e de lazer, além de modificações significativas ou, até mesmo, reforçavam o pertencimento a ele.

É no território que a condição juvenil, vivida em sua diversidade, foi revelada tendo como base as múltiplas experiências que compunham o repertório de socialização, os laços de sociabilidade dos jovens com extremos diferenciados. É na dimensão local que se estrutura o pertencimento, que guarda relação com as condições e com a qualidade de vida, conseqüentemente com a saúde. Desse modo, acionar as redes de relações dos jovens tem impacto tanto nas condições objetivas quanto nas subjetivas que regem suas vidas. E, nesse sentido, a família, a escola, a igreja, a rua, os projetos locais, a experiência da maternidade, o envolvimento com o tráfico e, em especial, o trabalho, fizeram parte desse repertório. Destaca-se, ainda, que as redes familiares, construídas após a experiência da maternidade de forma mais predominante, constituem para os jovens como uma forma de superação das dificuldades advindas das condições socioeconômicas.

Vale destacar o quanto o trabalho foi apontado pelos jovens como determinante, com um grande valor simbólico, tanto da condição juvenil quanto da projeção futura uma vez que passam, por ele, a autonomia, a garantia das necessidades de sobrevivência, as possibilidades de consumo, de lazer, a qualidade de vida e a melhoria de sua condição social. A independência que o trabalho pode trazer foi importante no imaginário dos jovens, tanto para aqueles que já trabalhavam quanto para aqueles que almejavam fazê-lo.

Romper com os conceitos que tinha a priori sobre a condição juvenil, com uma visão rotulada, genérica e abstrata sobre ela, foi desafio importante para adentrar o cotidiano dos jovens, transcender o discurso instituído e apreender o saber-fazer vivido pelos jovens no trilhar cotidiano da vida.

Num primeiro momento, tive uma tendência a buscar enquadrar as questões de saúde à normatização tradicional, com um olhar limitado para as vivências

juvenis. Assim, essa tendência ao enquadramento foi sendo paulatinamente superada à medida que imergia nos dados empíricos, reveladores do cotidiano dos jovens.

E foi nessa diversidade de experiências que a saúde se revelou de modo transversal nas práticas cotidianas dos jovens, mas, ainda, periférico. A concepção mais prevalente de saúde para os jovens oscilou entre aquela mais tradicional, centrada no não-adoecimento e na medicalização social de suas necessidades e aquela perspectiva de qualidade de vida, com foco mais comportamental e interativo considerando os modos de vida.

As ações cuidadoras de saúde, nesse sentido, revelaram-se centradas no cuidado ao corpo: biológico, simbólico e cultural, numa perspectiva de que, pela via da estética, da alimentação e da atividade física é que se tem saúde. O corpo juvenil, a corporeidade e a saúde guardaram estreita relação nos achados desta pesquisa. Desse modo, os resultados da pesquisa apontaram que os jovens constroem ações cuidadoras da saúde em seu cotidiano, mas que são resultados das outras práticas que ocupam o núcleo central de seu dia a dia. Essas ações, nesse sentido, foram consideradas como resultado indireto frente às opções de viver a vida, de sociabilidade e de relações que expressam a condição juvenil, sendo a saúde a provedora dessa vitalidade. Os espaços sociais nos quais transitam no cotidiano foram considerados importantes pelos jovens para essas práticas sendo as que impactam em sua saúde. Eles realizam ações de promoção da saúde sem compreender que afetam sua saúde. Buscam o bem-estar nos projetos, nas atividades de lazer, na igreja, nas relações com os colegas, no trabalho; porém não identificam tais situações como marcadores diretos em sua condição de saúde.

A escola, espaço contraditório para os jovens frente às possibilidades que pode oferecer de inserção no mercado de trabalho versus a monotonia das aulas, a obrigatoriedade de passar por aquela fase e a ausência de sentido, além das poucas perspectivas por essa via para alguns, foi o espaço mais apontado pelos jovens como potencial para a promoção da saúde. Entretanto, pela forma como tem se organizado, à semelhança dos serviços de saúde na relação com os jovens, de forma pouco criativa e relacional, parece ter seu potencial para promover a saúde minimizado, ao centrar-se no foco comportamental.

A vinculação aos projetos sociais destinados aos jovens na comunidade também foi uma alternativa que indiretamente impactava no cuidado à saúde dos

jovens por lhes garantir uma alternativa ao espaço da rua e a possibilidade de se ter necessidades básicas atendidas como alimentação, segurança e atividade física que relacionavam à saúde. Prevaleceu, nos discursos dos jovens, o já instituído sobre saúde por meio dos veículos de comunicação.

O serviço de saúde não foi revelado pelos jovens com expectativas para melhoria na condição de saúde. Primeiramente pelo pouco acolhimento e pelo frágil vínculo feito pelos profissionais, pistas reveladas como possibilidades de investimento por esses para acessar os jovens e promover alguma interação. Além disso, por irem até ele esporadicamente buscando ações curativas e preventivas preconizadas para esse momento da vida, sem encontrar nesse espaço, brechas para uma relação mais efetiva, dialógica e importante na condição juvenil.

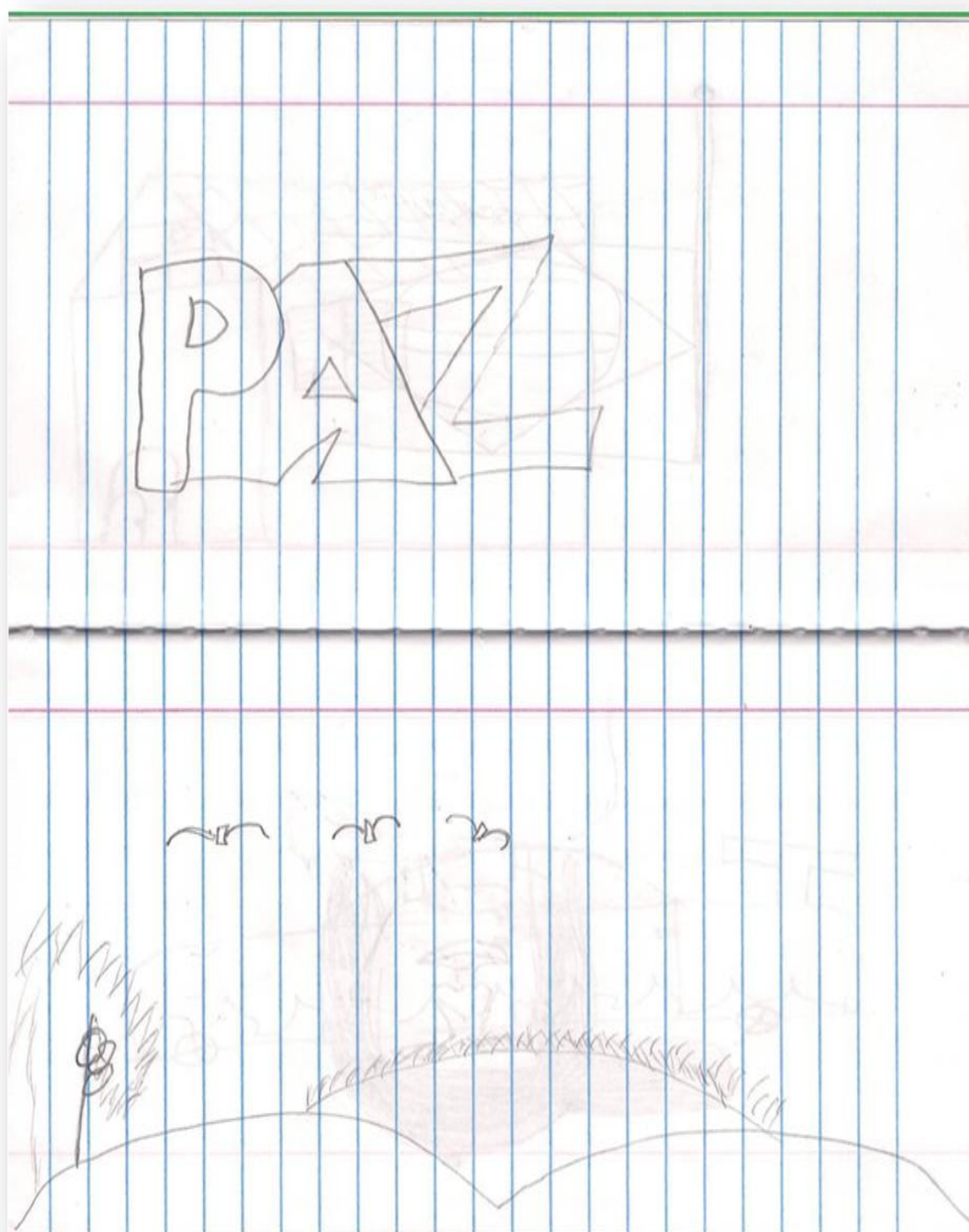
Isso implica em mudanças de práticas, em movimento! O movimento, ao qual me referi na introdução deste estudo, como uma intencionalidade, disparado a partir das confluências da temática da juventude e da saúde no cotidiano juvenil sinaliza para a necessidade de mudanças. Mudanças essas que envolvem desde o nível assistencial local, aquele que se materializa para o jovem como expressão das políticas públicas, até a necessidade de adequação nas próprias políticas. Nessas confluências, é preciso se levar em conta os diferentes posicionamentos políticos e a necessidade de que o jovem seja sujeito nesse processo. Ampliar a abordagem e as práticas incluindo nelas proposições positivas sobre a saúde na vida dos jovens requer reconhecer seu cotidiano como espaço vivo, de sociabilidade e de construção do ser. É nele que se consolida a vida, a favor ou não da saúde.

Faz-se necessário construir estratégias de imersão no cotidiano dos jovens, se se quer com eles potencializar as ações cuidadoras por meio do aporte de informações seguras que demandam em seus discursos. É esse espaço, do serviço de saúde que necessita reconhecer o que se tem no cotidiano dos jovens que impacta em sua saúde e interagir com essas práticas! Para isso, considerar ainda que os jovens negam e se recusam a ocupar espaços que os vejam por uma perspectiva de aprendizes, esvaziados de conhecimentos do saber vivido. Isso indica a necessidade de se reconhecer o lugar realmente ocupado pela saúde na vida dos jovens que, longe de ser central, é reconhecido por eles como garantia de (sobre) vivência com qualidade, requerendo, para isso, autonomia e responsabilidade nos modos de andar a vida. Assim, podemos impactar nas estatísticas oficiais de morbi-mortalidade juvenil, sendo parceiros dos jovens, não

pelo discurso, pela negatividade atribuída à condição juvenil, mas por sermos capazes de ser com eles, parceiros, e reconhecer seus saberes, diferentes do saber técnico na saúde, mas complementares e basilares para qualquer prática que considera o outro como sujeito de sua vida. Foi revelada, pelos jovens, a necessidade de se potencializarem os espaços de encontro que podem impactar em melhores condições de vida e de saúde juvenis, longe de se efetivar no serviço de saúde.

Por fim, os resultados da pesquisa permitiram constatar que as ações de cuidado com a saúde têm, na vida dos jovens, um espaço de (in) visibilidade que interage com suas prioridades, com as ações centrais e marcadoras da condição juvenil. E, desse modo, a dialética das vulnerabilidades que marcam o território e os modos de vida juvenis repercute no trilhar da vida dos jovens do bairro Jardim Felicidade e na construção de sentidos para a saúde.

Esse achado é fundamental para o campo político e para a proposição assistencial na saúde dos jovens. É para além das vulnerabilidades negativas que as políticas de saúde podem ser formuladas, levando em conta as especificidades locais e as vivências juvenis em uma estratégia intersetorial, capaz de assim relacionar-se com os jovens. Para essa transformação, é imperativo desconstruir a perspectiva da saúde como “guarda-chuva” quando remetida à condição juvenil, na tentativa de normatizar a vida dos jovens e construir uma perspectiva da saúde como transversal, não minimizando seu significado e sentidos na vida dos jovens.



Desenho realizado pelo Jovem Afonso em seu diário

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, M. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Org.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. cap. 1, p. 13-32.
- ABRAMO, H. W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Anpocs/Scritta, 1994.
- _____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5 /6, p. 25-36, 1997.
- _____. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.) *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.
- _____. Espaços de juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Org.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. cap.12, p. 219-228.
- ABRANTES, A. A.; MARTINS, L. M. A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento. *Interface, comunic, saúde, educ.*, Botucatu, v. 11, n. 22, p. 313-25, maio/ago. 2007.
- AKERMAN, M. et al. Saúde e desenvolvimento: que conexões? In: CAMPOS, G. W. S. et al. *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. cap. 4, p. 123-48.
- AKERMAN, M. *Saúde e desenvolvimento local: princípios, conceitos, práticas e cooperação técnica*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- ALMEIDA FILHO, N. Práxis: teoria do modo de vida e saúde. In:_____. *A ciência da saúde*. São Paulo: Hucitec, 2000. Cap.12, p. 153-71.
- ALMEIDA FILHO, N. Modelos de determinação social das doenças crônicas não-transmissíveis. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 865-884, 2004.
- ANDRADE, E. A. *Gestão municipal de políticas públicas dirigidas à juventude e possíveis aproximações com a promoção da saúde*. 2008. 189f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ANDRADE, E. A. de; BOGUS, C. M. Políticas públicas dirigidas à juventude e promoção da saúde: como a proposta de auxiliares da juventude foi traduzida em prática. *Interface*, Botucatu, v. 14, n. 35, p. 853-866, 2010.
- ANDRADE, L. O. M. *A saúde e o dilema da intersetorialidade*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- AQUINO, E. M. L. et al. Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada. In: HEILBORN, M. L. et al. (Org.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e*

trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006, cap. 8, p. 309-60.

ARAÚJO, M. C. de. Territorialidade, juventudes e suas interfaces com o poder público local. 2007. 259f. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AYRES, J. R. C. M.; FRANÇA-JÚNIOR, I. Saúde do Adolescente. In: SCHRAIBER, L. B.; NEMES, M. I. B., MENDES-GONÇALVES, R. B. (Org.). *Saúde do Adulto: programas e ações na unidade básica*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. cap. 3, p. 66-85.

ASSOCIAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS PARA SERVIÇO INTERNACIONAL. *Projeto História Viva Jardim Felicidade: cartilha ilustrada*. Belo Horizonte: Fundação AVSI, 2009.

BANGO, J. Políticas de juventude na América Latina: identificação de desafios. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Org.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARATA, R. B. Desigualdades sociais e saúde. In: CAMPOS, G. W. S. et al. *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. cap.14, p. 457-86.

BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2002.157 p.

BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993. 178p.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 248p.

BORGES, A. L. V.; FUJIMORI, E. Condições de vida e saúde da população adolescente no Brasil. In: BORGES, Ana Luiza Vilela; FUGIMORI, Elizabeth (Org.). *Enfermagem e a Saúde do Adolescente na Atenção Básica*. Barueri: Manole, 2009. cap. 2, v. 1, p. 23-41.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In:_____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRANDÃO, E. R.; HEILBORN, M. L. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1421-1430, jul. 2006.

BRASIL. *Resolução 196/96*. Estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 1996.

_____. *Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde*. Decreto de 13 de março de 2006. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

_____. *Lei n 11.692* de 10 de junho de 2008. Dispõe sobre o Programa Nacional de Inclusão de jovens Projovem. Brasília: Congresso Nacional, 2008.

BRASIL. Constituição (1988) Emenda Constitucional n 65 de 13 de julho de 2010. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm>. Acesso em: 26 set. 2010.

BREILH, J. *Epidemiologia crítica: ciência emancipadora e interculturalidade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. 317p.

BREINBAUER, C.; MADALENO, M. *Jovens: escolhas e mudanças: promovendo comportamentos saudáveis em adolescentes*. São Paulo: Roca, 2008.

BRENER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.) *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 215-42.

BUSS, P. M.; PELEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.

CALAZANS, G. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.) *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 215-42.

CAMACHO, L. M. Y. A invisibilidade da juventude na vida escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 325-343, jul./dez. 2004.

CAMARGO Jr., K. R. As armadilhas da “concepção positiva de saúde”. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 76, n. 1, p. 63-76, 2007.

CAMPOS, C. M. S. *Necessidades de saúde pela voz da sociedade civil (os moradores) e do Estado (os trabalhadores de saúde)*. 2004. 206f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CAMPOS, C. M. S.; MISHIMA, S. M. Necessidades de saúde pela voz da sociedade civil e do Estado. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1260-1268, jul./ago. 2005.

CAMPOS C. M. S.; BATAIERO, M. O. Necessidades de saúde: uma análise da produção científica brasileira de 1990 a 2004. *Interface. Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 11, n. 23, p. 605-618, 2007.

- CAMPOS, C. M. S. Reconhecimento das necessidades de saúde dos adolescentes. In: BORGES, Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth (Org.). *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri: Manole, 2009, cap. 7, p. 142-167.
- CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 307p.
- CARRANO, P. C. R.; DAYRELL, J. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. 2003. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf . Acesso em: 23 abr. 2009.
- CARVALHO, S. R. Saúde Coletiva e promoção da saúde: sujeito e mudança. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- CARVALHO, M. C. da V. S.; LUZ, M. T.; PRADO, S. D. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 2011, v. 16, n. 1, p. 155-163.
- CASTIEL, L. D.; DIAZ, C. A-D. *A saúde persecutória: os limites da responsabilidade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007. 136p.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. *Juventudes no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas*. [2005?]. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_alap/PDF/ALAP2004_295.PDF >. Acesso em: 05 jan. 2011.
- CATHARINO, T. R.; GIFFIN, K. Gravidez e adolescência: investigação de um problema moderno, 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_ST7_Catharino_texto.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2011.
- CORROCHANO, M. C. O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo. 2008. 442f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- COSTA, M. C. O.; BIGRAS, M. Promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, p. 1098, set./out. 2007.
- DADOORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 84-91, mar. 2003.
- DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. *Policies and strategies to promote social equity in health*. Stockholm: Institute of Futures Studies, 1991.

_____. *Levelling up* (part 2): a discussion paper on European strategies for tackling social inequities in health. Geneva: World Health Organization, 2006.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In:_____. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 136-61.

_____. O jovem como sujeito social. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-51, set./dez. 2003.

_____. *A música entra em cena: o rap e o fank na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. Escola e Culturas Juvenis. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Org.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. cap. 9, p. 165-80.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Edu. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J.; LEÃO, G.; REIS, J. B. Juventude, pobreza e ações educativas no Brasil. In: SPOSITO, M. P. *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007.

DAYRELL, J.; CORROCHANO, M. C. Juventude, socialização e transição para a vida adulta. In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Org.) *Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: UFG, 2009. p. 119-36.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.) *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre idade, memória e política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 49-68.

DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 123-131, jan./abr.2010.

DIÓGENES, G. M. S. Os corpos das gangues e galeras juvenis: ritos de transgressão social. In: LEAL, César Barreira; PIEDADE JUNIOR, Heitor (Org.). *A violência multifacetada*. Belo Horizonte: Del Rey, 2003. v. 1, p. 01-459.

DUBAR, C. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Marins Fontes, 2005. 343p.

FERREIRA, M. de A. et al. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 217-224, abr./jun. 2007.

FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Org.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FORACCHI, M. M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

GADOTTI, M. (Org.) *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GEBER, S. P. *Jovens educadores no contexto de uma ação pública voltada para a juventude na periferia de Belo Horizonte*. 2010. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. cap. 2, p. 28-40.

GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M.C.S. (Org.) *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. cap. 6, p. 185-222.

GONDIM, G. M.de M. Do conceito de risco ao de precaução: entre determinismos e incertezas. In: FONSECA, A. F. (Org.) *O território e o processo saúde-doença*. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, 2007. p. 87-120.

GUERRA, I. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. *Sociologia – Problemas e práticas*, Lisboa, n. 13, p. 59-74, 1993.

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H. W., BRANCO, P. P. M. (Org.) *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 149-74.

HAGUETE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, 204p.

HELLER, A. *O cotidiano e a História*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1977.

_____. *Hipotesis para una teoria marxista de los valores*. Barcelona: Grijalbo, 1974. 110p.

_____. *Teoria de las necesidades em Marx*. 2 ed. Barcelona: Peninsola, 1986.

HORTA, N. C. *O significado do atendimento ao adolescente na atenção básica à saúde: uma análise compreensiva*. 2007. 148f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

HORTA, N. C.; MADEIRA, A. M. F.; ARMOND, L. C. Desafios na atenção à saúde do adolescente. In: BORGES, A. L. V.; FUJIMORI, E. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. São Paulo: Manole, 2009. cap. 6, p. 119-141.

HORTA, N. C.; LAGE, A. M. D.; SENA, R. R. Produção científica sobre políticas públicas direcionadas para jovens. *Rev. Enf. UERJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 538-43, set./dez. 2009.

HORTA, N. C.; SENA, R. R. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. *Revista Physis*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 475-95, abr./jun. 2010.

HORTA, N. C.; SENA, R. R.; STENGEL, M. Pesquisar com jovens desafios e perspectivas na relação entre o pesquisador e o jovem. *Rev. Min.Enf. Belo Horizonte*, v. 14, n. 2, p. 265-70, abr./jun. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. *Pirâmide etária*. 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php>. Acesso em: 06 jan. 2011.

KLIKSBERG, B. O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. *Rev. Adm. Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 5, p. 909-942, set./out. 2006.

KNAUTH, D. R. et al. As trajetórias afetivo-sexuais: encontros, uniões e separações. In: HEILBORN, M. L. et al. *O Aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. cap. 7, p.212-65.

KOGA, D. H. U. *Medidas de Cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez, 2003.

KONDER, L. Hegel, a razão quase enlouquecida. Rio de JANEIRO: Campus, 1991.

_____. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, Primeiros Passos, 1981.

KOPNIN, P. V. *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LACHTIM, S. A. F.; SOARES, C. B. Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste? *Rev. bras. enferm.* Brasília, v. 62, n. 2, p. 179-186, mar./abr. 2009.

LACHTIM, S. A. F. Jovens de Santo André, SP, Brasil: um estudo sobre valores em diferentes grupos sociais. 2010. 228f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LAGE, A. M. D. Vivências da gravidez de adolescentes. 2008. 119f. Dissertação (mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006. 656 p.

_____. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, PI, n. 49, p. 11-42, 2005.

_____. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002a. 231p.

_____. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 344p.

_____. Reprodução ou prolongamentos críticos. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002b.

LAURELL, A. C. A saúde-doença como processo social. In: NUNES, E. D. *Medicina Social: aspectos históricos e teóricos*. São Paulo: Global, 1983. p. 135-158.

LAVILLE, C.; DIONE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências sociais*. Porto Alegre: UFMG, 1999.

LEÃO, G. M. P. *Pedagogia da cidadania tutelada: lapidar corpos e mentes: uma análise de um programa federal de inclusão social para jovens pobres*. 2004. 304f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, universidade de São Paulo, São Paulo: 2004.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

LONCLE, P. O jovem, um problema? *Revista Educação*. São Paulo, v. 133, 2008. Disponível em: <www.revistaeducacao.uol.br/textos>. Acesso em: 05 de março 2009.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A. R.; VITALER, M. A. F. (Org.) *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2005. p. 63-78.

LUZ, M. T. Políticas de descentralização e cidadania: novas práticas de saúde no Brasil atual. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Org.) *Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-37.

LUZ, M. T. *Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

MAGNANI, J. G. C. Introdução - Circuitos de Jovens. In: MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. de S. (Org.) *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. p. 15-22.

MARQUES, E. Como as redes variam? Tipos de redes e tipos de sociabilidade. In: _____. *Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP; Centro de Estudos da Metrópole, 2010. p. 121-40.

MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. Mapas analíticos: um olhar sobre a organização e seus processos de trabalho. In: CARVALHO, S. R.; BARROS, M. E.; FERIGATO, S. *Conexões: saúde coletiva e políticas de subjetividade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009. cap. 15, p. 301-21.

MINAS GERAIS. *Programa De Controle De Homicídios – Fica Vivo!* Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Defesa Social. Superintendência de Prevenção à Criminalidade. Diretoria de Promoção Social da Juventude, 2009.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Org). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 83-107.

MINAYO, M. C. S. Saúde e ambiente: uma relação necessária. In: CAMPOS, G. W. S. et al. *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. cap. 3, p. 93-122.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MONKEN, M.; BARCELLOS, C. O território na promoção e vigilância em saúde. In: FONSECA, A. F. (Org.) *O território e o processo saúde-doença*. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007. p. 177-224.

MONKEN, M. et al. O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. In: BARCELLOS, C. et al. (Org.). *Território, ambiente e saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008. cap. 1, p. 23-42.

MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. G. (Org.). *Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000.

NAKAMURA, E. et al. O potencial de um instrumento para o reconhecimento de vulnerabilidades sociais e necessidades de saúde: saberes e práticas em saúde coletiva. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 17, n.2, p. 253-258, 2009.

NOVAES, R.; VANUCCHI, P. (Org.) *Juventude e Sociedade: apresentação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

NOVAES, R., VITAL, C. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, A. A. et al. *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Petrópolis, 2005. p. 109-147.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H. W., BRANCO, P. P. M. (Org.) *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 263-90.

_____. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Org.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. cap. 6, p. 115-34.

NUNES, B. F. Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. *Soc. Estado*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 647-678, set./dez. 2007.

NUNES, E. D. Sociologia da saúde: histórias e temas. In: CAMPOS, G. W. S. et al. *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. cap. 1, p. 19-52.

PAIM, J. S. Abordagens teórico-conceituais em estudos de condições de vida e saúde: notas para reflexão e ação. In: BARATA, R. B. *Condições de vida e situação de saúde*. Rio de Janeiro: Abrasco, 1997. p. 7-30.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social, Lisboa*, v. 25, n. 105/106, p. 139-165, 1990.

_____. *Vida cotidiana: enigma e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. *Culturas Juvenis*. 2. ed Lisboa: Imprensa Nacional. 2003b.

_____. Jovens e Cidadania. *Sociologia. Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 49, p. 53-70, 2005.

_____. *Sociologia da vida quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso*. 3. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

PATRÍCIO, Z. M. O cuidado com a qualidade de vida dos adolescentes: um movimento ético e estético de “koans e tricksters”. In: RAMOS, F.R. S.; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. G. (orgs.). *Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000. p. 121-143.

PENNA, C. M. M. *Ser Saudável no cotidiano da favela*. Pelotas: Universitária/ufpel; Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC, 1997. 156p.

PIRES, S. J. Juventude(s), escola pública e programas sociais de transferência de renda. 2008. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

POCHMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. p. 217-41.

POCHMAN, M. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? *Revista Educ. Soc.*, Campinas, v. 25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004b.

PORTO, M. F. S. Uma ecologia política dos riscos: princípios para integrarmos o local e o global na promoção da saúde e na justiça ambiental. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007. 248p.

REIS, I. N. C.; VIANA, M. B. Proposta e análise de indicadores para reorientação do serviço de promoção da saúde: um estudo de caso no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 697-709, 2004.

RODRIGUES, J. C. Tabu do corpo. 7. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. 154p.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

ROSAR, M. F. F.; CABRAL, M. R. M. (Org.) *Projeto Jovem Cidadão*. São Luis: Central dos Livros, 2005.

SACARDO, D. P. S.; GONÇALVES, C. C. M. Território: potencialidades na construção de sujeitos. In: FERNANDEZ, J. C. A.; MENDES, R. (Org.) *Promoção da saúde e gestão local*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2007, p. 111-129.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. A. (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTOS, M. Por uma geografia das redes. In: SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. p. 261-280.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, L. A. da S. *O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais alimentares cotidianas a partir da cidade de Salvador - Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2008. 330p.

SANTOS, L. A. da S. Da dieta à reeducação alimentar: algumas notas sobre o comer contemporâneo a partir dos programas de emagrecimento na Internet. *Revista Physis*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 459-74, abr./jun. 2010.

SARTI, C. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. p. 115-29.

SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. da C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 580-588, mar./abr. 2004.

SILVA, K. L. Promoção da saúde em espaços sociais da vida cotidiana. 2009. 182f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, K. L.; SENA, R. R. *Poder, autonomia e responsabilização: promoção da saúde em espaços sociais da vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec, 2010. 174p.

SILVA, V. P. A densificação das redes no território e suas implicações. *REDES*, Santa Cruz do Sul, v. 9, n. 2, p. 55-69, maio/ago. 2004.

SOARES, C. B. Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência como um construto social. In: BORGES, A. L. V.; FUJIMORI, E. (Org.). *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri: Manole, 2009. cap. 1, p. 3-22.

SOARES, C.B. Consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção do objeto na perspectiva da Saúde Coletiva. 2007. Tese (Livre-docência em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SORJ, B.; MARTUCELLI, D. *O desafio latino-americano: coesão social e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 307 p.

SOUZA, Elza Maria de; GRUNDY, Emily. Promoção da saúde, epidemiologia social e capital social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1354-1360, set./out. 2004.

SPINK, M. J. P. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de Pesquisa em Psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 07-14, jan./abr. 2007.

SPÓSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 73-94. jan./abr. 2000.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 16-39. set./dez. 2003.

SPÓSITO, M. P. Trajetória na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Org.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. cap. 3, p. 57-74.

SPÓSITO, M. P.; CORROCHANO, M. C. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 141-172, nov. 2005.

SPOSITO, M. P.; CARVALHO E SILVA, H. H. de.; SOUZA, N. A. de. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 238-257, maio/ago. 2006.

TESSER, C. D. (Org). *Medicalização social e atenção à saúde no SUS*. São Paulo: Hucitec, 2010.

THOME, L. D.; TELMO, A. Q.; KOLLER, S. H. Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. *Paidéia, Ribeirão Preto*, v. 20, n. 46, p. 175-185, maio/ago. 2010.

THOMPSON, A. A. (Org.) *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Petrópolis, 2005. p. 9-20.

TRAD, L. A. B. (Org.) *Família contemporânea e saúde: significados, práticas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010. 380 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. et al. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 12. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

VASCONCELOS, E. M. *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.

VALADÃO, M. M. *Saúde na Escola: um campo em busca de espaço na agenda intersetorial*. 2004. 154f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. A saúde nas políticas públicas: juventude em pauta. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. *Políticas públicas. Juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2008. cap. 11, p. 193-208.

VIANA, N. *Os valores na sociedade moderna*. Brasília; Thesaurus, 2007.

VICENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, jun. 2001.

VILLAR E VILLAR, M. E. *Experiências juvenis e ações públicas dirigidas à juventude: artes e trabalho na transmissão geracional*. 2007. 219f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VICTORIO FILHO, A. Pesquisar o cotidiano é criar metodologias. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 98, p. 97-110, jan./abr. 2007.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “A saúde no cotidiano dos jovens”, cujo objetivo geral é analisar as práticas de saúde que os jovens realizam em seu cotidiano.

A pesquisa é realizada por mim, Natália de Cássia Horta, enfermeira e aluna do Curso de Doutorado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

Sua participação é voluntária, sendo sua colaboração importante e necessária para o andamento da pesquisa. Para a proposta do estudo será feita a observação de seu dia-a-dia e a elaboração de um diário sobre o seu cotidiano. A sua participação também consiste em uma entrevista, de forma individual, que será fornecida por você e gravada com sua autorização prévia.

A você, será garantido(a) o anonimato, o sigilo das informações e da privacidade, além da utilização dos resultados da pesquisa, exclusivamente, para fins científicos.

Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem que haja nenhum prejuízo para você.

CONSENTIMENTO:

Eu, como entrevistado (a), afirmo que fui devidamente orientado (a) sobre o objetivo e a finalidade da pesquisa, bem como da utilização dos dados exclusivamente para fins científicos e sua divulgação posterior, sendo que meu nome será mantido em sigilo.

Nome do entrevistado (a): _____

Assinatura: _____

Data: ___/___/___.

Pesquisadora: Natália de Cássia Horta

Endereço: Rua Epaminondas de Moura e Silva, 481. Bairro Planalto.

Belo Horizonte - MG. CEP: 31720-580. Tel.: 3134941855/3196356852

Assinatura: _____ Data: ___/___/___.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – Tel.: 3134094592.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PAIS

Senhores pais,

Venho solicitar-lhes a autorização para que seu filho possa participar da pesquisa cujo nome é: **“A SAÚDE NO COTIDIANO DOS JOVENS”**. A participação dele no estudo será por meio de observação de seu dia-a-dia por um período mínimo de sete dias em ações consentidas por ele e de uma entrevista individual realizada em local acordado com o jovem, por meio de um roteiro de questões.

Sou enfermeira, aluna de Doutorado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais e desenvolvo essa pesquisa com o objetivo de analisar as práticas de saúde que os jovens realizam em seu cotidiano.

De acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisas, garanto-lhe que será mantido em sigilo (não será revelado) o nome de seu filho(a) e as informações colhidas serão para uso somente desta pesquisa e a divulgação dos resultados será em trabalhos científicos.

Caso os senhores concordem que seus filhos participem desta pesquisa, favor assinar este termo de consentimento:

Autorizo que os dados informados pelo (a) meu/ minha filho(a) _____ à enfermeira Natália de Cássia Horta para o trabalho intitulado **“A SAÚDE NO COTIDIANO DOS JOVENS”**, sejam gravados, analisados e transcritos, e que os resultados poderão ser divulgados em trabalhos científicos.

Fui informado de que o nome do(a) meu filho(a) será mantido em absoluto sigilo para preservar sua privacidade e que, tendo o endereço e telefone da pesquisadora, poderei a qualquer momento solicitar que meu/minha filho(a) da pesquisa, deseje este que será acatado de imediato pela pesquisadora.

Nome do responsável(a): _____

Assinatura: _____

Data: ___/___/___.

Pesquisadora: Natália de Cássia Horta

Endereço: Rua Epaminondas de Moura e Silva, 481. Bairro Planalto.

Belo Horizonte - MG. CEP: 31720-580. Tel.: 3134941855/3196356852

Assinatura: _____ Data: ___/___/___.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – Tel.: 3134094592

APÊNDICE C – ENTIDADES QUE ATENDEM JOVENS NO BAIRRO JARDIM FELICIDADE

➤ Associação Comunitária do Bairro Jardim Felicidade (ABAFE)

Essa associação se caracteriza como uma ONG, fundada em 17 de março de 1987, com o objetivo de promover o desenvolvimento da criança, da família e da comunidade do Jardim Felicidade através de projetos sociais, por meio de parcerias. Para os jovens, oferece dois projetos: o Projeto Escolhendo Viver com apoio sócio-educativo para crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, o Projeto Jovens de Paz, para jovens de 15 a 17 anos, em parceria com o NAF/CRAS no Pró-Jovem do Governo Federal.

➤ Casa Recriar

Fundada em 1993, com objetivo de promover ações de desenvolvimento e promoção humana e resgate dos vínculos familiares, com atendimento de crianças, jovens e adultos. Esta ONG está associada à Paróquia São Francisco Xavier e, para jovens, oferece a prática de trabalhos manuais, para aqueles acima de 14 anos, o empréstimo de livros pela biblioteca local, reforço escolar, oficinas de dança em parceria com a Fundação Municipal de Cultura e NAF/CRAS. Além disso, o espaço dessa ONG é importante para a realização de oficinas de jovens do Fica Vivo, como a oficina de BREAK e Teatro – Programa Fica Vivo com a parceria de um outro projeto, o Sala Nossa, com o empréstimo de figurino, orientações sobre teatro e eventos culturais para jovens. Nesse espaço também ocorrem as reuniões da rede local do bairro, do grupo de alcoólicos anônimos do bairro e da pastoral da criança.

➤ Centro de Saúde Felicidade I

Foi fundado em 1989 e presta serviços de saúde na área de prevenção, promoção da saúde e atendimento das intercorrências de saúde em sua área de abrangência. Conta com quatro equipes de saúde da família e não oferece nenhuma ação direcionada ao jovem, atendendo esses em sua rotina do serviço, de acordo com as intercorrências apresentadas.

➤ Centro de Saúde Felicidade II

Fundado em 2006, também presta atendimento das intercorrências de saúde apresentadas pelos jovens da área de abrangência, coberta por três equipes de saúde da família. Esse centro de saúde também atende a população moradora do bairro Solimões.

➤ Centro Educativo Alvorada

ONG fundada em 1999, com objetivo de apoiar e fortalecer a faixa etária infanto-juvenil nas áreas de educação e socialização, além de apoiar as famílias. Atende crianças e jovens de 0 a 18 anos, oferecendo oficinas de teatro, coral, informática e marcenaria para aqueles de até 15 anos, além de tratamento odontológico. Essa entidade também faz o encaminhamento de jovens para o Programa menor aprendiz e oferece à comunidade uma Biblioteca.

➤ Conselho Popular em Defesa dos Direitos Humanos dos Moradores do Bairro Felicidade (COPODHEMFE)

ONG Fundada em Dezembro de 1989, atende direta e indiretamente toda a comunidade do Bairro Jardim Felicidade e tem como objetivo promover o desenvolvimento comunitário e proporcionar a seus associados condições para a plena realização das funções de segurança. Presta os serviços de curso de computação básica para jovens acima de 14 anos; Cursos profissionalizantes de pedreiro e eletricista para a faixa etária acima de 18 anos. Além disso, presta outros serviços, tais como: a Estação Digital “Felicidade de Olho no Futuro,” em que é oferece cursos na área de informática; encaminhamento para aquisição de carteira de identidade gratuita, declaração de pobreza quando necessário; acesso a Internet às segundas, quartas e sextas-feiras para a comunidade; auxílio na construção de curriculum; e coordenação do núcleo dos sem casa do Bairro Jardim Felicidade.

➤ Escola Municipal Jardim Felicidade

Essa escola tem como objetivo oferecer educação de qualidade para os alunos da comunidade onde a escola está inserida, condizente com as demandas da sociedade atual e a partir das expectativas dos educandos. Atende jovens que cursam o ensino fundamental sendo que, até 14 anos é no período diurno e, a partir de 15 anos, no noturno. Oferece o projeto escola aberta que contempla todas as faixas etárias e o projeto escola integrada na faixa etária de até 14 anos.

➤ Escola Municipal Rui da Costa Val

Tem como objetivo o de promover o desenvolvimento social, cultural e intelectual do indivíduo. Atende jovens vinculados ao Programa EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno.

➤ Grupo de Ação Social São Francisco Xavier

Tem o objetivo de orientar e encaminhar as pessoas da comunidade, buscando solucionar seus problemas. Atende a todas as pessoas que procuram oerviço, inclusive os jovens.

➤ Núcleo de Apoio à Família /Centro de Referência da Assistência Social (NAF/CRAS)

É um serviço público municipal que tem o objetivo de contribuir para a inclusão social através do fortalecimento dos vínculos familiares, comunitários e sociais, bem como a inserção na rede de serviços. Atende as famílias do território de abrangência da Proteção Social Básica e do Programa BH Cidadania no Jardim Felicidade que encontram-se em situação de vulnerabilidade e risco social com projetos para as famílias beneficiárias do Bolsa-Família. Para jovens, oferece oficinas, serviços de proteção básica em parceria com outras entidades locais como o Programa de Socialização Infanto-juvenil para jovens até 14 anos e o Pró-Jovem, do Governo Federal em parceria com a ABAFE e oficinas de orientação profissional.

➤ Núcleo de Prevenção à Criminalidade do Jardim Felicidade

O Núcleo de Prevenção à Criminalidade Jardim Felicidade é constituído pelo Programa Fica Vivo e pelo Núcleo de Mediação de Conflitos. O Programa de Controle de Homicídios Fica Vivo foi criado em 2003 pelo Governo do Estado de Minas Gerais pela Secretaria Estadual de Defesa Social e Segurança Pública, instituído por uma parceria com o GEPAR – Grupo Especializado de Prevenção em Áreas de Risco, da Polícia Militar de Minas Gerais em parceria com a Polícia Civil, a Universidade Federal de Minas Gerais, o Ministério Público, o Poder Judiciário e as prefeituras municipais. Esse programa busca intervir na realidade social de modo a diminuir os índices de homicídios e melhorando a qualidade de vida da população. O programa oferece diversas oficinas culturais, esportivas, profissionalizantes e de lazer para jovens de 12 a 24 anos em situação de risco social e residentes em áreas que concentram indicadores elevados de homicídio. Em Belo Horizonte são 11 núcleos sendo um deles o do Conjunto Felicidade, implementado desde 2005.

O Fica Vivo no Felicidade tem o objetivo de atuar com ações de prevenção à violência, incluindo a coibição ao tráfico, ao crime e a atuação de gangues na região do bairro Felicidade.

Desenvolve ações voltadas para jovens de 12 a 24 anos, moradores dos bairros Conjunto Felicidade, prioritariamente, sendo contemplados também jovens de bairros dos arredores. Oferece atualmente 25 oficinas de esportes, artes, cultura, dança e profissionalização, além de projetos de geração de renda. Tem o foco na valorização da vida e atua de forma conjunta com a rede de proteção social local. As oficinas são coordenadas pelos chamados oficineiros, muitos deles moradores do próprio bairro e também jovens. Além disso, oferece ações de inclusão produtiva com parceria de diversas empresas.

Junto ao Fica Vivo, tem-se a atuação do Núcleo de Mediação de Conflitos que, apesar de não ser direcionado aos jovens, também atende a esses em algumas de suas necessidades. Esse núcleo faz atendimentos individuais e comunitários e, no Felicidade, tem buscado mediar as questões do não acesso aos direitos básicos que também é uma forma de violência para a comunidade. O Núcleo é um importante impulsionador de causas da Rede de Apoio Social do bairro uma vez que apóia a organização de ações visando o bem-estar da comunidade em geral.

Uma outra iniciativa desses dois programas é o GV Vida que busca integrar e articular as instituições do bairro em prol da melhoria da qualidade de vida. Destaca-se ações de capacitação para detecção da criminalidade, a implementação do plano

local de segurança com fóruns comunitários, qualificação profissional e geração de renda e ações alternativas para os jovens. No ano de 2008, realizaram ações como Festival de Inverno, Cinema, Rua do Lazer, Feira de Artesanato, Sábado Cultural, entre outros.

O Núcleo de mediação de conflitos tem o objetivo de prestar atendimento sócio-jurídico à comunidade através da mediação de conflitos que consiste em proporcionar às partes envolvidas a oportunidade de conversarem e construir acordos vantajosos para todos. Além disso, atua na mediação comunitária com a Mobilização e organização comunitária, divulgação de direitos, mediação da comunidade com órgãos públicos e entidades privadas para acesso a serviços e direitos fundamentais. Esse programa, apesar de não ter um foco direcionado para os jovens tem atendido esses em demandas variadas.

➤ Paróquia São Francisco Xavier

Tem caráter religioso, com uma área de Ação Social no território. Contempla 10 igrejas e 4 bairros no entorno do Felicidade: Floramar, Jardim Guanabara, Solimões, e Tupi. Atende crianças e adolescentes oriundos do Conjunto Felicidade em diversas demandas, inclusive a de catecismo e grupo de jovens.

➤ Centro de Educação para o Trabalho Virgílio Resi (CEDUC)

Tem como objetivo oferecer aos jovens uma experiência de educação e de preparação para o trabalho com um acompanhamento do crescimento pessoal e profissional dos jovens. Atende jovens de 16 a 24 anos, sendo um parceiro importante da Rede Local do bairro. Oferece cursos profissionalizantes ligados à área comercial e de serviços, além de encaminhamentos ao trabalho desses jovens.

➤ Grupo de Mobilização Comunitária

Tem como objetivo divulgar e contribuir na legitimação dos mecanismos e ações já existentes que possibilitem alternativas a jovens e adultos, promovendo melhorias na qualidade de vida dentro da comunidade.

ANEXO A - PARECER APROVAÇÃO COEP UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer nº. ETIC 608/07

Interessado(a): Profa. Roseni Rosângela de Sena
Depto. Materno-Infantil e Saúde Pública
Escola de Enfermagem-UFMG


DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 25 de fevereiro de 2008, o projeto de pesquisa intitulado **"Juventude e Promoção da Saúde: o protagonismo nas políticas públicas"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

ANEXO B – PARECER APROVAÇÃO COEP SMSA


PREFEITURA BH
TRABALHO PELA VIDA

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA-SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE
BELO HORIZONTE (CEP-SMSA/PBH)**

Avaliação de projeto de pesquisa – Protocolo 098/2007
Projeto: "Juventude e Promoção da Saúde: o protagonismo nas políticas públicas"
Nome da Pesquisadora: Natália da Costa Henri
Orientador: Roseni Rodrigues de Sena
Instituição responsável: Faculdade de Enfermagem / UFMG

Trata-se de um estudo qualitativo, Projeto de Tese de Doutorado, fundamentado no referencial do materialismo histórico e dialético. Tem como objetivos:

- Analisar a construção das estratégias de promoção da saúde e suas repercussões na vida dos jovens;
- Identificar os referenciais teórico-conceituais que sustentam as políticas públicas para os jovens no campo da promoção da saúde;
- Identificar ações que os jovens consideram importantes para as práticas de promoção da saúde;
- Relacionar as demandas e necessidades dos jovens e as políticas públicas de promoção da saúde em situação física.

O estudo será realizado no Bairro Jardim Felicidade. Será utilizada como ferramenta a Teoria de Investigação Praxista de Enfermagem em Saúde Coletiva (TIPESC), com realização de entrevista com gestores locais, distritais e municipais, informantes-chaves e jovens da comunidade que participam das diversas iniciativas sociais e grupos do bairro. As entrevistas serão gravadas. Também será realizada observação participante e oficinas.

Para análise dos dados será utilizada a técnica de Análise de Discurso: ordenação dos dados após a transcrição das entrevistas, aproximação aos dados, buscando as ideias centrais, organizando os temas, as categorias e subcategorias empíricas, elaboração do relatório final divulgado por meio de seminário.

Parecer:
O pesquisador apresentou adequadamente respostas às pendências identificadas em pareceres anteriores.

O projeto acima referido cumpriu os requisitos da resolução 196/96 da CONEP, tendo sido aprovado na reunião do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte.

El relatório final em língua inglesa foi encaminhado ao CEP sob um número interno do projeto em anexo deste, cujos dados indicam a sua aprovação.

Carla Regina de Sena
Presidente do Conselho de Ética em Pesquisa
Coordenadora do CEP-SMSA/PBH
Rua da Educação, 20 da Avenida de 2008

ANEXO C – PARECER DE APROVAÇÃO DE ALTERAÇÕES NO PROJETO COEP UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer nº. ETIC 608/07

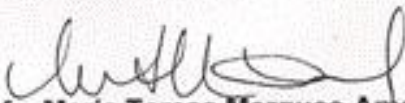
Interessado(a): Profa. Roseni Rosângela de Sena
Depto. Materno-Infantil e Saúde Pública
Escola de Enfermagem-UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 10 de fevereiro de 2010, as alterações, abaixo relacionadas, relativas ao projeto de pesquisa intitulado **"Juventude e Promoção da Saúde: o protagonismo nas políticas públicas"**:

- o Mudança do título para: **"A saúde no cotidiano dos jovens"**;
- o Redução do número de sujeitos envolvidos;
- o Mudanças das técnicas de coleta de dados.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.


Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

ANEXO D – MATERIAL EMPÍRICO DO TRABALHO DE CAMPO

Entrevistas disponíveis em CD.

ANEXO E – MATERIAL EMPÍRICO DO TRABALHO DE CAMPO

Diários disponíveis em CD.